



PPGEDUC

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão

**NARRATIVAS DE FORMAÇÃO DE FAMÍLIAS
CIGANAS EM PIRES DO RIO-GO (2000 a 2017)**

ADILSON DOS REIS FELIPE



UFV

UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **Dissertação** **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

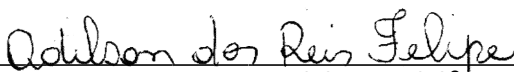
Nome completo do autor: Adilson dos Reis Felipe

Título do trabalho: NARRATIVAS DE FORMAÇÃO DE FAMÍLIAS CIGANAS EM PIRES DO RIO-GO (2000 a 2017)

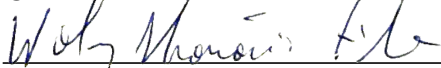
3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.


Assinatura do(a) autor(a)²

Ciente e de acordo:


Assinatura do(a) orientador(a)²

Data: 16/04/2018

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

² A assinatura deve ser escaneada.

ADILSON DOS REIS FELIPE

**NARRATIVAS DE FORMAÇÃO DE FAMÍLIAS CIGANAS EM PIRES DO RIO-GO
(2000 a 2017)**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, à comissão examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão.

Orientador: Dr. Wolney Honório Filho.

Linha: Políticas Educacionais, História da Educação e Pesquisa (auto) Biográfica.

Universidade Federal de Goiás
Regional Catalão
Programa de Pós-Graduação em Educação
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Felipe, Adilson dos Reis
NARRATIVAS DE FORMAÇÃO DE FAMÍLIAS CIGANAS EM
PIRES DO RIO-GO (2000 a 2017) [manuscrito] / Adilson dos Reis
Felipe. - 2018.
162 f.

Orientador: Prof. Dr. Wolney Honório Filho.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Unidade
Acadêmica Especial de Educação, Catalão, Programa de Pós-Graduação
em Educação, Catalão, 2018.
Bibliografia. Apêndice.
Inclui siglas.

1. Ciganos. 2. Histórias de Vida. 3. Aprendizagem. 4. Narrativas de
Formação. I. Honório Filho, Wolney, orient. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
REGIONAL CATALÃO

UAEE – UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Av. Lamartine P. Avelar, 1.120. Setor Universitário, Bloco I, Sala 1A – Catalão (GO) CEP – 75.704 020 - Fone: (64) 3441-5366.
Ramal 204 – Coordenação. E-mail: ppgeduc.ufg@gmail.com
Ramal 206 – Secretaria. E-mail: secretariappgeduc@gmail.com

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE JULGAMENTO DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE ADILSON DOS REIS FELIPE

ATA DA COMISSÃO EXAMINADORA DESIGNADA PELA COORDENADORIA DO PPGEDUC
PARA JULGAMENTO DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO DE
ADILSON DOS REIS FELIPE

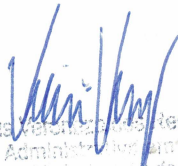
Em 01/03/2018, às 18:00, no BLOCO H, SALA 04, da UFG/Regional Catalão, teve lugar a Sessão Pública de Defesa de Dissertação do Mestrado em Educação da UFG/Regional Catalão, de Adilson dos Reis Felipe, intitulada: “**NARRATIVAS DE FORMAÇÃO DE FAMÍLIAS CIGANAS EM PIRES DO RIO - GO (2000 a 2017)**”. A Banca Examinadora foi composta, pelos seguintes professores: Wolney Honório Filho (PPGEDUC/UFG – Orientação e Presidente da Banca), Inês Ferreira de Souza Bragança (UNICAMP – Membro Externo) e Juliana Pereira de Araújo (PPGEDUC/UFG – Membro Interno). Os examinadores, na ordem citada, arguiram sobre a dissertação apresentada, tendo a/o discente explicado e/ou rebatido as críticas formuladas pelos arguidores. Após a conclusão da defesa, foi suspensa a Sessão Pública e, em Sessão Secreta, os arguidores atribuíram seus conceitos. Reaberta a Sessão Pública, foi anunciado o resultado: **DEFESA APROVADA**, fazendo jus, portanto, ao título de Mestre em Educação, de acordo com o artigo 57 do Regulamento do Programa de Pós-Graduação em Educação/Regional Catalão. Nada mais havendo a registrar, foi lavrada a presente ata, que vai assinada pelos Membros da Comissão Examinadora. Programa de Pós-Graduação em Educação da UFG/Regional Catalão.


Wolney Honório Filho –


Inês Ferreira de Souza Bragança –


Juliana Pereira de Araújo –

Secretário


Vincius Vinicius dos Reis Costa
Técnico Administrativo em Educação
Universidade Federal de Goiás
- SIAPE 1740483 - Matr. 98484

DEDICATÓRIA

As mulheres de minha vida, Deusdelia José Souto Felipe, Maria Eduarda Souto Felipe, Maria Clara Souto Felipe e Maria Ellysa Souto Felipe, por permanecerem firmes estando sempre ao meu lado dedicando amor e atenção nos momentos nervosos e principalmente por entenderem as inúmeras ausências e privações.

Aos ciganos colaboradores que compartilharam um pouco de suas histórias de vida as quais possibilitou a escrita desta dissertação,

Aos meus pais Odarcy Felipe Maia (in memoriam) e Maria Antônia dos Santos (in memoriam) amor eterno e incondicional que mesmo estando no plano espiritual jamais são esquecidos.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus da vida que desde o momento de minha concepção tem me honrado com várias conquistas. Agradeço humildemente por ter me proporcionado saúde, força e determinação para vencer mais esta etapa de formação. Sei que o ingresso e permanência neste curso são repletos de intempéries, porém o meu Deus tem me acompanhado e abençoado todos os dias de minha vida.

Agradeço também a Deus, pelas viagens que transcorreram com segurança, onde eu dirigia, mas suas mãos santas estavam conduzindo o veículo a todo o momento. Serei eternamente grato por sair e retornar a meu lar com segurança.

À minha família que sempre me apoiou com palavras de otimismo, carinho, orações beijos e abraços verdadeiros, os quais me davam ânimo e motivação para continuar esta incrível jornada. É por vocês meus amores está importante conquista.

À Minha eterna namorada e esposa, Deusdelia José Souto Felipe, que entendeu minhas ausências e aceitou as privações afetivas e financeiras pelas quais nós passamos. Foram momentos difíceis que enfrentamos e estamos vencendo juntos. Maria Eduarda Souto Felipe, minha primogênita, com seu sorriso gostoso e verdadeiro, Maria Clara Souto Felipe filha dedicada e responsável, meu amor, minha vida. Maria Ellysa Souto Felipe, caçula, carinhosamente chamada de meu “Bombonzinho”, que gravava áudios dizendo estar “temporã” preocupada com minha ausência e solicitando que eu retornasse logo.

Às mulheres de minha vida, esposa e Marias, registro minha satisfação, orgulho e honra pelo privilégio que Deus me concedeu em viver ao lado de vocês. Digo com o coração repleto de alegria que vocês são a minha família, meu porto seguro, razão do meu viver. Rogo a Deus que continue abençoando e nos provendo com amor, saúde, conquistas, cumplicidade, confiança e permita vivermos unidos, respeitando uns aos outros.

Aos meus pais ausentes, neste momento impar em minha vida, externo minha gratidão por terem me dado à vida e me criado com sabedoria, responsabilidade, amor, que mesmo em tempos difíceis nunca sucumbiram. A vocês, meus amores, o meu incondicional amor, respeito e admiração. Quisera eu poder possuir tamanha simplicidade, leveza e sabedoria, as quais vocês tiveram para criar seus oito filhos.

Aos meus familiares irmãos, tios, primos, sobrinhos que direta ou indiretamente, contribuíram para que esse mestrado se tornasse realidade.

Aos meus amigos do mestrado, companheiros firmes de estudos os quais dividimos os sabores e dissabores desta fantástica etapa de aprendizado. Obrigado pela paciência, carinho,

pela troca de informações, enfim, obrigado por terem compartilhado comigo momentos inesquecíveis.

Aos ciganos residentes em Pires do Rio-GO, objeto desta pesquisa que contribuíram com informações pertinentes para o desenvolvimento desta dissertação. A vocês registro minha gratidão e contentamento por ter dividido parte de suas experiências, conhecimentos e saberes que ficarão registrados para as futuras gerações.

Agradeço a todos os membros da UFG – Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão, pois cada um do seu jeito e competência proporcionou um ambiente satisfatório para que nossas atividades acadêmicas fossem desenvolvidas em tempo hábil e com eficiência.

Ao corpo docente do mestrado, doutores (as) Altina Abadia da Silva, que tive a honra de conhecer primeiramente na pós-graduação em DHCA Direitos Humanos da Criança e Adolescentes; Aparecida Maria Almeida Barros, professora querida que sempre nos motivou a melhorar a escrita acadêmica; Janaina Cassiano Silva com sua voz calma e serena transmite confiança e sabedoria; Juliana Pereira de Araújo, competente e motivadora que entende nossas limitações; Rita Tatiana Cardoso, colaboradora de orientação que muito me ensinou com suas intervenções pontuais; Selma Martines Peres, professora exemplo de dedicação e confiança; Ana Maria; rígida, verdadeira, autêntica, segura, sábia, pontual. Um exemplo de profissionalismo. Obrigado a todos vocês.

Agradecimento mais que especial e merecido ao meu orientador, professor Dr. Wolney Honório Filho, pela paciência, dedicação e profissionalismo. Agradeço pela partilha de saberes e conhecimentos que me acompanharão por toda vida. Foram muitas conversas, inúmeras correções, e-mails repletos de material de apoio que certamente foram fundamentais para o desenvolvimento desta dissertação. Durante nossas conversas foi um experiente e grande motivador que percebeu meus incontáveis erros primários e orientou-me a seguir o caminho certo. Agradeço por ter me escolhido e principalmente por ser o que um estudante espera de um professor orientador. Em alguns momentos da escrita, diante das inúmeras correções, encontrava-me questionando o porquê de tantas mudanças no projeto e dissertação. Mais adiante, percebi que todas foram pertinentes e contribuíram para o enriquecimento do produto final. Valeu a pena as horas em frente ao computador e as longas noites em claro. A você, Professor Wolney, minha eterna gratidão e reconhecimento por ter dedicado várias horas de sua vida em função da minha qualificação profissional, que certamente não para por aqui. Parabéns, Professor, pelos relevantes serviços prestados a esta Instituição de Ensino, a qual se orgulha em tê-lo como membro efetivo do corpo docente. Por fim, peço a Deus que continue lhe agraciando com muita saúde e luz, para que prossiga firme atuando no ofício do

magistério com maestria por muitos e muitos anos. Que suas contribuições vanguardistas e sólidas acerca da educação e o processo de ensino aprendizagem, especificamente sobre as pesquisas narrativas e (auto) biográficas, possam ser semeados em terras fecundas e produzir muitos frutos. Receba meu reconhecimento, respeito e admiração e tenha certeza que foi excelente aprender com o Doutor.

Obrigado!

LISTA DE SIGLAS

CAD	– Cadastro Único
CME	– Conselho Municipal de Educação
CNE-CEB	– Conselho Nacional de Educação Câmara de Educação Básica
CPF	– Cadastro de Pessoas Físicas
CTPS	– Carteira de Trabalho e Previdência Social
DHCA	– Direitos Humanos da Criança e Adolescentes
EJA	– Educação de Jovens e Adultos
FAESCI	– Faculdade Celso Inocêncio de Oliveira
FASUG	– Faculdade do Sudeste Goiano
IBGE	– Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDB	– Lei de Diretrizes e Bases
MDS	– Ministério do Desenvolvimento
PCNs	– Parâmetros Curriculares Nacionais
PBF	– Programa Bolsa Família
PRONATEC	– Programa Nacional de Ensino Técnico e Emprego
RG	– Registro Geral
SIC	– Serviço de Informação ao Cidadão
SEPPIR	– Secretaria Especial de Promoção da Igualdade Racial
UEG	– Universidade Estadual de Goiás

RESUMO

O desenvolvimento deste trabalho estrutura-se nas narrativas das histórias de vida de formação dos ciganos residentes na cidade de Pires do Rio-GO. Nesse sentido, será abordada em todo o texto dissertativo as trajetórias, práticas laborativas e experiências adquiridas ao longo da vida com os ciganos mais velhos e familiares. A presente pesquisa procura encontrar respostas da situação problema “Qual o sentido de formação construído por famílias ciganas em Pires do Rio-GO”? Entendendo que esses sujeitos conforme a literatura deixaram poucos registros de sua saga histórica pelo mundo. O objetivo geral está ancorado em investigar o sentido de formação construído por ciganos não escolarizados em Pires do Rio-GO. No intento de conhecer as origens do povo cigano, propõe-se primeiramente uma revisão bibliográfica com aporte teórico dos postulados de Moraes Filho (1981) Teixeira (2009) Perione (2000). Frans Moonen (2011) e o Guia de Políticas Públicas Para o Povo Cigano (2014). O método que melhor problematiza a demanda desta dissertação é o autobiográfico por entender que este satisfaz o objetivo proposto. Serão abordados os fatos rememorativos através das histórias de vidas desses sujeitos, alicerçado nos estudos de Maurice Halbwachs (2006), Josso (2004) (2010), Nóvoa (2010), Soares (1991), Bosi (1998) Delory-Momberger, (2008) (2012) Clandinin e Connelly (2011) (2015), Antônio Bolívar (2002). Feito as considerações iniciais das origens históricas e o método da pesquisa a escrita perpassa pela identificação dos sujeitos da pesquisa realizada por meio de pesquisa exploratória. Serão apresentados através das narrativas como se deu o processo de chegada e permanência desses sujeitos que optaram em residirem em casas de alvenaria abandonando assim o nomadismo e tornando-se sedentários. Temas como religião, cultura, casamento, convívio familiar, as viagens que no passado eram costumeiras entre o grupo familiar. Nesta perspectiva as experiências de vida dos ciganos de Pires do Rio-GO serão apontadas na visão dos mesmos em relação à escola enfatizando a causa por não terem frequentado, o preconceito apontado com visões antagônicas, as práticas laborativas tendo como fator principal o aprendizado ao longo da vida. Especificamente chama a atenção o conceito de formação e para discorrer sobre o assunto o suporte vem de Josso (2004) Alheit e Dausien (2006) Caspar (2007) e o Memorial de Bruxelas (2000). Esta análise através das narrativas ciganas possibilitou tecer considerações sobre o entendimento sobre o sentido de formação que os ciganos dão a vida por meio das experiências que foram adquiridas com seus pais e familiares mais velhos.

Palavras chaves: Ciganos. Narrativas de Formação. Aprendizagem. Histórias de Vida.

ABSTRACT

The development of this work is structured in the narratives of life histories of formation of the gypsies living in the city of Pires do Rio-GO. In this sense, the trajectories, work practices and experiences acquired during the life with the older gypsies and relatives will be approached throughout the text. The present research seeks to find answers to the problem situation "What is the sense of formation built by gypsy families in Pires do Rio-GO"? Understanding that these subjects according to literature left few records of their historical saga across the world. The general objective is anchored in investigating the sense of formation built by non - school Roma in Pires do Rio-GO. In the attempt to know the origins of the gypsy people, it is proposed first a bibliographical revision with theoretical support of the postulates of Moraes Filho (1981) Teixeira (2009) Perione (2000). Frans Moonen (2011) and the Guide to Public Policies for the Gypsy People (2014). The method that best problematizes the demand of this dissertation is the autobiographical one because it understands that this one meets the proposed objective. We will address the recalling events through the life histories of these subjects, based on the studies of Maurice Halbwachs (2006), Josso (2004) (2010), Nóvoa (2010), Soares (1991), Bosi (1998) Delory-Momberger 2008) (2012) Clandinin and Connelly (2011) (2015), Antônio Bolívar (2002). Once the initial considerations of the historical origins have been made and the method of the research, the writing goes through the identification of the subjects of the research carried out by exploratory research. They will be presented through the narratives as the process of arrival and permanence of those subjects who chose to live in masonry houses, thus abandoning nomadism and becoming sedentary. Subjects such as religion, culture, marriage, family life, the trips that in the past were customary among the family group. In this perspective the life experiences of the Gypsies of Pires do Rio-GO will be pointed out in their view regarding the school emphasizing the cause for not having attended, the prejudice pointed out with antagonistic visions, the labor practices having as main factor the learning along of life. Specifically, the concept of training draws attention and the support comes from Josso (2004) Alheit and Dausien (2006) Caspar (2007) and the Brussels Memorial (2000). This analysis through the gypsy narratives made it possible to think about the understanding of the sense of formation that Gypsies give their lives through the experiences that were acquired with their parents and older relatives.

Keywords: Gypsies, Training Narratives, Learning, Life Stories.

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1 – Mapa da cidade de Pires do Rio-GO localização das famílias ciganas	42
Figura 2 – Vista aérea do Bairro Nadin Saud	53
Quadro 1 – Dados da Pesquisa Exploratória	44
Quadro 2 – Eixos Temáticos do Guia de Políticas Públicas para Ciganos	47
Quadro 3 – Características das Famílias Ciganas Localizadas	60
Quadro 4 – Quantidade de Filhos por Família	73

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A – Entrevista Semiestruturada	120
Apêndice B – Família Cigana 01	122
Apêndice C – Família Cigana 02.....	123
Apêndice D – Família Cigana 03.....	124
Apêndice E – Família Cigana 04	125
Apêndice F – Família Cigana 05	126
Apêndice G – Família Cigana 06	127
Apêndice H – Família Cigana 07	128
Apêndice I – Família Cigana 08	129
Apêndice J – Família Cigana 09.....	130
Apêndice L – Transcrição da Entrevista de Eco.....	131
Apêndice M – Transcrição da Entrevista de Charlie	139
Apêndice N – Transcrição da Entrevista de Delta	145
Apêndice O – Transcrição da Entrevista de Alfa	150
Apêndice P – Transcrição da Entrevista de Bravo	156
Apêndice Q – Transcrição da entrevista de Foxtrote.....	160

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Entre as Lembranças de Criança e a Pesquisa Acadêmica.....	12
Explicitando a Metodologia da Pesquisa.....	20

CAPÍTULO I

O QUE DIZEM AS LITERATURAS SOBRE OS POVOS CIGANOS 28

1.1 Um Olhar no Guia de Políticas Públicas para Ciganos	35
1.2 Os Sujeitos da Pesquisa	38
1.3 Resultados dos Dados da Pesquisa Exploratória	43
1.4 Território e Sedentarização Cigana em Pires do Rio-GO.....	49
1.5 Considerações Parciais do Capítulo	57

CAPÍTULO II

QUEM SÃO E QUAIS SÃO AS CARACTERÍSTICAS DOS SUJEITOS

NARRADORES 59

2.1 Cultura como processo formativo.....	67
2.2 O Convívio Familiar dos Ciganos de Pires de Rio-GO.....	69
2.3 Como os Ciganos Vivenciam e Lidam com a Religião.....	75
2.4 As Viagens e Barracas de Lonas	79
2.5 O Casamento Cigano uma Instituição Modificada.....	84
2.6 Considerações Parciais do Capítulo	87

CAPÍTULO III

O PROCESSO DE FORMAÇÃO AO LONGO DA VIDA 89

3.1 As Histórias de Vida como Processo de Formação.....	94
3.2 O Sentido de Formação ao Longo da Vida para os Ciganos de Pires do Rio-GO	97
3.3 A Educação e a Relação dos Ciganos com a Escola	101
3.4 Como os Ciganos Lidam com o Preconceito.....	105
3.5 Considerações Parciais do Capítulo	109

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 110

REFERÊNCIAS 115

APÊNDICE 119

INTRODUÇÃO: Entre as Lembranças de Criança e a Pesquisa Acadêmica

Desde muito cedo, quando ainda era criança, via com frequência o chegar e sair de um grupo de pessoas bem diferentes em relação ao grupo social o qual eu estava inserido. Eles chegavam praticamente todos os anos em carroças, montados em cavalos e outros em carros. Eram os ciganos que novamente estavam se instalando por tempo indeterminado na cidade de Pires do Rio-GO.

Eles chegavam sempre em grupos numerosos e nessa época percebia que usavam vestimentas bem coloridas e chamativas, as mulheres muito maquiadas e cheias de adornos com vestidos ou saias muito longas. Era muito interessante ver aquele movimento frenético, o aglomerado de pessoas que chegavam à cidade e acampava geralmente próximo ao Bairro São José onde eu morava.

Recordo-me que observava de longe aquele movimento e notava que os homens geralmente eram os responsáveis por montarem as barracas do acampamento e as mulheres ficavam responsáveis em ir buscar água e cuidar dos afazeres domésticos. As crianças ficavam correndo aqui e ali, explorando a nova base de acampamento sem sair de perto dos olhares dos adultos.

Meus irmãos e eu sempre ficávamos observando aquele movimento. Eu, porém, sentia uma grande vontade em ir ao encontro das crianças para correr e brincar. Enfim, ficar como elas, pois todos os dias eu ia para a escola e aquelas crianças, embora eu nunca houvesse brincado ou conversado com elas, supunha que não frequentavam uma unidade escolar. Nunca soube ou entendia o porquê daquela situação de liberdade e principalmente o motivo delas supostamente não irem à escola.

Esse movimento cigano de ir e vir foi percebido durante uma grande parte da minha vida. No entanto, jamais tive a oportunidade de ir ao acampamento desses ciganos. Acredito que não era permitido por eles. Era algo proibido por meus pais, devido a crença preconceituosa herdados dos meus avós, que diziam que os ciganos eram pessoas estranhas, não eram de confiança e possuíam hábitos condenados, sendo considerados ladrões, trambiqueiros, raptos de crianças.

Com o tempo, foi se compondo, sobre os ciganos, uma colcha de retalhos em minha mente. Sendo de origem de uma família numerosa e com recursos limitados, meus pais, mesmo sendo analfabetos, sempre diziam que os estudos eram importantes e que deveríamos estudar

para ser alguém na vida¹. Por intermédio de minha mãe, que foi quem me matriculou, iniciei meus estudos aos 7 (sete) anos de idade, na escola Estadual Rodrigo Rodrigues da Cunha², onde estudei até o 4º ano.

Aos 11 (onze) anos, através de um processo seletivo, ingressei no Educandário Municipal Joaquim Câmara Filho, uma escola modelo experimental, onde cursei o 5º e 6º anos. Com 13 (treze) anos, já adolescente, migrei para o Colégio Estadual Professor Ivan Ferreira, onde permaneci até cursar o extinto curso de “técnico em contabilidade”. Recordo-me que naquela época não havia a preocupação em estar escolhendo algo que gostaria de estudar, pois apenas cursei por falta de opção e influências dos amigos.

Concluído esta etapa, no ano de 1988 fui servir a pátria em Ipameri – GO, onde permaneci por 2 (dois) anos. Ao retornar para Pires do Rio-GO recebi o convite de uma amiga muito especial e matriculei no curso do magistério, o qual imediatamente me identifiquei devido ao estilo diferenciado comparado com o técnico em contabilidade.

Residindo no interior e tendo poucos recursos, nossa região pouco oferecia em termos de cursos superiores, ficando limitado aos filhos das famílias mais ricas que investiam na formação de seus filhos na capital do estado ou outros estados. Ademais, quase não pensava em estudar em uma faculdade, imaginava estar além de minhas possibilidades. Essa perspectiva mudou com a implantação da FAESCI – Faculdade Estadual Celso Inocêncio de Oliveira, aqui no município de Pires do Rio-GO, sendo uma instituição pública e de fácil acesso³.

Ingressei-me nesta faculdade, no curso de Letras em 1995 e graduei-me em meio a inúmeras dificuldades em 1999 e coleí grau em 2000 período em que trabalhava no comércio como vendedor e à noite como professor no ensino médio em regime Pró-Labore (contrato).

Em 2003, fui aprovado em concurso público da Prefeitura Municipal para o quadro efetivo de professor em Pires do Rio-GO, onde iniciei minhas funções laborativas na EJA - Educação de Jovens e Adultos em salas multiseriadas superlotadas no noturno. Concomitantemente permaneci como vendedor no comércio varejista. Fiz pós-graduação em Educação Inclusiva e Especial, Neuropedagogia, nos anos subsequentes.

¹No entendimento dos meus genitores, “ser alguém na vida” está relacionado a criar situações favoráveis para sair da situação de pobreza, privações e limitações que as mesmas acarretam. Em outras palavras, significa poder ter uma casa boa, dar conforto aos filhos, não passar por dificuldades financeiras, comprar alimentos, roupas e demais bens de consumo, os quais eram limitados quando criança.

² Todo processo de minha escolarização foi realizada em Pires do Rio-GO sempre em escolas públicas sendo esta escola em particular muito querida, pois tenho várias lembranças saudosistas.

³ Quando menciono “Fácil aceso” refiro-me à localidade e facilidade de deslocamento bem como não ter que sair para outras cidades e ter gastos com moradia, transporte, alimentação e mensalidades.

Sai do comércio varejista para cursar direito na FASUG, Faculdade do Sudeste Goiano momento em que retornei para sala de aula na escola Sebastião Antônio Leite no 5º ano. Atuando como professor primário em uma escola pública, na periferia próxima à minha residência que possibilitou através do contato diário com os alunos, realizar um feedback no tempo em que era criança, pois vendo os alunos matriculados me pareciam familiares.

Durante muitos anos, os ciganos ficaram em meu subconsciente e ao chegar à escola como professor regente foi possível perceber que eles estavam ali espalhados no pátio e nos bancos das escolas. Eram eles os ciganos. Talvez possa ser que algumas daquelas crianças fossem filhos ou netos daquelas outras crianças, que no passado nutria em mim a vontade em estar me relacionando com eles. Agora os vejo com outros olhos, posso conversar e ficar perto deles sem a proibição ou repressão de meus genitores.

Como professor, trabalhando diretamente com esses sujeitos, aos poucos fui percebendo o movimento que os pais dos alunos faziam ao levarem ou buscarem seus filhos na escola. Sempre atento à movimentação corriqueira e a escuta das conversas, as quais ainda acontecem na entrada e saída da instituição escolar. Por serem unidades escolares periféricas, o público atendido correspondia aos dos bairros adjacentes, o que possibilitava que vários pais se conhecessem mutuamente, entre eles os que se reconhecem como ciganos e não ciganos.

Os pais ou responsáveis sempre chegavam um pouco mais cedo para buscar seus filhos e mesmo estando na sala de aula, era possível ouvir fragmentos das costumeiras conversas e trocas de informações nas imediações da unidade escolar. Diante tal peculiaridade, passei a observá-los com mais critério e percebi que o grupo de pessoas até então tidas como ciganos utilizavam-se de um linguajar diferente dos padrões cultos, ou seja, eles falavam e demonstravam terem um conhecimento diferente do que é geralmente obtido nos bancos da escola.

Estas observações provocaram inquietude e desejos que culminaram no interesse em pesquisar o grupo minoritário dos povos ciganos de Pires do Rio-GO e, posteriormente, conhecer suas histórias, principalmente a questão relacionada à sua formação, que acontece ao longo da vida.

Dessa forma, o ponto de partida para desenvolver a pesquisa ancorou nas narrativas de vida, produzidas pelos ciganos mais velhos, envolvendo especificamente aqueles que não foram oportunizados de frequentar a escola, movidos por fatores culturais, mas que possuem um vasto conhecimento e experiências de vida, através do aprendizado adquirido entre seus pares que não se encontram na literatura, pois foram aprendidos por meio da oralidade e da observação.

Nesta tessitura serão consideradas as histórias de vida narradas por esses sujeitos, às concepções e enfrentamentos desta comunidade, que vivem socialmente em um mundo tido

como paralelo, ou seja, não são vistos e/ou reconhecidos como cidadãos dotados de direitos e deveres, mesmo possuindo leis específicas que os protegem.

De posse de tais observações, teremos como fatores primordiais as memórias e as histórias de vidas desses sujeitos, alicerçado sobre os estudos de Maurice Halbwachs (2006), Josso (2004 - 2010), Nóvoa (2010), Soares (1991) Pollack (1989), Bosi (1994) Delory-Momberger, (2008) (2012) Clandinin e Connelly (2011) (2015), Antônio Bolívar (2002) entre outros pesquisadores.

Segundo Halbwachs (2006) as memórias são construções dos grupos sociais, são eles que determinam o que é memorável e os lugares onde essa memória será preservada. As pessoas tanto como suas memórias vão se transformando ao longo do tempo, influenciadas por diversos fatores alheios ou não à vontade da natureza humana e podem ser apresentadas de forma intrínsecas, extrínsecas, temporais, geográficas e principalmente pelas experiências, as quais os sujeitos vivenciam ao longo da vida, constituindo os momentos de travessia postulado por Soares (1991).

Segundo Almeida (2009, p.40) em sua tese de doutorado intitulada “Educação e memória: velhos mestres de Minas Gerais (1924 -1944)”, “as memórias se transformam com o tempo, são modificadas pelas experiências vividas pelos sujeitos e suas circunstâncias da vida no momento atual, no presente”.

Nesse viés, investigar a história de vida das pessoas é adentrar em experiências e vivências individuais e coletivas, é o “risco do bordado” (SOARES, 1991) que ao longo dos anos vão compondo um entrelaçamento de ideias e saberes onde cada um ou cada grupo constrói sua história em conformidade com seus interesses e sua vivência, onde as lembranças estão presentes em vários momentos da vida.

Segundo Bosi (1998), as lembranças veem à tona devido aos fatores da situação presente, no momento em que são provocadas pelos outros o que constitui um árduo exercício rememorativo.

Lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. [...] A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição no conjunto de representações que povoam a nossa consciência atual. (BOSI, 1998, p.55).

Ao lembrarmos de determinados fatos, nem sempre eles estão impregnados de desejos, pois podemos ser traídos por nossa memória no momento em que esquecemos ou fazemos confusões com nossas lembranças. “A memória vem elegantemente acompanhada

pelo esquecimento, quando ousamos navegar pelo pandemônio turvo das nossas recordações” (HONÓRIO FILHO, 2011, p.189).

O ponto de partida para definir o objeto desta pesquisa ocorreu pelo convívio escolar por meio de conversas informais realizadas na porta da escola, reuniões bimestrais para entrega de resultados, bem como através de visitas livres nas residências das famílias ciganas, que tinham filhos matriculados na escola Municipalizada Sebastião Antônio Leite, em Pires do Rio-GO, onde atuei como professor regente.

As histórias narradas por eles geralmente informavam que antigamente não havia a necessidade de estudar e de certa forma inconscientemente, devido à questão cultural, itinerância e funções laborativas. Os pais diziam a suas crianças que elas também não precisavam estudar, porém o discurso utilizado na condição de professor dizia a eles sobre a importância de estar frequentando uma unidade escolar e que a educação faria falta.

A priori, as visitas realizadas nas residências dos ciganos visavam atender as práticas pedagógicas desenvolvidas na unidade escolar onde atuava como professor regente. No entanto, no bojo desta preocupação primeiramente pedagógica, lá estava o professor pesquisador realizando as visitas e conversando com os ciganos (as) sempre na presença dos maridos que acompanhavam de perto a conversa.

Inconscientemente o professor pesquisador já estava em campo obtendo informações através das narrativas que gradativamente despertou o desejo de estar questionando sobre outros assuntos que não eram apenas relacionados à vida escolar de seus filhos e sim questões sobre o modo de vida daqueles sujeitos os quais possuem uma cultura diferente das demais.

No entanto, o momento não era propício para alongar a conversa, entendendo que qualquer ruptura na rotina dos afazeres das famílias poderia gerar conflitos. O tempo que permaneci junto a cada família cigana não sou capaz de apontar, porém recorro que foi suficiente para instigar o desejo de levantar alguns questionamentos internos, os quais não têm e ainda permanecem sem respostas. Quem são esses sujeitos? Qual sua origem? Como vivem? Qual a importância e sentidos que eles dão a educação? Que tipos de formação tiveram ao longo da vida? Como seus conhecimentos estão sendo repassados para os jovens?

Vivenciado uma realidade diferente, na condição de pesquisador, ciente que esse campo de pesquisa ainda é pouco explorado e que pode fornecer vários elementos para elucidar os questionamentos apresentados, optou-se por realizar primeiramente uma pesquisa exploratória, através de entrevistas com o objetivo de produzir maiores informações para mapear o campo investigativo e traçar o perfil dos sujeitos participantes. O objetivo foi

familiarizar com um assunto pouco conhecido e pouco explorado e assim buscar uma proximidade da realidade a qual o objeto de pesquisa se encontra inserido.

Durante a pesquisa exploratória com os ciganos de Pires do Rio-GO, mesmo sendo um campo fértil para indagações, optou por não utilizar um rol de questionamentos semiestruturados, pois a produção de informações neste terreno fecundo foi livre, seguindo a intuição investigativa do pesquisador. No entanto, para garantir que as informações obtidas fossem úteis para a pesquisa optou por levantar os mesmos questionamentos em todas as famílias visitadas. Estas foram anotadas e compiladas tendo como foco o desenvolvimento da pesquisa com base nas informações sob o olhar cigano enquanto aprendido em sentido formativo obtidas in loco com os sujeitos ciganos.

Assim, mergulhamos na realidade das diferentes famílias ciganas no intuito de mapear as primeiras informações das experiências e fatos rememorativos vivenciados pelos ciganos de Pires do Rio-GO o que possibilitou a reorganização das informações sobre essa população.

Desta forma, a presente pesquisa procura construir reflexões para a seguinte situação problema: Qual o sentido de formação construído por famílias ciganas em Pires do Rio-GO? O objetivo geral está ancorado em investigar o sentido de formação construído por ciganos não escolarizados em Pires do Rio-GO.

Como objetivos específicos optou-se em: 1. Sistematizar o modo de ocupação cigana em Pires do Rio-GO; 2. Caracterizar os sujeitos que se reconhecem como ciganos na cidade de Pires do Rio-GO; 3. Compreender, através das narrativas, o processo de formação dos ciganos residentes em Pires do Rio-GO.

Para desenvolver a pesquisa foi necessário descrever e pontuar algumas informações da urbe onde os sujeitos ciganos encontram-se residentes, fortalecendo assim o processo contínuo de sedentarização que caracteriza a passagem das barracas de lona para as casas de alvenaria com os telhados.

A cidade de Pires do Rio-GO encontra-se localizada no sudeste goiano: “limita-se ao norte com os municípios de Orizona, Vianópolis e São Miguel do Passa Quatro; a leste com os municípios de Orizona e Urutaí; e a oeste com Santa Cruz de Goiás, Palmelo e Cristianópolis; ao sul com os municípios de Caldas Novas e Ipameri” (DIAS, p.24, 2008).

Sua história está marcada por uma disputa política a qual tem sido motivo de muitas controversas entre as famílias tidas como tradicionais neste município. Na visão de Wilson Cavalcante Nogueira, na obra intitulada “Incidente em Pires do Rio”, o autor nos apresenta um olhar sob duas perspectivas que envolvem duas personalidades políticas: Balduino Ernesto de Almeida e Coronel Lino Teixeira de Sampaio.

Wilson Cavalcante, com sua obra “Incidente em Pires do Rio” (1995) afirma que o fundador da cidade foi Balduino Ernesto de Almeida, onde elencam razões históricas, tais como o marco de fundação da cidade, uso do poder político inclusive no que se refere à vinda da estrada de ferro, registro do marco oficial inscrita no Obelisco Central e a tomada de medidas e atitudes para que fosse feito um levantamento urbanístico após a cessão de terras do então Coronel Lino Sampaio. Posteriormente, a assinatura dos atos de transição imobiliária. Em seguida, cumprindo as prerrogativas do cargo político que ocupava no governo federal, deu o primeiro nome de Pires do Rio à Estação Ferroviária, em homenagem ao Ministro da Aviação José Pires do Rio, que na ocasião estava realizando vistorias nas obras da ferrovia especificamente na construção da ponte Eptácio Pessoa no ano de 1921 sobre o Rio Corumbá, seguindo depois para o registro no marco do Obelisco, hoje localizado na Praça do Mercado Municipal.

O mesmo autor afirma que há controversa de que Lino Sampaio não seja o fundador da cidade pelo fato dele não ter tido poder político para isso, sendo que sua participação se limitava apenas à cessão de terras.

Por outro lado, Jacy Siqueira (2006) na obra intitulada “Um Contrato Singular”, enfatiza que essa história está carregada de meias verdades, a qual ele qualifica como “as pernas curtas da falácia” (SIQUEIRA, p.31, 2006) contradizendo que Balduino Ernesto não possuía cargo, legitimidade ou poder político para representar o governo federal.

Diante do exposto, Siqueira conclui que por direito e justiça o único e legítimo fundador desta cidade é Lino Teixeira Sampaio, excluindo assim qualquer outro tipo de menção ao contrário.

No site oficial do município de Pires do Rio-GO⁴ consta que a cidade foi fundada em 1922, mesmo ano que estava sendo construída a estrada de ferro, a qual passaria em terras do Coronel Lino Sampaio. Nessa ocasião a então cidade recebia com frequência inúmeros tropeiros e caixeiros viajantes, bem como a visita de convidados ilustres do eixo Rio - São Paulo o que deixou a jovem e promissora cidade em evidência no cenário nacional.

Devido à localização estratégica alavancada pelo possível progresso que a construção da estrada de ferro proporcionaria à jovem cidade, muitas famílias dos municípios de Orizona e Santa Cruz de Goiás migraram e fixaram residências aqui, aumentando assim consideravelmente o número de habitantes.

Atualmente, Pires do Rio-GO é um próspero município agropastoril com economia sólida na pecuária, avicultura e agricultura, que tem garantido a frequente migração de várias

⁴ Ver em: <<http://www.piresdorio.go.gov.br/>>. Acesso em: 04 de dezembro de 2017.

pessoas de outros estados em busca de melhores condições de vida e trabalho, caracterizando um grande processo migratório.

Mesmo com muitas qualidades de infraestrutura, sendo uma das primeiras cidades do estado a ser planejada, Pires do Rio-GO assim como muitos municípios brasileiros, amarga com muitos problemas sociais como a falta de moradia, atendimento médico hospitalar, questões relacionadas à infraestrutura, asfalto e saneamento básico, principalmente nos bairros periféricos.

Conforme dados do CME - Conselho Municipal de Educação (2017) a Rede Municipal de Ensino atende 02 Creches Pró-infância, 01 Creche construída com recursos próprios, 07 escolas de Ensino Fundamental, 04 Entidades Filantrópicas em formato de subvenção orçamentária. Há 04 escolas particulares sendo que 01 atende apenas a educação infantil, 01 educação infantil e segundo segmento e duas delas o ensino médio.

Na Rede Estadual, o município de Pires do Rio-GO conta com 05 escolas sendo 03 que atendem do 6º ano ao 3º ano do segundo grau e 02 de período integral, que contemplam as séries do 1º ao 5º ano, conforme pesquisa exploratória realizada na Coordenadoria Estadual de Educação, em março de 2017.

O município possui 02 faculdades UEG - Universidade Estadual de Goiás, criada através da Lei Estadual nº 13.456, de 16 de abril de 1999, que automaticamente se vincula à Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia de Goiás, que oferece os cursos de Pedagogia, Letras, Geografia, e Redes de Computadores⁵.

A instituição privada, FASUG, Faculdade do Sudeste Goiano, trabalha na perspectiva de ofertar a “participação efetivamente do processo de construção socioeconômica e cultural da região de sua abrangência”. Para que isso aconteça, atualmente oferece os cursos de Direito, Ciências Contábeis e Administração⁶.

Segundo dados do IBGE (2016), o município possui 30.930 habitantes, mas esses dados são questionados pelos administradores municipais que acreditam ser um número superior ao apresentado.

Entre os moradores da urbe estão os ciganos natos e os que vieram de outros estados ou municípios vizinhos, realizando o processo histórico cultural do nomadismo.

Preliminarmente, é necessário apontar que esses povos sempre viviam em constante itinerância e não fixavam residências nos locais por onde passavam com suas comitivas, levavam uma vida errante, sem um lugar ou território próprio.

⁵ Ver em: <http://www.piresdoriorio.ueg.br/conteudo/2366_a_historia>. Acesso em: 04 de dezembro de 2014.

⁶ Ver em: <<http://www.fasug.edu.br/institucional/>>. Acesso em: 04 de dezembro de 2017.

Esse costume milenar gradativamente vem se perdendo no tempo. É o que se percebe com os ciganos dos tempos modernos, localizados na cidade de Pires do Rio-GO, que estão abandonando o nomadismo e tornando-se sedentários residentes em casas de alvenaria.

Explicitando a Metodologia da Pesquisa

As narrativas são formas ou maneiras de contar uma história que podem ser apresentadas orais ou escritas. Bolívar (2001, p.220), diz: “a narrativa é uma estrutura central no modo como os seres humanos constroem o sentido”. Delory-Momberger (2008, p.37) enfatiza que “é a narrativa que faz de nós o próprio personagem de nossa vida; é ela, enfim, que dá uma história a nossa vida: não fazemos a narrativa de nossa vida porque temos uma história; temos uma história porque fazemos a narrativa de nossa vida”.

Para Clandinin e Coonnely (2015, p.48) “o método narrativo é o fenômeno e também o método das ciências sociais” entendendo que as mesmas sempre estiveram e estão presentes na vida do homem. A história da humanidade passa pelas narrativas em diferentes contextos sociais, políticos, geográficos, econômicos ou educacionais.

Optamos pelas narrativas das histórias de vida dos ciganos não escolarizados da cidade de Pires do Rio-GO acreditamos que a pesquisa narrativa possibilita um olhar na dimensão subjetiva destes sujeitos, no momento em que são instigados a narrarem suas histórias de vida e seu processo formativo.

A gênese dessa abordagem metodológica vem da Alemanha do final do século XIX, contrária à doutrina positivista do filósofo Auguste Comte (1798-1857). Sendo entendida como uma metodologia nova no meio acadêmico, a abordagem auto (biográfica) foi bastante utilizada pelos sociólogos da Escola de Chicago, por volta dos anos de 1920 a 1930. Posteriormente, caiu em desuso voltando ao cenário das pesquisas por volta dos anos 1980, que a evidencia como possibilidade de transformação no meio acadêmico.

Os estudos de Nóvoa e Finger (2010) apontam que a utilização do método (auto) biográfico e seus desdobramentos, especificamente direcionados para as pesquisas em educação, são considerados como uma nova possibilidade em fazer ciência nas áreas sociais.

Segundo Nóvoa e Finger (2010), esse método constitui-se como sendo uma necessidade de renovação em pesquisas no meio acadêmico, sendo as pesquisas narrativas o grande filão capaz de fornecer elementos para uma renovação metodológica constituída por categorias gerais que estudam o homem em sua interação social.

Souza (2006) diz que essa viragem enquanto nova opção metodológica de pesquisa nas áreas sociais e na educação, primeiramente ocupou os espaços acadêmicos com pesquisas direcionadas a formação de professores, sobre a importância do currículo escolar na formação do sujeito, práticas educativas, cultura escolar, bem como questões relacionadas à feminização⁷ do magistério aliado às práticas docentes.

Esse processo foi marcante primeiramente na Europa na década de 1980, devido às produções que abriram novos horizontes para esta modalidade de pesquisa e colocou os docentes no olho do furacão nos inúmeros debates e pesquisas sobre a educação. Os escritos que abriram caminho sobre tais problemáticas são apontados por Freitas e Ghedin (2015), quais sejam:

Produzir sua vida: autoformação e autobiografia, de Gaston Pineau e Marie-Michèle em 1983; O professor é uma pessoa, de Ada Abraham em 1984, e o livro organizado por António Nóvoa e Matthias Finger, intitulado O método (auto) biográfico e a formação, publicado em 1988. (FREITAS - GHEDIN, p.114, 2015).

Posteriormente, vários outros estudos foram produzidos, enfatizando as práticas docentes com uma abordagem nas autobiográficas de forma bastante heterogênea, que contribuíram em qualidade e quantidade (Nóvoa, 2000).

Foi com Gaston Pineau (2006) após realizar uma gênese sobre os estudos das histórias de vida em formação, que classificou como tendo três períodos distintos, sendo um primeiro momento considerado um período de eclosão (1980) aqui representando o desabrochamento para esta nova perspectiva de pesquisa. O segundo, Pineau classifica como sendo o período de fundação (1990) década em que as pesquisas autobiográficas se firmam como metodologia de pesquisa. O terceiro período (2000) é caracterizado pelo desafio em estar desenvolvendo pesquisas acadêmicas nesta vertente metodológica de maneira que as mesmas apresentem um caráter diferenciado, novo.

No Brasil, essa metodologia de pesquisa ganha fôlego e espaço nas academias apenas como sendo uma prática na década de 2000, com uma roupagem que perpassam as técnicas formativas nos cursos de pós-graduação na área educacional com a criação de diferentes grupos que estudam os processos formativos, memória, autobiografias, histórias de vida, em especial dos professores e suas práticas pedagógicas. Neste sentido, após duas décadas e meia,

⁷ Feminização: Ação ou efeito de feminizar, de atribuir um aspecto, gênero ou caráter feminino a algo ou alguém: processo de feminização de profissões anteriormente masculinas. <https://www.dicio.com.br/feminizacao>. Acesso em: 01/12/2017.

as pesquisas que envolvem a formação têm se propagado em todos os espaços acadêmicos não sendo limitado apenas a pós-graduação e vida de professores.

Atualmente, essa vertente está mais ampla sendo que as pesquisas narrativas e autobiográficas ganharam destaque com os sujeitos que não possuem formação obtida nos bancos escolares, mas sim a formação que acontece ao longo de vida.

No entanto, mesmo com o avanço em pesquisas com as narrativas que oportunizam um campo fértil enquanto metodologia de pesquisa, essa metodologia recebeu críticas sendo considerada frágil devido ao aspecto subjetivo e qualitativo tido como sem comprovação científica, o que nos alerta para o rigor e critério na utilização das narrativas e histórias de vida.

Ao pesquisar o sujeito cigano e o processo de formação que acontece ao longo da vida, buscamos entender que esses atores assumem as responsabilidades das aprendizagens mediante apropriação do vivido em todo o percurso da sua vida.

Para Delory-Momberger (2012) apoderar-se das narrativas autobiográficas como corpus/objetos de investigação é trazer a lume as histórias de vidas, no intuito de compreender como os seres humanos em sua singularidade experimentam os saberes e aprendizados.

Tanto narrativas orais, quanto escritas, ao longo dos anos têm sido um recurso utilizado pelo homem através da história e se constituem como um elemento cultural dotado de grande potencial, no processo de reorganização do pensamento e aprendizagens. A abordagem narrativa certamente possibilita lidar com as diversas experiências humanas independentemente se elas são boas ou ruins.

Portanto, “uma verdadeira pesquisa narrativa é um processo dinâmico de viver e contar histórias, e reviver e recontar histórias, não somente aquelas que os participantes contam, mas aquelas também dos pesquisadores” (CLANDININ e CONNELLY 2011, p.18), neste sentido elas dizem que:

As pessoas vivem histórias e no contar dessas histórias se reafirmam. Modificam-se e criam novas histórias. As histórias vividas e contadas educam a nós mesmos e aos outros, incluindo os jovens e os recém-pesquisadores em suas comunidades. (CLANDININ e CONNELLY, 2011, p.27).

Conforme Souza (2006),

[...] a narrativa (auto) biográfica inscreve-se num amplo movimento de investigação [...] o qual tem adotado a abordagem biográfica como perspectiva epistemológica sobre a aprendizagem dos sujeitos, a partir de suas próprias experiências. A opção e a inscrição desta pesquisa neste campo e nesta abordagem nascem da necessidade de ampliar os estudos sobre histórias de vida e mais, especificamente, sobre as narrativas (SOUZA, 2006, p.49).

Os sujeitos vão aprendendo e se adaptando ao mundo conforme suas experiências vividas, individuais e/ou coletivas (HALBWACHS, 2006) o que correspondem às trajetórias sociais nos diferentes grupos em que se encontram inseridas ou transitam. As narrativas (auto) biográficas estão carregadas de vivências e experiências de vida que geralmente vem à tona quando são repassadas ao investigador através das entrevistas.

Certamente, realizar uma pesquisa com abordagem (auto) biográfica representa um momento de interação entre o personagem narrador e pesquisador, entendendo que ao narrar, o entrevistado está tendo um momento de interação e rememoração histórica por meio da narrativa. Pode ocorrer que o entrevistado narrador destaque ou dê mais ênfase em determinados episódios. Lembrar, negar, suprimir ou esquecer determinados fatos pode representar muitos significados para o narrador que simplesmente optou em narrá-los ou não, por causar dor, ou outros sentimentos.

A perspectiva das abordagens narrativas faz com os sujeitos narradores se reconheçam como autores de sua vida e saiam do anonimato, tornando-se visíveis para eles mesmos e para a sociedade: “o indivíduo é tido como o único autor de si mesmo e de sua história, é responsável pelos seus fracassos e seus sucessos, e é em si mesmo que ele deve encontrar os meios de seu desenvolvimento pessoal e de sua realização social”. (DELORY-MOMBERGER, 2012, p.113).

Josso (2010) procura entender como acontece o processo de formação das pessoas, afastando-se do conceito preestabelecido das dimensões que a formação estaria centrada no conhecimento livresco e técnico. Nesse imbricamento de ideias a “formação pode ser considerada como uma ação de uma instituição, como um conjunto das modalidades dessa ação de exortação ou como atividade própria da pessoa” (JOSSO, 2010, p.37).

Bragança (2011), no texto “sobre o conceito de formação na abordagem (auto) biográfica” nos diz que o homem enquanto sujeito histórico está em constante processo formativo onde as experiências permitem a transformação.

A partir da revisão de literatura, tematizamos sentidos da formação como movimento de transformação pessoal, ou seja, enquanto os processos educativos constituem práticas sociais, a formação é interior e liga-se à experiência do sujeito que se permite transformar pelo conhecimento. O estar no mundo, com as pessoas e a natureza, vai abrindo caminhos para uma transformação e, ao mesmo tempo, projeta-se nas relações do sujeito, numa dialética entre o “eu” e o “nós”. (BRAGANÇA, 2011, p.161).

Neste sentido, a importância do conceito de formação na temática das abordagens auto (biográficas) encontra aporte nas inúmeras experiências vividas, as quais (BRAGANÇA,

2011, p.161) diz ser “o conhecimento sobre si, o conhecimento sobre seu fazer, sua prática, e a reflexão crítica sobre suas próprias concepções, traduzindo-se em uma atitude filosófica frente à vida”. A autora prossegue dizendo que a formação está relacionada com a dimensão pessoal com sentido identitário.

O sentido de aprendizado e formação ao longo da vida não está aqui apresentado como algo adquirido nos livros ou escolas, mas sim através da vivência que permite desenvolver as competências básicas para permanência do sujeito na sociedade, pois o “processo de formação, do conhecimento e de aprendizagem permite-nos estabelecer marcos importante sobre o que são as experiências formadoras” (JOSSO, 2004, p.49).

Segundo (BOSI, 1998, p.85) “a arte da narração não está confinada nos livros, seu veio épico é oral. O narrador tira o que narra da própria experiência e transforma em experiência dos que os escuta”. Ainda conforme Bosi, em referência ao narrador, ela diz que “seu talento de narrar vem da experiência; sua lição ele extrai da própria dor; sua dignidade é de contá-la até o fim, sem medo”.

Consoante (BOLIVAR, 2002, p.07) o método narrativo “é uma forma de compreensão e expressão da vida, que é apresentar a voz do autor”. Constitui-se como sendo algo “paradigmático” e influenciador na maneira como as pessoas se comportam e interagem com as demais no momento em que transmitem seus conhecimentos.

Desta forma, a presente pesquisa identificou 11 ciganos não escolarizados, destes, foram ouvidos 05 (cinco) que se reconhecem e enquadram neste perfil, sendo: três mulheres e dois homens.

O objetivo foi produzir o máximo de informações possíveis desse grupo social, que ao longo dos anos historicamente vem mudando seus costumes, entendendo que muito de seus conhecimentos estão se perdendo no tempo.

Para obter informações da vida cigana no município de Pires do Rio-GO, primeiramente optou-se por realizar uma 01(uma) pesquisa exploratória no formato de entrevistas livres com as 09 (nove) famílias localizadas e identificadas. Posteriormente, fizemos outras (cinco) sendo uma para cada narrador selecionado com um rol de pesquisa semiestruturada, que ocorreram nos meses de março e abril de 2017.

Ferrarotti (1988) entende que há dois grupos de narradores: os primários, aqueles em que o pesquisador obtém as informações através das narrativas autobiográficas de forma interativa com o narrador, e os secundários, reconhecidos como aqueles obtidos através de correspondências, documentos oficiais, fotografias, narrativas escritas entre outros. Optamos

por adotar o que Ferrarotti (1988) classifica como grupo primário, por entender que este melhor se ajusta ao propósito da pesquisa acerca do processo de formação dos sujeitos que se reconhecem como ciganos, envolvendo as memórias individuais e coletivas dos ciganos deste município.

Foram utilizadas também literaturas atuais pertinentes ao tema a ser desenvolvido com consultas a artigos, teses de mestrado e doutorado, relatórios do Ministério da Educação, Guia de Políticas Públicas Para o Povo Cigano, Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, Secretaria de Políticas Públicas para as Comunidades Tradicionais.

Como recorte temporal para o desenvolvimento da pesquisa foi selecionado os anos que correspondem entre 2000 a 2017, tendo como justificativa o período em que os ciganos começaram a fixar residências no município de Pires do Rio-GO, conforme pesquisa exploratória. Desta forma, o que se nota é que eles estão abandonando o nomadismo e tornando-se sedentários devido às transformações sociais e incorporações de outras vivências culturais com os não ciganos.

Trata-se, portanto, de uma pesquisa narrativa qualitativa, entendendo que esse tipo de pesquisa melhor atende ao objetivo desse estudo, conforme nos aponta Turato (2005), que são aquelas que abordam os estilos de vida, valores, a interação social, as crenças, podem também abordar as atitudes de determinada pessoa ou grupo social bem como suas opiniões e atitudes.

Para desenvolvimento e escrita da dissertação, os capítulos foram divididos em três, além da introdução onde apresentamos o ponto de partida da pesquisa, a justificativa para o desenvolvimento da mesma, as características do método autobiográfico seguido de um breve enfoque na localização geográfica e características da cidade de Pires do Rio-GO.

CAPÍTULO I - Apresentamos as possíveis origens dos ciganos no contexto histórico como aporte teórico nas pesquisas desenvolvidas por Moraes Filho (1981) Teixeira (2000) (2016) Pieroni (2000) Moonem (2011) com foco na chegada desses sujeitos em solo brasileiro. Neste capítulo identificaremos como se deu o processo de chegada e permanência desses sujeitos na cidade de Pires do Rio-GO.

CAPÍTULO II – Caracterizamos os sujeitos que se reconhecem como ciganos na cidade de Pires do Rio -GO através das narrativas por eles apresentadas.

CAPÍTULO III - Através das narrativas, compreendemos o processo de formação ao longo da vida dos ciganos residentes em Pires do Rio-GO.

A produção de dados através das entrevistas com os 05 (cinco)⁸ narradores foi feita/gravadas com a prévia autorização dos narradores, utilizando o gravador do aparelho celular do pesquisador. Posteriormente, as entrevistas foram transcritas e compiladas para compor as citações e dar sustentação à dissertação.

A produção de dados começou como professor regente no em 2014/2015, já inserido no programa de mestrado ocorreu no mês de março de 2017 com a primeira família visitada com a entrevista exploratória no Bairro Nadin Saud obedecendo a seguinte ordem cronológica:

23 de março de 2017 - residência da família da cigana Eco, onde estavam presentes o marido, que se reconhece como índio e um filho menor, aluno da escola Municipal Sebastião Antônio Leite. A criança nada disse e permaneceu por perto brincando com brinquedos de sucata. O marido em alguns momentos relata fatos que foram transcritos nas entrevistas, mesmo não sendo o narrador principal deixei que falasse, para não criar um clima de hostilidade e prejudicar a produção de dados.

16 de abril de 2017 – residência da cigana Charlie, sendo a família que se encontra mais distante em relação às demais, localizadas neste município pesquisado. Estavam presentes o filho, filha e o neto, todos apontados pela matriarca como ciganos.

18 de abril de 2017 – residência da cigana Delta a qual se encontrava rodeada de crianças identificadas como netos por Delta as quais brincavam despreocupadas na rua sem asfalto. O movimento de pessoas na residência era intenso, no entanto os demais membros da família não paravam com suas tarefas rotineiras, ignorando por completo a narrativa de Delta que acontecia ali mesmo na porta da rua.

19 de abril de 2017 – Foi ao entardecer que tive a oportunidade de gravar as narrativas do cigano mais velho de Pires do Rio-GO, cujo pseudônimo classifico como Alfa. Estavam na residência sua esposa e dois netos jovens que não opinaram durante a narrativa, no entanto, acompanharam de perto os dizeres do ancião ora saudosista, ora de reclamação.

⁸ A Priore a intenção era realizar entrevistas com os 11 ciganos identificados e que se reconhecem como não escolarizados no município de Pires do Rio – GO. No entanto, sendo pessoas desconfiadas, toda e qualquer forma de mudança na rotina dos afazeres familiares pode ser entendida como uma intromissão ou ofensa. As primeiras visitas, de cunho exploratório, foram tranquilas e transcorreram como o previsto, pois não foram gravadas. O pesquisador apenas fez as anotações pertinentes colhidas com os depoimentos de um dos integrantes de cada família. Em algumas famílias, eles diziam não ter um chefe responsável por todos, em duas delas dizem ser o cigano Alfa, porém ele não se reconhece como líder, apenas é o mais velho. Retornando para mais uma coleta de dados com entrevistas semiestruturadas, fui informado que o cigano chefe de Caldas Novas disse que não era para dar mais depoimentos. Fiquei surpreso, pois eles diziam não ter chefe. Agradei, pedi desculpas e retirei-me, pois as informações que já estavam catalogadas eram suficientes para o desenvolvimento desta dissertação.

21 de abril de 2017 – Era sábado e a família do cigano Bravo estava de viagem, sendo que ele ficou encarregado de vistoriar a residência de sua filha. Encontrei-me com Bravo no alpendre da casa embora ele houvesse insistido muito para que adentrássemos, disse que não, para não interferir muito na rotina desse senhor. Gravei as narrativas ali mesmo e fiquei surpreso em saber que esse cigano é natural de Pires do Rio-GO.

24 de abril de 2017 – Com o objetivo de trazer à baila informações referentes ao processo de formação do Bairro Nadin Saud, sendo o local onde houve maior concentração de ciganos em Pires do Rio-GO fui conversar com o senhor Foxtrote (2017), um funcionário da Prefeitura Municipal que atua como fiscal de arrecadação e tem vasto conhecimento a respeito desse processo de criação, ocupação e fixação territorial neste bairro.

Feito isto, resta-nos saber o que dizem os restritos documentos e as fontes históricas sobre os povos ciganos sua provável origem, como eram entendidos por outras civilizações, como e quando chegaram no Brasil.

CAPÍTULO I

1 O QUE DIZEM AS LITERATURAS SOBRE OS POVOS CIGANOS

O objetivo da escrita deste capítulo é apresentar a origem histórica dos ciganos e identificar como se deu o processo de chegada e permanência desses sujeitos na cidade de Pires do Rio-GO. Para compor a escrita deste capítulo optou-se em dividi-lo em quatro tópicos distintos.

No primeiro tópico abordaremos “O que dizem as produções literárias” onde apresento ancorado na literatura a possível origem dos povos ciganos.

No segundo tópico intitulado “Os sujeitos da pesquisa” serão discutidos quais foram os caminhos percorridos e as estratégias para realizar a localização e identificação dos sujeitos ciganos residentes em Pires do Rio-GO.

O terceiro tópico intitulado “Resultados dos dados da pesquisa exploratória” será apresentado um quadro com as primeiras informações produzidas que foram possíveis pontuar, questões que abordam a religião, origem, tipo de família, tipo de moradia, número de ciganos onde moram ou o que fazem para viver.

No quarto e último tópico “Território e sedentarização cigana em Pires do Rio-GO” será discorrido questões relacionadas ao território e o processo de sedentarização cigana que acontece em Pires do Rio GO, como e quando chegaram e por que permanecem residindo em casas de alvenaria. Por fim as “Considerações preliminares deste capítulo”.

Inicialmente, Frans Moonen (2011) nos alerta que ao se aventurar em estudos que abordam os ciganos, certamente o pesquisador terá pela frente muitos problemas. Devido à falta de bibliografia específica, muitos deixam de pesquisar, pois não encontram suporte teórico para dar sustentação à pesquisa. Essa dificuldade é reforçada nas produções existentes que geralmente enfatizam a vida cigana apenas através da dança, costumes, esoterismo, magia ou abordando a questão da origem histórica.

Moonen (2011) continua e reforça que as produções existentes estão pautadas em ensaios de monografias, artigos, teses e dissertações que estão distantes de ser o ideal para compor um referencial teórico consistente, por se tratar de pesquisas isoladas onde as produções acadêmicas visavam apenas à obtenção do título, não havendo assim uma preocupação em desenvolver uma pesquisa no intuito de trazer informações novas desse grupo social. Moonen (2011) afirma que as pesquisas existentes são repetições do que já foi produzido, havendo assim poucas novidades nessa área de pesquisa.

Uma das possíveis hipóteses encontra-se ancorada no motivo de que os povos ciganos durante sua trajetória histórica não deixaram registros escritos do que se refere a sua origem. Devido a essa ausência documental há divergências sobre a real origem desse povo que tem intrigado os pesquisadores.

Sendo considerados ágrafos⁹, “A documentação sobre os ciganos é escassa, dispersa e parcial” (TEIXEIRA, 2009, p.12). O que se sabe é que suas experiências e vivências foram repassadas ao longo dos séculos através das tradições orais, de pais para filhos.

Há de se considerar que mesmo entre os tidos como ciganos, existem entendimentos divergentes entre ser ou não ser reconhecidamente um cigano. Para os ciganos mais velhos não há dúvidas, porém entre os jovens mesmo sendo reconhecidos pelos pais como ciganos, observa-se entre eles um processo de negação. Não fica claro esta questão de delimitação da comunidade no que se refere quem são e quem não são ciganos, à medida que os agregados criados fora da cultura cigana ora se identificam como ciganos, ora não.

Interessa-nos fazer um recuo na história sobre quem são esses sujeitos e de onde vieram. O objetivo deste recuo não é investigar o passado histórico deste povo ágrafo em sua totalidade, mas destacar quando eles chegaram às terras brasileiras, como eram tratados para então discorrer a respeito das histórias de formação ao longo da vida dos ciganos residentes em Pires do Rio-GO.

Os ciganos fazem parte do processo civilizatório nacional desde o século XVI, de acordo com o Guia de Políticas Públicas Para o Povo Cigano¹⁰ (BRASIL, 2014) e estão no rol das populações consideradas itinerantes, pois não fixam residência por longo tempo em um determinado local.

Segundo Simões (2007), a história da origem dos grupos ciganos não é determinada com exatidão e está envolto em uma conotação carregada de mistérios: “o povo cigano é

⁹ Que não tem representação escrita; que não está escrito nem pode ser representado por meio da escrita. Que não possui sinais gráficos. Que não tem uma forma escrita; sem registro escrito: cultura ágrafa. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/agrafo-2/>>. Acesso em: 09/01/2018.

¹⁰ A Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Social (SEPPPIR), por meio da Secretaria de Políticas para Comunidades Tradicionais (SECOMT), tem intensificado o diálogo com parceiros do Governo Federal para atendimento de políticas públicas específicas que garantam os direitos humanos, sociais e culturais dos povos ciganos. Os principais parceiros dessa ação são: Ministério da Cultura (MinC), Secretaria de Direitos Humanos (SDH), Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM), Ministério da Justiça (MJ) e Ministério do Meio Ambiente (MMA). As principais demandas apresentadas pelos povos ciganos estão voltadas para as áreas de educação, saúde, registro civil, segurança, direitos humanos, transferência de renda e inclusão produtiva. Principais Decretos relacionados à promoção dos povos ciganos: - Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007: institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais - Decreto de 25 de maio de 2006, que institui o Dia Nacional do Cigano, a ser comemorado no dia 24 de maio de cada ano. Destaca-se que a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República e a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República apoiarão as medidas a serem adotadas para comemoração do Dia Nacional do Cigano.

identificado na história a partir do ano de III A.C. Entretanto, há evidências que localizam sua suposta origem no norte da Índia, mais exatamente na região do Punjab, onde hoje se encontra o Paquistão” (SIMÕES, 2007, p.18).

Essa provável origem ganha força através de estudos realizados com os demais povos, os quais se localizam naquela região, sendo que foi analisada a cor da pele, vestimentas, semelhanças físicas e semânticas, uso em excesso de adornos com muito brilho e cores fortes.

Frans Moonen (2011) diz:

Na realidade, todas as teorias (e inúmeras fantasias, mitos e lendas) sobre a origem dos ciganos não passam de mera especulação e não têm nenhuma comprovação empírica. Até hoje, apenas as semelhanças das línguas ciganas com o sânscrito parecem devidamente comprovadas, pelo que os ciganólogos costumam admitir que os ciganos são originários da Índia. Mas isto também é tudo e, como já dissemos somente a semelhança linguística na realidade não comprova coisa alguma. (FRANS MOONEM, 2011, p.12).

A teoria ou hipótese mais aceita, conforme o Guia de Políticas Públicas Para o Povo Cigano (2014), fundamenta-se no seguinte:

Os ciganos são originários da Índia e há cerca de mil anos começaram a se dispersar pelo mundo, espalhando-se pela Europa, África do Norte, América e Austrália, e se constituem como nômades seminômades e sedentários, conservando seus hábitos e costumes. A maioria atuando em várias áreas profissionais, principalmente no comércio, na música e na dança, como também na buenaditcha, ou seja, a leitura das linhas das mãos. Muitos, por falta de melhor oportunidade educacional, não conseguem avançar em outras profissões. (2014, p.5)

Conforme Moraes Filho (1981) há relatos que os ciganos passaram pelo Egito, Grécia, Irã, Ásia Ocidental, Romênia, chegando a Europa no século XV, vindo dos Pirineus e entrando na Espanha, os quais viajavam em “bandos” não muito numerosos que segundo o autor citado a distribuição desses “bandos” pelo mundo foi gradual e irregular o que provavelmente pode ter deixado um rastro na história que confunde a sua verdadeira origem.

Por onde passavam com suas comitivas os ciganos sempre eram maus vistos pela população local, especialmente pelas autoridades religiosas e governamentais.

Moraes Filho (1981) informa que devido a esse processo de banimento, ao chegarem a terras novas, pediam o esquecimento dos delitos praticados e reivindicavam a paz, que era transitória e enganadora por parte dos governantes, sendo esses sujeitos obrigados a abandonarem seus afazeres e novamente buscarem abrigo em outras localidades.

Ao longo da história, os ciganos foram perseguidos, excomungados, eram tidos como bruxos, vadios heréticos (PERIONI, 2000). Eram odiados pela sociedade por não professarem a fé católica bem como por não se submeterem às normas sociais impostas por outras culturas, pois os povos ciganos não possuem uma pátria, sua pátria corresponde ao local onde estão no residindo no momento.

O vocábulo cigano é carregado de implicações e interpretações “é um termo genérico inventado na Europa do século 15 e que ainda hoje é adotado, apenas por falta de outro melhor”. (FRANS MOONEM, 2011, p.13). Atualmente, os especialistas ciganos e não ciganos que estudam esse grupo social classificam a existência de três grupos principais e destes com seus subgrupos espelhados pelo mundo:

1. Os **Rom**, ou Roma¹, que falam a língua *romani*; são divididos em vários sub-grupos, com denominações próprias, como os Kalderash, Matchuaia, Lovara, Curara e outros. São predominantes nos países balcânicos, mas a partir do Século 19 migraram também para outros países europeus e para as Américas.
2. Os **Sinti**, que falam a língua *sintó*, são mais encontrados na Alemanha, Itália e França, onde também são chamados Manouch.
3. Os **Calon** ou Kalé, que falam a língua *caló*, os “ciganos ibéricos”, que vivem principalmente em Portugal e na Espanha, onde são mais conhecidos como Gitanos, mas que no decorrer dos tempos se espalharam também por outros países da Europa e foram deportados ou migraram inclusive para a América do Sul. (FRANS MOONEM, 2011, p.13).

No Brasil, estão presentes desde os primeiros séculos da colonização, que datam dos séculos XVI e XVII (PERIONE, 2000), condenados ao degredo pelo governo português após várias perseguições dos nobres, que adotaram uma política considerada necessária para limpar, excluir essa raça indesejável de Portugal. Os motivos apontados para justificar tal atitude fundamentam-se no entendimento das autoridades que esses sujeitos eram “ladrões de galinha, de cavalos e de crianças”. (TEIXEIRA, 2009, p.119).

Segundo Teixeira (2009) o degredo¹¹ dos ciganos para o Brasil contou com a interferência da igreja católica, pelo fato desses sujeitos não aceitarem o catolicismo, sendo que eles apenas eram mencionados no momento em que as autoridades locais ficavam inquietas com a presença deles ou quando eram acusados de roubar cavalos ou outros objetos.

¹¹ A primeira lei portuguesa a impor o degredo data de 28 de agosto de 1592. Os homens deveriam se integrar à sociedade ou abandonar o Reino, em no máximo quatro meses, do contrário ficavam sujeitos à pena de morte e suas mulheres seriam degredadas de forma perpétua para o Brasil.

Um decreto de 18 de janeiro de 1677 impôs o degredo de ciganos para a Bahia ou para as capitânicas do Maranhão, Paraíba, Pernambuco e Rio de Janeiro, entre outras. Também o deportação entre colônias foi imposta a ciganos infratores por diversas vezes e sob vários pretextos. Houve ainda tentativas de separar homens e mulheres, com o objetivo da extinção dos ciganos como povo. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&id=914%3Aciganos-no-brasil>. Acesso em: 23/10/2017

Em terras brasileiras a grande maioria dos ciganos pertence ao grupo Ron ou ao grupo Calon. Cada qual com suas características peculiares, às quais envolvem profissão, estilo de vida, entre outros aspectos. Porém, assim como a história mundial pouco se sabe da veracidade da inserção desses sujeitos em solo brasileiro. Os documentos são insipientes conforme afirma Teixeira (2008) em sua tese de mestrado:

Quase nada sabemos sobre os ciganos brasileiros na atualidade. As pesquisas até agora realizadas no Brasil provam a existência de ciganos de pelo menos dois grupos diferentes: os Calon que migraram para o país, voluntária - ou compulsoriamente, já a partir do Século XVI, e os Rom que, ao que tudo indica, migraram para o Brasil somente a partir de meados do Século XIX. Nenhuma publicação trata de ciganos Sinti, mas que com certeza também devem ter migrado para o Brasil, junto com os colonos alemães e italianos, a partir do final do Século XIX. Segundo dados oficiais, de 1819 a 1959 migraram para o Brasil 5,3 milhões de europeus, dos quais 1,7 milhão portugueses, 1,6 milhão italianos, 694 mil espanhóis, 257 mil alemães e 125 mil russos. (TEIXEIRA, 2008, p.12).

De acordo com Teixeira (2008), o termo cigano vem carregado de muitas inquietações relacionadas tanto à semântica como também às questões antropológicas. De forma geral, os povos que se reconhecem como ciganos não professavam a religião católica à medida que os sacramentos, batismos, casamentos e demais costumes da igreja não eram respeitados por eles. Por esses e outros motivos foram imputados a eles adjetivos negativos tanto que eles foram perseguidos, excomungados e criminalizados pelas autoridades religiosas que também duvidavam desses povos por terem nacionalidade desconhecida ou incerta.

Moraes Filho (1981) na obra “Os Ciganos no Brasil e o Cancioneiro dos Ciganos” dá um direcionamento através de outros escritos de como esses sujeitos eram classificados em outras terras. Então vejamos alguns apontamentos:

1. Para Aventinus, os ciganos correspondiam às hordas pertencentes às fronteiras da Hungria e Turquia, já para os sábios modernos como Grellmann, Groffunde, Maredene Hooylanda postulam que os ciganos são párias¹² da Índia que foram expulsos em 1398, aparecendo em 1417 no continente Europeu.

2. Na Turquia acreditavam ser hordas de tribos vindos do Egito e que fazendo uma comparação analógica das palavras romi ou rom interpretada como homem relacionado ao Egito. Logo para os turcos os ciganos são de origem egípcia.

3. Constâncio acredita que o termo cigano corresponde a uma variante da palavra Zangui, localizada entre a Etiópia e o Egito, porém afirma que esses sujeitos apenas viveram nesta localidade após serem expulsos da Índia sendo sua pátria natal.

¹² Pária - Indiano que não pertence a nenhuma casta e é desprezado pelas outras. = intocável. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa://www.priberam.pt/dlpo/p%C3%A1ria Acesso em: 21-07-2017.

4. Para o escritor lexicógrafo (dicionarista) o termo cigano corresponde a uma raça de vagabundos que provavelmente vieram do Egito, são enganadores que se dizem prever o futuro através das linhas das mãos.

5. Para os ingleses este termo faz alusão ao Egito classificando-os como Gipsies. No entanto, dizem que eles são quase egípcios e denota que continuam com nacionalidade indefinida.

6. Na visão de Jobert de Possa os ciganos são descendentes de árabes e mouros e que conforme os mais recentes estudos, os ciganos são um povo errante os quais se acreditam serem ferreiros, ourives, embusteiros e que foram os responsáveis por apresentar o bronze na Europa.

Teixeira (2009) cita como era o entendimento dos representantes da igreja no olhar do Padre Raphel Bluteau, em relação aos ciganos, no primeiro dicionário do século XVIII editado em português:

Ciganos - Nome que vulgo dá a uns homens vagabundos e embusteiros que se fingem naturais do Egito e obrigados a peregrinar pelo mundo sem assento nem domicílio permanente, como descendentes dos que não quiseram agasalhar o Divino Infante quando a virgem Santíssima e S. José peregrinaram com ele pelo Egito. (TEIXEIRA, 2009, p.18).

Sob o olhar da igreja católica, depois de transcorrido um século após a publicação da primeira edição do dicionário sob os cuidados e direção do brasileiro Antônio Moraes Silva, o termo cigano continuou sendo definido com sentido pejorativo que os desqualificavam. Dessa forma, o termo no século XVIII, conforme Antônio Moraes Silva é “Raça de gente vagabundo que diz que vem do Egito, (...) Cigano, adj. Que engana com arte, sutileza e bons modos”. (TEIXEIRA, 2009, p.13).

No Brasil, o primeiro documento de registro confirmando a presença dos ciganos em território brasileiro é o Alvará de Don Sebastião, de 1574 o qual decreta o exílio do cigano João Torres acompanhado de sua família. Aqui chegando, eram os únicos responsáveis pela sua própria sobrevivência conforme Perioni (2000).

Assim que desembarcaram na nova terra, sendo considerados a escória da civilização, eles não se adaptaram ao convívio social nas cidades, pois eram vítimas da hostilidade e olhares constrangedores da população provinciana, que os consideravam pessoas incivilizadas, que não poderiam estar misturados com os demais habitantes da cidade.

Os ciganos nas cidades brasileiras estavam em dissonância com os ideais de civilização e progresso, tão marcantes deste período. São identificados como elementos incivilizáveis, inúteis a sociedade, supersticiosos, corruptores dos costumes, vândalos enfim, uma anomalia social e racial. Uma vez vistos dessa maneira, as autoridades tentavam controlá-los, porém sem grande eficácia. (TEIXEIRA, 2009, p.12).

Durante o período da colonização, foram considerados como hereges imundos e desprezíveis “perturbadores da ordem” responsáveis pelos mais hediondos crimes, (TEIXEIRA, 2009). Assim, sua cultura ou história pouco interessava.

Contemporaneamente, ainda são vítimas de preconceitos, resultados de resquícios históricos por não possuírem uma identidade definida de seu povo. Mas, alguns grupos familiares ou “clãs” estão resistindo e adaptando-se às diversas e inevitáveis transformações impostas pela sociedade moderna à medida que buscam sua permanência no convívio social.

Frans Moonen (2011) informa que “os ciganos são os principais protagonistas de seu destino” considerados como pertencentes a uma pequena etnia. Essa população passou a ter a atenção do Governo Federal por ocasião da sanção do Decreto de 25 de maio de 2006, que cria o dia nacional do cigano estipulado para 24 de maio.

Desde o ano de 2007, os ciganos ganharam proteção através da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, porém não se vê garantido a eles o direito de exercer a cidadania com acesso aos benefícios básicos como saúde, moradia, direito a educação itinerante, acesso a assistência social, aquisição e registros de documentos e demais programas, incluindo a cultura dessa população nômade, conforme prevê o “Guia de Políticas Públicas Para Ciganos” (BRASIL, 2014). Os direitos e benefícios já preconizados em leis, na prática não estão sendo efetivados por falta de conhecimento e interesse governamental.

Segundo Moonen (2011) os estudos que abordam os ciganos no Brasil são insuficientes ou raros. Ele diz:

Isto porque a quantidade e a qualidade dos ensaios sobre ciganos brasileiros deixam muito a desejar. E praticamente inexitem estudos sobre o anticiganismo e os direitos ciganos no Brasil. A produção ciganológica existente é insuficiente para alguém escrever um tratado sobre a situação dos ciganos brasileiros na atualidade. Para preencher esta lacuna, antes de tudo será necessário que sejam realizadas mais e melhores pesquisas sobre as minorias ciganas, em geral e no Brasil. (MOONEN, 2011, p.06).

Diante da falta de literatura específica aliada à falta de conhecimento tanto da população cigana, como também de outras culturas, os ciganos vêm sendo hostilizados e taxados de pessoas desonestas, malandros, baderneiros, ladrões e oportunistas (PERIONE, 2000).

Segundo Teixeira (2009), tais adjetivos acrescidos de imorais, sem honra, gananciosos e sujos, imputado a esse povo pelo senso comum, fez com que se criem uma barreira social que os separam de outros grupos sociais.

No Brasil, eles são reconhecidos como sujeitos de direitos se brasileiros natos. É fato que muitos desses direitos são violados ou ignorados pela grande massa populacional. No entanto, na atual conjuntura relacionada às Políticas Públicas Sociais, bem como dos direitos humanos conforme o art. 215 da Constituição Federal, (BRASIL, 1988) é garantido a todos o direito de suas manifestações culturais.

Sendo o Brasil um país com proporções continentais oriundo da formação miscigenada de várias etnias, certamente ainda há um longo caminho a ser percorrido, sendo que primeiramente deve-se valorizar seu povo e as múltiplas manifestações culturais livres de segregações e de preconceitos.

1.1 Um Olhar no Guia de Políticas Públicas para Ciganos

É fato que os costumes e a forma de vida dos povos reconhecidos como ciganos vem, ao longo dos anos, passando por constantes mudanças, o que fatalmente incide na maneira como esses sujeitos vivem em sociedade. Atualmente, o que antes era uma regra não escrita, mas vivenciada pelos grupos ou famílias ciganas, grande parte não se aplica aos ciganos contemporâneos. Interessante frisar que suas tradições e ensinamentos foram transmitidos por meio da oralidade, não havendo entre eles escritores que registrassem suas histórias e conhecimentos, pois não eram escolarizados.

Conforme sua cultura, eles não tinham a necessidade de estudarem. Tudo que sabiam e necessitavam aprender eram os mais velhos e o grupo familiar que ensinavam.

Essas e outras características que envolvem a saga do povo cigano, por não possuírem muitos registros, foram apontadas nos escritos de Moraes Filho (1981), Teixeira (2009), Pieroni (2000) entre outros pesquisadores. No entanto, as novas gerações vivenciam outras realidades. Atualmente, frequentam as escolas, são escolarizados e possuem condições de registrar como vivem os ciganos e qual é o lugar deles na sociedade moderna, a partir das vivências percebidas pelos próprios. Mas, isto não acontece com os ciganos residentes nesta urbe, que pouco se interessam em manter vivas as tradições ciganas, as quais não foram vivenciadas por eles.

Considerando que os valores e as demandas dos ciganos apresentam-se diferenciadas em relação aos seus antepassados, esses sujeitos estando inseridos numa sociedade não cigana necessitam que sejam direcionadas políticas públicas adequadas para os mesmos. Pesquisas recentes abordam que há uma lacuna que tornam esses sujeitos invisíveis devido à dificuldade de um levantamento consistentes sobre o número de pessoas que se reconhecem como

ciganos. Nesse sentido, vários problemas são apontados, principalmente à identificação, entendendo que muitos não possuem documentação de registro civil.

Em 2016, foi realizada uma pesquisa exploratória junto ao IBGE de Pires do Rio-GO com o objetivo de obter informações do número de ciganos que residem neste município. A pesquisa mostrou-se infrutífera no momento em que o servidor informou que não há registros nos arquivos do IBGE que identificam esses sujeitos. Isso é mais um indício de que há invisibilidade dos ciganos neste município.

Essa questão foi percebida também quando questionamos o secretário escolar da Escola Municipal Sebastião Antônio Leite, sobre qual era o número de alunos ciganos que passaram na unidade escolar. Ele informou que não há na ficha de matrícula o quesito que identifica a etnia dos alunos.

Para minimizar este conflito da falta de informações, o MDS – Ministério do Desenvolvimento aconselha que se realize uma tarefa conjunta entre os órgãos administrativos com o objetivo de realizar um levantamento de identificação e monitoramento capaz de fornecer dados confiáveis para que as Políticas Públicas¹³ para os ciganos sejam implementadas. Esta ação conjunta deve contar com a colaboração e participação das chamadas “Redes de Proteção¹⁴”, Assistência Social, Secretaria de Educação, Secretaria de Saúde, Secretaria dos Direitos Humanos, Conselho Tutelar, Conselho Municipal da Criança e do Adolescente, Associações de Bairros, Igrejas entre outras. Feito isto, após a identificação dos sujeitos e quais são suas demandas, deve-se entrar em contato com a Coordenação do CAD para que seja feito o cadastramento no Banco de Dados.

O que representa o “Guia de Políticas Públicas Para Ciganos”? Quais são seus objetivos? As propostas nele contidas são do conhecimento dos ciganos de Pires do Rio-GO que são os maiores interessados?

Em uma pesquisa realizada no site oficial do SEPPIR¹⁵ - Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, este Guia representa os primeiros passos para implantação de programas governamentais que atentam as demandas e especificidades dos povos ciganos, com

¹³ Políticas públicas é um conjunto de ações e programas desenvolvidos pelo Estado, através dos seus governos, para garantir e colocar em prática direitos que são previstos na Constituição Federal. Além desses direitos, outros que não estejam na lei podem vir a ser garantidos através de uma política pública. Isso pode acontecer com direitos que, com o passar do tempo, sejam identificados como uma necessidade da sociedade. As políticas públicas existem em todas as esferas de governo, ou seja, há ações em nível federal, estadual e municipal. E podem estar presentes em todas as áreas, como saúde, educação, segurança, moradia, transportes, trabalho, assistência social e meio ambiente. Disponível em: <<https://www.todapolitica.com/politicas-publicas/>>. Acesso em: 14/12/2017.

¹⁴ As Redes de Proteção funcionam como uma força conjunta para garantir que os direitos adquiridos sejam postos em prática. São órgãos e entidades públicas e privadas que atua em prol do resgate a cidadania, respeito, proteção bem como fiscalizam as ações do governo.

¹⁵ Criada pela Medida Provisória nº 111, de 21 de março de 2003, convertida na Lei 10.678, a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República nasce do reconhecimento das lutas históricas do Movimento Negro brasileiro. Disponível em: <<http://www.seppir.gov.br/sobre-2/institucional>>. Acesso em 14/12/2017

o objetivo de promover a “equidade e respeito aos ciganos que juntos, com outras etnias, são o passado, o presente e o futuro do Brasil. (Guia de Políticas Públicas Pra Ciganos, p.4, 2014)”.

O primeiro contato que tive com este documento é fruto de um e-mail enviado no dia 23 de abril de 2016, para o Serviço de Informação ao Cidadão – SIC - para a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República com o seguinte teor: “Sou estudante de mestrado em educação na UFG e gostaria de receber materiais referentes à educação cigana, políticas públicas, estatuto da igualdade racial e demais produções referentes a esse povo e sua cultura”.

A devolutiva me surpreendeu pela celeridade e no dia 28 de abril, a atendente A.P.S enviou-me e-mail solicitando endereço para despachar os documentos solicitados, que posteriormente chegaram em tempo hábil para leitura e apontamentos. De posse do material enviado foi possível realizar uma leitura minuciosa e identificar inúmeras informações referentes aos marcos legais que garantem direitos aos povos ciganos, que segundo informações contidas no Guia de Políticas Públicas Para Ciganos (2014) podemos arrolar:

- I** - Decreto de 25 de maio de 2006, que institui o dia 24 de maio como o Dia Nacional do Cigano.
- II** – Decreto 6.040, de 07 de fevereiro de 2007, que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidade Tradicionais;
- III** – Portaria nº 1.820, de 13 de agosto de 2009, do Ministério da Saúde, que dispõe sobre os direitos e deveres dos usuários da saúde, e que afirma - no paragrafo único do art. 4º - o princípio da não discriminação na rede de serviços da saúde;
- IV** – Portaria nº 940, de 28 de abril de 2011 do Ministério da Saúde, que regulamenta o sistema do cartão Nacional de Saúde [...];
- V** - Parecer CNE/CEB nº 14/2011 e Resolução CNE/CEB nº 03/2012, que definem diretrizes do Conselho Nacional de Educação para o Atendimento em Educação Escolar para a População Itinerante;
- VI** - Portaria nº 1, de 28 de fevereiro de 201, da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão/Ministério da Educação, que institui o Grupo de Trabalho para acompanhar a implementação da Resolução CNE/CEB nº 03/2012, no que se relacione as populações ciganas;
- VII** – Inclusão no CadÚnico – Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal – de marcador específico para identificação de famílias ciganas.

O item VII expressa bem o que foi realizado dia 11 de novembro de 2016 em uma investigação exploratória, tendo a priori como meta localizar as famílias ciganas residentes em Pires do Rio-GO. Esse processo de identificação proporcionou a produção de dados relacionados ao tipo de família, número de moradores ciganos, religião, escolaridade, tipo de moradia que certamente nenhum órgão público tem acesso. Não sabe quem são, onde mora, o

que fazem, quais são suas necessidades e conflitos. Tais informações sendo investigadas com mais rigor e metodologia específica certamente poderiam fazer parte do sistema do CadÚnico do Governo Federal.

Há, portanto a necessidade de se conhecer esses sujeitos tirando-os da invisibilidade social para que as Políticas Públicas possam ser realizadas de forma efetiva e que representem os interesses desses sujeitos que foram hostilizados pela população e esquecidos historicamente pelo poder público durante séculos.

O Guia de Políticas Públicas Para Ciganos (BRASIL, 2014) apresenta-se dividido em quatro Eixos Temáticos: o **Eixo I** – Direitos humanos, **Eixo II** – Políticas Sociais e de Infraestrutura, **Eixo – III** Políticas Culturais, **Eixo – IV** Acesso a Terra, os quais explicam de maneira pormenorizada o passo a passo para ter acesso a todos os benefícios do programa. Neste caso, competem às secretarias e órgãos administrativos dos governos federal, estaduais e municipais, em harmonia com os três poderes executivo, legislativo e judiciário tomem conhecimento para que tais benefícios possam ser realidade para aqueles que realmente necessitam, pois entendemos que os ciganos, não escolarizados ou com pouco conhecimento, não conhecem as leis de Proteção e as Políticas Públicas a eles disponibilizadas.

Este documento representa um avanço que legitima a igualdade e dá aos grupos minoritários mais cidadania, deixando-os em uma condição mais humana, digna e respeitosa em comparação com os demais cidadãos. Sendo um documento contemporâneo há a necessidade de sair das gavetas, começando pelos municípios, através das Secretarias de Educação, Saúde e Ação Social, para realizarem a localização e o cadastramento de cada cigano, pois para os mais velhos eles nada conheciam de seus direitos, são uma etnia minoritária, tudo que precisavam aprender ou conhecer se resumia nas experiências de vida transmitidas por seus antecessores mais velhos.

Essa nova realidade social na forma de vida dos ciganos, que atualmente tem outros conhecimentos adquiridos nas escolas, paulatinamente configura os aprendizados dos jovens que após terem mais esclarecimentos dos seus direitos, farão parte de um processo formativo diferenciado daquele que seus antepassados tiveram e vivenciaram.

1.2 Os Sujeitos da Pesquisa

A população cigana sempre despertou em mim curiosidade e admiração, algo misterioso, uma vontade em saber quem é esse povo que a sociedade historicamente ao longo dos anos adjetivou com inúmeras maneiras pejorativas.

A primeira família cigana que recebeu minha visita foi da cigana Eco, que tinha um filho estudando na escola onde eu trabalhava como professor, porém eu não era o professor dessa criança.

O critério de escolha para que essa fosse à primeira família a ser visitada é o fato de ter conversado com essa senhora em alguns momentos na porta da escola sendo que a receptividade em estar dialogando comigo era muito tranquila. Outro fator que reforça tal escolha está ancorada em saber o local de residência desta senhora.

Deixo registrado aqui que tive preocupação em começar a realização desta atividade, talvez ainda estivesse carregado de preconceitos e julgamentos, os quais deveriam ser despidos naquele momento para que os resultados da pesquisa fossem satisfatórios.

Munido de muitas inquietações e questionamentos fui a campo apenas com caneta e papel, dirigi-me para primeira residência, que fica no Bairro Nadin Saud, para realizar a primeira produção de dados para a pesquisa.

Ao realizar esse exercício veio em minha memória fatos do passado que vivenciei quando era apenas uma criança curiosa. Neste mesmo bairro onde hoje encontra-se urbanizado e com várias famílias ciganas residindo em casas de alvenaria é o mesmo que eles montavam suas barracas nas pastagens paralela a estrada de ferro.

Cheguei à residência da cigana Eco por volta das 09 h 35min sem ter marcado previamente um horário, pois já éramos conhecidos da escola Sebastião Antônio Leite. Quebrei o clima cumprimentando primeiro a criança, em seguida sua mãe que estava nos afazeres domésticos. Logo, a cigana reconheceu-me como sendo o professor da escola onde seu filho estudava. Após esse reconhecimento facilitou a primeira iniciativa da conversa. Como era algo novo que trazia certa desconfiança tanto para pesquisador como para o pesquisado, pedi licença e apresentei-me como professor pesquisador. Informei que se tratava de uma pesquisa universitária¹⁶ com os ciganos que residem na cidade de Pires do Rio-GO.

Não tive problemas em realizar essa primeira conversa. A preocupação que antes era muito forte foi gradualmente perdendo força o que facilitou muito este primeiro contato, deixando-me mais calmo para as visitas posteriores nas demais residências daqueles, os quais eu ainda não tinha contato.

Inicialmente, indaguei sobre o marido e ela respondeu que ele não se encontrava em casa. Perguntei se poderia/queria participar da pesquisa em andamento e justifiquei que os

¹⁶ Acredito que ao dizer pesquisa universitária não fez sentido algum para cigana Eco que desconhecia o teor de tal abordagem, porém fui recebido com tranquilidade.

nomes não seriam citados se assim quisessem. Diante da resposta positiva, iniciei a pesquisa exploratória, deixando a narradora à vontade para relatar sobre o que fora questionado, sendo que as informações produzidas foram anotadas de imediato no intuito de não perder nenhuma informação. Esta primeira visita, considero como sendo o ponto de partida para outras descobertas, pois foi neste primeiro contato que Eco disse da existência de demais famílias ciganas, apontando os possíveis locais das residências até então desconhecidas pelo pesquisador.

Na fala de Eco apontando as demais famílias ciganas já era do conhecimento do pesquisador a existência das mesmas através das práticas laborativas na unidade escolar, porém não era do conhecimento do pesquisador a quantidade e local das residências.

Tive a oportuna ajuda de uma criança cigana, aluno da escola Sebastião Antônio Leite, filho de Eco, que me conduziu até a próxima residência de outra família que me proporcionou mais tranquilidade e confiança no momento em que quando se chegava com um dos membros das famílias ciganas nas demais residências, havia facilidade na comunicação. Esse processo de interação e acompanhamento foi executado com todas as famílias localizadas no Bairro Nadin Saud, sendo que as demais do Bairro Santa Cecília já eram conhecidas do convívio escolar.

Todas as famílias foram receptivas em contribuir com as informações. Dessa forma, ao iniciar as entrevistas sugeri para que todos os narradores relatassem sobre suas famílias, seus parentes e como chegaram e permaneceram nesta cidade. Após perceber a facilidade e o interesse em narrar suas experiências de vida, realizei algumas perguntas para melhor compor minha pesquisa.

O primeiro questionamento referia-se ao nome e se o narrador se reconhecia como sendo um cigano. Daí por diante a conversa foi fluída e eles traziam várias informações durante a explanação das lembranças de sua vida cigana, sem que houvesse interferência.

Algumas intervenções foram feitas no momento em que se percebeu que questões importantes ainda não haviam sido explicitadas conforme o objetivo desta primeira abordagem. Dessa forma, foram feitos questionamentos relacionados à religião, profissão, tipo de família, idade, qual era o tipo de residência, se era própria ou alugada, número de integrantes ciganos e não ciganos na família e principalmente questões relacionadas à formação escolar, nível de escolaridade de cada membro da família, se gostavam de estudar ou por qual motivo pararam ou nunca frequentaram uma unidade escolar.

Os questionamentos foram úteis para nortear o rumo da pesquisa, que primeiramente seria abordado o processo de escolarização cigana das crianças que estudavam na escola Sebastião Antônio Leite. Devido ao caráter investigativo do processo de formação que acontece ao longo da vida optou-se em pesquisar os ciganos mais velhos não escolarizados. Desta forma, a pesquisa evidencia as práticas formativas em uma dimensão experiencial sobre o conhecimento de si enquanto sujeitos que aprendem, por meio das experiências vividas fora dos espaços escolares.

Na realização desta primeira entrevista, as informações ainda estavam dispersas, devido ao caráter exploratório da pesquisa que era realmente traçar o perfil e identificar os sujeitos-chaves, que iriam fornecer as informações para o desenvolvimento desta dissertação. É oportuno mencionar que neste primeiro momento, as informações eram difusas, onde vários membros das famílias presentes opinavam sobre suas impressões de vida cigana, o que não descaracteriza o valor e fidelidade na produção dos dados que irão compor o perfil dos sujeitos pesquisados.

Devido ao fato de saber que existe um conflito na história referente à origem dos povos ciganos, veio à baila o questionamento que as várias ciências ainda não conseguiram elucidar com precisão. Foi questionado o grau de conhecimento que os sujeitos ciganos têm sobre suas origens históricas, bem como o saber de suas origens ciganas enquanto território brasileiro. De qual estado vieram antes de fixarem residência aqui no município de Pires do Rio-GO.

Os questionamentos realizados de forma oral relacionado à religião, família, escola, casamento, trabalho, viagens, origens e moradia embora fossem os mesmos para todas as famílias entrevistadas, não seguiram um mesmo padrão comum, pois os narradores, em muitos momentos, já respondiam algumas sem que houvesse a necessidade de direcionar as perguntas características da pesquisa exploratória, sem roteiros predeterminados.

A cada família visitada, as informações eram anotadas de imediato, pois se percebeu um grande interesse em estar narrando¹⁷. A impressão que tive foi que eles sentem necessidades de estar contando sobre suas vidas, relatando também os descontentamentos com os representantes políticos da cidade de Pires do Rio-GO.

As visitas aconteceram todas em um único dia, devido à urgência em produzir dados contundentes para nortear a pesquisa bem como a facilidade e proximidade de

¹⁷ Nas visitas de caráter exploratório notou-se a necessidade e vontade em estar narrando, porém em outro momento nas pesquisas com entrevista semiestruturada que foram gravadas notou-se certo desconforto.

localização das famílias ciganas, as quais estão distribuídas em quatro bairros, todos próximos uns dos outros.

Foram localizadas 04 (quatro) famílias no Bairro Nadin Saud, 01 (uma) no Bairro São Sebastião, 03 (três) no Bairro Santa Cecília e 01 (uma) no Bairro São Miguel que podem ser identificadas conforme demonstrativo no mapa.

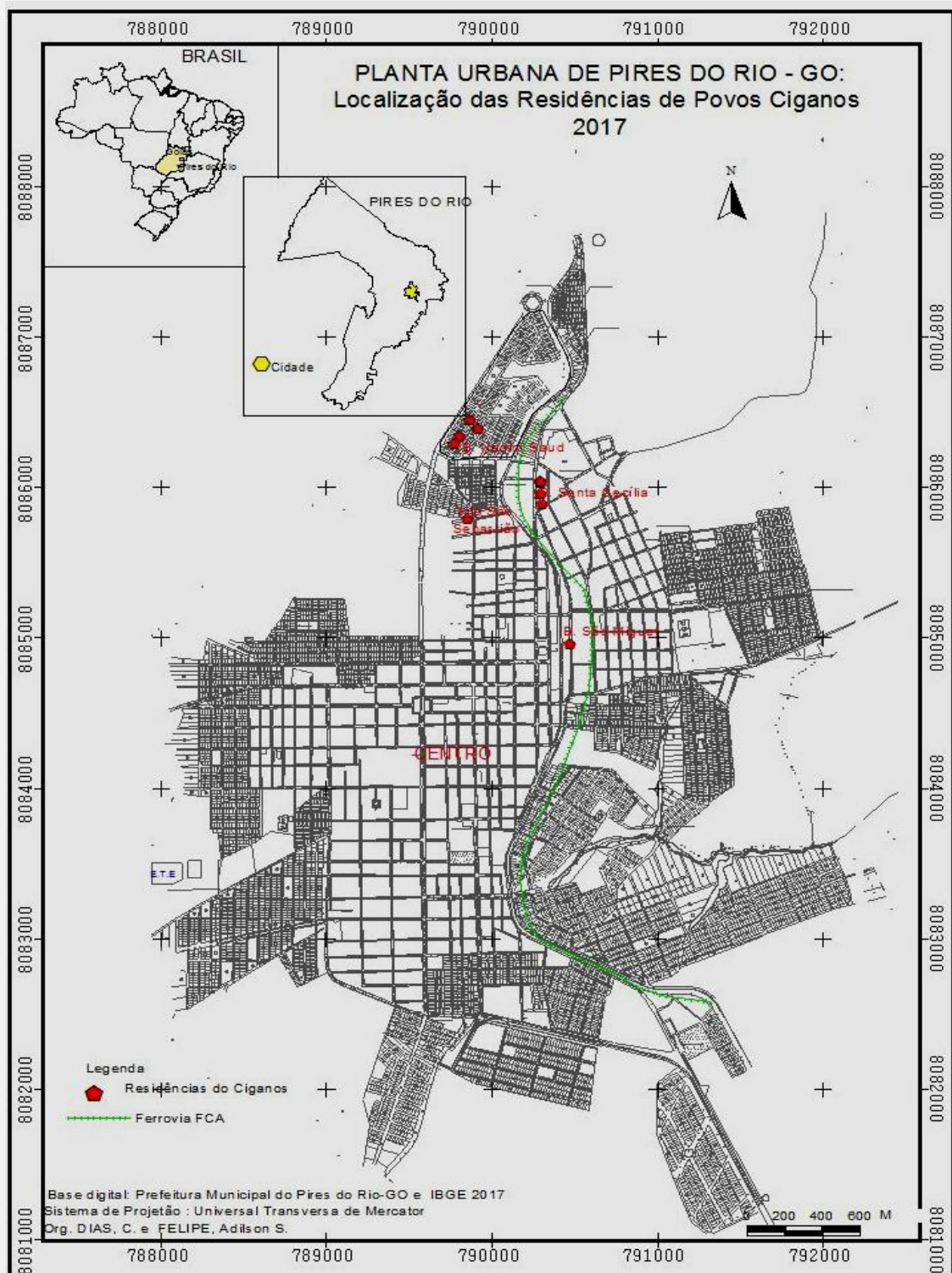


Figura 1 – Mapa da cidade de Pires do Rio - GO localização das famílias ciganas.
Org.: FELIPE, A. dos R. 2017.

A cada visita realizada o pesquisador indagava se haviam outras famílias ciganas nas imediações, e se eles eram parentes. Diante da resposta positiva dirigimos para a próxima família indicada, acompanhado por um membro da família anterior que juntamente comigo, localizamos três famílias.

Surpreendi-me com as visitas realizadas e principalmente por perceber que muitos dos ciganos identificados transitavam aqui e ali sem jamais despertar a desconfiança de suas origens, o que deixou claro que realmente esses sujeitos são anônimos e estão mimetizados entre nós não ciganos.

Essa atividade de localização e identificação das famílias ciganas constituiu-se como um exercício importante nesta fase da pesquisa, pois proporcionou a identificação das famílias até então invisíveis, residentes no município de Pires do Rio-GO. Famílias que fazem parte do convívio social de muitos cidadãos piresinos¹⁸, porém encontram-se mimetizados e anônimos, especialmente pelos gestores municipais.

1.3 Resultados dos Dados da Pesquisa Exploratória

Segundo Gil (2008) “Pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar uma visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato” (GIL, 2008, p.27). O autor prossegue dizendo que a pesquisa exploratória funciona como um importante mecanismo capaz de modificar conceitos preexistentes, desenvolver ideia acerca do objeto à medida que a formulação da situação problema pode encaminhar para hipóteses até então ignoradas. De acordo com autor, este tipo de pesquisa apresenta menor rigidez no planejamento, pois são planejadas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato ou objeto.

As abordagens em pesquisas exploratórias representam um diagnóstico que possibilita explorar novas alternativas e ideias, independente se o pesquisador possuir ou não determinado conhecimento desse objeto.

As informações obtidas durante as entrevistas exploratórias nos serviram para mapear o campo investigativo o que possibilitou a identificação de 09 (nove) famílias que se reconhecem como ciganas, e que possibilitou a compilação das informações preliminares.

¹⁸ Piresinos – adjetivo pátrio que se refere a todos aqueles que nasceram na cidade de Pires do Rio – GO.

Quadro 1 – “Dados da Pesquisa Exploratória”.

Quantidade de Famílias localizadas	09 - Todas localizadas, sendo 01 no Bairro São Sebastião, 01 São Miguel, 03 Bairro Santa Cecília e 04 no Bairro Nadin Saud, todas em Pires do Rio-GO.		
Sexo/idade	Masculino	11 adultos	TOTAL 35
	Feminino	12 adultas	
	Masculino	03 jovens	
	Feminino	02 jovens	
	Masculino	07 crianças	
	Feminino	00 criança	
Quantidade que se reconhecem como ciganos	35		
Não são ciganos	04- São pessoas que foram incluídas no convívio das famílias ciganas através do casamento com aqueles que se recolhessem como ciganos.		
Religião	O povo cigano não tem uma religião própria ou sacerdotes de cultos religiosos, geralmente eles assumem a religião do País onde moram. Na cidade de Pires do Rio-GO eles se declararam católicos não praticantes e enfatizam que acreditam em Deus independente da religião. Essa característica fica bem pontuada nas entrevistas.		
Tipo de família	07 famílias patriarcais e 02 matriarcais, onde os patriarcas ou matriarcas são e se reconhecem como ciganos. Eles não sentem ou tem vergonha de suas origens.		
Tipo de residência	Chama bastante a atenção o tipo de residência que os ciganos de Pires do Rio-GO habitam, pois eles já não têm mais o hábito do nomadismo e já se acostumaram com a vida sedentária. Das 09 famílias localizadas 08 moram em casas de alvenaria e apenas 01 em barraca de lona, mas tem casa de alvenaria no mesmo lote.		
Tipo de residência própria ou alugada?	Apenas 02 famílias disseram que possuem casa própria. As outras 06 moram de aluguel e 01 em barraca.		
Importância que dão a educação	Em uma primeira sondagem todos disseram que valorizam a educação. No entanto, cada qual tem seu motivo particular pelo fato de nunca ter estudado ou abandonado os estudos. Essa questão será abordada ao longo da pesquisa.		
Escolaridade	11	Não escolarizados	
	01	2º grau completo	
	01	2º grau incompleto cursando	
	01	Cursou até o 9º ano	
	05	Cursou ou estão cursando o 7º ano	
	03	Cursou ou estão cursando o 6º ano	
	03	Cursou até o 5º ano	
	03	Estudaram até o 4º ano	
	02	Estão cursando o 2º ano Fundamental	
	02	Estão cursando o 1º ano fundamental	
	03	Bebês nunca frequentaram a creche	
	TOTAL	35 Ciganos	

Org.: FELIPE, A. dos R. Dez./2016.

Diante esses dados, chama à atenção a quantidade de sujeitos que se reconhecem como ciganos, mas que reforça a ideia de que estão mimetizados no convívio social, quem sabe talvez por uma busca de identidade ou instinto de proteção, sobrevivência, ocupação territorial, mercado de trabalho.

Foram identificadas, conforme depoimentos, 09 (nove) famílias ciganas no município de Pires do Rio-GO, totalizando 35 indivíduos que se reconhecem como ciganos.

Importante ressaltar que entre eles, 11 (onze), sendo (06) homens e (05) cinco mulheres, declaram nunca ter frequentado a escola, ou seja, 5,1% dos adultos não são escolarizados.

Os homens justificaram dizendo que os ciganos não precisavam frequentar a escola, pois o modo de vida deles era diferente, devido às constantes viagens realizadas pelos grupos familiares. Narraram preliminarmente que a escrita não era importante para eles, pois o que eles faziam no dia a dia, como gambira¹⁹, pequenos serviços e venda de animais, em especial os cavalos, eram suficientes para manter com os gastos da família/grupo.

As mulheres narraram que não frequentaram a escola porque casaram muito jovens e tudo que elas deveriam aprender para a vida era relacionado ao casamento, aprendido com os ciganos mais velhos, em especial as mães e avós que as ensinavam a cozinhar, lavar, costurar e a usar os adornos multicoloridos.

Apenas a narradora Delta declarou que lia sorte nas palmas das mãos. Essa cigana moradora do Bairro Nadin Saud, confirmou essa fala em outro momento durante a realização da pesquisa, que fora gravada e transcrita.

Outro fator apontado por elas confirma o que os homens relataram sobre as constantes mudanças dos grupos familiares, no entanto este não é o principal motivo, pois uma delas apontou que mulher cigana não precisava saber ler ou escrever, mulher cigana deve cuidar da família, dos filhos e do marido.

Certamente esses sujeitos saem do anonimato e engrossam as estatísticas relacionadas ao índice de não escolarizados no Brasil. Portanto, a pesquisa será direcionada para os sujeitos ciganos mais velhos, especificamente os que se declaram não escolarizados, tendo como justificativa o acúmulo das várias experiências vividas, as quais, em determinado momento, as vivências e aprendizados servem para a resolução dos conflitos do dia a dia.

Outros fatores merecem destaque neste primeiro momento de aproximação com os ciganos, como por exemplo, a questão que envolve a religião. Todas as famílias identificadas se reconhecem como católicas não praticantes acreditam em Deus, porém não frequentam com assiduidade as igrejas²⁰ e não possuem líder religioso.

Segundo Teixeira (2009), adjetivos tais como hereges, bruxos, feiticeiros, vadios, imputados aos ciganos, são devido ao fato desses sujeitos não seguirem os dogmas da igreja católica, pois eles não batizavam suas crianças, não casavam na igreja e possuíam atitudes que

¹⁹ Gambira: Expressão largamente usada em Goiás para negócio que se faz envolvendo troca de objetos móveis, imóveis e ou semoventes. O mesmo que permuta troca. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/gambira/>>. Acesso em: 20/06/2017. Este termo é amplamente utilizado entre os ciganos residentes em Pires do Rio-GO, pois a prática de compra e venda de diversos objetos ainda se faz presente na cultura desses sujeitos.

²⁰ Para os ciganos de Pires do Rio-GO o termo igreja não está relacionado apenas à igreja católica, pois eles quando dizem que vão a igreja pode ser tanto a católica quanto a evangélica.

contrariavam os bons costumes defendidos pela igreja. Assim, criaram antipatia dos padres e as perseguições ao longo dos séculos.

O que se percebeu nas famílias ciganas identificadas no município de Pires do Rio-GO foi uma realidade diferente, pois esses sujeitos assumem que acreditam em Deus e frequentam as igrejas, tanto as católicas como as evangélicas.

Nas nove famílias visitadas, percebeu-se que eles não tinham uma profissão formal para garantir a subsistência familiar, sendo comum que os ciganos se justifiquem como comerciantes de enxovais, panos de pratos, toalhas e gambireiros de cavalos e demais objetos.

A principal moradia dos ciganos do passado eram as barracas de lona ou tendas, devido ao constante processo de itinerância realizados por esses grupos. Atualmente o que se vê na cidade de Pires do Rio-GO é uma realidade diferente, pois todas as famílias localizadas estão residindo em casas de alvenaria alugadas ou próprias. As residências são simples e pequenas, desprovidas de grandes confortos típicas dos bairros periféricos, porém foi possível detectar que todas possuem água encanada, energia elétrica e banheiros, não sendo possível especificar as condições sanitárias dos mesmos.

Ao abordar a questão da moradia, os ciganos residentes em casas alugadas manifestaram uma constante preocupação em estar adquirindo sua casa própria, o que comunga com o problema da moradia no Brasil, que é uma necessidade básica de sobrevivência inerente a todos.

Conforme o Projeto de Lei do Senado do ano de 2015, art. 13, o poder público deve elaborar Políticas Públicas através da SEPPIR para assegurar a moradia adequada à população cigana, respeitadas suas particularidades culturais. Este Projeto reconhece que os ranchos e acampamentos representam a cultura e a tradição cigana, configurando-se como asilos invioláveis, mas que reconhece a necessidade de investir em moradias para os ciganos.

De acordo com o Guia de Políticas Públicas Para Ciganos (BRASIL, 2014), muitos benefícios importantes estão à disposição do povo cigano e estão ao alcance de todos. Primeiramente, deve-se realizar o CAD - Cadastro Único das famílias através de um estudo diagnóstico em cada município. Entre os benefícios disponibilizados é importante destacar alguns que se encontram aglomerados em quatro Eixos Temáticos, assim dispostos:

Quadro 2 – Eixos Temáticos do Guia de Políticas Públicas para Ciganos.

Eixo I - Dos Direitos Humanos	<ul style="list-style-type: none">• Certidão de Nascimento,• RG, CPF, CTPS,• Capacitação de Defensores Públicos para Direitos das Comunidades Tradicionais,• Direitos Humanos, Segurança nos Acampamentos, Mediação de Conflitos.
Eixo II - Políticas Sociais e de Infraestrutura	<ul style="list-style-type: none">• Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal,• PBF- Programa Bolsa Família,• Minha Casa Minha Vida,• Tarifa Social• Programa Luz para Todos,• Direito à Educação Itinerante• PRONATEC – Brasil sem Miséria,• Direito à Saúde e Programa de Saúde da Família,• Programa Saúde Bucal- Brasil Sorridente, Assistência Social.
Eixo III Políticas Culturais	<ul style="list-style-type: none">• Prêmio Culturas Ciganas
Eixo IV- Acesso a Terra	<ul style="list-style-type: none">• Regularização Fundiária - SPU Secretaria do Patrimônio da União.

Org.: FELIPE, A. dos R. Dez./2016.

O Guia de Políticas Públicas é de vanguarda, porém nota-se em Pires do Rio-GO um total desconhecimento dos ciganos quanto às mesmas o que pode ser justificado pela pouca instrução que esses sujeitos possuem. Talvez mesmo entre os que possuem conhecimento livresco, ciganos e não ciganos, há grande desconhecimento deste Guia e os benefícios que ele pode proporcionar para essa população minoritária.

Os ciganos são pessoas desconfiadas²¹. Embora estejam inseridos na sociedade em busca de sua nova identidade, relacionando com os não²² ciganos da comunidade local, eles podem manifestar comportamentos variados, ora são receptivos, ora duvidam das intenções da pesquisa.

Houve um momento durante a realização das entrevistas em que um deles disse que o chefe dos ciganos de Caldas Novas-GO informou que não era mais para dar entrevistas. Nesse momento, acatei a solicitação para evitar aborrecimento e não prejudicar a produção de dados e a pesquisa em desenvolvimento.

Interessante frisar que nas entrevistas realizadas eles mencionam os ciganos de Caldas Novas como sendo pessoas que residem em um território próprio, que são numerosos. Porém, não se referiram a eles como sendo o chefe dos ciganos residentes em Pires do Rio-GO.

²¹ Geralmente eles desconfiam de todas as pessoas e não convidam para adentrar suas residências sem que antes as pessoas transmitam confiança para o grupo familiar. Essa desconfiança pode vir de forma injustificada mesmo depois de já estar realizando a produção de dados e simplesmente a conversa acaba ali não sendo possível um enfrentamento direto para não prejudicar a pesquisa.

²² Diz-se dos “nãos ciganos” todos aqueles que não são fruto de casamento entre os ciganos legítimos, assim o não cigano é aquele (a) que se integra no grupo familiar através do casamento ou relacionamento estável. Pode ser também aquele (a) que apenas faz parte do restrito convívio social dos ciganos (vizinhos mais próximos tidos como amigos).

Após a pesquisa exploratória, pensamos em entrevistar os 11(onze) ciganos não escolarizados. Optamos por permanecer com 05 (cinco) ciganos seguindo alguns critérios comuns entre eles: dois homens e três mulheres que se declaram não escolarizados, pois se acredita que eles representam as memórias vivas, que mesmo não tendo o conhecimento livresco, possuem grande saber adquirido através da vivência, que certamente podem fornecer várias informações do conhecimento aprendido com seus pais e que podem ser repassados para as futuras gerações, antes que os mesmos se percam.

Os critérios que justificam o desenvolvimento da pesquisa com (05) cinco²³ dos ciganos identificados como não escolarizados baseiam-se no seguinte:

1. Residência do cigano Alfa - sendo o cigano mais velho encontrado na cidade de Pires do Rio-GO.
2. Residência do cigano Bravo - sendo o patriarca é mais velho que a esposa portadora de dificuldade auditiva, o que provavelmente dificultaria a coleta de dados,
3. Residência da cigana Charlie - matriarca da família e a mais velha do grupo familiar,
4. Residência cigana Delta - matriarca, viúva, idosa e única que nunca frequentou uma unidade escolar.
5. Residência cigana Eco - mais velha, não escolarizada, casada com um índio conforme ele mesmo se justifica.

Tomando como referência tais critérios, a presente pesquisa visa, por meio das narrativas desses sujeitos, aprofundar nas reflexões acerca dos entendimentos formativos que acontecem ao longo da vida e tentam encontrar respostas para várias perguntas, quais sejam: Quem são esses sujeitos? Como chegaram e porque fixaram residência na cidade de Pires do Rio-GO?

O fator comum que baliza a pesquisa está ancorado nas características principais referentes ao fator idade, ausência de escolarização, ser morador de Pires do Rio-GO, sempre priorizando os ciganos mais velhos.

Explorar as lembranças deste grupo de ciganos não escolarizados através de suas histórias de vida possibilita que os mesmos se sintam valorizados, evitando assim que suas experiências e saberes adquiridos ao longo da vida, mesmo sem um processo de educação formal, fiquem no anonimato.

²³ Os cinco narradores selecionados serão identificados nesta pesquisa com pseudônimos com as iniciais do alfabeto grego para que suas identidades sejam preservadas, assim ao longo da dissertação serão identificados como: (A) Alfa, (B) Bravo, (C) Charlie, (D) Delta, (E) Eco. O único colaborador não cigano é funcionário público aqui identificado como Foxtrote.

Para tanto, é necessário situar como esse processo de sedentarização vem ocorrendo com os ciganos na cidade de Pires do Rio-GO.

1.4 Território e Sedentarização Cigana em Pires do Rio-GO

Segundo Le Berre (1995), o território pode ser entendido como um local, espaço onde as pessoas fixam suas residências, cria seus laços afetivos, desenvolvem mecanismos de proteção familiar, agregam sentimentos. O território é o local onde os sujeitos encontram condições favoráveis de subsistência, capaz de proporcionar proteção e sensação de segurança, é um espaço necessário a todo indivíduo. Pode ser entendido como a relação que o homem tem com o local onde se encontra situado enquanto espaço territorial, ou um local onde as famílias fixam suas residências em determinados bairros, caracterizando um local de maior ou menor concentração de sujeitos da mesma origem ou etnia.

Observou-se nas entrevistas o desejo relacionado à questão da propriedade, o lugar onde estão morando os ciganos de Pires do Rio-GO. Há uma manifestação da vontade em marcar território²⁴, de estar morando em algo que eles possam dizer que é seu, para criar seus filhos, viverem em paz, tranquilos, longe daquela vida itinerante cheia de dificuldades e privações.

No depoimento do cigano Alfa, um senhor de 70 anos, sendo o mais velho ele diz de forma saudosista que o tempo em que realizava as viagens com seus familiares era muito bom. No entanto, quando indagado sobre como eram as condições de vida do passado em relação aos tempos atuais, o ancião afirma o seguinte: “É melhor que no passado, porque a gente já sofreu muito, passou muita precisão viu. E hoje não, louvado a Deus tem um lugarzinho pra gente morar, comer e beber. É isso. Tem saúde” (Alfa, 2017).

O cigano ancião não hesita em afirmar que a vida atualmente é melhor que a vida dos seus antepassados, pois naquele tempo havia muitas privações e dificuldades com alimentação, cuidados médicos, preconceitos e falta de recursos básicos. É nítida a preocupação em ter um “lugar” fixo para morar com a família, quando ele afirma “tem um lugarzinho para gente morar, comer e beber”. A preocupação se estende também às dificuldades relacionadas à alimentação e coleta de água potável. A permanência em endereço fixo, morando em casas de alvenaria, foi detectada em todas as famílias ciganas encontradas.

²⁴ Marcar território para os ciganos que residem em Pires do Rio-GO não significa ter uma comunidade cigana como acontece em Ipameri - GO o Caldas Novas – GO. Essa termo esta relacionado a compra de um terreno e a construção de uma casa para criar os filhos.

A questão que envolve a ocupação territorial, o lugar de posse de uma casa é uma presença muito forte e marcante na vida dos ciganos de Pires do Rio-GO.

Nos depoimentos de Charlie, quando questionada se ela tinha vontade de possuir uma casa própria, a resposta veio carregada de emoção e lágrimas quando ela diz:

Muito, muito é meu sonho ter minha casa é meu sonho. Porque muito tempo que eu ando pelejano, já trabalhei demais para comprar pelo menos um lotezinho, eu nunca dei conta, eu nunca consegui um, mais eu não perco minha esperança, Jesus vai me ajuda que eu vô ter a minha casinha em nome de Jesusis. (Charlie, 20017).

A preocupação relacionada à fixação de uma residência, um lugar para morar, fez com que os ciganos aqui residentes optassem por alugar ou tentar comprar uma casa ou lote. Essa característica não implica que o nomadismo acabou por completo na cidade de Pires do Rio-GO, pois novas famílias de parentes, dos que aqui fixaram residência, continuam chegando e reagrupando, fazendo parte de um processo de reorganização social, oriunda das transformações no modo de vida desses sujeitos. Certamente, outros ciganos chegarão ao mesmo tempo em que outros irão partir dando assim continuidade à saga histórica da constante busca do lugar para a definição de um território cigano, que ainda não existe.

Segundo Bonnemaïson (1981 apud HOLZER, 1997), existe certa semelhança quando se refere ao entendimento do que chamamos de lugar em relação ao que entendemos como território:

Um território, antes de ser uma fronteira, é um conjunto de lugares hierárquicos, conectados por uma rede de itinerários (...). No interior deste espaço-território os grupos e as etnias vivem uma certa ligação entre o enraizamento (...). “A territorialidade se situa na junção destas duas atitudes: ela engloba ao mesmo tempo o que é fixação e o que é mobilidade ou, falando de outra forma, os itinerários e os lugares” (BONNEMAISON, 1981, apud HOLZER, 1997, p.83).

Vaz (2010), em seus estudos com os ciganos residentes em de Ipameri-GO faz um diálogo com Haesbaert (1995 e 1999), Moraes (2000), Ratzel (1982), Raffestin (1993) e Souza (1995) com o objetivo de compreender o que é um território. Essa compreensão geográfica aqui enfatizada de forma mais subjetiva é assim apresentada:

Parte-se de uma compreensão do território sob um prisma mais subjetivo, de um espaço no qual o homem estabelece vínculos, constrói sua história e concretiza suas relações e fatos sociais. A noção de território para o principal objeto de pesquisa, o agrupamento cigano de Ipameri, permeia as raízes culturais e históricas da família, as relações humanas e sociais no agrupamento, enfim, a organização dos ciganos na área ocupada. (VAZ, p.22, 2010).

Esse entendimento nos remete a pensar a questão que envolve a territorialidade como sendo um local de apropriação, vínculos sociais, impregnados de histórias que os ciganos de Pires do Rio-GO ocupam enquanto cidadãos dotados de direitos e deveres.

Tendo em vista o território enquanto um local espacial de localização geográfica, urge indagar sobre o sentido que os ciganos de Pires do Rio-GO dão à questão da permanência e do sedentarismo, ou seja, é muito forte a característica do gostar e querer viajar de tempos em tempos, porém há um desejo latente entre os entrevistados em possuir um local seguro para morarem com seus familiares.

Ter um lugar, um território significa redefinir a identidade cigana, o que para Teixeira (2009) a questão do termo cigano, não está correta generalizar seu sentido semântico a todos aqueles que vivem em processo de itinerância, pois em cada território os indivíduos possuem características identitárias diferenciadas, questões relacionadas à cultura local, religião, as particularidades como vivem e interagem com os demais membros da comunidade.

Toda história dos ciganos é, na verdade uma viagem nas línguas, nas estéticas, nas políticas antivagabundos e antiartistas, nas religiões, nas concepções de mundo, com os quais vários grupos ciganos, sucessiva e contraditoriamente tiveram contato. Nisso a universalidade dos ciganos se manifesta. (TEIXEIRA, p.22, 2009).

Logo, o lugar, o território cigano, para ser analisado, depende da forma de ocupação. Pode ser um espaço territorial ou simplesmente apenas locais isolados e pequenos de ocupação territorial. Portanto, compreender o processo de ocupação e o valor que os ciganos de Pires do Rio-GO dão ao local onde vivem nos auxiliam a embrenhar nas relações de pertencimento do lugar em relação ao local que esses sujeitos habitam.

Os ciganos historicamente migravam com muita frequência, podendo permanecer em determinado local por apenas uma noite ou até meses, dependendo da aceitação da administração pública local, força policial ou vontade da população. Geralmente, a questão que envolve a aceitação em permitir que o grupo cigano acampasse em determinado local ou território, era marcada por muitas desconfianças e preconceito da comunidade sedentária, independente da cidade ou estado. Ninguém queria ter como vizinhos essa gente, que segundo Perioni (2000), são considerados como baderneiros, vagabundos, ladrões, vadios ou bruxos.

Os adjetivos negativos apresentados, provavelmente, justificam o costume de montarem seus acampamentos em bairros periféricos e descampados, distantes do convívio social direto com os moradores locais.

Nesses acampamentos, havia falta de infraestrutura, as condições de higiene eram precárias, não havia um local apropriado para a coleta de água potável, sendo necessário pedir favores e permissão a algum morador mais próximo e menos desconfiado das intenções ciganas, onde o grupo foi autorizado a montar seu acampamento.

Vivendo em constante itinerância, o povo cigano não possuía um endereço ou apego ao local onde estavam acampados, pois o endereço e o lar do povo cigano é o seu acampamento, o local onde momentaneamente eles chamam de moradia, ou ainda seu endereço pode ser a estrada e sua moradia as barracas que constituem o seu espaço particular e privado no momento em que eles fazem daquele local sua residência. É o seu território, mesmo que por tempo determinado. Assim, o entendimento de um território cigano na cidade de Pires do Rio GO está intimamente relacionado com a territorialidade que vem sendo construído ao longo dos anos, através das relações de parentesco, o cuidar dos seus filhos, os laços afetivos, questões relacionadas com o frequentar uma unidade escolar, ausente nas narrativas desses ciganos não escolarizados.

O que se observa é que a concentração de ciganos em Pires do Rio-GO aconteceu no Bairro Nadin Saud, antes da lei de criação, seguido dos Bairros São Sebastião, Santa Cecília e São Miguel, por serem locais com várias ofertas de lotes e casa de com alugueis mais baratas.

Na busca por entendimento sobre o motivo de haver maior concentração de ciganos no Bairro Nadin Saud e adjacentes, fui à busca de respostas na Prefeitura Municipal de Pires de Rio-GO momento em que o funcionário com pseudônimo Foxtrote informa:

Pelo que eu conheço aquelas terras foram doadas de um particular para o Estado, que posteriormente doou para a prefeitura para implantar um programa de moradias populares. Porém, isso não aconteceu e os lotes foram sendo doados a terceiros, inclusive para vereadores que doavam para seus eleitores. Interessante lembrar que naquele tempo os lotes não tinham escrituras, apenas recibos, o que possibilitou um processo de ocupação irregular, sendo que muitos foram invadidos e vendidos apenas com os recibos. (FOXTROTE, 24/05/2017).

Os terrenos não possuíam escrituras e muitos deles foram invadidos ou vendidos para terceiros. Nessa época, era muito comum que os ciganos se acampassem nas imediações da estrada de ferro, paralela ao então criado bairro, sem documentação o que facilitou a invasão de muitos lotes, inclusive pelos ciganos que os utilizavam como elemento de troca ou venda (gambira) que fatalmente facilitou a rotatividade dos moradores entre eles os ciganos.

Alguns ciganos foram permanecendo nos lotes em suas barracas improvisadas sempre perto uma das outras. Com o avançar dos anos, muitos foram embora, outros

permaneceram resistindo, mesmo com a insatisfação popular, que acreditavam que o direito à propriedade deve ser dos habitantes nascidos aqui em Pires do Rio-GO.

Este “acreditar” está relacionado ao fato de que os ciganos não param em lugar algum e geralmente o que conseguem adquirir rapidamente é vendido para terceiros.

A documentação oficial de criação do Bairro Nadin Saud²⁵ (foto) não foi disponibilizada, porém, com essa informação foi possível perceber que o processo de ocupação acontece continuamente, sendo que com os ciganos em Pires do Rio-GO ocorreu com mais frequência entre os anos de 1999 a 2003, sendo o Bairro Nadin Saud o local que concentra o maior número de famílias ciganas desde a época em que começou a ser povoado por ser um bairro distante do perímetro urbano e não possuir condições de infraestrutura básica.



Figura 2 – Vista aérea do Bairro Nadin Saud. Fonte: Google Earth. 2017.

Nesse espaço temporal, os ciganos viviam e ainda vivem misturados com os não ciganos, ora em uma relação distanciada, ora os mais jovens miscigenando através das relações interpessoais, uniões afetivas, estáveis ou não que resultam em filhos meio ciganos.

²⁵ Bairro Nadin Saud local de maior concentração de ciganos em Pires do Rio-GO. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/place/Nadim+Saud,+Pires+do+Rio++GO,+75200-000/@-17.285203>>. Acesso em: 7/01/2018.

Na narrativa de Delta (2017), ela confirma, quando questionada a respeito dos ciganos do Bairro Nadin Saud, afirmando que eles realmente estavam presentes nesse espaço territorial já algum tempo:

Uai, eu mesmo fui casada aqui em Pires do Rio, morei aqui muito tempo. É porque como eu estou te dizendo, a gente é cigano, a gente não para em lugar nenhum, a gente vai, a gente vem, a gente vai embora, eu mesmo já morei aqui muito tempo e esses ciganos que você está falando ali no Nadin Saud tem muito tempo que eles mora ai. Uns 15 a 18 anos, puraí.

Em Pires do Rio-GO, ao contrário do que muitos acreditavam, existem os ciganos natos deste município. Eles realizavam as mesmas viagens intermunicipais com seus familiares, conforme nos revela o depoimento do cigano Bravo, quando indagado sobre sua origem e local de nascimento: “Santa Cecília, eu aqui, o meu original é aqui, eu sou daqui mesmo, eu sou nascido e criado aqui, certo? Agora aquelas famílias antigas de Catalão para lá, sabe os velhos, então esses eram de Catalão para lá, agora eu não, eu sou original daqui mesmo” (BRAVO, 50 anos, 21/05/ 2017).

O testemunho do cigano Bravo, evidencia que os ciganos habitualmente acampavam neste município, o que não caracteriza como sendo o início do processo de sedentarização cigana na cidade.

De acordo Teixeira (1998), os povos ciganos se apropriam do espaço territorial por fatores relacionados ao nomadismo e principalmente fatores consanguíneos e de parentesco, como também aqueles que envolvem a economia e a forma de vida de cada grupo familiar. Essa característica cultural marcante entre os povos ciganos está relacionada ao nomadismo, apontada em todas as entrevistas com os sujeitos narradores.

Delta (2017) é uma cigana viúva que mora no Bairro Nadin Saud com sua família em casa de alvenaria. Entre todas as famílias localizadas é a única que ainda tem barraca de lona que geralmente é usada pelos parentes ciganos em visitas.

Quando indagada o porquê de morar na cidade de Pires do Rio-GO e em que ano chegaram, a matriarca da família diz: “Eu tenho 08 anos que eu moro aqui nessa cidade, nós viemos por um acaso, nós morávamos em Minas Gerais e vendemos lá, porque nós não para mesmo, nós andamos para todo lado, aí nós viemos para cá, compramos um terreno aqui e estamos morando aqui”. (Delta, 2017).

Na fala desta cigana fica evidenciada essa característica marcante do nomadismo, quando ela afirma não parar em determinado local por muito tempo, sendo que, com outros entrevistados, isso se confirma, mesmo quando eles afirmam morar em casas de alvenaria e

que não estão mudando mais com tanta frequência. Ou seja, o nomadismo pode se apresentar apenas como uma perspectiva cultural, não se evidenciando na prática.

A história que envolve os povos nômades²⁶, em especial os ciganos, vem carregada de preconceitos e perseguições realizadas pelos povos sedentários que os discriminavam por vários motivos, sejam eles culturais, religiosos, modo de vida, vestimentas, linguagem, entre outros. Por ser um povo que tradicionalmente vivem (iam) em constante processo de itinerância, a permanência do grupo cigano em determinado espaço geográfico fica limitado há alguns dias ou meses, dependendo das condições de hospitalidade onde fixaram seus acampamentos. Isso ajuda a sedimentar a perspectiva monadista.

Entre os grupos ciganos era normal ter um chefe para representá-los. Conforme os depoimentos dos ciganos moradores de Pires do Rio-GO havia um líder da comitiva encarregado de tomar as decisões pertinentes aos demais. Esse líder geralmente era o mais velho e mais experiente, o qual todos obedeciam.

O cigano Bravo não é escolarizado, nato de Pires do Rio-GO usa linguagem simples e quando indagado sobre a existência do chefe da comitiva faz a seguinte revelação:

O chefe nosso era o veio meu sogro José Soares da Costa, era o chefe nosso. Então ele tomava conta da nossa patrulha assim, a nossa patrulha porque tem muitos ai cigano que não é igual nós, não é cigano maloquero prá lá, agora nós não, original tinha o chefe era do jeitinho que ele falava era assim, assim e assim, nós era bem arrumadinho nesse ponto, ai nós era coisado, nós era bem rumado né. (BRAVO, 59 anos, abril de 2017).

No relato de Bravo, há uma preocupação no que se refere aos grupos que não são ciganos, onde ele diz ser “maloquero”²⁷. Ele se refere aos ciganos que não seguem as regras determinadas pelo chefe do grupo agindo cada qual, do seu jeito. Quando há a presença de um líder para a comitiva, as coisas ficam mais organizadas, pois a palavra do líder mais velho deve ser respeitada e seguida por todos os membros afirma Bravo.

Coaduna com o testemunho do cigano Bravo, o testemunho da cigana Delta (2017) no que se refere à importância e presença de um chefe mais velho nas comitivas ciganas: “Tem nós, tem um chefe, o chefe é que domina tudo né, os mais antigo, o que aquele fala é aquilo mesmo. Se for para sair tudo da cidade, sai. Se for para ir para o lugar, vai. O que os mais veio falá é isso mesmo” (DELTA, 2017).

²⁶ Nômade: Pessoa que não tem habitação fixa; itinerante. Tribo ou etnia que não se fixa em lugares e vive mudando. Sujeito que vagueia sem rumo fixo, que não pertencem a determinado lugar, andam vagueando sem fixar residência. Com os ciganos de Pires do Rio-GO essa características esta passando por um processo de adaptação. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/nomade-2/>>. Acesso em: 29/11/2017.

²⁷ Maloquero: na linguagem dos ciganos mais velhos são os jovens que vivem de forma que contraria os ensinamentos dos ciganos mais velhos, não respeitam pai ou mãe e se metem com coisas erradas.

Os locais escolhidos para os acampamentos são geralmente espaços públicos ou privados cedidos por proprietários particulares. Mesmo assim, as leis municipais, na maioria dos casos, encontram mecanismos para proibir, coibir ou limitar a permanência desses sujeitos ciganos em determinados locais.

No Bairro Nadin Saud, como era um local afastado e de difícil acesso, sem documentação ou qualquer tipo de infraestrutura, as pessoas beneficiárias dos lotes não davam o devido valor e abandonavam o local, facilitando assim que posseiros ciganos e não ciganos reivindicassem o local como sendo seus.

As dificuldades vivenciadas da vida cigana, do passado, atualmente, têm causado sérias mudanças no comportamento das comunidades ciganas e conseqüentemente acelerado o processo de sedentarização²⁸ em várias localidades. Esse processo acontece gradativamente não por vontade desses grupos e sim por imposição do sistema, conforme nos aponta Andrade Junior (2013):

Os grupos nômades têm poucos espaços para organizar seus acampamentos, por conta de leis proibitivas que impedem sua permanência em terras que não sejam especificamente destinadas a eles. Ou seja, no mundo da propriedade privada, esses espaços não existem. Mesmo que a Constituição Brasileira de 1988 em seu artigo 5º – XV tenha definido que todos têm direito a se locomover no território nacional, nos parece que isso não se aplica aos ciganos que optaram pelo nomadismo. O que temos é um número cada vez maior de grupos que se sedentizam e que de alguma maneira perdem suas características primitivas de estar em movimento. A sedentarização, nesse caso, é por imposição e não por convicção (ANDRADE JUNIOR, 2013, p.103).

O processo de ocupação cigana que acontece em Pires do Rio-GO é fruto das mudanças históricas no comportamento desses sujeitos que optaram em abandonar as viagens e as dificuldades do passado. Assim, eles foram fixando suas moradias ano após ano, cada qual movido por seus motivos e particularidades, alguns comuns como, por exemplo, a união de um cigano com não cigano (a) da comunidade local, permanência dos filhos nas unidades escolares, ter adquirido uma propriedade. Outros incomuns, como por exemplo, ter vindo a

²⁸ Sedentarização: é basicamente quando um povo deixa de ser nômade para se fixar e lugar próprio. Processo por meio do qual o homem passa a habitar de forma fixa, a partir das práticas agrícolas. Assim, ele deixa de ser nômade, isto é, deixa de viver permanentemente mudando de lugar. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br>>. Acesso em: 18/06/2017.

Com os ciganos que residem no município de Pires do Rio-GO o sentido de sedentarismo pode apresentar variações, pois para eles, mesmo estando habitando em residência fixa de alvenaria há vários, anos podem resolver mudar de cidade conforme solicitação de um parente de outro estado ou município.

Pires do Rio-GO para passear, ter gostado e ficado, ou ter parentes na cidade conforme relata à cigana Delta (2017):

É porque a gente já tinha família aqui, sabe, aí a gente gostou do lugar, viemos passear e ficamos também. Eu acho muito bom aqui o lugar de Goiás. Nós não éramos daqui. Nós éramos de Minas, mas nós tínhamos parente que moravam aqui. Aí nós viemos para cá. (DELTA, 18 de abril de 2017).

Esse processo de ocupação em relação à comunidade cigana, aos poucos vai se definindo no momento em que os laços consanguíneos do cigano e não cigano vão se fundindo com o nascimento de um filho meio sangue, a fixação de residência, ou frequentar uma unidade escolar.

1.5 Considerações Parciais do Capítulo

Cabe-nos ressaltar que a origem dos povos ciganos permanece ainda sendo um mistério entre os historiadores e curiosos que se aventuram a se embrenharem nessa área de pesquisa, pois sendo um povo que não deixou registros escritos sobre suas origens, cultura ou modo de vida, essa lacuna na história provavelmente continuará sem resposta, devido à falta de documentação comprobatória.

Nesse contexto, o que realmente se sabe é que o termo cigano possui sentido “genérico” e sua etnia se divide em outros subgrupos que eles mesmos desconhecem.

O que fica claramente evidenciado entre os pesquisadores das várias áreas do conhecimento é o consenso de que seus ensinamentos foram repassados através da tradição oral, que fatalmente vem se perdendo ao longo dos anos.

Contemporaneamente, esses grupos estão espalhados por todo mundo, vivenciando um processo de aculturação do país ou local onde estão inseridos, não se importando com suas origens históricas.

O que se observa nas narrativas são apenas resquícios de histórias ciganas que foram contadas pelos avós e pais dos ciganos mais velhos de Pires do Rio GO, que provavelmente não fazem parte da vida dos ciganos jovens, que nasceram e residem com seus familiares.

Assim, a imagem de um povo errante e misterioso que foi construído ao longo dos anos, paulatinamente vem sendo desconstruído à medida que esses sujeitos estão entre a lona e o telhado, fixando residências e mantendo convívio sócio afetivo com aqueles tidos como não ciganos, constituindo assim um processo de ocupação ligada à propriedade e fixação de residências em casas de alvenaria.

Destarte o processo de chegada e permanência dos ciganos em Pires do Rio-GO apresenta-se como algo lento, entendendo que esses sujeitos já haviam acampado em terras piresinas em anos anteriores, mas foram entre os anos de 1999 a 2003 que essa complexa fixação territorial ganha força, baseado nas vivências e interesses familiares relacionadas com a história de vida cigana de cada um.

Quanto às Políticas Públicas do governo federal, os ciganos as desconhecem por motivos óbvios por não serem escolarizados, seguidos da falta de conhecimento, descaso do estado aliada a falta de divulgação do governo municipal.

No próximo capítulo, caracterizamos os sujeitos que se reconhecem como ciganos na cidade de Pires do Rio-GO, através de suas narrativas de formação ao longo da vida. Serão explicitadas questões relacionadas à vivência familiar e religiosa, casamento, cultura, memórias e viagens.

CAPÍTULO II

2 QUEM SÃO E QUAIS SÃO AS CARACTERÍSTICAS DOS SUJEITOS NARRADORES

O objetivo deste segundo capítulo intitulado “Quem são e quais são as características dos sujeitos narradores” é caracterizar os narradores que se reconhecem como ciganos na cidade de Pires do Rio-GO onde será apresentado um quadro geral com as primeiras impressões obtidas com a pesquisa exploratória. Posteriormente, uma apresentação detalhada com as características de cada sujeito narrador obtidas na produção dos dados.

No segundo tópico tratamos sobre “Cultura como elemento formativo” Traremos o conceito de cultura na perspectiva de entender como a mesma se processa com os ciganos narradores residentes em Pires do Rio-GO.

No terceiro tópico, “O convívio familiar dos ciganos de Pires do Rio-GO” realizaremos uma abordagem sobre o conceito de família e como é atualmente o convívio familiar entre os ciganos. Assim, serão abordadas questões relacionadas ao zelo, números de filhos, e as trocas de experiências que acontecem entre mães e filhas, pais e filhos, bem como a preocupação dos mais velhos com as novas composições familiares.

No tópico “Como os ciganos vivenciam e lidam com a religião”, discorreremos sobre o conceito de religião e as impressões formativas relacionadas a essas práticas.

“As viagens e as barracas de lona”, através das narrativas apresentadas contextualiza como eram as viagens e como os ciganos de forma antagônica relatam suas impressões vividas neste processo de itinerância que não acontece mais com os ciganos mais jovens.

Como último tópico, “Casamento cigano uma instituição modificada”, abordaremos a questão do casamento como uma instituição social normatizada pelo ordenamento jurídico e como esta instituição social é vivenciada pelos ciganos contemporâneos na cidade de Pires do Rio-GO através da aceitação conjugal com os não ciganos.

Atualmente, os ciganos residentes em Pires do Rio-GO estão residindo em casas de alvenaria, fixando endereços e criando gradativamente laços afetivos com a população local.

Teixeira (2009) nos aponta que no decorrer da história muitos povos e civilizações sofreram vários tipos de perseguições e sofrimentos, tais como assassinatos e extermínios, perseguições religiosas, culturais, acusações de bruxarias e feitiçarias, entre outros. Dentre esses povos estão os ciganos, os quais, independentemente da origem ou etnia, estão espalhados por todo o mundo, constituindo-se como um povo numeroso, porém sem território geográfico ou até mesmo identidade. Nosso intuito aqui é indagar quem são os ciganos de Pires do Rio-GO? Assim, a partir desta indagação obter respostas e caracterizá-los.

As primeiras informações aqui apresentadas são fruto de uma pesquisa exploratória que culminou na identificação e localização de todos os ciganos que residem nesta cidade. No entanto, mesmo com a característica marcante do sedentarismo e por estarem morando em residências fixas de alvenaria, os dados produzidos podem ser passíveis de alterações, conforme algumas famílias vão chegando e outras saindo.

O quadro 3, abaixo, aponta-nos algumas características básicas entre as 09 (nove) famílias localizadas onde podemos destacar: tipo de família, religião, profissão, moradia, possível origem histórica, número de integrantes do núcleo familiar, grau de instrução, número de filhos entre outros.

Quadro 3 – Características das Famílias ciganas localizadas.

<p>Família 01 - Tipo familiar patriarcal, residentes a Rua 01 Q-18 Lote 22 Bairro São Sebastião Pires do Rio-GO, sendo que a mãe não é cigana, mas durante 08 anos, no início do casamento, com um cigano legítimo, conforme relatou a esposa, morou em barracas de lona, cozinhava em fogões improvisados, tipo trempé, dormia no chão e andava muito a cavalo, mesmo durante a gravidez.</p>	<p>Nesta residência moram 06 pessoas: o esposo vendedor, catireiro (58 anos), 01 filha (21 anos) desempregada, 01 filha (18 anos) desempregada, 01 filho (13 anos), 01 filho (04 anos). Todos da família são católicos conforme narrativas da mãe que não é cigana.</p>
	<p>Total de ciganos = 05</p>
<p>Família 02- Tipo familiar patriarcal, residentes a Rua Clarice Meireles Q 10, Lt. 14, Bairro Nadin Saud, em Pires do Rio-GO. Nesta família o pai é reconhecidamente índio, sendo que a mãe não usa mais as roupas ciganas, pois, segundo ela, desacostumou. Porém, gosta das tradições ciganas e valoriza muito a família. Os filhos se reconhecem como ciganos e não sentem vergonha de suas origens. De acordo com a moradora, a origem do povo cigano é do Egito, mas no Brasil seus parentes são todos de Belo Horizonte. Informou que não conhece quase nada de dinheiro.</p>	<p>Família composta por 05 membros, sendo reconhecidos como ciganos a mãe (48 anos), do lar, 01 filho (20 anos) desempregado, 01 filha (18 anos) desempregada, 01 filho (11 anos). Nas narrativas apresentadas pela mãe, todos são católicos não praticantes.</p>
	<p>Total de ciganos = 04</p>
<p>Família 03 - Tipo familiar patriarcal, residentes a Rua Clarice Meireles, Q 12, Lt. 19, Bairro Nadin Saud, em Pires do Rio-GO. Nesta família o pai é reconhecidamente um jovem cigano, o qual não mora em uma casa de alvenaria. Porém, ainda gosta muito de dormir em barracas de lona. De acordo com o jovem, ele não tem vergonha de ser cigano ou de suas origens. Afirmou que participou do processo eleitoral e que votou consciente. Porém, não conhece a candidata eleita. Sua esposa Joice não é cigana. Acredita que a origem de seus antepassados é da Índia e que seu povo veio de Belo Horizonte, conforme ensinamentos de sua mãe.</p>	<p>Família composta por 03 pessoas: Pai (28 anos) ajudante de serviços gerais, desempregado, 01 filho (10 meses), a mãe não é cigana. A família, conforme declaração do pai é identificada como católica.</p>
	<p>Total de ciganos = 02</p>
<p>Família 04 - Tipo familiar patriarcal, residentes a Rua dos Ferroviários S/N. Nadin Saud, em Pires do Rio-GO. Nesta família, o chefe é o avô, o qual afirmou que mora em casa de alvenaria, mas tem outra casa de aluguel no mesmo bairro. Acredita que a origem histórica de seus antepassados é do Egito, mas sua família é proveniente de Feira de Santana, na Bahia.</p>	<p>Família onde residem os ciganos mais velhos localizados e identificados. Todos se reconhecem como ciganos católicos não praticantes: 01 patriarca (70 anos) serviços gerais, 01 esposa (50 anos) do lar, 01 neto (47 anos) serviços geris, 01 neto (17 anos) estudante desempregado, 01 sogra (66 anos) do lar.</p>
	<p>Total de ciganos = 05</p>

<p>Família 05 - Tipo familiar patriarcal, residentes a Rua Miguel Abraão, LT 04, B Bairro Santa Cecília, em Pires do Rio-GO. Toda a família se reconhece como cigana. É uma família jovem onde o pai exerce a função de provedor e gosta de se envolver em questões políticas. Como moram de aluguel, manifestou grande interesse em saber das Políticas Públicas habitacionais direcionadas à população cigana. Manifestou grande interesse em estar incentivando seus filhos a estudarem. De acordo com o morador, sua família sempre foi de Pires do Rio. No entanto, desconhece a origem histórica de seus antepassados.</p>	<p>Família composta por 05 membros sendo que o pai e a mãe não se reconhecem como católicos, porém dizem que os 03 filhos de menor são, mas não praticam. O pai (38 anos) é catireiro e vendedor, mãe (32 anos) do lar, 01 filho (14 anos) estudante, 01 filha (12 anos) estudante, 01 filho (09 anos) estudante.</p>
<p>Família 06 - Tipo familiar patriarcal, residentes a Rua Miguel Abraão, nº 110-A, Santa Cecília, em Pires do Rio-GO. Nesta residência habitam apenas 01 casal reconhecidamente cigano. Eles afirmam que sempre foram de Pires do Rio-GO, mas já moraram em Ipameri GO. Quanto à origem histórica de seu povo ambos não souberam responder se são do Egito ou da Índia, porém já ouviram dizer algo a respeito.</p>	<p>Total de ciganos = 05</p> <p>Família pequena composta por 01 cigano (57 anos) ajudante de pedreiro e serviços gerais, 01 cigana (55 anos) do lar, que possui limitação auditiva. Ambos se reconhecem como sendo católicos não praticantes.</p>
<p>Família 07- Tipo familiar patriarcal, residentes a Rua Miguel Abraão, nº 110, Santa Cecília, Pires do Rio-GO. Nesta família o chefe é um não cigano. Porém, já habituado com a forma de viver dos ciganos. Moram em casa de alvenaria. No entanto, foi a esposa que passou as informações. Ela reconhece que sempre foram de Pires do Rio, mas já moraram em Ipameri-GO. Não soube responder qual a origem histórica de seus antepassados.</p>	<p>Total de ciganos = 02</p> <p>A narradora (35 anos) se reconhece como cigana juntamente com seus 03 filhos, sendo 01 (20 anos) que trabalha com serviços gerais, 01 filha (13 anos) e 01 filho (04 anos). Conforme narrativa apresentada, o grupo familiar é composto por 05 membros e apenas o marido não é cigano. Professam o catolicismo não praticante.</p>
<p>Família 08 - Tipo familiar matriarcal, residentes à Rua Miguel Abraão, nº 16, São Miguel, Pires do Rio-GO. Nesta família, todos se reconhecem como ciganos e sentem orgulho de suas origens. Todos os membros relataram que ainda existe muito preconceito contra os ciganos e que tem medo da violência. Moram mãe (viúva) e filhos em casa de alvenaria. Ela reconhece que seus antepassados são do Egito, mas no Brasil afirma que seu povo é do Estado de Goiás. Relatou ainda que já morara em barracas de lona e que viveram alguns anos em Ipameri-GO.</p>	<p>Total de ciganos = 04</p> <p>Conforme a narrativa da mãe (55 anos) todos se reconhecem como católicos não praticantes. Na residência moram 04 pessoas: A mãe, 01 filho (31 anos) é vendedor autônomo, 01 filha (27 anos) desempregada, 01 neto de menor.</p>
<p>Família 09 - Tipo familiar matriarcal, residentes a Rua Clarice Meireles, Q 03, Lt 21, Bairro Nadin Saud, em Pires do Rio-GO. Nesta família, a matriarca é viúva e os membros da família são reconhecidamente ciganos. Disse que eles moravam em barracas de lona e que viajavam muito e com frequência não tinham paradeiro certo. Não é escolarizada, porém diz que entende um pouco de dinheiro. Afirmou que seu povo teve origem no Egito, porém não sabe se é verdade. No Brasil seus parentes são todos de origem de Patrocínio, Minas Gerais.</p>	<p>Total de ciganos = 04</p> <p>Única família que ainda residem em barraca de lona, conforme narrativa da mãe (56 anos). Os 04 que residem na casa se reconhecem como ciganos, são católicos, porém não são praticantes. A cigana mais velha é do lar; 01 filho (25 anos) vendedor de enxoval, 01 filha (32anos) do lar e o neto menor de idade.</p>

Org.: FELIPE, A. dos R. Dez./2016.

Conforme o quadro apresentado é possível afirmar que os ciganos estão entre nós. São, pais, mães, vendedores, estudantes, jovens, crianças, donas de casa, trabalhadores

braçais, gambireiros, ou desempregados que se encontram mimetizados na comunidade, nas escolas, no comércio, no trabalho, nas festas nas ruas ou igrejas.

Entre os ciganos localizados nesta urbe não há destaque profissional, ou algum que conseguiu sobressair, tendo condições financeiras mais avantajadas em relação aos sujeitos classificados como ciganos. No entanto, percebe-se que eles ainda continuam com as práticas comerciais antigas, vendendo cavalos, carros usados, enxovais e praticando gambira que lhes rendem algum valor financeiro.

Não existe um estereótipo para classificar quem é ou quem não é cigano, isso se explica devido às grandes mudanças culturais na maneira de viver e se relacionar desses sujeitos, que atualmente aceitam com naturalidade a união do cigano com o não cigano. Há uma mistura nos grupos familiares oriunda da união matrimonial, o que tem possibilitado grandes transformações no comportamento dos “novos ciganos”, ciganos sedentários e os filhos de ciganos com os não ciganos.

Nossos sujeitos principais escolhidos para fornecerem dados para esta pesquisa são os ciganos residentes em Pires do Rio-GO: 02 homens e 03 mulheres com as características básicas de serem “ciganos não escolarizados”. A faixa etária dos narradores oscila entre 58 a 70 anos. Aqui, estão identificados com os pseudônimos: “Alfa, Bravo, Charlie, Delta e Eco”, cada qual com sua vivência e maneira peculiar de narrar e encerrar a vida, com muitos sonhos e preocupações, principalmente com os ciganos mais jovens, em especial com as questões relacionadas ao trabalho e moral/honestidade.

Apoiado na obra de Bossi (1998) “Memória e Sociedade, Lembranças de Velhos” onde os próprios narradores relatam suas histórias, pontuo algumas características das falas dos ciganos narradores obtidas nas entrevistas.

Alfa: é um senhor de 70 anos, aposentado, natural de Montes Claros, Minas Gerais, que não foi criado neste Estado, e sim no Paraná e São Paulo. Chegou a Pires do Rio-GO no ano de 2006, ocasião em que ainda residia em barraca de lona, que eram montadas nos campos locais mais afastados. É casado, residente no Bairro Nadin Saud. Afirma que seu povo, os primeiros ciganos vieram do Egito, portanto, são considerados como gytanos. Porém, os que aqui residem quase ninguém mais falam dessa origem histórica. Alfa diz que durante toda sua vida viajava muito e que nunca teve a oportunidade de frequentar uma escola, pois não havia a necessidade. Informou que durante sua infância tudo era diferente e que a vida cigana era muito boa, bem diferente da atualidade, a qual ele diz ser muito sofrida. Alfa informa que aqui no município de Pires do Rio-GO eles não têm mais chefe, mas que geralmente é o cigano mais velho que os demais da localidade respeitam. Manifesta

preocupação quando narra que os ciganos mais idosos estão acabando e os mais jovens não se importam tanto com a cultura cigana e estão se adaptando facilmente com os demais não ciganos, inclusive através do casamento. Alfa se diz ser de um grupo de ciganos pobres que não trabalha com produção e venda de tachos de cobre, mas que sua família vendia muitos cavalos. Atualmente, sendo aposentado, trabalha com venda de enxovais. Alfa não é escolarizado nunca frequentou uma escola. Sente muita dificuldade para pegar um ônibus e resolver pequenas contas. Acredita que frequentar a escola é muito importante, o que o leva a incentivar seus netos a estudarem. Nas narrativas de Alfa ele diz que os ciganos jovens não estão envolvidos com bebidas alcoólicas ou outras drogas. Informou que os ciganos aqui residentes não são todos parentes, pois vieram de diferentes regiões. Alfa e familiares são católicos não praticantes, acreditam em Deus e transitam em todas as igrejas, conforme a vontade. Alfa é um cigano calmo, de fala mansa que gosta de ficar sentado na porta da rua, protegido pela sobra de uma enorme amoreira. Gosta de ver o movimento das pessoas chegando e saindo nas imediações do bairro Nadin Saud, que ele e sua família escolheram para fixar residência. Gosta de dormir cedo, mas também fica de pé de madrugada, pois não deixa que o sol o pegue na cama.

Bravo - cigano com 58 anos que apresenta ter bem mais, pele queimada, expressão facial cansada e preocupado. Não escolarizado, nunca teve a oportunidade de frequentar uma escola, mas suas filhas, genros e netos sabem ler e escrever, e os mais jovens frequentam a escola. Reconhece-se como católico juntamente com os demais que compõem o grupo familiar. É forte, decidido e adota o regime familiar patriarcal, onde as decisões mais importantes devem ter o seu consentimento, mesmo com as filhas casadas. É casado com uma cigana legítima de 55 anos, que apresenta ser mais velha e tem uma deficiência auditiva. Bravo é nascido e criado em Pires do Rio-GO, em especial nas imediações do Bairro Santa Cecilia. Tem 02 filhas casadas e 06 netos que são classificados pelos genitores como ciganos. Narra que seus familiares mais antigos são de Catalão e que nas andanças intermunicipais percorriam longos trajetos entre os municípios de Catalão, Campo Alegre, Ipameri e Pires do Rio. Bravo afirma que gostava muito desta vida errante quando “barracava” aqui ou ali. Viviam todos unidos sobre o comando do seu sogro, o chefe da comitiva. Para ganharem dinheiro naquela época faziam gambira de animais, na maioria das vezes cavalos, revolver ou o que tivessem nas mãos que podia ser convertido em dinheiro. Diz que atualmente a atividade de gambira deles mudou muito e que vivem gambirando carros. Bravo narra que quando realizavam as viagens, assim que chegava a outro município, o chefe deles deveria pedir autorização para o delegado para armarem seus acampamentos e que durante o tempo que ali permaneciam não incomodavam ninguém.

Acredita que a origem histórica dos seus antepassados é proveniente do Egito. Informa que eles viajavam muito no tempo em que era criança porém, os ciganos atuais estão ficando cansados de tantas andanças, estão ficando velhos. Sendo um grupo natural de Pires do Rio-GO diz que agora está quieto e que vive no mesmo endereço, em casa alugada há mais de 06 anos. Bravo gosta de ver seus familiares vivendo próximos de sua casa, no Bairro Santa Cecília e que os vizinhos são pessoas boas que não tem preconceito com os ciganos. Quando tem festa ou comemoração a família se reúne e os vizinhos mais próximos são convidados. Bravo narra que as tradições ciganas estão gradativamente acabando, tanto que os mais jovens estão casando com os não ciganos de forma natural sendo bem aceita pelo grupo familiar. Bravo fica muito preocupado com os ciganos mais jovens que começam a trilhar outros caminhos pelo uso de drogas e bebidas alcoólicas, mas diz que na família dele não tem. Porém, se acontecer o grupo familiar deve interferir. Informa que tudo que aprendeu a fazer foi com os ciganos mais velhos conforme o regime adotado que era respeitado por todos.

Charlie - cigana que veio de Trindade – GO, em 2016, mas já morou há alguns anos 16 ou 18 anos, em Pires do Rio-GO. Atualmente, mora de aluguel em casa de alvenaria, localizada no Bairro São Miguel. Sonha em possuir uma casa própria para morar com seus filhos e netos. Mulher baixa de voz firme parece que fala cantando. Mãe de dois filhos que se reconhecem como ciganos e não tem vergonha de suas origens, Charlie é uma senhora viúva que enfrenta muitos problemas financeiros e de saúde. Mulher determinada acredita em Deus como sendo um ser superior e que não importa qual igreja frequenta. Ele é um só para todas as religiões, pois o importante é ter fé, diz ela. Charlie narra que há uma confusão entre os próprios ciganos quanto à origem histórica de seus antepassados, pois há quem diga que são da Índia e outros acreditam ser do Egito. Narra que aprendeu a fazer muitas coisas com seus parentes mais velhos, em especial com a avó, mãe e tias e que o aprendizado foi adquirido apenas com a observação. Viviam mudando de um local para o outro e que as viagens eram feitas em carroças. Quando acampavam, geralmente ficavam 03 dias em cada local. Não possuíam um chefe responsável, pois as viagens eram realizadas apenas pela família, sendo o chefe natural o pai. Narra que nunca foi necessário pedir permissão na delegacia para montarem seus acampamentos. Geralmente, quando acampavam em fazendas pediam permissão para o dono da fazenda. Esse período era tudo muito difícil, chovia muito, era cansativo e que durante este traslado não teve a oportunidade de estudar em uma escola, o que resultou em ser uma pessoa não escolarizada. Estudar não era necessário para os ciganos tanto para os homens ou mulheres. Durante o tempo em que seus familiares realizavam as viagens para se manterem, praticavam o comércio com a venda de animais. Charlie narra que

casou velha, aos 21 anos de idade, não por falta de pretendentes e sim por opção, que o casamento deveria ser apenas entre ciganos, não admitindo os não ciganos. Todavia, hoje está muito diferente. Diz ela que casa cigana com não cigano sendo consciente que as tradições vêm mudando ao longo do tempo, o que considera normal na atual forma de vida dos ciganos residentes no município de Pires do Rio-GO. Informa que as vestimentas típicas dos ciganos não são mais utilizadas entre os membros de sua família, que nunca usarão e preferem as calças jeans e os vestidos. Narra que os ciganos de Caldas Novas - GO, ainda fazem questão de usar roupas mais longas. Charlie ao narrar fala que tudo que sabe foi aprendido com os ensinamentos dos mais velhos. Aprendeu o ofício de vendedora de panos de prato nas praias de São Paulo. Atualmente, é vendedora de enxoval, lençóis, toalhas, roupas de cama, panos de pratos. Narra que antigamente não podia casar cigano com não cigano, mas que agora está tudo mudado. As tradições ciganas estão mudando. Não falam mais a língua dos ciganos porque desconhecem e também estão reduzindo o número de filhos, optando por uma família menor. Charlie acredita que mesmo após vários anos ainda existem muitos preconceitos contra os ciganos. Um dos grandes sonhos de Charlie é possuir uma casa própria para morar com seus filhos e netos.

Delta - nasceu no estado de Minas Gerais, viúva há 18 anos, mãe de quatro filhos e avó de 08 netos, que ela identifica como sendo todos ciganos. Residem todos na mesma casa no Bairro Nadin Saud, sendo o regime familiar matriarcal. Delta é uma mulher alegre, usa saias longas até os pés e com poucos adornos. Seus cabelos são longos e a pele demonstra ser bem castigada pelo sol. Para ganhar a vida, trabalha como vendedora de enxoval, os quais ela oferece aos transeuntes no centro da cidade. Informa que veio para cidade de Pires do Rio-GO acompanhada de sua irmã, filhos, netos e sobrinhos, e que não tinha destino certo. Chegaram e permaneceram aqui por acaso e moram em Pires do Rio-GO há mais de 08 anos. É católica não praticante, não escolarizada nunca frequentou a escola, mas reconhece e lida muito bem com o dinheiro. Diz que gosta muito de viver aqui, pois o povo não tem preconceito contra os ciganos, são todos amigos. Com a vida cigana aprendeu a fazer muitas coisas com seus parentes mais velhos. É a única cigana localizada neste município que lê a sorte através das linhas das palmas das mãos. Aprendeu as práticas da compra e venda nas “andanças para cima e para baixo sem sossego”. Diz que as viagens eram coisas dos antigos e que os mais jovens não têm mais esse costume, acham tudo muito difícil, principalmente pelo fato de terem filhos que devem estudar. Diz que os ciganos possuem um chefe, sendo o de Pires do Rio-GO o mais velho entre eles, que durante as viagens deveria pedir autorização na prefeitura para permanecerem em determinado local. Narra que a rotina diária de uma mulher cigana

matriarca se resume nos afazeres domésticos, lavando roupas e vasilhas, cozinhando e ajudando os netos a se prepararem para irem para escola. Delta narra que nunca chegou a morar em barracas de lona. Mesmo quando realizava as viagens intermunicipais, era de uma casa de alvenaria para outra, porém no quintal de sua casa foi necessária a montagem de uma barraca para acomodar os demais membros da família que foram chegando e aglutinando. Devido às mudanças na maneira de viver dos ciganos, Delta narra que já se acostumou com tais transformações, principalmente o casamento de cigano com não cigano, que ela acredita ser algo normal, porém no passado era proibido. Quando tem festa, geralmente em casamentos ou batizados, as comemorações são entre ciganos e não ciganos e duram entre 04 a 05 dias. Delta narra que atualmente os mais jovens não seguem as tradições ciganas, inclusive se dizem ciganos por dizer, não seguem as tradições. Reconhecem-se como ciganos e não tem vergonha de assim serem reconhecidos. Mas, as coisas mudaram, tanto que Delta não sente saudades dos tempos passados e prefere a vida sedentária de hoje.

Eco – é uma cigana natural de Diamantina, Minas Gerais. É alta, morena escura e muito magra, cabelos longos e bem cuidados. Gosta de usar saias longas e estampadas, chegando aos pés. Justifica-se dizendo que esse costume foi herdado dos seus antepassados e que é tradição entre as mulheres da família dela usarem roupas longas. Entre todas as ciganas aqui localizadas é a única que usa vestimentas longas mais no estilo cigano. Narra que acredita em Deus e professa juntamente com sua família o catolicismo, mas que frequenta outras igrejas perto de sua residência. Eco é casada com um senhor moreno escuro de pele lisa, cabelos negros e lisos. Ele se diz e se reconhece como índio, mas está muito bem adaptado na vida cigana. É mãe de 04 filhos, sendo 01 casado e separado, 01 filha casada, que mora em Minas Gerias e 01 garoto menor de idade, aluno da Escola Sebastião Antônio Leite. Chegou à cidade de Pires do Rio-GO no ano de 2006, juntamente com seus familiares e fixou residência no Bairro Nadin Saud, onde vive até hoje. Diz que nas famílias ciganas o chefe sempre é de responsabilidade do marido e que nesta urbe desconhece se há famílias lideradas por ciganas. Para ganhar a vida trabalha esporadicamente com venda de enxovais, toalhas, panos de mesa, panos de pratos, que compram diretamente da cidade de Americana, São Paulo. Recebem a mercadoria na rodoviária. Todos os produtos são vendidos no centro da cidade onde ela afirma que está muito difícil, devido à crise e falta de dinheiro. Eco não é escolarizada, nunca frequentou uma escola. Justifica narrando que naquela época era muito difícil, pois mudavam muito de cidade, trabalhavam na roça e não tinham tempo para estudar. Afirma que os ciganos não precisavam estudar principalmente as mulheres. Atualmente, a mãe de família, apenas cuida dos filhos e não tem mais cabeça para pensar em estudar. Eco narra que antigamente era tudo mais difícil e

que hoje as coisas estão mais fáceis, inclusive para os filhos estudarem. Durante as andanças, fixaram residência em Coromandel, Minas Gerais, onde ficaram 10 anos, saindo depois para Pires do Rio-GO, onde permanecem até hoje. Narra que aprendeu a fazer as coisas desde muito cedo e com 10 anos de idade já tomava conta de muitas coisas da casa.

Depois de casada, foi aprendendo a fazer tudo sozinha. Diz que nunca sofreu preconceito e que fez muitas amizades por onde passou com sua família, gosta das tradições ciganas, mas que estão muito mudadas, as danças, músicas, vestimentas quase não são mais utilizadas entre os mais jovens. Eco, cigana casada com um índio, narra que atualmente os casamentos entre ciganos e não ciganos está normal, tudo misturado e que não vê problemas nessa mudança de comportamento e acredita que tais mudanças estão sendo boas para a sua família que a vida cigana era difícil e que não acostuma mais com as mudanças frequentes, pois ela gosta de ter seu “lugarzinho” sossegado, sua casa para descansar e viver com a família. Quando alguém da família cigana vai casar, eles convidam os demais para realizarem uma grande festa, onde muitos ainda usam as vestimentas típicas do povo cigano. Porém, nem todos, pois a tradição está muito diferente. Eco diz desconhecer famílias ciganas onde a mulher é o chefe, pois não pode, é proibido. Eco, entre os ciganos narradores, foi a que mais enfatizou as questões relacionadas à cultura e que aprendeu com seus antepassados, ela ensinou para sua filha, que também faz tudo do mesmo jeito.

2.1 Cultura como Elemento Formativo

Ao mencionar o termo “cultura” devemos nos despir de todo e qualquer concepção preestabelecida, pois nossas valorações e entendimentos não devem ancorar em julgamentos prematuros. Devemos entender que as pessoas são diferentes e que cada indivíduo traz consigo uma bagagem, a qual acredita ser o certo por meio de suas vivências. Nesse sentido, o aprendizado representa um processo lento, que gradativamente vai se incorporando nas gerações futuras e se adaptando aos costumes locais.

Sendo um grupo social com características próprias, os povos ciganos se distinguem dos demais principalmente pelo nomadismo que se faz presente em sua trajetória histórica, desde os tempos mais antigos até os dias atuais. Em tempos passados, os ciganos viajavam com frequência em comitivas e acampavam por tempo indeterminado nos bairros ou locais mais afastados do centro da cidade.

Frente a essas transformações oriundas na forma de vida que os ciganos estão vivenciando, entendê-las sob o ponto de vista cultural é um desafio, que pode ser levado em consideração o local, tempo, civilização ou grupo social.

Para muitos, cultura pode ser apenas a maneira como vivem e interagem com o meio social o qual estão inseridos. Para outros, diz respeito ao conhecimento adquirido nos livros.

A cultura pode apresentar-se como fator de identidade importante para determinado grupo ou sociedade que resiste e tenta manter sua identidade cultural. Outros vivenciam e não imaginam que a sua forma de vida simples e seu conhecimento faz parte de um processo cultural diferente dos demais, porém tão importante quanto qualquer outro. Por outro viés a cultura pode ser banalizada por pessoas que não a julgam importante.

Segundo Clifford Geertz (1978) na obra intitulada “A interpretação das culturas”, a cultura é formada por “teias de significados”, as quais são tecidas pelos próprios homens, dependendo do significado e importância que cada comunidade ou grupo social dispensam ao fato em questão.

O conceito de cultura que eu defendo (...) é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teia de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa à procura do significado (GEERTZ, 1978: 15).

Sendo considerado um amplo sistema de signos que possibilitam interpretações passíveis de vários entendimentos, Geertz (1978) enfatiza que a cultura não é um poder ou algo que se pode atribuir casualmente aos acontecimentos sociais. Ela é um contexto, impregnada de símbolos descritos de forma inteligível que os indivíduos são capazes de descreverem de maneira sistemática, conforme suas ideias e vivências.

Para Damatta (1986) o termo cultura é usado para designar tudo que se alude às normas, regras e conteúdos sociais cultivados pelo homem.

A maneira de viver total de um grupo, sociedade, país ou pessoa [...]. Um mapa, um receituário, um código através do qual as pessoas de um dado grupo pensam, classificam, estudam e modificam o mundo e a si mesmos. É justamente porque compartilham parcelas importantes deste código (o da cultura) que um conjunto de indivíduos com interesses e capacidades distintas e até mesmo opostas transforma-se num grupo onde podem viver juntos, sentindo-se parte da mesma totalidade. (DAMATTA, 1986, p.123).

Nesse sentido, o conceito de cultura apresentado por Damatta aduz a uma instância modificadora, ou seja, através das vivências e interações compartilhadas por todos através de

um processo lento que vincula as tradições e interesses. Desta forma, todos são dotados de cultura, entendendo que quando se faz parte de um grupo social absorvendo seus ensinamentos e modo de vida é de certa forma reconhecer as características identitárias em relação ao outro.

Campomori (2008) contribui para a discussão e nos aponta o entendimento de cultura quando enfatiza:

A cultura é a própria identidade nascida na história, que ao mesmo tempo nos singulariza e nos torna eternos. É índice e reconhecimento da diversidade. É o terreno privilegiado da criação, da transgressão, do diálogo, da crítica, do conflito, da diferença e do entendimento. (CAMPOMORI, 2008, p.78-79).

Logo, a cultura está ligada à diversidade cultural sendo a manifestação das diferentes maneiras de expressar a herança e tradições que ao longo dos anos vão mesclando com as demais, formando assim uma diversidade que perpassam os saberes relacionados aos conceitos religiosos, danças, vestimentas, forma de vida, moradia, alimentação, música, rituais, lendas e superstições.

Diante das várias manifestações que envolvem a cultura (LARAIRA, 2001, p.42) diz que “A participação do indivíduo em sua cultura é sempre limitada; nenhuma pessoa é capaz de participar de todos os elementos de sua cultura”.

Acreditamos que trazer o conceito de cultura para a discussão é fundamental para compreender e entender o processo formativo dos ciganos, especificamente os que residem na cidade de Pires do Rio-GO, relacionados às vivências familiares, religião, casamento, viagens, labor, trocas de experiências, moradias e tudo que faz parte do desenvolvimento social desses sujeitos.

Nesses vieses a cultura funciona como algo vivido, aprendido, transmitido, apropriado e que pode ser compartilhado para as gerações futuras. Pertinente frisar que as narrativas ciganas apresentadas estão impregnadas de experiências formativas que foram alteradas pelas influências locais.

2.2 O Convívio Familiar dos Ciganos de Pires Do Rio-GO

A família²⁹, sendo uma instituição social primária, constitui-se como a primeira escola onde os sujeitos se socializam, aprendem as primeiras normas de conduta, trocam

²⁹ Família - Grupo de pessoas que possuem relação de parentesco e habitam o mesmo lugar: meu pai e minha mãe são a minha família. Pessoas cujas relações foram estabelecidas pelo casamento, por filiação ou pelo processo de adoção. Grupo de pessoas que compartilham os mesmos antepassados. [Figurado] Grupo de indivíduos que se encontram ligados por hábitos, costumes, comportamentos ou interesses oriundos de um mesmo local: uma família tradicional. Grupo de indivíduos que possuem qualidades ou particularidades semelhantes. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/familia/>>. Acesso em: 23/09/2017.

afetos e se ajudam entre si, conforme a cultura e vivência de cada grupo. É neste espaço privado e particular que a construção social começa a acontecer para que o sujeito esteja se preparando para a vida social fora do espaço familiar.

No olhar de Sarti (1992), as maiores contribuições dos estudos antropológicos sobre o conceito de família ancoram na discussão que abordam o parentesco como estruturas formais de descendência entre os pais e filhos, consanguinidade entre os irmãos, e afinidade que acontece com o casamento.

Perpassando os estudos para área do direito de acordo com Alves (1977), o termo “família” é uma expressão derivada da palavra latina “famulus” que significa “escravo doméstico”. Para o desenvolvimento de nossa pesquisa entendemos em um primeiro momento sendo a família a união entre homem e mulher que se casam e pretendem criar suas proles dentro dos valores e convenções sociais da sociedade. No entanto, esta é uma ideia que ficou em um passado não muito distante, pois há famílias de vários formatos oriundas das interferências religiosas, econômicas, culturais ou sociais.

De acordo com o professor de antropologia Parry Scott (2010), o termo família contemporaneamente vem assumindo uma função polissêmica repleta de muitas definições que atualmente não representa mais apenas a união de pessoas ligadas por fatores consanguíneos ou não, mas que vivem em comum acordo para juntas trocarem experiências e criar os filhos.

Justifica-se abordar o conceito do termo família dada o valor e importância desta instituição enquanto lócus que potencializa as inúmeras transformações sociais e culturais.

Há famílias tidas como tradicionais da união entre homem e mulher, e existem também outras variações desta instituição social, oriundas das transformações sociais, que gradativamente vem mudando o entendimento sobre o que é a instituição social família. Atualmente, não mais vislumbramos uma família formada apenas por pai, mãe e filhos, isso porque, após o advento da Constituição Federal (BRASIL, 1988), outras formas de famílias foram reconhecidas, dando assim outros sentidos a esta instituição social.

Socialmente, as famílias não tradicionais já existiam de fato, mas que apenas com a constituição cidadã de 1988, elas passaram a ter direitos juridicamente estabelecidos em leis específicas. Neste sentido, o direito brasileiro entende que as novas entidades familiares, oriundas das transformações da sociedade contemporânea, são constituídas não apenas através do casamento entre homem e mulher, e reconhece a diversidade familiar criada através dos laços afetivos e do respeito mútuo que caracteriza como família. Assim, o direito brasileiro reconhece outras nomenclaturas ou arranjos familiares quais sejam: nuclear, monoparentais, diluídas, homoafetivas, alternativas ou comunitárias, não entrando no mérito destas modalidades, pois não é o caso correlacionado com os ciganos da urbe piresina.

Para os ciganos que narram para esta pesquisa viver em família significa zelar, cuidar uns dos outros. Quando alguns dos membros mais jovens começam a desviar dos ensinamentos, o grupo familiar, em comum acordo, age para evitar que os jovens trilhem o caminho errado. Na narrativa de Bravo (2017), ele expressa claramente esta preocupação quando diz:

Da nossa fãmia se torna assim, a fãmia manda neles, agora tem muitos que mexe com droga, num respeita pai, num respeita mãe, num respeita nada, briga, xinga os pais, vai fala fica brigano, xingano, tudo só sai o jeito que eles qué, agora na nossa fãmia aqui é concordado, os pais manda nos fios, as mães manda nos fios, tudo igual.

Delta (2017) manifesta sua preocupação com sua família, o desejo que eles sejam pessoas trabalhadeiras, honestas e independentes, para não ficarem dependentes dos outros. Na narrativa de Delta, assim como Alfa, há nítida preocupação com os mais jovens, que devem ficar longe das bebidas e das drogas. Sendo a matriarca do grupo familiar, Delta mantém uma posição de respeito e autoridade que ela usa para proibir qualquer tipo de desvio de conduta entre seus filhos.

Eu quiria que eles fosse uma pessoa trabaiadô, honesto, que pudesse tê as coisas deles, não depende dos otros, não vivê assim em droga, neim em bebida, nessas coisas, uma que eles num veve, mais eu num gosto disso. Eu proíbo tudo isso pra minha fãmia. (DELTA, 2017).

Desta forma, o conceito de família relaciona a cultura com a vivência, tanto para os mais velhos ou para os mais jovens e constitui-se como o porto seguro, um lugar onde o zelo, a afetividade e a solidariedade se encontram presentes.

Segundo Ferrari e Kaloustian (1994) é no seio familiar que encontramos as condições necessárias para o desenvolvimento em todos os aspectos. É nessa interação social que os laços são estreitados e os ensinamentos perpetuados através dos jovens, numa troca de experiências e saberes.

É a família que propicia os aportes afetivos e, sobretudo materiais necessários ao desenvolvimento e bem-estar dos seus componentes. Ela desempenha um papel decisivo na educação formal e informal, é em seu espaço que são absorvidos os valores éticos e humanitários, e onde se aprofundam os laços de solidariedade. É também em seu interior que se constroem as marcas entre as gerações e são observados valores culturais. (FERRARI e KALOUSTIAN, 1994: 12).

A família cria mecanismos de inserção e fomento que propiciam o desenvolvimento afetivo e social, capazes de potencializar o desenvolvimento do sujeito, preparando-o para viver em sociedade, conforme os seus ensinamentos e modo de vida e cultura.

Era comum que os ciganos que acampavam nas imediações onde moro, deixassem as crianças bem à vontade para brincar e explorar as imediações do acampamento. O brincar, mesmo com aparente liberdade, percebia-se de longe a presença de uma adulta atenta aos afazeres das mesmas que provavelmente deveria ser uma das mães vigiando sua prole e demais. Notava-se uma grande concentração de ciganos mais velhos, que geralmente estavam rodeadas pelos mais jovens, ora conversando, ou trazendo o que comer ou beber, geralmente eles eram servidos e recebiam tudo nas mãos.

Aquela relação servil observada de longe, através do olhar de uma criança curiosa que não sabia o que estava acontecendo, hoje fica mais claro e evidente que se tratava do zelo, carinho e cuidado com os mais velhos.

No passado, as famílias dos ciganos eram mais numerosas e viviam e viajavam aglomeradas em uma condição de respeito e cooperação. Muitos eram os casos de casamentos arranjados entre os participantes do mesmo grupo social, que permaneciam residindo na barraca ou casa do marido.

Esses arranjos aconteciam com mais frequência quando as viagens eram realizadas com um número maior de integrantes, que facilitava o entendimento entre as famílias. Os grupos eram numerosos e basicamente tinha uma relação de parentesco, característica das famílias extensas.

Os ciganos em suas narrativas relatam que tem parentes espalhados em vários municípios e estados sendo que frequentemente recebem visitas de seus familiares. Durante a produção de dados não mencionaram a questão do casamento arranjado, mas tive a grata surpresa de ser comunicado pela filha de Bravo que “B”³⁰, uma cigana de 13 anos e ex-aluna, casou-se com um cigano parente distante e todos familiares mudaram para Anápolis.

A família é para o cigano o elo mais importante, eles estão sempre juntos e quando viajavam em caravanas estavam sob a responsabilidade de um líder, que era o responsável por dar o direcionamento à comitiva e resolver os conflitos que surgissem com os administradores locais, delegado ou prefeito.

Na narrativa de Alfa (2017) ele narra: “Justamente, justamente, tinha viés que a gente viajava o dia todo; o prefeito num aceitava, o delegado num aceitava a gente, viajava o dia todo de carro. É isso meu chefe, tinha era mais gente umas 10 ou 12 barracas, é isso”.

Para as mulheres eram atribuídas às funções básicas de como cuidar da educação dos filhos, zelar do marido, cuidar da limpeza da casa (barraca), colher lenha, lavar as roupas ou

³⁰ Ex-aluna da escola Municipal Sebastiao Antônio Leite que teve um casamento arranjado por seus pais com um cigano de Anápolis. Essa informação fora descoberta por acaso em uma conversa informal com a filha de Bravo.

buscar água, venda de panos de prato ou enxovais. Em um passado bem mais distante, era atribuição das mulheres cuidar para que a honra da família fosse preservada. Essa preservação estava diretamente ligada à virgindade enquanto solteira e fidelidade quando casada. Desobedecer ou quebrar essas regras impostas verbalmente, através de um código de conduta entre os pares, implicaria vergonha e expulsão do grupo familiar, o que causaria a ruína de toda família e até mesmo a morte para a mulher adúltera.

Para os homens, eram atribuídas a montagem e desmontagem das barracas dos acampamentos, venda de cavalos e outros utensílios, gambira e atividades laborativas que gerassem recursos para a manutenção da família.

O modelo familiar predominante entre as nove famílias identificadas na pesquisa exploratória é o patriarcal para sete famílias e duas se enquadram como matriarcal devido o estado de viuvez das ciganas entrevistadas, conforme quadro demonstrativo.

Quadro 4 – Quantidade de filhos por família.

FAMÍLIA	Nº DE FILHOS	MASCULINO	FEMENINO	MODELO FAMILIAR
01	04	02	02	Patriarcal
02	03	02	01	Patriarcal
03	01	01	---	Patriarcal
04	05	02	03	Patriarcal
05	03	02	01	Patriarcal
06	02	---	02	Patriarcal
07	03	02	01	Patriarcal
08	02	01	01	Matriarcal
09	02	01	01	Matriarcal
TOTAL	25	13	12	-----

Org.: FELIPE, A. dos R. Dez./2017.

Percebeu-se que dos 25 filhos identificados, 13 são do sexo masculino, sendo que 11 deles ainda residem com os pais em casas de alvenaria. O sexo feminino representa 12 ciganas. Destas, 06 são casadas e foram morar com seus maridos 01 no estado de Minas Gerais e as demais aqui mesmo no estado de Goiás.

Atualmente, em relação aos ciganos residentes na cidade de Pires do Rio-GO o que se percebe através dos depoimentos é que esse hábito de viver aglomerado não acontece mais, pois cada filho ou filha que casa vai morar em outra residência, que pode ser longe ou perto dos pais. É o que nos aponta o depoimento do cigano Bravo (2017):

Aí não, nois fica separado sabe, fica separado, é uns prum canto outros pra outro. Esse, dessa casa aqui, é meu genro. Nois fica mais assim só eu e os dois genros, perto só nois aqui mesmo, num reúne com outros aqui não, a famia minha é uns pra lá otos prá cá, nois não, é eles prá lá e nois prá cá. Então fica fora uns aos outros, agora reunido mesmo é nois aqui a coisa mais mio qui tem é nois treis tá aqui oh mais perto. (BRAVO, 2017).

Para os ciganos os laços familiares são importantes, porém essa característica em estarem morando próximo aos familiares é uma preocupação mais forte entre os ciganos idosos, que manifestam preocupação com as atitudes dos mais jovens, que ano após ano se distanciam dos pais e familiares.

O cigano Alfa (2017), quando questionado a respeito das tradições familiares em estar morando juntos, lamenta e informa a dificuldade, principalmente por perceber que os ciganos mais velhos estão acabando e que os mais jovens pouco se importam. O ancião narra sua preocupação quando diz: “Ah!!!, tá mei difícil, nè homi. Tá mei difícil, eu vou dizer uma coisa: hoje tá mei difícil. Porque os veios já acabano tudo, hoje tá uma rapaziada nova compreendeu? Hoje num tem mais gente veia não. É isso, é desse ponto”.

Intuímos que esta indignação com as mudanças entre as gerações familiares se dá porque no passado, os mais jovens cuidavam dos mais velhos, atualmente não se preocupam tanto com eles o que pode representar para os ciganos mais velhos uma ameaça e abandono à própria sorte.

Para os ciganos do passado a família baseava-se em um modelo extenso, composta por pais, filhos, genros, noras, avós, tios, primos e sobrinhos. Atualmente, o modelo familiar presente entre os ciganos ancora na família nuclear composta apenas por pais e filhos e que gradativamente está reduzindo o número de filhos por família.

A narrativa da cigana Charlie (2017) confirma esta preocupação quando diz: “Uai minha mãe mesmo teve seis fio, a minha mãe, né, aí agora como eu te falo meu fio, as coisas vão mudano muito, o pessoal num quer tê muito fio demais. O muito que tem agora é de dois, três, é isso. Uma famia pequena.”

A redução no número de filhos não é exclusividade do núcleo familiar cigano. Essa característica acontece em todos os demais grupos familiares. No caso específico do grupo minoritário dos ciganos pode ter duplo impacto, ou seja, a própria redução propriamente dita e a miscigenação racial existente entre os mais jovens, que paulatinamente vão transformando ciganos e meio-ciganos em não cigano.

Durante as conversas de cunho exploratórias, os narradores ficaram tranquilos e muito à vontade para relatarem suas experiências e preocupações com o grupo familiar. De certa forma, essa desenvoltura para narrar questões relacionadas aos familiares fluiu naturalmente. Talvez pelo fato de nossas conversas não estarem sendo gravadas naquele momento específico.

No momento em que o pesquisador retornou, para gravar, eles não ofereceram resistência, porém as narrativas foram mais evasivas e monossilábicas e para não prejudicar a produção de dados, optou-se por não insistir muito nas perguntas, principalmente nas questões familiares que para eles pode ter um sentido de intromissão.

Ciganos não costumam falar muito de suas experiências e principalmente de seus familiares em especial as mulheres. Ciganos são extremamente desconfiados e sinceros, desta forma os questionamentos devem ser simples e sem muita insistência em determinado assunto, caso eles se sentirem desconfortáveis simplesmente abandonam as narrativas.

2.3 Como os Ciganos Vivenciam e Lidam com a Religião

Durkheim entende religião³¹ como um aglomerado de crenças, rituais, orações ou um sistema de condutas relacionadas ao sagrado.

[...] uma religião é um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas, crenças e práticas que reúnem numa mesma comunidade moral, chamada igreja, todos aqueles que a ela aderem. O segundo elemento que participa assim de nossa definição não é menos essencial que o primeiro, pois, ao mostrar que a ideia de religião é inseparável da ideia de igreja, ele faz pressentir que a religião deve ser uma coisa eminentemente coletiva. (DURKHEIM, E. 1996. p.32.).

A Carta Magna brasileira, reconhecida como a constituição cidadã (BRASIL, 1988), consagra a religião como um direito fundamental inerente a todos. Sendo o Brasil um país laico significa que todos os cultos religiosos devem ser aceitos e livres de preconceito e intolerância, porém há situações de conflitos entre o que preconiza a lei e a realidade vivenciada pelos povos que aqui residem, ou seja, há uma tolerância velada.

Sendo um estado democrático de direitos a Constituição Federal (BRASIL, 1988) já no preâmbulo os constituintes anunciam a pluralidade, liberdade, igualdade, justiça como justificativa da diversidade populacional, assim eles invocam a proteção de Deus.

Nós, representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembleia Nacional Constituinte, para instituir um Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias, promulgamos, sob a proteção de Deus, a seguinte Constituição da República Federativa do Brasil.

³¹ **Religião** é um substantivo de língua portuguesa que possui uma etimologia incerta. **Uma corrente** defende que religião seja uma palavra que venha do latim *religio*, que significa “louvor e reverência aos deuses”. **Outra corrente** acredita que a palavra seja composta pela junção do prefixo *re* ao verbo *ligare*. Enquanto o verbo significa “unir” ou “atar”, *re*, assim como em português, é um prefixo que indica recorrência. Então, de acordo com esta corrente, o significado de religião é “unir novamente”, “voltar a ligar”. Neste caso, a ligação refeita era entre o que é humano com o divino. **Uma terceira** teoria indica que a palavra religião possa ter sua origem no verbo latino *relegere*, que, assim como *religare*, é um verbo composto pelo prefixo *re*. *Relegere*, ao é da letra, significa “reler”. Este verbo é considerado como uma das possíveis origens da palavra religião por associação ao frequente ato de leitura e releitura de textos sagrados e bíblicos, feitos para que os religiosos pudessem interpretar os desejos divinos e, assim, venerá-las e viver da forma que mais as agradasse. (<https://www.significadosbr.com.br/religiao>) Acesso em: 14/06/2017.

O art. 5º, inciso VI preconiza: “é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias”.

Nota-se que há uma preocupação dos legisladores relacionada à consciência religiosa, entendendo o Brasil como uma nação multicultural, que vem sendo construída com os saberes, culturas e crenças oriundas de várias nacionalidades.

A “crença é um elemento básico da realidade cognitiva humana, um ingrediente da vida, que permite aceitar ou não, defender ou não, reconhecer ou não, uma infinidade de elementos e situações do cotidiano” (SANCHES, 2010, p.155). Neste sentido, qualquer forma de ofensa à liberdade e ao culto religioso pode ser interpretada como preconceito e fere o princípio da dignidade da pessoa humana, constituindo-se como uma violação dos Direitos Humanos, defendidos pela Declaração Universal dos Direitos Humanos. Assim, as crenças e divindades religiosas presentes nas diversidades religiosas no Brasil e no mundo devem ser respeitadas não importando a nomenclatura ou origem.

Sendo um direito tipificado na Declaração Universal dos Direitos Humanos e recepcionado pela constituição brasileira a liberdade religiosa não deixa de gerar desentendimentos e conflitos, oriundos da intolerância e da não aceitação de cultos e crenças contrárias àquelas que determinados grupos ou pessoas acreditam ser o certo.

Segundo Bastos (1989),

A liberdade religiosa consiste na livre escolha pelo indivíduo da sua religião. No entanto, ela não se esgota nesta fé ou crença. Ela demanda uma prática religiosa ou culta com um dos seus elementos fundamentais do que resulta também inclusa, na liberdade religiosa, a possibilidade de organização destes mesmos cultos [...]. (BASTOS, 1989, p.48).

A liberdade religiosa apontada por Bastos (1989) e defendida pela constituição brasileira vem sendo conquistada paulatinamente, através de um processo de conscientização velada, vez que o ordenamento jurídico proíbe e tipifica sanções penais para os que praticam tais atos de preconceito e intolerância.

Sendo uma nação rica em sincretismo cultural e religioso com o objetivo de resguardar o direito à liberdade e às crenças religiosas a LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação, regida pela Lei 9394/96, no art. 33 reforça que a diversidade cultural e religiosa

deve ser respeitada, sendo proibidas todas e quaisquer formas de discriminação ou proselitismo³².

Respeitar as diversidades e crenças religiosas é fundamental para que haja mais união e entendimento entre os povos, pois a religião pode até acontecer de maneira impositiva, através da cultura familiar ou localidade que o sujeito está inserido, porém a liberdade de escolha é algo que o indivíduo deve assumir conforme suas crenças e convicções.

Os povos ciganos são mundialmente reconhecidos pelo misticismo, esoterismo, magia, hábito de ler a sorte das pessoas por meio das linhas das mãos, jogos de cartas, entre outros.

Esses povos estão envolvidos em muitos mistérios devidos suas tradições folclóricas, que foram repassadas por meio da história oral, tendo a atenção de estudos mais fecundos e aprofundados somente a partir do século XVIII, por meio das ciências antropológicas.

Moraes Filho (1981) reforça o que a história impregnou a esses sujeitos quando afirma que a “razão direta da antiguidade dos povos está na superstição”.

Teoria das superstições - Deuses fetiches- O conflito dos mitos- A ordem dos fatores – Os oráculos da cigana – Pragas e malefícios – Reza de quebranto – Para obter-se o que é difícil – Para ver-se a quem está longe – Contra bicheiras – Para fazer aparecer negro fugido – Para chamar-se a quem está ausente – Para ter-se notícias – Para prevenir acontecimentos Esconjuro – Sínteses – Na sociedade e na família – Alcinhas – As ciganas brasileiras. (MORAES FILHO, 1981, p.43).

Para cada problema ou inquietação havia um tipo de reza, que segundo o autor, abrangem fórmulas como magismo, imprecções, neutralizantes de malefícios, como magia favorável e especial. Estas são características pontuadas e observadas através de estudos históricos relacionados aos ciganos do passado, que conjuram as pragas, feitiçaria, bem como o vigor da cabala e talismãs. (MORAES FILHO, 1981, p.46).

Por outro viés, com os ciganos do século XXI, em especial os que fixaram residências em Pires do Rio-GO percebeu-se nas narrativas apresentadas que eles normalmente adotam a religião do local que os acolhe. Neste sentido, todas as famílias identificadas manifestaram acreditar em Deus e professarem a religião católica, porém não são praticantes assíduos e frequentam outras igrejas, como as evangélicas.

³² O proselitismo religioso é uma das formas mais comuns da ação de criar prosélitos. Como o Brasil é um Estado Laico, e o ensino religioso é totalmente facultativo, qualquer ato de proselitismo religioso nas escolas é vetado pela justiça. O proselitismo religioso em si não é crime, porque existe liberdade religiosa e a liberdade de expressão para fazer proselitismo religioso, convencendo outras pessoas a seguirem as suas práticas religiosas. No entanto, o proselitismo não pode ser feito com recurso a práticas de discriminação ou outras puníveis por lei. Para muitas pessoas o proselitismo é visto com uma conotação negativa, devido à "agressividade" e falta de ética que muitos representantes de algumas religiões utilizam na tentativa de angariar novos fiéis. Google Disponível em: <<https://www.significados.com.br/proselitismo/>>. Acesso em: 21/11/2017

Não existe a obrigatoriedade de frequentar apenas uma religião ou igreja, pois no entendimento destes ciganos o importante é acreditar em Deus e respeitar os outros. Mesmo com esta concepção de religião, foi percebido que os ciganos mais velhos não possuem o hábito de levar seus filhos nas igrejas ou ensinar a religião a eles. As crianças ficam livres e não manifestam interesse em participarem das missas ou cultos.

Durante a produção de dados, os ciganos narradores não relataram nada relacionado à bruxaria, feitiços ou rezas sobrenaturais. A resposta comum era que acreditavam em Deus e que tinham muita fé, não importando a igreja, conforme relato de Charlie:

Oia pra te fala a verdade meu fio, eu tenho em cada coisa eu sou um pouquinho, porque eu tenho fé em tudo, sabe como é que é? Eu tenho fé na igreja católica, eu tenho fé na igreja de Cristo, de crente, eu tenho fé em tudo, eu tenho fé um poquin. Eu num tenho aquela religião minha que tem gente assim que só segue aquela, Eu, por exemplo, eu vou na igreja católica depois eu vou numa igreja de crente, eu vou porque eu acho bom de ouvi a palavra de Deus. Então eu vou em qualquer uma delas porque eu tenho fé com todas.

Fica nítida a fé que Charlie tem em Deus, não importando a igreja que frequenta. Para ela o importante é acreditar e ouvir a mensagem de Deus independente da igreja.

O cigano Bravo justifica ser pertencente à religião católica juntamente com todos os demais membros da família, mas não são praticantes e que raramente frequentam a igreja ele ao narrar relata que: “Nois é catóico, nois somo catoico, trabaia na religião catoico”.

Delta, sendo a matriarca de uma família numerosa reforça o que os demais narradores disseram sobre a religião, sendo também católica não praticante. “A minha religião é catoica, eu nasci em Minas Gerais e minha origem é eu fico por aqui mesmo sabe eu nasci em Minas, mais a gente veive mais é por aqui”.

O cigano Alfa, morador do Bairro Nadim Saud afirma também: “Eu sô católico, meu minino é crente, frequenta as igreja. A gente as veis frequenta as igreja de crente, é isso”

Essa afirmativa apontada por Alfa, relacionada a frequentar outras igrejas, pode ser observada na narrativa de Eco: “nois é católico, nois vai pra igreja, nois segue a igreja direto. Das igrejas nois participa direto das igrejas. A gente tem fé em Deus, Deus é um só pra gente. É católico, mas nois frequenta crente também, nois vai direto”.

O fato é que os ciganos aceitam as demais religiões e dizem que acreditam em Deus, pois frequentar outras igrejas é algo comum entre eles, o que podemos intuir que esse processo acontece devido às transformações sociais e o contato contínuo com mais de uma crença religiosa.

As narrativas apresentadas pelos ciganos pesquisados vão recodificando a história, enquanto protagonistas que realizam uma transformação da realidade social que atualmente difere das perseguições religiosas, as quais foram submetidas por imposição dos dogmas da igreja católica.

Nesse sentido, os ciganos que residem nesta urbe não enfrentam problemas relacionados com a “religião”, eles transitam em todas as igrejas próximas de suas residências, mas se identificam como católicos não praticantes, o que ficou bem claro na produção de dados. Em vários momentos os narradores citam a invocação de Deus e de Santa Maria e pedem a proteção “Divina” para seus familiares.

Chama a atenção que mesmo identificando os membros da família como católicos e dizerem que acreditam em Deus, os ciganos narradores e familiares não manifestam o interesse de levar ou ensinar seus filhos a frequentarem uma igreja. Eles são criados livres sem o costume dos mais velhos ou imposição familiar, mas é nítida a crença dos adultos em Deus como ser que protege e cuida.

2.4 As Viagens e Barracas de Lonas

A indústria cinematográfica e a literatura se encarregaram de transitarem um ideário envolto em muitas crendices, superstições e mistério em relação aos ciganos. Constantemente estão retratados em filmes praticando a cartomancia, lendo a sorte, fazendo festas ou realizando viagens em carroças e praticando pequenos delitos.

Ao decidirem acampar montavam suas barracas de lonas próximas umas das outras com o intuito de garantir a proteção aos membros da comitiva.

Essas características marcantes típicas dos ciganos que ficaram no passado retratam o seu caminhar pela história sempre reconhecida como um povo que não possuía lugar fixo para morar. Eles estavam aqui e ali, sempre em constante processo de itinerância, ou seja, não possuíam um lugar certo para ficarem. Sempre que realizavam suas intermináveis viagens todo o grupo familiar era envolvido no processo de montar e desmontar o acampamento.

Os ciganos não ficavam muito tempo em determinado local e dependiam da boa vontade dos donos de terras ou administradores municipais conforme narra Bravo (2017) “Nois era assim, quando chegava conversava com o delegado, com o prefeito, arrumava um lugarzinho pra nois fica pra num incomoda ninguém. Então arrumava o nosso jeito a gente ficava por ali, num incomodava ninguém, era a coisa mais boa que tinha também sabe, então era assim”.

Reconhecidamente nômades, os ciganos passaram por várias cidades do mundo inteiro. De acordo com o Guia De Políticas Públicas Para Povos Ciganos (2014) e Teixeira

(2008), eles chegaram ao Brasil em 1574, deportados de Portugal por força de um Decreto Governamental, pois eram tidos como pessoas rudes e indesejáveis, que possuíam hábitos condenados pelo governo português, sendo considerados como ladrões e incivilizados.

Segundo Teixeira (2008), os ciganos foram deportados para o Brasil e distribuídos nos estados de Pernambuco, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, Sergipe e Bahia espalhando-se posteriormente por todo território brasileiro. Durante todo o processo histórico que envolve a população cigana, eles nunca tiveram um local certo para fixarem suas residências, estavam sempre em processo de itinerância, juntamente com seus familiares, percorrendo os vários estados da federação.

Ou seja, trata-se da velha política de ‘mantenha-os em movimento’: Minas Gerais expulsa seus ciganos para São Paulo, que os expulsa para o Rio de Janeiro, que os expulsa para o Espírito Santo, que os expulsa para a Bahia, de onde são expulsos para Minas Gerais, etc. Ou seja, o melhor lugar para os ciganos sempre é no bairro, no município ou no estado vizinho; ou então no país vizinho ou num país bem distante. (TEIXEIRA, 2008, p.19).

Teixeira (2008) reforça o fator histórico que marca as constantes mudanças desse povo sem pátria e sem território no Brasil. Contemporaneamente, após vários anos de sucessivos fatos históricos, o entendimento e concepção das pessoas tiveram mudanças significativas e com elas os costumes ciganos vão se alterando e adaptando à sociedade moderna.

Vejamos o que os ciganos de Pires do Rio-GO tem a narrar quando abordados sobre as viagens que realizavam morando em barracas de lona nos bairros periféricos dos municípios os quais eles montavam seus acampamentos. Bravo (2017) diz ser muito boa aquela época em que realizavam as viagens e residiam em barracas de lona. No entanto, fornece pistas de que já possuía casa de alvenaria na cidade de Ipameri-GO e que foram criados entre os municípios de Campo Alegre e Catalão, não viajando distâncias muito longas. Importante frisar que mesmo entre as viagens intermunicipais, as comitivas eram sempre formadas pelos integrantes do mesmo grupo familiar.

As barraca, não naquela época era bõ demais, nois achava bõ porque barracava num canto, barracava noto, então achava bõ demais aquilo pra nois era bõ demais achava bõ aquilo. Agora não, tem muitos anos que a gente num viaja mais nois fica é parado, já morei em Ipameri, tive uma casa lá, de lá arrumei, troquei ela. Nota aqui agora tó morano aqui num sai pra lado nenhum mais não é sô. Minha famia é assim foi criada bem dize nessa região: Campo Alegre, Catalão esse meio ai nunca viajo pra longe não, só assim mesmo é só aqui mesmo nesse lugar aqui mesmo por aqui mesmo nunca saimo pra fora assim não. (BRAVO, 2017).

Bravo é um cigano de 58 anos e muito castigado pelo tempo, pois aparenta ser mais velho. Nascido em Pires do Rio-GO teve a oportunidade de realizar muitas viagens com seus familiares e “barracava” em diversos lugares quando era criança. Após casar com uma cigana nata, passou a viajar com a comitiva que ele classifica como “patrúia”, liderada por seu sogro, sendo o chefe do grupo familiar, este era o responsável pela segurança de todos do grupo inclusive as práticas das gambiras.

Nas narrativas de Bravo ele afirma ter saudade daquele tempo, mas há uma constante preocupação em enfatizar que o grupo familiar ao qual ele pertence são pessoas organizadas e de confiança, pois não são “maloquero” nos seus acampamentos, conforme narra Bravo, era tudo muito organizado e todos estavam sob a tutela do chefe, seguiam todas as orientações sem que houvesse questionamentos visando o bem comum de todos os familiares.

Alfa (2017) tem um posicionamento diferente de Bravo quando narra sobre como eram as viagens do povo cigano antes de fixarem suas residências. No olhar do cigano, aquele período foi de muitas privações e sofrimento, tempos difíceis quando eles realizavam as viagens interestaduais. Ele diz: “Nois já sofremô dimais viajano, armano barraca nessa região aí de São Paulo, Minas Gerais a gente já padeceu dimais da conta. Só de carro mexeno com carro velho, é isso”.

É notório o narrar triste e preocupado de Alfa, que sendo o narrador mais velho, em muitas de suas falas há uma descontinuidade das informações. Contudo, ele deixa claro que nas viagens o chefe era muito bom, cuidava de todos e enfrentava muitas dificuldades com as autoridades que manifestavam resistência em permitir a permanência desses sujeitos em determinada localidade: “Ehh, eles tinha isso mesmo meu fio, falava isso mesmo ladrão, meu chefe era bão dimais mis eles num autorizava, tinha vez que num autorizava tinha prefeito bom delegado bom, mais tinha vez que era ruim dimais. Era isso”.

Outro fator que merece destaque na narrativa de Alfa está presente no abandono do uso de carroças e cavalos dando lugar às viagens com carros velhos, que na maioria das vezes quebravam durante o percurso que ocasionou em muitas decepções.

Delta (2017) é uma cigana cinquentenária que realizou várias viagens, porém, nunca morou em barracas de lona, o que demonstra claramente que as tradições e costumes ciganos vêm passando por significativas e inevitáveis mudanças. Ela diz: “Eu nunca cheguei a morar em barraca de lona não, sempre eu morei em casa toda vida sabe. Os mais antigo já moro em barraca de lona, mais eu mesmo num morei não. Meus avó, os mais antigo moro, mais nois nunca moro não”.

No entendimento de Charlie (2017), as viagens que os ciganos realizavam no passado eram difíceis e que primeiramente o seu povo andava no lombo dos cavalos, mais

adiante começaram a usar carroças, enfrentavam muitas chuvas, o que dificultava muito a coleta de lenhas secas para preparar as refeições. Ela diz:

Ah!!!! Meu fio era muito custoso, custoso e bom porque a gente arrumava e andava nas carroças antigas mais lá atração, nois ia andava era de cão de areio de cavalo, depois passô a anda de carroça, mais era bom, era custozo, porque a gente chegava as veiz no poso tava de muita chuva, a gente tinha que pegá lenha moiada, acende fogo, armá barraca pra podê fazê comida pras criança. Era muito difícil meu fio, muito difícil.

As narrativas apresentadas pelos sujeitos ciganos em determinados momentos ficam desencontradas e sem continuidade sendo que eles parecem não terem entendido bem o que o pesquisador perguntou. Ainda assim, na forma simples de responder, típica dos ciganos desta urbe, Eco (2017) narra que gostava daquele tempo em que as viagens eram constantes “Era bão a gente ficava assim.... no poso que a gente ficava localizado assim a gente pegava amizade com as pessoas, era bão não era ruim não”.

Os ciganos aqui representados através das narrativas fazem parte de um momento de transição, sendo possível perceber por meio das narrativas apresentadas que as opiniões são divergentes, há aquele que gostava muito (Bravo), aquele que enfatiza o sofrimento vivenciado (Alfa), aquela que afirma nunca ter morado em barraca de lona (Delta), aquela que achava tudo muito difícil (Charlie) e aquela que embora dissesse gostar, deixa certa dúvida pairando (Eco).

O pesquisador lança um desafio para Alfa em relação às viagens típicas de seus antepassados quando diz: Só mais uma pergunta: “Se alguém falasse para senhor assim: “seu Alfa vamos reunir todos os ciganos para fazer uma daquelas viagens do passado, vocês vão viver em barracas de lona e andar muito como era no passado, em seu tempo de criança” o senhor queria vivenciar tudo de novamente”

Alfa responde: “Não, não. Ave Maria tô cansado, não quero mais isso não a gente tá cansado, tá no fim da vida, então meu amigo é isso, eu quero é sossego”. A resposta de Alfa sendo o cigano que mais vivenciou estas experiências formativas do processo de itinerância, pernoitando aqui e ali em barracas de lona, juntamente com seus familiares e que agora não quer mais, caracteriza as mudanças na forma de vida dos ciganos de Pires do Rio-GO, que optaram por abandonar o nomadismo e tornarem-se sedentários residentes de casas de alvenaria com endereço fixo.

Delta, quando questionada com o mesmo teor da pergunta direcionada a Alfa, responde: “Não. Queria mais não, de jeito niuum, a minha vida agora tá boa graças a Deus”. Os

ciganos aqui residentes narram o passado, porém devido às dificuldades enfrentadas, atualmente se sentem mais confortáveis e seguros. Não querem mais viver mudando com frequência, como acontecia com seus antepassados.

As narrativas com os ciganos vão compondo um emaranhado de informações diferenciadas acerca dos assuntos abordados. Foi detectado que cada cigano ou grupo familiar, mesmo se encontrando em determinadas cidades, não tinham o hábito de viajarem em comitivas numerosas, restringindo apenas aos membros de uma única família.

Diante destas transformações oriundas na forma de vida que os ciganos estão vivenciando, resta-nos dizer que a maneira como esses sujeitos vivem atualmente encontra-se muito diferente dos seus antepassados.

As viagens realizadas em carroças com um grande número de integrantes, os acampamentos em barracas de lona, a “constante³³ itinerância que ocorria com os ciganos de Pires do Rio-GO agora é coisa do passado”.

Essa mudança não representa que esses sujeitos são entendidos e bem aceitos por todos os munícipes, e sim que eles optaram pela permanência em endereços fixos, alegando que a vida deles é mais tranquila que no passado.

Na opinião do funcionário público da Prefeitura Municipal de Pires do Rio-GO que atua como fiscal aqui identificado como Foxtrote (2017) ele é bastante categórico quando menciona sua opinião a respeito da permanência dos ciganos neste município. Esse funcionário contribui para a pesquisa, pois acompanhou o processo de criação do Bairro Nadin Saud, local onde há maior concentração de ciganos.

Segundo Foxtrote (2017):

Os ciganos hoje estão perdendo suas tradições. Antes era comum ver barracas e acampamentos, mas hoje é diferente. Os ciganos estão presentes nesse bairro desde o início, quando ainda era apenas pasto. Eles ficavam por ali perto dos trilhos. Depois foram ocupando o bairro aqui e ali. Tinha época que eles sumiam e depois retornavam. Mas depois que o bairro começou a ser povoado eles foi ficando e ainda tem alguns por lá. Uma coisa que no meu pensamento contribuiu muito para que esse povo parasse de viajar foi aquela Lei do Lula que acabou com os ciganos.

O narrador fala como testemunha desse processo que ocorre em Pires do Rio-GO, quando afirma que “os ciganos hoje estão perdendo suas tradições”. Mais adiante, menciona

³³ Quando menciono as constantes itinerâncias faço uma referência aos ciganos do passado, pois mesmo vivendo em casas de alvenaria em determinados momentos esses sujeitos vão mudar para outros municípios ao mesmo tempo em que outros provavelmente continuarão chegando. Fica evidente que a permanência em uma residência de casa de alvenaria representa conforto, tranquilidade e segurança, assim quando esses sujeitos resolverem mudarem para outros municípios isto acontece depois de estarem residindo por vários anos na mesma cidade.

que foi com o Estatuto do Cigano e o Guia de Políticas Públicas para o Povo Cigano (BRASIL, 2014), acreditando ser uma lei fomentada pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva juntamente com os tramites do Projeto de Lei sem nº (BRASIL, 2015), enfim, esses documentos deram direitos e garantias para os ciganos inclusive adquirir casa própria através de financiamentos facilitados.

Mesmo percebendo por meio das narrativas que as viagens e os acampamentos em barracas não fazem mais parte do processo de itinerância entre os ciganos de Pires do Rio-GO eles continuam mudando de endereço esporadicamente e quando os fazem sempre estão em residências de alvenaria nos bairros periféricos.

2.5 O Casamento Cigano: uma instituição modificada

O casamento³⁴ está presente em todas as civilizações. Cada qual com suas características e especificidades. Pode ser entendido como uma cerimônia que configura um ritual social de mudança. É uma maneira pela qual os pais apresentam para a sociedade seus filhos, que após as juras, estarão aptos a saírem das casas dos seus genitores e constituir uma nova família. O casamento anteriormente estava relacionado apenas aos dogmas da igreja como uma união indissolúvel. Dessa forma, a igreja adotava uma postura conservadora, tida como moral, no momento em que legitima a união e convívio marital entre homem e mulher.

Sendo uma instituição história, com o passar dos anos o casamento vem evoluindo e flexibilizando conforme o momento histórico. No Brasil, encontra-se normatizado no art. 226 § 3º e 4º da Constituição Federal (BRASIL, 1988) e no Código Civil.

Para a comunidade cigana em tempos passados a cerimônia do casamento era algo muito festejado e acontecia apenas entre eles próprios. Com o avançar dos anos esta

³⁴ Casamento é a união voluntária entre duas pessoas que desejam constituir uma família, formando um vínculo conjugal que está baseado nas condições dispostas pelo direito civil. O chamado "casamento civil" é o ato de união de duas pessoas sob o Direito Civil. Neste caso, em alguns países, como o Brasil, por exemplo, a união civil pode ser constituída por pessoas de ambos os sexos. Mas, já no âmbito religioso, o casamento é um ato exclusivamente destinado aos casais heterossexuais (um homem e uma mulher), sendo esta condição descrita na bíblia sagrada cristã.

Para o cristianismo, o casamento é interpretado como a união de um homem e uma mulher sob a presença de Deus. Neste contexto, ao contrário do casamento civil que pode ser dissolvido a partir do divórcio, a Igreja não permite a dissolução do casamento, salvo casos extremamente raros. Vale destacar que cada cultura e religião apresentam características particulares e significados distintos sobre o casamento. Em algumas crenças, por exemplo, o casamento pode ser poligâmico, ou seja, a união de um homem com duas ou mais mulheres.

No matrimônio religioso, principalmente o baseado na fé cristã, a aliança é um dos símbolos mais importantes desta união, pois representa a ligação física e espiritual entre as duas pessoas que se casaram. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/casamento>>. Acesso em: 28/11/2017.

instituição também tem passado por mudanças no que se concerne aceitação e acolhimento.

Observa-se entre os ciganos residentes em Pires do Rio-GO que essas características estão gradativamente se desagregando da rotina de vida desses sujeitos, oriunda da hegemonia e do sedentarismo, vez que os jovens não conhecem as tradições e não estão mais interessados em manter algo que também foi pouco vivenciado por seus genitores.

O casamento representava para o povo cigano um ritual de passagem onde as meninas eram prometidas ainda crianças por seus pais, a outro cigano do mesmo grupo em subgrupo. Durante o tempo em que ainda era criança, a menina ficava sob a guarda e tutela dos pais até chegar à idade certa para a cerimônia.

Bravo em relação ao casamento diz: “Noia era assim, antigamente falava o casamento de uma menina, nossa, nois falava 12 ano mais assim até panha idade os veio nois criava eles naquele rejumi. Então nois fazia o casamento mais na época da idade mesmo né, agora hoje em dia ficô tudo normal, junta igualmente”.

Bravo não informou qual seria esta idade e segue narrando dizendo que hoje está tudo normal. Aqui, ele faz menção ao namoro e casamento entre ciganos e não ciganos. Essa característica do envolvimento entre ciganos e não ciganos não se restringe aos ciganos mais jovens desta urbe, pois há casamentos de ciganas e não ciganos que foram realizados décadas atrás sendo um exemplo nítido a união de Eco com Índio.

Segundo a narrativa de Eco (2017) “Menino nois fazia muitas festas, casamento de 08 dia de festa onde juntava a famia intera, matava vaca, matava era as cisa mais bunita, mais as pessoa vai cabano os mais antigo, ai nois ta parano com isso”. Ela continua narrando adiante que: “minha fia levou 04 dias de festa, quase uma semana em antes de uma semana até no dia que casou”.

Em relação ao casamento, o narrador Alfa (2017) diz “tem muita gente ai que é casada com moradeira daqui mesmo. Esse rapaiz mesmo é casado com outra ali, uma moradeira e cigana, casa com os próprio, daí com os moradô é de ponto. Hoje num tem isso mais não acabou”.

Durante a produção de dados, o pesquisador diz para os narradores que atualmente tem-se percebido que comunidade cigana está ficando diferente e que muitas pessoas da comunidade local, que não são ciganas, estão se misturando com os ciganos, em relacionamentos oriundos dos namoros e casamentos entre ciganos com não ciganos.

Diante desta inquietação, perguntei como eram os casamentos no tempo em que eles eram jovens e como eles lidam com essa mudança nos dias atuais. Os ciganos, em uma

linguagem simples, própria de sua formação, relatam não estarem preocupados com tais mudanças na vida social dos mais jovens:

Bravo - Tanto faiz pra mim é uma conta só a mesma coisinha se torna a mesma coisa do mesmo jeito, antigamente num casava nois assim num misturava, mais agora, meu genro mesmo num é cigano esse ai que passo no carro num é cigano, esse oto genro aqui num é cigano, **tá veno então agora tá comum.** (grifo nosso)

Charlie - Ah!!! Isso aí até a gente já acostumo, na minha famia tem muitas que não é cigana casada, inclusive essa aqui mesmo é, lá em cima tem outra que é, tem muita moradeira aqui do Pires do Rio que é casada com minha famia com primo, subrim com a famia, tem muita moradeira misturado. Aí já misturo a famia intera.

A cigana reforça o que os outros ciganos narraram quando diz Eco: “Uai porque as veis um rapaz meu que gostou de uma menina que não é cigana se quizé casa tem que pedir pro pai, pedir pra mãe se quisé casa, casa”.

Percebe-se que à miscigenação cultural³⁵ é muito forte na cidade de Pires do Rio-GO e que esse fator mudou de forma significativa a estrutura familiar, bem como a percepção que os ciganos têm em relação às tradições culturais e as vivenciadas atualmente como sendo algo irreversível, o qual eles já se adaptaram, considerando como normal, tanto na opinião dos mais idosos como nas atitudes dos mais jovens.

Conforme relata cigana Delta “Não. Eles agora num segue mais não. Antigamente eles siguia mais hoje eles já mudificô, tá bem diferente. É cigano só porque fala que é cigano, mais nois num tem mais nada havê cum cigano. Mudô tudo, é a ropa, é as coisa tudo, nois mudô”.

Estes dizeres de Delta provoca certa preocupação no pesquisador quando ela diz: “nois num tem mais nada havê cum cigano”. Tal afirmativa traz a tona outros questionamentos subjetivos que certamente serão objeto de investigação em outro momento.

Devido ao processo de sedentarismo, os hábitos culturais dos ciganos oriundos do passado não se aplicam aos ciganos do século XXI, que residem em Pires do Rio-GO, pois houve um processo de adaptação desse grupo minoritário que se encontra mimetizado entre os não ciganos, não sentem vergonha de suas origens, mas não vivenciam as tradições culturais de seus antepassados de acordo com a com Charlie:

³⁵ O termo miscigenação cultural aqui utilizado faz referência a todas as mudanças ocorridas na forma de vida dos ciganos que residem em Pires do Rio-GO que englobam casamento, religião, formação, moradia, convívio familiar e social, escolarização dos jovens e crianças, trabalho, preconceito entre outras. Tudo é formativo.

Não, não, vergonha eles não tem vergonha de ser cigano e isso meu fio é um trem que a gente já nasceu com isso. Então a gente é cigano a gente tem orgulho de ser cigano, apesar de muitas conversas, muitos falatório que muita gente fala, mais nois tem orgulho de nois sê cigano porque nos somo cigano, e nós somo igual a qualquer um porque não tem ninguém melhor que o outro hoje porque é tudo de um jeito só. Então, é assim o que mudou é porque nois antigamente a fama da gente até a língua de cigano sabia, e hoje eles não tá sabeno. Então mudo muita coisa nisso.

Com o avançar dos anos, esses moradores, principalmente os mais jovens, em nada lembrarão seus antepassados, pois desconhecem o processo de itinerância e a vida difícil do passado, vivenciadas pelos seus avôs e bisavós. O pouco que sabem está condicionado às histórias narradas pelos mais velhos e que não desperta tanto interesse entre os mais jovens, que no seu processo evolutivo vão compondo outros saberes que farão parte do processo de formação ao longo da vida, diferente de seus antepassados.

No próximo capítulo, abordaremos o conceito de “Formação ao Longo da Vida”, bem como as impressões sobre o processo de formação dos ciganos de Pires do Rio-GO, o que eles aprenderam com seus pais, como fazem para ganhar a vida com o que sabem fazer, através das práticas laborativas vivenciadas na vida cigana.

Traremos a baila questões relacionadas ao preconceito na perspectiva dos cinco sujeitos narradores. Outro fator marcante e característico sobre a cultura cigana ancora no que eles professam sobre escola, pois serão abordados os motivos pelos quais não a frequentaram.

2.6 Considerações Parciais do Capítulo

Neste capítulo, foi possível perceber que os ciganos permanecem travando inconscientemente uma batalha identitária que perpassam o conhecimento empírico. Os ciganos deste município são aqueles que acreditam em Deus como ser único independente da religião ou igreja que frequentam. São aqueles que lutam por manterem suas famílias unidas, mesmo percebendo que os tempos modernos afetaram consideravelmente a estrutura familiar.

Atualmente, a miscigenação racial, aliada ao processo de sedentarização e empregabilidade dos mais jovens tem causado muitas transformações na vida dos ciganos. Seus aprendizados estão ficando apenas na memória dos mais velhos, pois os jovens partem para novas experiências e saberes que vão remodelando a vida cigana do século XXI, ficando distantes dos conhecimentos adquiridos com seus genitores e parentes do núcleo familiar.

Os ciganos de Pires do Rio-GO vivenciam experiências diferenciadas de seus antepassados, neste sentido, encontram-se mais acostumados com a vida sedentária.

Questões relacionadas com família, casamento, religião, cultura e relacionamentos interpessoais com os não ciganos, frutos do casamento ou do convívio obtido através do círculo de amizades, são questões que não se discutem entre eles e sim vivenciam e que fazem parte de todo o processo formativo dos ciganos narradores.

O que antes era proibido pelos costumes ciganos, naturalmente e inevitavelmente está acontecendo com os ciganos mais jovens, que gradativamente vão agregando novos saberes e aprendizados dos não ciganos e, assim, adquirindo uma nova maneira de viver, não estando excluídos das facilidades da vida contemporânea às quais eles se encontraram adaptados e preferem principalmente os mais jovens que em nada lembram os ciganos do passado.

CAPÍTULO III

3 O PROCESSO DE FORMAÇÃO AO LONGO DA VIDA DOS CIGANOS RESIDENTES EM PIRES DO RIO-GO

O objetivo deste capítulo é explorar, através das narrativas, o sentido de formação apresentados por meio das experiências de vida dos ciganos de Pires do Rio-GO.

O primeiro tópico intitulado “Uma abordagem sobre formação ao longo da vida” tece comentários sobre formação e aprendizagem ao longo da vida com base em Josso (2004) e Alheit e Dausien (2006) e o Memorial de Bruxelas (2000).

No segundo tópico, “As histórias de vida como processo de formação”, a importância das experiências de vida como elemento para construção do sujeito que passa por processos de transformação.

O terceiro tópico, “O sentido de formação ao longo da vida para os ciganos de Pires do Rio-GO” tem como elemento norteador entender o sentido de formação para os ciganos que narram para esta pesquisa, o que eles aprenderam com os mais velhos através das práticas laborativas.

No quarto tópico “A educação e a relação dos ciganos com a escola” serão percorridas através das narrativas as percepções que os ciganos têm sobre a escola, enfatizando as causas pelas quais eles não as frequentaram.

Seguindo adiante com o quinto tópico “Como os ciganos lidam com o preconceito”, apresentaremos o entendimento do termo preconceito e como os ciganos residentes nesta urbe percebem e vivenciam esta situação. Será apresentado através de dois vieses entre aqueles que dizem que tem e os que dizem que não, em seguida, as considerações parciais do capítulo.

Ao abordar a formação ao longo da vida temos os ciganos como protagonistas de sua própria história, pois neste estudo o mesmo está atrelado com os aprendizados que fazem parte da vida adulta desses sujeitos sendo a maneira pela qual foram criados, educados e se mantem como meio de obter recursos financeiros.

Não relaciono o termo ao trabalhador que labora com horários e salários fixos ou com metas a cumprir para seus chefes imediatos. O termo formação representa a própria maneira de vida dos ciganos do seu jeito livre com as práticas que aprenderam e que representam o modo de vida e como esses sujeitos vivem em sociedade.

No entanto, este termo pode ter amplas interpretações variando entre o conhecimento formador profissional obtido pelos estudos escolares ou a formação do dia a dia aprendido

com as práticas laborativas por meio das experiências com os mais velhos. Nesse sentido, a formação aqui representa a própria existência do sujeito.

As atividades relacionadas a “Formação ao Longo da Vida” nos levam a crer que se trata das atividades e experiências relacionadas à educação obtidas dentro das estruturas escolares, pois se acredita erroneamente que a formação escolar é a única forma de adquirir e transmitir conhecimentos, que sejam capazes de garantir o sucesso e a permanência desses sujeitos na sociedade. Porém, a formação pode estar relacionada às experiências do dia a dia do sujeito.

Josso (2010) trata essa ambiguidade da seguinte forma:

A palavra formação apresenta uma dificuldade semântica, pois designa tanto a atividade no seu desenvolvimento temporal, como o respectivo resultado. Designando o nosso objeto de investigação pelo próprio conceito de processo de formação, indicávamos mais claramente que nos interessávamos pela compreensão da atividade. Todavia, mantém-se uma ambiguidade, à medida que o conceito utilizado não permite distinguir a ação de formar (do ponto de vista do formador, da pedagogia utilizada e de quem aprende) da ação de formar-se. (JOSSO, 2010, p.61).

Interessa-nos entender a formação ao longo da vida dos ciganos de Pires do Rio-GO, evidenciadas por meio das falas dos protagonistas quando narram suas experiências, seguindo o que Josso (2004) diz sobre as experiências formadoras:

Falar das próprias experiências formadoras é, pois, de certa maneira, contar a si mesmo a própria história, as suas qualidades pessoais e socioculturais, o valor que se atribui ao que é “vivido” na continuidade temporal do nosso ser psicossomático. Contudo, é também um modo de dizermos que, neste continuum temporal, algumas vivências têm uma intensidade particular que se impõe a nossa consciência e delas extrairemos as informações úteis as nossas transações conosco próprios e/ou com o nosso ambiente humano e natural (JOSSO, 2004, p.48).

De fato, em todos os momentos da vida as pessoas vão adquirindo novas experiências que podem passar despercebidas, tidas como fatos corriqueiros, aos quais não é destinado grande importância, o que em outros, há uma supervalorização, contudo, todos esses acontecimentos fazem parte do processo formativo.

Esse contar as experiências formadoras Josso (2004) para alguém é também contar para si mesmo fatos da vida que ficaram no passado que são fundamentais na vida presente, pois são as experiências formativas acumuladas ao longo da vida.

A experiência de vida proporciona muitas formas de aquisição do conhecimento. Nesse ciclo de desenvolvimento interacional do sujeito consigo e os outros a aprendizagem vai acontecendo em todos os espaços e situações, mesmo quando não percebemos.

A aprendizagem nesta linha de raciocínio, não acontece apenas nos espaços escolares, pois aprendemos em todas e quaisquer situações ou seja: em casa, na igreja, trabalho, viagens, no convívio familiar, entre amigos, bem como em situações de conflito, na troca de experiências com os mais velhos ou até mesmo na informalidade. Aprendemos assistindo à televisão, lendo livros, folheando catálogos ou navegando na Internet, tanto quanto quando refletimos e quando fazemos projetos. Pouco importa se essa maneira de nos formarmos seja trivial ou requintada: não podemos alterar o fato de que somos aprendizes “no longo do curso da vida”. (ALHEIT e DAUSIEN, 2006, p.117).

Logo, aprender é algo flexível que acontece em ritmos diferentes para cada indivíduo. É um processo de adaptação pelo qual os sujeitos buscam respostas para as diversas interrogações e inquietações do dia a dia. Independem da forma requintada ou do conhecimento de mundo, pois o aprender é capaz de provocar alterações maneira como vemos e interagimos com o mundo, portanto implica mudanças e conseqüentemente tomada de decisões.

Assim, devido as constantes mudanças que ocorrem com os ciganos relacionados às suas vivências, viagens, costumes, família, atividades laborativas, convivência social e escolar, supõe-se que tudo isso afeta sua vida cotidiana. As experiências de vida desses sujeitos produzidas por meio das narrativas é o ponto forte para compreender esse processo de contínuas mudanças e suas histórias de vida com o grupo social o qual se encontra inserido.

As histórias de vida das pessoas são permeadas por experiências e vivências individuais ou coletivas que ao longo dos anos vão compondo um entrelaçamento de ideias e saberes de forma que cada um vai construindo sua trajetória de vida através do vivido. Essa interação coletiva do homem com o mundo não se limita apenas com seus pares e sim com todo o meio ambiente relacionados aos seres bióticos e abióticos existentes na natureza. A partir do momento em que ela acontece de forma transformadora estará propiciando mecanismos os quais o sujeito se projeta entre os relacionamentos do eu com os outros e o meio ambiente.

Dessa forma, pesquisar a formação dos ciganos residentes no município de Pires do Rio-GO é realizar um mergulho em suas memórias as quais são resultados de aprendizagens constituídas através das experiências adquiridas ao longo da vida. Essas experiências formativas podem ter intensidades diferentes, conforme o grau de importância que cada sujeito dá às suas experiências memorativas. Ou seja, O processo de formação de cada sujeito está intimamente ligado às várias experiências pessoais que se articulam com os fatores culturais, temporalidade, fatores sociais, geográficos até mesmo com o estilo de vida.

Para Alheit e Dausien (2006) “O conceito de “aprendizagem ao longo da vida” permanece mal definido”. Eles afirmam: “Os conceitos de formação e de aprendizagem, que

têm cada um seu campo semântico e sua tradição teórica, não podem ser discutidos sistematicamente e delimitados um pelo outro” (ALHEIT e DAUSIEN, 2006 p.179).

Conforme o Memorando sobre “Aprendizagem ao Longo da Vida” (2000) “A aprendizagem ao longo da vida deixou de ser apenas um componente da educação e da formação, devendo tornar-se o princípio orientador da oferta e da participação num contínuo de aprendizagem, independentemente do contexto”. (BRUXELAS, 2000, p.03). Este documento informa que “a aprendizagem ao longo da vida considera todo o processo de aquisição de conhecimentos como um contínuo ininterrupto do berço à sepultura” (BRUXELAS, 2000, p.08). Informa também que a aprendizagem pode apresentar-se de três formas: “formal, não formal e informal”

Aprendizagem formal: decorre em instituições de ensino e formação e conduz a diplomas e qualificações reconhecidos.

Aprendizagem não formal: decorre em paralelo aos sistemas de ensino e formação e não conduz, necessariamente, a certificados formais. A aprendizagem não formal pode ocorrer no local de trabalho e através de actividades de organizações ou grupos da sociedade civil (organizações de juventude, sindicatos e partidos políticos). Pode ainda ser ministrada através de organizações ou serviços criados em complemento aos sistemas convencionais (aulas de arte, música e desporto ou ensino privado de preparação para exames).

Aprendizagem informal: é um acompanhamento natural da vida quotidiana. Contrariamente à aprendizagem formal e não formal. Este tipo de aprendizagem não é necessariamente intencional e, como tal, pode não ser reconhecida, mesmo pelos próprios indivíduos, como enriquecimento dos seus conhecimentos e aptidões. (Memorando Sobre Aprendizagem ao Longo da Vida, p.9, 2000).

Para os ciganos protagonistas, o tipo de aprendizagem informal é a que melhor contempla a forma de vida desses sujeitos, que aprendem com os mais velhos de seu grupo social. Esse aprendizado, tais como lavar, passar, cozinhar, vender, comprar, montar e desmontar as barracas dos acampamentos, cuidar dos animais, gambirar, ler a sorte, dançar, cantar, cuidar das crianças e dos afazeres domésticos, acontece corriqueiramente na vida dos ciganos e fazem parte do processo de formação. No entanto, por serem atividades simples do dia a dia, para eles pode ser interpretado que não aprenderam nada, ou seja, podem não ser valorizadas pelos sujeitos narradores como sendo algo importante. Assim, todas as atividades laborativas por eles desempenhadas vão desenvolvendo aptidões consciente ou inconscientemente, as quais serão fundamentais durante o curso de sua vida cigana.

O aprender, nesse sentido é contínuo, acontece pela observação e repetição das atividades diárias, sem que haja a intencionalidade. Aprende-se naturalmente pelo fato de ver e vivenciar tais atividades com frequência.

Quando mencionamos o termo “Formação”³⁶, ao realizar uma pesquisa nos dicionários on-line percebeu-se que este vocábulo pode apresentar muitos significados, podendo ser entendido como a maneira ou forma de se educar alguém e/ou um aglomerado de cursos de qualificação técnica, acadêmica ou profissional, como também o ato de construir algo. Pode ser entendido como um conjunto de valores que vão além dos conhecimentos morais ou intelectuais.

Na literatura, o uso deste termo vem sendo utilizado de forma generalizada para designar os modos, maneiras ou iniciativas que os indivíduos utilizam como alternativa de aprendizagem que não aconteceu nos espaços de uma instituição escolar, podendo-se dizer tratar de uma nova oportunidade de aprendizado, capaz de oportunizar significativas mudanças pessoais e profissionais.

Segundo Caspar (2007), o processo de formação não está condicionado apenas à relação professor/aluno, na transferência e aquisição de conhecimentos, pois essa questão abarca uma dimensão mais ampla, que perpassam os muros escolares, entendendo que o processo formativo é algo que acontece com todos e em todos os espaços. Segundo as contribuições de Caspar (2007) o processo de formação é uma transformação da própria identidade.

[...] adquirir, refrescar ou desenvolver saber e saber-fazer, habilidades, capacidades, é desenvolver competências que combinam uma gama de comportamentos e de saberes face a problemas a resolver em situações específicas. Formar-se é operar uma transformação querida, esperada ou imposta, dando ao mesmo tempo vida a uma ligação que configura o conhecimento, a um desejo de progresso, a uma motivação que não pode deixar de alimentar, confortar e, por vezes, restaurar a sua própria identidade. Formar-se é escolher a formação entre outros meios possíveis, para atingir um objectivo (sic), para realizar um projecto (sic) que a ultrapassa, seja ele pessoal, familiar, profissional, associativo ou político; é também envolver-se, ou seja, criar uma situação favorável a um desenvolvimento desejado e duradouro. (CASPAR, 2007, p.92).

Libânio (2002), na obra a “Arte de Formar-se”, afirma que o principal protagonista no processo de formação recai sobre a própria pessoa do formado. Portanto. Ele diz:

Formar-se é tomar em suas mãos seu próprio desenvolvimento e destino, num duplo movimento de ampliação de suas qualidades humanas e religiosas e de compromisso com a transformação da sociedade onde vive. É modelar livremente a própria vida a fim de participar do processo construtivo da sociedade. (LIBÂNIO, 2002, p.13,14).

³⁶ Formação in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico. Disponível em: <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/formação>>. Acesso em 09/01/2018.

Independentemente da situação, a qual os sujeitos estão inseridos, a aprendizagem e o processo formativo acontecerão em momentos e situações diferentes para cada sujeito. No entanto, é necessário que haja apoio, estímulos e situações favoráveis, pois cada sujeito possui sonhos e expectativas diferenciadas de acordo com o meio onde vive as interações sociais e familiares e o que planeja ou não para sua vida futura.

Bragança (2011, p.161) diz que “a formação, em sua dimensão pessoal e interior, leva-nos ao encontro das mediações entre esse conceito e os processos identitários”. Desta forma, o processo formativo que acontece com os ciganos residentes em Pires do Rio-GO representa uma transformação do sujeito, algo que eles próprios não conseguem mensurar, pois acreditam que o pouco que sabem não tem valor.

Diante destes entendimentos cabe-nos explicitar como os ciganos de Pires do Rio-GO lidam com a questão relacionada aos aprendizados construídos ao longo da vida, herdados dos pais, avós e ciganos mais velhos e a importância que esses sujeitos dão a essas práticas diárias que subjetivamente eles não mensuram, porém representam o aprendizado que os acompanham por toda vida.

3.1 As Histórias de Vida como Processo de Formação

Segundo Bragança (2011), pensar filosoficamente a formação é deixar o ser homem em evidência, reconhecendo que estes são sujeitos históricos, que gradualmente vão construindo suas tessituras por meio das vivências e relacionamentos. Há, portanto em todos os espaços percorridos uma troca de saberes e conhecimentos que são disseminados por meio do convívio social, o qual independe do conhecimento obtido por meio do processo de escolarização.

Do ponto de vista filosófico, pensar a formação traz o humano para o centro de nossa reflexão. Enquanto sujeitos históricos, construímo-nos a partir das relações que estabelecemos conosco mesmos, com o meio e os outros homens e mulheres, e é assim, nessa rede de interdependência, que o conhecimento é produzido e partilhado. (BRAGANÇA, 2011 p.158).

Não estamos sozinhos nesta caminhada, pois o conhecimento e aprendizado vão acontecendo mesmo quando não se percebe. Nasce de uma conversa informal, ao contar uma história ou fato do dia a dia. Emerge quando vemos alguém realizando determinado trabalho e aprendemos por meio da observação e conseqüentemente através da oralidade.

As narrativas ciganas relacionadas aos processos formativos proporcionam um mergulho em fatos rememorativos, que ficaram no passado e que veem à tona, quando são

acionados por fatores externos que, neste caso, são potencializados através das entrevistas realizadas na pesquisa exploratória e produção de dados com questionários semiestruturados. Esse exercício oferece inúmeras possibilidades, tanto para o narrador, quanto para o pesquisador. Há, portanto uma ampliação de ideias que vão se conectando de maneira que o sujeito possa narrar mais livremente o que favorece a interlocução com o passado, o qual amplia o entendimento do presente.

Somos seres históricos que a todo o momento novas experiências são vividas. Mudam os pensamentos, os valores, a importância que damos às coisas e também as pessoas, a concepção de mundo, o certo ou errado, tudo conforme a vivência, temporalidade e processo de socialização.

Cada geração vive seus conflitos, conquistas e ansiedades e nesse processo de interação social vão assimilando os aprendizados que acontecem naturalmente no convívio familiar informal ou na formalidade nas escolas. E cada sujeito carrega consigo sua bagagem de aprendizado, mesmo não sendo mensurado o grau de importância. Procurou-se entender “qual é a importância de se reconhecer como sujeitos de nossa história³⁷?”

Este questionamento pode ser entendido em dois sentidos: para alguns se apresenta como fundamental saber de suas origens, quais foram os seus antepassados, o que fizeram e o legado que eles deixaram. Pessoas que fazem parte deste grupo possuem um grau de instrução melhor e acreditam que é necessário conhecer o passado para preservar o futuro. Por outro viés, há aquelas pessoas que simplesmente vivem não se preocupando com os fatos que ficaram no passado, acreditam que o importante é o “hoje o agora”.

Cruzando estes dois entendimentos, podemos dizer que independentemente de se importarem ou não com os fatos do passado, esses sujeitos possuem histórias de vida singulares, repletas de experiências e aprendizados e cada qual valora conforme sua cultura e entendimento.

Segundo Josso (2009), os sujeitos passam por processos de “transformações” e isto acontece no momento em que se “toma consciência de si”. Esse processo de reconhecer-se está relacionado com as vivências, experiências de vida, atividades formativas, valores que se adquire com as trocas de experiências. Tendo consciência disto o sujeito se torna mais flexível para entender o real sentido da vida e como seus aprendizados são importantes para este ser em constante processo de formação e transformação interna e externa.

³⁷ Os ciganos de Pires do Rio-GO pouco sabem de suas tradições históricas e desconhecem também que uma nova história está sendo escrita com as experiências de vida por eles narrados. Acredito que mesmo valorizando as narrativas destes sujeitos protagonistas como valioso objeto de pesquisa intimamente eles acreditam que tais experiências não têm valor.

Em conformidade com Josso (2007),

O trabalho de pesquisa a partir da narração das histórias de vida ou, melhor dizendo, de histórias centradas na formação, efetuado na perspectiva de evidenciar e questionar as heranças, a continuidade e a ruptura, os projetos de vida, os múltiplos recursos ligados às aquisições de experiência, etc., esse trabalho de reflexão a partir da narrativa da formação de si (pensando, sensibilizando-se, imaginando, emocionando-se, apreciando, amando) permite estabelecer a medida das mutações sociais e culturais nas vidas singulares e relacioná-las com a evolução dos contextos de vida profissional e social. (JOSSO, p.414. 2007).

Neste sentido, com base na singularidade e mutações apontadas por Josso (2007), é que pretendemos avançar para entender o sentido de formação que os ciganos de Pires do Rio-GO dão às suas experiências de vida, o que aprenderam com seus familiares e o que eles fazem até hoje. No ensaio “A transformação de si a partir da narração de histórias de vida” Josso (2007) fornece pistas:

O processo de formação que caracteriza o percurso de vida de cada um permite trazer à luz, progressivamente, o ser-sujeito da formação, vê-lo tomar forma psicossomaticamente, psicologicamente, sociologicamente, economicamente, culturalmente, politicamente, espiritualmente, numa sábia e singular teia, produzindo assim um motivo único. A consciência de ser (ativamente ou passivamente) sujeito de sua história, através de todos os ajustes que foi preciso fazer, permite ter a medida do que está em jogo em toda a formação: a atualização do sujeito num querer e poder ser e vir-a-ser e sua objetivação nas formas socioculturais visadas, as que já existem ou as que ele tiver que imaginar (JOSSO, 2007, p.423).

Josso (2007) revela que as experiências vão progressivamente formando o sujeito em vários quesitos, que perpassam os psicológicos, sociais, econômicos culturais, políticos ou espirituais, estando ligado uns aos outros, que naturalmente vão formando o “ser” sujeito, por ela classificados como:

- “Ser de sensibilidades” - sendo aquele capaz de vivenciar e manifestar seus sentimentos, que independem de serem agradáveis ou não.
- “O Ser de atenção consciente” - representado pelo ser que se reconhece e percebe as transformações à sua volta.
- “Ser de emoções” - dotadas de sensibilidades menos carnis. “O Ser de afetividade” representa aqui o ser enquanto constituído dos laços afetivos e relacionamentos interpessoais mantidos, rompidos ou internalizados consciente ou inconscientemente, que nos faz entrar no

universo dos laços construídos, mantidos ou rompidos, em torno dos valores que nós interiorizamos não conscientemente.

- “Ser cognição” - capacidade de aquisição e desenvolvimento da linguagem, inteligência, ordenação do pensamento por meio das vivências e percepção da visão de mundo de forma individual.

- “O Ser de ação corporal” - é uma combinação de todos os outros, é o ser que age, atua de forma que as transformações aconteçam.

Este ser sujeito cigano em constante transformação é detentor de muitos saberes e experiências que, ao narrarem, vão compondo a história e identificando esses sujeitos como seres históricos, numa sociedade mutante, a qual seus habitantes vão reescrevendo suas histórias e dando sentido à vida e ao vivido.

3.3 O Sentido de Formação ao Longo da Vida para os Ciganos de Pires do Rio-GO

O aprendizado acontece na vida de todas as pessoas de maneiras e formas diferentes. O que realmente irá fazer a diferença é o valor ou sentido que cada um dá ao que foi aprendido.

Utilizar esse aprendizado como elemento facilitador das atividades diárias é fundamental para sua sobrevivência e de seus pares. Os ciganos residentes em Pires do Rio-GO vem passando por inúmeros processos formativos através da vivência com seus pares e demais habitantes desta urbe.

Intuímos que os conhecimentos acontecem naturalmente com o convívio social dos membros de seu grupo e são os adultos que mais aprenderam e acumularam conhecimentos. Desta forma, eles podem partilhar suas experiências e aprendizagens com os demais, através de uma troca significativa, que podem potencializar o processo formativo em desenvolvimento. Pode-se afirmar que os ciganos veem passando seus saberes para os mais jovens desde os tempos mais antigos por meio da oralidade, o que tem garantido a permanência destes sujeitos na sociedade, vivendo atualmente com muitas das características de seus antepassados.

Os meninos, na maioria dos casos, aprendiam com os homens mais velhos e estão constantemente unidos em uma relação de troca de saberes. Esta característica é bem pontuada durante a produção de dados.

Quando indagado ao cigano Bravo (2017) O que o senhor aprendeu com seu pai ou com o avô, que o senhor traz ou usa na vida até hoje?

Bravo responde:

Ai eu, o que eu mexo mais é que eles me ensinaram mais é eu gambira, vendia um trem, arrumava o trem, o que eles me ensinaram foi isso daí, pra coisa foi isso. Não meu fio, naquela época nós fazia gambira de cavalo, gambirava cavalo ia fazer esses trem assim, ganhava dinheiro, então fazia assim, né fazer gambira um cavalo, gambirava um revolve, o que tivesse na mão nós gambirava. Agora que nós parou quisso, agora nós mexe mais é com uma gambirinha de carro agora, veve gambirano carro, troca e vende, troca e vende agora. (BRAVO, 21/04/2017).

O narrador completa dizendo que o regime de aprendizado deles é diferente e que a família e os ensinamentos dos mais velhos são fundamentais para a troca de experiências que se arrastam ao longo da vida cigana. Há uma valorização e respeito pelos conhecimentos dos mais velhos. Bravo (2017) diz:” o rejume nosso assim, não, não, isso aí foi com a minha família mesma, com os vovô nosso, o vovô meu pai o tio nosso, o chefe nosso mesmo que era o vovô meu sogro então era aí que nós ficava assim, pegamos o rejume deles”.

Na narrativa do cigano Alfa (2017), ele enfatiza as dificuldades e o sofrimento quando praticava essas atividades laborativas. Ele afirma não ter conhecido o avô e o que aprendeu foi com os ensinamentos de seus pais: “meu avô, eu não conheci, avô só tive os pais, viajamos no mundo, vendemos as coisas, andamos no mundo aí oh, vendemos rede, vendemos cocha, tuas mexendo essas ondas toda, sofria demais viu, a gente sofreu muito. Passou precisão, é isso”

As práticas laborativas identificadas na pesquisa exploratória e posteriormente confirmadas com as entrevistas, demonstram que nas famílias ciganas pesquisadas os ensinamentos eram os mesmos para todos e ancoravam principalmente nas práticas comerciais ditas pelos narradores como gambira. Estas atividades laborativas formativas acompanham a evolução da vida cigana e dão sentido à vida, entendendo que foi (é) através das mesmas que estes sujeitos conseguem recursos financeiros para manterem suas famílias.

Atualmente, com os mais jovens está acontecendo um processo de readaptação das práticas formativas, ou seja, estão adquirindo poucos conhecimentos dos mais velhos e aderindo as tendências das práticas laborativas atuais visando à empregabilidade no comércio formal, indústrias e demais atividades que não sejam gambira ou informalidade.

Para as mulheres ciganas, as experiências de aprendizado estavam mais relacionadas com os afazeres domésticos aprendidos com as avós, tias mães e familiares

mais velhos. Há também a forte presença da compra e venda de produtos em especial panos de prato e toalhas conforme narra Charlie (2017).

Uai meu fio, trabaiá vende as coisas, sempre, minha famia. Minha mãe sempre foi uma vendedora muito boa. Minha mãe ela vendia trem, ela vendia tuaia, pano de prato. Então sempre eu ajudava a minha mãe, nois ia pra São Paulo, nois ia pras praias prá trabaiá. Então nois cresceu nisso, então nois mexe com isso. (CHARLIE, 16/04/2017).

É marcante a característica de comércio entre os ciganos, tanto para os homens quanto mulheres. O que difere são as opções da atividade de compra e venda. Enquanto os homens lidam geralmente com a compra, troca e venda de animais, na maioria das vezes cavalos, carros, e outros objetos de maior valor, as mulheres se especializaram na compra e venda de enxovais tais como: toalhas, colchas e principalmente panos de prato.

Todo esse aprendizado que vem sendo repassado de geração em geração encontra aporte nas relações familiares, pois o povo cigano valoriza muito essas atividades familiares e mesmo com os intempéries da modernidade, eles continuam com tais práticas laborativas, ora por realizarem um movimento de resistência inconsciente e manter a tradição, ora por falta de formação profissional que os habilitem para outras atividades laborativas.

Na narrativa de Charlie, fica evidente além das práticas laborativas, a formação de valores como compaixão, alteridade, humildade, caridade e educação informal.

Uai meu fio, eles me ensinaram é pra mim sê boa pessoa, num sê preconceito com ninguém que eu nunca tive em minha vida se uma pessoa meu fio, humilde, uma pessoa se chega alguém na porta se tá precisano é pra mim sevi, porque meu pai tem um coração muito bom pra mim ajuda as pessoa. Se eu tivesse conducoesi pra mim ajuda mais do que eu queria, eu ajudava, O que que minha famia me ensino foi isso, pra mim se gente boa enducada e se alguém precisa é pra mim ajuda as pessoas. A gente meu fio, a gente precisa de Deus e o mundo, né, então a gente precisa é isso meu fio, que o que minha mãe me ensinou eu tô seguindo até hoje, de eu sê boa de eu ajudá as pessoas que precisa e de tê fé em Deus e num tê preconceito com nada.

Delta (2017) é a matriarca de uma família cigana extensa, que, mesmo possuindo casa de alvenaria, optou por ter uma barraca de lona para as visitas. Na residência, ela afirma que tem 12 pessoas, sendo ela, 04 filhos, 08 netos, 01 sobrinho e 01 irmã. Na verdade, são 15 pessoas as quais ela define como ciganos e que ela é a principal provedora do núcleo familiar, realizando atividades aprendidas com seus familiares:

Aprende assim, compra, vendê, ler a sorte dos outros. Eu sou revendedora, mexo com enxoval, cama, mesa. O que eu aprendi? Foi isso mesmo da gente vivê assim, andano pra cima, pra baxo, sem sossego. Hoje não, graças a Deus nois sussegô, parô, apoiô, no mesmo lugá, sabe? A gente tem muitos amigos na cidade, só isso.

Delta (2017) reforça o que foi narrado por todas as outras famílias ciganas, que o comércio informal faz parte da vida e do processo formativo de todos os ciganos. Percebe-se quando ela menciona “pra cima e pra baixo”, estar falando do passado, quando ainda realizavam as viagens intermunicipais. Porém, agora esse sentido diz respeito apenas ao ir e vir no centro da cidade, oferecer seus produtos nas ruas e calçadas para os transeuntes.

Eco (2017) diz que tudo o que ela aprendeu foi com as ciganas mais velhas, avó, mãe e tias e que no tempo de criança, que era apenas brincadeiras, foram se tornando realidade quando ela diz: “uai a gente assim, quando era criança, assim, só envolvia em brincar, aquele negócio de cozinhadinha, se vê cozinhando, brincando né”. Ou seja, ela repetia o que as mulheres adultas faziam. Porém, aquelas brincadeiras foram canalizadas para vida adulta. Hoje, ela se encontra sendo mãe de família e repetindo os mesmos afazeres que suas antecessoras realizavam. “Uai, com as pessoas da gente, a mãe, assim, ensinava a gente fazer as coisas e depois que eu casei e criei meus filhos, ninguém ensinou eu fazer mais nada. Ai, com o pai eu já sabia fazer as minhas coisas” (ECO, 23/03/2017).

Quando o pesquisador indaga sobre como a família dela faz para custear as despesas da casa, Eco, seguindo os apontamentos das demais famílias ciganas pesquisadas, afirma: “Nois é uma turma, nois vende as coisas: toalhas, colchas, pano de prato essas coisas assim, nois vevi é disso”.

A narradora diz que está muito difícil viver com a venda destes produtos e que o povo está sem dinheiro por causa da crise. Disse ainda que os produtos comercializados por eles vêm diretamente de São Paulo e que são comprados através do telefone e quando chegam eles buscam no correio.

Nas narrativas apresentas pelos ciganos mais velhos de Pires do Rio-GO foi possível perceber que as experiências formativas e laborativas adquiridas com seus antecessores ainda fazem parte na vida cotidiana dos atores envolvidos nesta pesquisa.

As experiências formativas representam a chave das narrativas autobiográficas que segundo Clandinin e Connely (2015, p.48) “para nós, as narrativas é o melhor modo de representar e entender a experiência”. Tais experienciais contidas nas narrativas ciganas demonstram a importância das experiências adquiridas com a observação no convívio familiar entre os ciganos mais velhos. As narrativas apontam que no olhar dos ciganos eles dizem que não sabem nada, que aprenderam pouco. Quando eles dizem assim, estão realizando inconscientemente uma comparação com os aprendizados de outras culturas, em especial relacionados ao saber adquirido nas escolas. O que fica cristalino nas entrelinhas das

narrativas é que o que eles aprenderam ao longo da vida com os mais velhos foram suficientes para que eles forneçam a manutenção dos seus sucessores.

Charlie afirma e resume com propriedade o aprendizado ao longo da vida para os ciganos: “Aprendi com os antigos né com a minha família do jeito que eles ia. Nois tá seguindo a origem deles”.

Diante a resposta de Charlie, várias interrogações perpassam a mente do pesquisador: se estão seguindo os ensinamentos dos antigos, por que motivo a cultura cigana tem sofrido tantas modificações? O que os jovens ciganos esperam do futuro? Os aprendizados dos ciganos mais velhos que conseguiram manter suas famílias se aplicam aos ciganos mais jovens do século XXI? Estes e outros questionamentos os quais não temos respostas, merecem uma investigação mais aprofundada sobre o olhar e entendimento dos ciganos mais jovens, como eles processam e entendem a vida cigana, sendo desentendes que não vivenciaram as viagens, montagem e desmontagem das barracas e as dificuldades que atualmente são outras.

3.3 A Educação e a Relação dos Ciganos com a Escola

Bourdieu (1998), ao realizar uma crítica da escola, a faz de maneira pessimista, entendendo que “ela” pode atuar como um lugar que potencializa e reproduz as diversas desigualdades existentes nos grupos sociais. Conforme Bourdieu, a escola representa um espaço capaz de acolher um público diversificado com vários saberes e culturas, sendo uma mistura de etnias, religiosidade, visão de mundo, interesses, os quais não são os mesmos, tanto para alunos como para os educadores.

Ela recebe uma grande massa de alunos, mas nem todos se reconhecem neste espaço como sujeitos de direitos. É na escola enquanto uma instituição de ensino que as desigualdades podem ser potencializadas fazendo com que alguns se sintam acolhidos, outros tantos discriminados pelas suas diferenças.

O grupo minoritário dos ciganos é de uma etnia e cultura diferente historicamente, não frequentavam os espaços escolares devido a vários fatores, entre eles o nomadismo. São considerados ágrafos, pois em sua saga histórica, vivendo constantemente aqui e ali nas estradas e nos acampamentos nas barracas de lona, não tiveram oportunidades de frequentarem as unidades escolares. Esses povos não tinham o costume de estudar devido a constantes viagens realizadas e também por acreditarem que não havia tal necessidade. Essa característica frequentemente aparece nas narrativas dos sujeitos narradores, os quais apontam os motivos que não puderam frequentar uma unidade escolar.

Entre os ciganos identificados na cidade de Pires do Rio-GO, 11 (onze) são completamente não escolarizados, não sabem ler ou escrever o próprio nome e sentem muitas dificuldades em lidar com o dinheiro. Ao longo dos anos, vivenciam perspectivas e realidades diferentes dos não ciganos. O aprendizado obtido nas escolas é um conhecimento que para eles não tinha muito valor.

Atualmente, sedentários e inseridos numa sociedade que constantemente passa por mudanças, aos poucos os ciganos mais jovens vão tendo contato com a educação formal ministrada por não ciganos nas unidades escolares.

Em busca de dados que abordam os motivos pelos quais os ciganos não frequentaram a escola, fizemos o seguinte questionamento: “Nós sabemos que geralmente as ciganas e os ciganos não frequentam a escola. Porque que a senhor (a) acredita que nunca foi necessário frequentar uma escola?”. Delta diz:

Porque na época num existia isso né, aí a gente neim passava isso pela cabeça. Hoje que mudo a tecnologia, cê vê tá muito diferente, mais antigamente num existia isso. Pra nois, moradô mesmo tem muita gente analfabeta ainda. Hoje nois os cigano tudo já tá istudano, as criança, os mais de 25, 30 anos prá cá tudo já sabe lê.

Na narrativa de Delta, fica evidenciado que questões relacionadas à escola não eram cogitadas entre o grupo familiar dos ciganos, não havendo a necessidade de estudar, o que se justifica pelo constante processo de itinerância e a própria cultura transmitida de pais para filhos. Delta informa que atualmente está tudo mudado e que a tecnologia está presente em tudo. Há a nítida preocupação das novas gerações estarem frequentado as escolas, inclusive os jovens entre 25 e 30 anos, que são escolarizados diferentemente de seus antepassados, que culturalmente não sabiam ler ou escrever.

Bravo (2017), quando abordado pelo pesquisador sobre o assunto escola, narra que não é escolarizado, não conhece nada que tenha sido aprendido nas escolas. Os “minino”, os quais ele justifica estão relacionados com suas filhas e netos que frequentam a escola, sabem ler e escrever.

Não, nunca fui matriculado, nunca fui mexido cum iscola não. Num sei nada só analfabeto nesso ponto. Já tem meus minino que é tudo criado, já é tudo arrumadinho, tudinho arrumado, coisado, tem iscola, tem aula tem tudo, então dei aula pra ele, tudo pra nunca tê dor de cabeça. Mais cê sabe por que que antigamente nosso povo os mais veio, mais era mais divaga então não mixia quisso, num tinha essa influencia quisso, num sabia nada né, intão era trabaiano em roça, gostava mais de trabaiaiva assim....Gostava de trabaia em roça eu já trabaiei de boa fria muitos ano, trabaiei muito tempo de boia fria, trabaiano pra cuida, pra ajuda a cuida da famia certo.

A partir do momento em que as novas gerações frequentam as unidades escolares, estes estão sujeitos a não terem dores de cabeça, que podem ser interpretadas como as inúmeras dificuldades, relacionadas às limitações e oportunidades de propiciarem uma vida mais digna para seus filhos.

As narrativas de Delta apontam que os ciganos mais velhos não davam valor a educação formal, eram mais devagar nesse sentido, pois a preocupação era apenas com o trabalho para ganhar dinheiro como boia fria, para ajudar a sustentar a família.

Alfa (2017) narra que nunca frequentou uma unidade escolar “não, não, porque num tinha no tempo que eu andava, agora aqui eles tão frequentano a escola, esse, o outro, o neto, o meu fio que mora lá em riba tá lá, ele estuda ainda a noite, é isso. O tempo era curto”.

Quando o cigano ancião narra o fator tempo está realizando uma referência às mudanças que constantemente aconteciam com seu povo, não havendo oportunidade e tempo para frequentarem uma escola.

Fica claro nas narrativas apresentadas que os ciganos mais jovens estão constantemente percorrendo os espaços escolares, deixando de serem não escolarizados como seus antepassados, avôs, pais, tios ou tias. Esse processo de escolarização aos poucos vai compondo a maneira de viver em sociedade dos ciganos, que acreditam que a educação é muito importante para os jovens. No entanto, no tempo em que os narradores eram mais jovens, esta questão relacionada à escola não era discutida, pois não fazia parte do processo formativo deles, devido às constantes mudanças sem paradeiro certo.

Charlie (2017) narra: “não, antigamente não tinha paradeiro né, é como eu to te isplicano, a gente vivia era só mudano de uma cidade pra outra, então nois nunca estudou, nois nunca foi na escola”.

Na narrativa apresentada por Eco (2017), a vida dos ciganos sempre foi muito difícil, com muito trabalho e entre todas as entrevistas realizadas, apenas nesta família foi mencionado que os pais abordavam a questão de seus filhos irem à escola, mas Eco não diz se algum dia eles matricularam as crianças. Ela diz: “falava, mas a gente trabalhava demais na roça, aí não dava tempo, aí chegava do serviço cansada pra poder ir pra escola”.

Em outra fala ela completa dizendo:

Antigamente num tinha oportunidade não, a gente trabalhava muito na roça, vivia trabaiano mexendo com as coisas, num tinha tempo pra isso não. Aí depois eu casei, criei os meus fios, agora depois da gente de idade, a gente num..... eu acho que não adianta mais não.

É normal entre os ciganos mais velhos que eles não frequentassem a escola tanto entre os homens quanto mulheres. O que eles aprendiam com seus pais ou com os mais velhos do grupo familiar era tido como suficiente para garantir a sobrevivência de todos do grupo social. Aprendia observando o convívio familiar, escola era algo desnecessário, coisa de não cigano.

Para os ciganos narradores o sentido de educação ancora na vivência de mundo, nos ensinamentos e aprendizados que eles adquiriram com os mais velhos. Eles aprenderam com a escola da vida tudo que sabem e julgam necessários para manterem suas famílias. A escola, enquanto um espaço físico que ensina a ler e a escrever, presente apenas nas gerações mais novas, para os filhos e netos já apontados por Delta e demais narradores.

Atualmente, os ciganos que optaram em viver em casas de alvenaria na cidade de Pires do Rio-GO percebem a educação formal como uma necessidade para as gerações futuras. Os pais matriculam seus filhos nas unidades escolares da Rede Pública de educação, levam e buscam a medida do possível suas crianças nas escolas, mas não participam efetivamente do desenvolvimento escolar ou reuniões de pais, com o grupo gestor das escolas.

Essa característica foi observada durante o momento que atuei como professor regente no 5º ano na escola Municipal Sebastião Antônio Leite, nos anos de 2014 e 2015, unidade escolar que concentra o maior número de crianças ciganas matriculadas, conforme dados enviados por e-mail no dia 26/04/2016 pelo secretário escolar³⁸. Os números apresentados representam os dados das matrículas localizados nos arquivos da escola e identificados como sendo ciganos. Não há qualquer tipo de elemento nas fichas de matrículas ou demais documentos que os identificassem como ciganos. Os dados apresentados apontam os seguintes números: 2013 (4), 2014 (7), 2015 (5) e 2016 (6) que totalizam 22 estudantes, sem mencionar o gênero. O secretário informou que em anos anteriores, outros alunos ciganos passaram pela mesma unidade escolar em grande quantidade, mas que a rotatividade e evasão eram corriqueiras. Como não era o responsável pelas matrículas, não houve como rastrear o quantitativo de alunos ciganos presentes nesta unidade escolar nos anos anteriores, mas há evidências de que muitos passaram por esta escola e não tiveram a matrícula homologada, pois mudavam rapidamente.

O dizer do secretário escolar coaduna com as informações obtidas por meio das conversas realizadas com as professoras que já atuavam nesta escola em anos anteriores, as

³⁸ Essa informação foi obtida através de uma conversa com o secretário escolar da Escola Municipal Sebastião Antônio, quando o abordei à respeito dos ciganos matriculados nesta unidade escolar. Após vistoria nas fichas de matrícula, as quais não tem a identificação “cigana”, o secretário identificou os alunos por ter um contato direto com eles, desde o ano de 2013 atuando como servidor na secretaria desta unidade escolar.

quais diziam que os ciganos eram pessoas difíceis e que não se adaptavam muito bem na escola. Em alguns momentos nas conversas obtidas nos intervalos do recreio na sala dos professores, elas diziam que “ciganos não gostam de escola, são faltosos e aprendem com dificuldade”.

Frente a isso, como professor regente, ouvindo tais concepções entendo o pessimismo de Bourdieu (1998) relacionado à escola que potencializa as desigualdades sociais, pois os próprios profissionais da educação assim o fazem durante a execução de suas práticas pedagógicas. Neste caso em especial, com os ciganos que passaram pela escola Sebastião Antônio Leite.

Não estou dizendo que esses sujeitos foram negligenciados pelos professores ou sofreram quaisquer tipos de preconceito, mas sim citando as impressões obtidas em conversas que acontecem comumente dentro e fora das escolas, conforme a cultura escolar.

Diante ao exposto, conforme as narrativas apresentadas pelos sujeitos narradores, percebeu-se que a escola era algo distante, que não fazia parte da vida cigana devido aos fatores relacionados como nomadismo, falta de instrução dos pais, cultura, dificuldades em serem aceitos na comunidade local. Por ser uma “coisa” de não ciganos para não ciganos, a escola não fazia parte da vida formativa dos ciganos. Tudo que eles deveriam aprender eram transmitidos pelos mais velhos, especificamente pelos pais ou membros do núcleo familiar.

A escola para eles em nada influenciava sua vivência. A única escola frequentada todos os dias em todos os espaços com professores que os acompanhavam todos os dias era a escola da vida, tendo como mestres aqueles que os ensinavam como viver apenas com o mínimo possível para sustentar a família e mantê-los unidos dentro dos padrões aceitáveis pela vivência e cultura cigana.

3.4 Como os Ciganos Lidam com o Preconceito?

Décadas depois, agora não como uma criança curiosa e sim como pesquisador, percebo que as proibições acompanhadas dos termos pejorativos como “ladrões de crianças, safados”, proferidos pelos adultos, entre eles meus genitores, resumem se em preconceito o qual eu não sabia o que realmente significava e prefiro acreditar que meus pais também não, pois apenas perpetuavam o que ouviram dos mais velhos e nunca questionavam a veracidade dos fatos.

A característica de “ladrões de crianças” imputada a esses sujeitos é sinalizada nas narrativas de Charlie: “Não, não, eh era muito discriminado o cigano porque chegava em uma

cidade muita gente falava que o cigano robava criança, cavalo, então nois tinha muito esses problemas com esse pessoal, mas agora graças a Deus inté que deu muita melhorada boa”.

Esses problemas apontados pela cigana estão presentes na saga histórica desses povos, vinculados à sua forma de vida diferenciada das demais culturas.

Quase nada sabemos sobre os ciganos e o pouco que temos acesso à história encarregou de marcar esses sujeitos com adjetivos pejorativos, tais como “vadios, bruxas, feiticeiros, ladrões, trapaceiros, assassinos, falsários, sodomistas, criminosos ou agressores” Pieroni (2000). Os mesmos adjetivos encontram-se presentes na obra de Moraes Filho (1981), intitulada “Os ciganos no Brasil e o cancionero dos ciganos” tidos como “tropas de vagabundos”. (MORAES FILHO, p.27, 1981).

Ferreira (2001, p.551) diz que preconceito é uma “ideia preconcebida, suspeita, intolerância, aversão a outras raças, credos religiões etc.” A definição postulada por Ferreira coaduna com a história dos ciganos, desde os tempos mais antigos e perpetua até os dias atuais, conforme nos informa a literatura. O preconceito não nasce com o sujeito é, pois fruto das convivências e relacionamentos, tempo, localidade, formação familiar aliada a bagagem que trazemos da socialização com nossos pares, que nos acompanha em todos os lugares.

Os ciganos, quando abordados sobre a questão do preconceito, manifestam opiniões diferenciadas. Há momentos em que eles acreditam que o preconceito existe e em outros momentos, dizem que não. É o que marca a narrativa de Bravo, quando diz que o convívio entre ciganos e não ciganos é feita com base na confiança entre os vizinhos mais próximos. Bravo justifica a relação de confiança narrando que não existem reclamações oriundas dos não ciganos, pois os ciganos não fazem bagunça, nem envolvimento com cachaça.

Ao ser questionado sobre como lidam com o preconceito? Bravo responde:

Aqui não, aqui o povo tudo acha bão noia aqui cê tá veno essa vizinhança aqui, cê num vê um reclami de nois. Tem um vizinho meu dali oh, diara ele viaja pro Araguaia, ele pega a chave da casa dele, os trem da casa dele e fala cê toma conta prá mim oia pra mim. Então os trem ai fica é cum nois aqui. Nois num faz babunça, nois num é cachaceiro, nois num faz baderna nois num briga nein nada a coisa mais bão do mundo é aqui nois aqui cuns vizin cê pode sabe pro cê vê.

Alfa (2017) tem outro posicionamento no que se refere ao preconceito com os ciganos. Quando narra à dificuldade que eles enfrentam com a comunidade local, enfatiza não

saber o que acontece para que tal atitude negativa seja direcionada a eles. Não há atitudes de violência de ambas as partes e o que se observa é a “tolerância”³⁹.

O povo aqui num acostuma cum nois não, sabe num acostuma não. Eles tem num sei o que com os cigano aqui, mais a Valença é que ninguém faiz conta deles, moro no que é meu alugado, num aborreço eles, eles num me aborrece é isso que conta gente. Ah!!! Meu povo aqui num confia não. O povo aqui não num confia em cigano não viu. Eu moro aqui há treze ano, eles num confia não. São um povo que num que a lealdade, entendeu, num gosta de cigano. É isso.

Alfa continua enfatizando que os munícipes não são pessoas de boa convivência, não acreditam e não se acostumam com os ciganos, mesmo após permanecerem em residência fixa por 13 anos no mesmo local. Diz que os não ciganos são pessoas desleais, prefere manter distância para não ter dissabores.

Nas narrativas apresentadas ele repete a o termo “tem” por quatro vezes, o que deixa evidente que o preconceito é forte e muito presente na comunidade piresina. Ele diz: “Ainda tem. Tem, tem, tem. O povo aqui num é muito bom não compreendeu, mas eles num aborrece ninguém, a gente num aborrece também, então...” (ALFA, 2017).

Para McLaren (1997), o termo preconceito pode ser assim entendido:

é o prejulgamento negativo de indivíduos e grupos com base em evidências não reconhecidas, não pesquisadas e inadequadas. Como essas atitudes negativas ocorrem com muita frequência, elas assumem um caráter de consenso ou cunho ideológico que é, muitas vezes, usado para justificar atos de discriminação. (McLaren, p.212, 1997).

Esse conjunto ideológico postulado por McLaren (1997) diz respeito às crenças existentes entre ciganos e não ciganos. Por outro lado, os sujeitos narradores afirmam que o preconceito existe. Para outros isso é coisa do passado, porém esta é a perspectiva desses atores que se esquecem de considerar a opinião daqueles que não são ciganos.

Delta é uma moradora do Bairro Nadin Saud, mesmo bairro que o cigano Alfa reside com sua esposa, filhos, neto e sogra. As duas residências ficam separadas por apenas duas quadras. Eles não são parentes e não frequentam os mesmos espaços ou grupos sociais. No entanto, possuem entendimentos divergentes sobre o assunto preconceito. Enquanto Alfa percebe a dificuldade de convivência com os não ciganos, Delta é positiva ao dizer: “Não,

³⁹ O termo tolerância utilizado aqui significa que há uma relação muito delicada entre ciganos e não ciganos, pois um não pode invadir o espaço do outro, não há afetividade mesmo com as mudanças nos costumes principalmente com os casamentos com os moradores locais.

graças a Deus o pessoal daqui é muito bom com nois aqui num tem esse negócio de preconceito não, eu tenho muito amigo na cidade, o povo é muito honesto conosco, tudo gente boa”

A opinião de Delta correlaciona com as narrativas de Bravo quando dizem que o povo é bom e há entre eles um relacionamento de amizade, assim, cada cigano narrador percebe o preconceito de uma maneira. Este é parte integrante do processo formativo desses sujeitos que gradativamente vão assumindo as características e aprendizados com os não ciganos.

De acordo com os PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), o preconceito fere o princípio fundamental da dignidade da pessoa humana:

O preconceito é contrário a um valor fundamental: o da dignidade humana. Segundo esse valor, toda e qualquer pessoa, pelo fato de ser um ser humano, é digna e merecedora de respeito. Portanto, não importa seu sexo, sua idade, sua cultura, sua raça, sua religião, sua classe social, seu grau de instrução, etc.: nenhum desses critérios aumenta a dignidade de uma pessoa.

Assim, todos são merecedores de respeito, independente de sua situação financeira, cor, raça, cultura, religião ou orientação sexual.

No entendimento de Charlie (2017), o preconceito depende do local onde os ciganos encontram-se inseridos. Ela diz que “[...] existe muito preconceito com o cigano ainda”.

Eco (2017), quando abordada sobre o mesmo assunto, narra que no passado as pessoas se achegavam e conversavam com eles. Alguns ainda nutriam o preconceito. Ela continua sua narrativa informando que atualmente as coisas mudaram que há um vínculo de amizade e confiança entre ciganos e não ciganos.

Todo mundo conversava, vinha aonde é que a gente tava. Tinha uns que tinham preconceito da gente, outros num tinha não. Uai hoje tá bão também, hoje a coisa tá mio pra gente, a gente tem muita amizade com o povo, o povo gosta muito da gente da cidade aqui oh!!! Tem muita amizade aqui na cidade. Graças a Deus a pessoa gosta da gente, oce sai tem gente que até sente falta da gente, quando a gente sai de casa. O cigano hoje tá misturano tem rapaz nosso que casa com pessoa que não é cigano tem outras que casam que não é cigano. E vai misturano.

Nas narrativas apresentadas, Bravo, Delta e Eco postulam os mesmos entendimentos a respeito do preconceito dos não ciganos com os ciganos. Eles acreditam que não há essa questão, pois não se sentem injustiçados ou diminuídos pela condição de serem ciganos. Por outro lado, Alfa e Charlie defendem que o preconceito existe e que a vida dos ciganos

permanece muito difícil, pois os não ciganos não se acostumam com os ciganos aqui residentes.

3.7 Considerações Parciais do Capítulo

A “formação que acontece ao longo da vida” para os ciganos é tida como algo natural, que faz parte da vida e cultura deste povo. No entanto, tudo o que aprenderam eles acreditam que era por que tinha que ser assim. Todos os aprendizados foram adquiridos com os mais velhos e assim deve permanecer, pois se baseiam nos costumes, tradições e nos ensinamentos transmitidos pelos antepassados. O que dá sentido à vida para os ciganos velhos não escolarizados encontra-se ancorada nos ensinamentos transmitidos pelos seus genitores e familiares. Isto é o que eles conhecem e vivenciaram desde criança. Suas práticas laborativas por mais simples que possam ser são fundamentais para manter a subsistência do grupo familiar.

Os ciganos encontram sentido para a vida vivendo próximo aos seus familiares, mesmo com todas as demandas da contemporaneidade. Questões relacionadas ao preconceito, escola, fazem parte da vida cigana moderna dos sujeitos habitantes de Pires do Rio-GO, pois são questões que no passado eles vivenciaram de maneira diferente do que é apresentada atualmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar culturas diferentes constitui um excelente exercício que perpassa o conhecimento empírico e o senso comum amplamente disseminado pelas pessoas ou pela mídia, que automaticamente vão tornando-se verdades ou meias verdades sobre como vivem determinados povos. Confesso que essa busca por conhecimento propiciou um retrospecto saudosista em minha infância que foi capaz de trazer à tona sensações, desejos, curiosidades olhares desconfiados e atrevidos para um povo que não se misturavam com os demais moradores da cidade de Pires do Rio-GO. Como criança que era nunca parei para pensar essa questão, apenas observava em silêncio, ao longe, o retrato em movimento, daqueles os quais não conhecia, mas ouvia os adultos dizerem coisas ruins.

Canalizei meus esforços nas leituras com o intento de obter informações, não para satisfazer a curiosidade de um menino proibido pelos pais de se misturar com aqueles estranhos, mas sim para conhecer a veracidade dos acontecimentos vivenciados na pele do pesquisador, para então compartilhar os resultados desta investigação com os demais.

Acredito ser fundamental registrar a satisfação em perceber que desde o momento em que atuei como professor regente, trabalhando diretamente com os ciganos, o que intrigava não era mais apenas a curiosidade de criança. Sem perceber bem, mesmo antes de imaginar uma pesquisa com ciganos, lá estava eu questionando pais, professores e equipe pedagógica, informações desconstruídas sobre estes sujeitos. A intenção de longe em minha concepção se restringia a uma pesquisa e sim tentar entender como deveria ser minha atuação como professor regente que deveria atuar com sabedoria e imparcialidade com esses sujeitos ditos pelos demais professores como pessoas difíceis e que não aprendem. Ou seja, durante o fazer pedagógico, a pesquisa já estava em andamento eu apenas não percebia. Realizei visitas nos lares de alguns, continuei com as falas nos intervalos com professores e principalmente com os pais, que na grande maioria eram as mães que levavam e buscavam suas crias.

Tais conversas foram fundamentais para fornecer uma diversidade de informações que eram apenas as impressões obtidas com os demais profissionais daquela unidade escolar. Como professor aprendi muito com as experiências e saberes desses alunos, que já chegavam rotulados na unidade escolar.

Com a riqueza de informações e vivências apresentadas diariamente pude perceber com clareza o valor do conhecimento empírico destes sujeitos, que paulatinamente despertava em mim uma sede de conhecimento qual ainda não tinha.

No momento em que optei por tentar pleitear uma vaga no mestrado, não conseguia visualizar outras vertentes de pesquisa diferentes. Na minha cabeça apenas havia espaço para

“os ciganos”. Assim, fiz o projeto no intento de pesquisar o “Processo de escolarização cigana ofertada por professores não ciganos”. A familiaridade com o tema nasceu do convívio com alunos ciganos que antes de minha atuação como professor naquela unidade escolar eles eram “invisíveis”.

Já como pesquisador foi necessário conhecer mais profundamente o objeto para despir-me de possíveis preconceitos e informações errôneas que fatalmente poderiam contaminar a pesquisa. Nesse sentido, foi realizada uma pesquisa exploratória, a qual proporcionou a identificação, localização e quantidade de ciganos residentes em Pires do Rio-GO.

Com a riqueza de informações produzidas nas narrativas de caráter exploratório, a pesquisa em andamento tomou um rumo diferenciado, devido à quantidade de ciganos não escolarizados identificados, o que culminou em entender, através das narrativas, como acontece o processo de formação das famílias ciganas de Pires do Rio-GO.

O esforço canalizado para a realização da pesquisa proporcionou um estreitamento entre o contato do pesquisador com os sujeitos ciganos pesquisados, que abriram um canal de informações e grandes possibilidades de trocas de saberes.

Entre artigos, dissertações, teses e livros que abordam escritos sobre os ciganos, foram realizadas pesquisas em diversas fontes, onde muitas delas replicavam parafraseando o que já fora abordado. Nesse viés havia a grande necessidade de trazer a baila algo novo e diferenciado para responder qual é o sentido de formação construído por famílias ciganas em Pires do Rio-GO?

Adiantado nas leituras e com muitas informações obtidas na pesquisa exploratória, para a escrita ficar consistente houve a necessidade de retornar a campo agora com entrevista semiestruturada e mergulhar na realidade das diferentes famílias ciganas, com o objetivo de produzir mais informações e mapear as informações que abordam as vivências e experiências dos ciganos não escolarizados de Pires do Rio-GO, o que possibilitou uma nova roupagem, a escrita da dissertação e a reorganização das informações sobre essa população.

As entrevistas realizadas possibilitaram um fantástico aprendizado e muitas informações que no ato da produção de dados pesquisador e pesquisados pareciam esquecer que se tratava de uma entrevista a qual estava sendo gravada.

Os ciganos sujeitos principais desta pesquisa foram identificados como: “Alfa, Bravo, Charlie, Delta e Eco” cada qual com sua forma peculiar de narrar foi pacientemente expondo suas vivências desde criança até os dias atuais. A cada fala por eles pronunciada o pesquisador se reportava aos dizeres do senso comum e realizava um link com as dificuldades

e preocupações vivenciadas por cada narrador. Para os ciganos que residem em Pires do Rio-GO, independentemente de sua cultura, eles têm desejos e sonhos que na maioria das vezes são castrados pelo simples fato de serem ciganos ou de origem cigana. Difícil não sensibilizar com as narrativas apresentadas por eles, mas certamente servem para colocarmos num processo de alteridade e ressignificação das nossas atitudes enquanto cidadãos e principalmente relacionados com nossas práticas pedagógicas.

Quanto aos resultados obtidos confesso que a escrita não foi uma tarefa fácil. Houve momentos nervosos e muitas dúvidas em como processar tantas informações que fossem capazes de atender o objetivo proposto para a escrita desta dissertação.

Acredito que os objetivos foram alcançados e possibilitaram a produção de inúmeras informações relacionadas à história desse povo, suas origens, religião, família, cultura, sedentarização, preconceito, escolarização, processo formativo, o que aprenderam questões relacionadas às viagens e o reconhecimento feito pelos próprios narradores como sendo ciganos.

A pesquisa possibilitou conhecer quem são os ciganos de Pires do Rio-GO, não apenas de uma forma relacionada ao estereótipo, mas sim que eles estão entre nós, possui as mesmas necessidades básicas e tem outras tantas que o poder público e população local insistem em deixá-los a margem da sociedade, vivendo em condições excludentes e invisíveis.

Ciganos são pessoas que votam, compram no comércio local, trabalham, vão às igrejas e criam seus filhos. Ciganos são pessoas alegres e sonhadoras que sofrem com o preconceito e indiferença dos outros. Os ciganos merecem nosso respeito e tratamento digno, merecem reconhecimento humanizado, que atendam às especificidades de sua cultura, pois são portadores de muitos saberes e experiências de vida que não se encontram registrados. Porém, representam a própria identidade e forma de vida que esses sujeitos constroem no seu dia a dia com as experiências de seus pais ou familiar mais velho. Ciganos são aqueles que mesmo possuindo vasto conhecimento empírico acreditam que o que fazem não tem muito valor ou importância, pois todos assim o fazem sem muitas dificuldades.

Em relação às origens desse povo, há mistério e controvérsias entre os pesquisadores, sendo apontado como provável origem o Egito ou Índia. Os ciganos de Pires do Rio-GO acreditam que seus antepassados vieram do Egito, portanto são gytanos.

Seus ensinamentos foram pouco registrados e foram passados adiante através das tradições orais. Isso contribui para que permaneçam muitas lacunas na história que merecem estudos mais consistentes e aprofundados, com o objetivo de trazer possíveis respostas, as quais ainda não têm.

Em Pires do Rio-GO, não há especificamente um território cigano e sim um lugar mesmo com a maior aglomeração no Bairro Nadin Saud. Os ciganos que aqui residem não realizam mais as constantes viagens e não montam barracas de lonas, pois abandonaram o nomadismo e optaram por morarem em casas de alvenaria e criar seus filhos nos moldes das famílias não ciganas. Entretanto, algumas características das tradições ciganas ainda permanecem adaptadas à contemporaneidade. Os narradores mencionam alguns fatos típicos do seu povo, porém a maneira de viver dos narradores e seus familiares de longe podem ser comparados com o que a história reservou a eles.

Atualmente, não usam mais as vestimentas longas e coloridas ou adornos exagerados, casam cigano com não cigano potencializando a miscigenação racial que acelerou o processo de sedentarização. Outro fator que merece destaque está relacionado à questão religiosa bem marcante nas narrativas desses sujeitos que frequentam qualquer igreja católica ou evangélica, pois para eles o importante é acreditar em Deus como o único salvador.

A família ainda continua sendo mito importante para os narradores e demais membros que procuram fixar suas residências próximas do núcleo familiar. Atualmente, há famílias patriarcais e matriarcais que os jovens, mesmo com as muitas transformações advindas dos tempos modernos, procuram obedecer. Nesse sentido, as famílias ciganas pesquisadas de longe podem ser comparadas com as famílias mais antigas e tradicionais em todos os sentidos que perpassam as questões relacionadas ao casamento, número de filhos ou seguir as tradições típicas do povo cigano.

A imagem que a história e ficção construíram desses povos tidos como errantes, misteriosos, vagabundos, bruxos, feiticeiros, desonestos, preguiçosos e sem pátria paulatinamente vem sendo desconstruído, especialmente pela tendência e prática da sedentarização desses ciganos.

Percebeu-se que entre os ciganos mais velhos o índice de não escolarizados é muito elevado, mas que pela tradição cultural e forma de vida que eles vivenciavam era comum não frequentarem as unidades escolares, independente do gênero. Em contrapartida, as gerações mais novas vivenciam outras realidades à medida que são todos escolarizados, frequentam as escolas e tem muitos projetos de melhorarem de vida, casar, ter filhos e morarem em uma casa mais confortável.

Nas narrativas apresentadas pelos ciganos narradores percebeu-se situações de conflito entre as informações no que tange ao preconceito a eles direcionado. Houve narradores que disseram não perceber esse preconceito e que vivem bem e são respeitados

pelos não ciganos. Porém, para outros o preconceito ainda é muito forte e prejudica principalmente a relação de trabalho em especial para os mais jovens.

Ficou evidente que os ciganos poucas vezes procuram ajuda do poder público e que desconhecem por completo que há uma lei federal que garante a eles proteção integral através do SEPIIR e o Guia de Políticas Públicas para os Povos Ciganos. Destaco que mesmo as autoridades administrativas municipais, em especial a Secretaria de Ação Social não conhece os ciganos, não sabem o contingente, onde moram ou quais são suas demandas. Nesse sentido, o desenvolvimento desta pesquisa foi de suma importância, pois possibilitou uma investigação de campo que colaborou para que esses sujeitos venham a sair da invisibilidade.

O epílogo desta investigação ancora no entendimento de que o processo formativo dos ciganos de Pires do Rio-GO são frutos de todas suas vivências e práticas como: comprar e vender animais, toalhas, panos de prato, fazer gambira, realizar pequenos serviços gerais, cozinhar, lavar, passar e cuidar dos filhos.

Clandinin e Connelly (2011) dizem que “as experiências se desenvolvem a partir de outras experiências, que levam a outras experiências, por isso um critério da experiência é a continuidade”. As narrativas apresentadas nos mostram que suas experiências/o vivido é o conteúdo forte da formação que tiveram ao longo da vida. Tudo o que sabem fazem parte de um processo acumulativo de experiências que os acompanharão por toda vida.

Os ciganos narradores não possuem uma profissão definida e vivem de pequenos trabalhos os quais são suficientes para manterem com os gastos dos familiares da casa. Importante frisar que as práticas laborativas desses sujeitos narradores são entendidas por eles como algo sem muita importância. Eles apontam que tudo o que sabem foi adquirido com os mais velhos. Portanto, o sentido de formação para os ciganos de Pires do Rio-GO estão em todas suas atitudes, práticas e vivências. O que dá sentido à vida de cada sujeito narrador são os ensinamentos que eles adquiriram com seus genitores e ciganos mais velhos aliados aos demais, que gradativamente vão compondo a história de vida desses sujeitos.

Acredito que esta pesquisa possibilitou o estreitamento dos laços entre pesquisador e pesquisados capaz de abrir novas oportunidades para outras pesquisas. Assim, esta pesquisa representa um documento capaz de deixar registradas as experiências de vida dos ciganos de Pires do Rio-GO retirando-os da invisibilidade.

REFERÊNCIAS

ALHEIT, Peter; DAUSIEN, Bettina. **Processo de formação e aprendizagens ao longo da vida**. Educação e Pesquisa. São Paulo, v. 32, n.1, jan./abr. 2006

ALMEIDA, Maria Zeneide C. Magalhães de. **Educação e memória: velhos mestres de Minas Gerais (1924 - 1944)**. Brasília: 2009. Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/bancodeteses/>>. Acesso em: 24/09/2016.

ALVES, José Carlos Moreira. **Direito Romano**. Rio de Janeiro: Forense, 1977.

ANDRADE JÚNIOR, L. Os ciganos e os processos de exclusão. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo: 2013, v. 33, nº 66, p.95-112.

BASTOS, Celso Ribeiro. **Comentários à Constituição do Brasil**. São Paulo: Saraiva 1989.

BOLÍVAR, A. **Profissão Professor: o itinerário profissional e a construção da escola**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

_____. (2002). “¿De nobis ipsis silemus?”: Epistemología de la investigación biográfico-narrativa en educación. In: Revista Electrónica de Investigación Educativa.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BORDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BRASIL. **Guia de Políticas Públicas Para o Povo Cigano**. Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial Secretaria de Políticas Públicas para as Comunidades Tradicionais SEPPPIR - Brasil, 2014.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão, **Ciganos Documento Orientador para os Sistemas de Ensino**. Brasília, DF, 2014.

_____. **Leis de Diretrizes e Bases da Educação - LDB**. Lei nº 9394/96 de 230 de dezembro de 1996.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1988.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de. **Sobre o conceito de formação na abordagem (auto) biográfica**. Educação, Porto Alegre, v.34, n.2, p.157-164, maio/ago.2011. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8700>>. Acesso em: 25/09/2017.

BRUXELAS, **Memorando sobre Aprendizagem ao Longo da Vida**. Disponível em: <<https://infoeuropa.euroid.pt/files/database/000033001-000034000/000033814.pdf>>. Acesso em: 10/12/2016.

CAMPOMORI, Maurício José Laguardia. O que é avançado em cultura. In: BRANDÃO, Carlos Antônio Leite (Org). **A república dos saberes: arte, ciência, universidade e outras fronteiras**. Belo Horizonte: Ed.da UFMG, 2008. p.73-80.

CASPAR, P. Ser formador nos dias que correm: novos atores, novos espaços, novos tempos. Sísifo. In: **Revista de Ciências da Educação**. Lisboa: v.2, p.87-95, 2007.

CLANDININ, D. Jean. CONELLY, F. Michael. **Pesquisa Narrativa: Experiências e História na Pesquisa Qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

CLANDININ, D. Jean. COONNELLY, F. Michael. **Pesquisa Narrativa: Experiência e História em Pesquisa Qualitativa**. 2ed. rev. Uberlândia: EDUFU, 2015.

DAMATTA, Roberto. **Exploração: um ensaio de sociologia interpretativa**. Rio de Janeiro: Rocco. 1986.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto**. Tradução de Maria da Conceição Passegi, João G. da Silva Neto, Luis Passegi. São Paulo: Paulus; Natal: EDUFRN, 2008.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. In: **Revista Brasileira de Educação**. v.17, n.51, p.523-536, set. Dez. 2012.

DURKHEIM, E. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p.3.

DIAS, Cristiane. **Mapeamento do município de Pires do Rio-GO: usando técnicas de geoprocessamento**. Tese de Mestrado UFU, Universidade Federal de Uberlândia 2008.

FASUG. **Faculdade do Sudeste Goiano**. Disponível em: <<http://www.fasug.edu.br/institucional>>. Acesso em: 20/11/2017

FERRARI, M., KALOUSTIAN, S. M. A Importância da Família. In: KALOUSTIAN, S. M. (org.). **Família Brasileira: a base de tudo**. São Paulo: Cortez, 1994. p.11-15.

FERRAROTTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Org.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Lisboa: Departamento de Recursos Humanos/ Ministério da Saúde. 1988. p.17-34.

FREITAS Liliane Miranda - GHEDIN, Evandro Luiz – Narrativas de Formação: origens, significados e usos na pesquisa-formação de professores. In: **Revista Contemporânea de Educação**. vol.10, n.19, janeiro/junho de 2015.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.

HOLZER, W. **A discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente.** Território. Rio de Janeiro: LAGET/UERJ, v.3, jul. /dez.1997.

HONÓRIO FILHO, Wolney. Velhas histórias coladas à pele: a importância das histórias de vida na formação do professor. In: **Educação.** Porto Alegre: EdiPUCRS, v.34, n.2, p.189-197. 2011.

IBGE- **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística** Acesso em: disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/go/pires-do-rio/panorama>>.

JOSSO, Marie Christine. **Experiência de vida e formação**/Marie Christine Josso; prefácio António Nóvoa; revisão científica, apresentação e notas à edição brasileira Cecília Warschauer; tradução José Claudino e Júlia Ferreira; adaptação à edição brasileira Maria Vianna - São Paulo: Cortez, 2004.

JOSSO, Marie-Christine. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida.** Educação. Porto Alegre: ano XXX, n. 3 (63), p.413-438, setembro/dezembro, 2010.

JOSSO, M-Christine. **A transformação de si a partir da transformação de si a partir da narração de histórias de vida.** Porto Alegre: ano XXX, n. 3 (63), p.413-438, set./dez. 2007.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico.** 14ed. Rio de Janeiro: Jorge "Zahar Ed., 2001.

LE BERRE, M. **Territoires. Encyclopédie de Géographie.** Paris: Economica, 1995. p.601-622.

LIBANIO, João Batista. **A arte de formar-se.** 4ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002 (Coleção CES).

MCLAREN, Peter. **A vida nas escolas: uma introdução à pedagogia crítica nos fundamentos da educação.** 2ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MOONEM, Frans. **Anticiganismo os ciganos na Europa e no Brasil.** 3ed. Edição digital Recife: 2011.

MORAES FILHO, Mello. **Os Ciganos no Brasil e o Cancioneiro dos Ciganos.** Belo Horizonte: Ed. Itatiaia 1981.

NOGUEIRA, Wilson Cavalcante. **Incidente em Pires do Rio.** Goiânia: Gráfica e Editora Kelps, 1995

NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação.** Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

PCNs. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ética e temas transversais.** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. v.8.

PIERONI, G. **Vadios e ciganos, heréticos e bruxas.** Os degredados no Brasil Colônia. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil: Fundação Biblioteca Nacional, 2000.

PINEAU, Gaston. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação. In: **Educação e Pesquisa**. São Paulo: v.32, n.2, p.329-343, maio/ago. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v32n2/a09v32n2>>. Acesso em: 25/09/2017

POLLAK, Michael. Memórias, esquecimento, silêncio. In: **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Ed UFRJ, v.2, n.3, p.3-15, 1989.

SCOTT, Parry. **Gerações e famílias: Polissemia, mudanças históricas e mobilidade**. Soc. estado. Vol. 25, n.2 Brasília: maio/ago. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922010000200006>. Acesso em: 29/11/2017.

SARTI, Cynthia Andersen. **Contribuições da antropologia para o estudo da família**. Psicol. USP, v.3, n.1-2 São Paulo: 1992. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php>>. Acesso em: 23/09/2017

SANCHES, Mário Antônio. **Bioética: ciência e transcendência**. São Paulo: Loyola, 2004.

SIMÕES, Sílvia Régia Chaves de Freitas. **Educação Cigana: entre lugares entre Escola e Comunidade Étnica**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) apresentada junto a Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

SIQUEIRA, Jacy. **Um Conto Singular e Outros Ensaio de Histórias de Goiás**. Goiânia: Kelps, 2006.

SOARES, Magda. **Metamemória-memórias: travessia de uma educadora**. São Paulo: Cotez: 1991. (Coleção Educação Contemporânea. Série Memória da Educação)

SOUZA, E. C. de; ABRAHÃO, M. H. B. (Org.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006.

TEIXEIRA, Rodrigo Correia. **História dos ciganos no Brasil**. Dissertação (Mestrado em História) UFMG Universidade Federal de Minas Gerais, 2008. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/ciganos/a_pdf/rct_historiaciganosbrasil2008.pdf>. Acesso em: 24/09/2016.

TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. **História dos ciganos no Brasil: uma breve história**. 2ed. Belo Horizonte: Crisálida, 2009.

TURATO E. R. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. In: **Revista de Saúde Pública**. 2005.

VAZ, Ademir Divino. **José, Tereza, Zélia...e seu território cigano**. Anápolis: Universidade Estadual de Goiás, 2010.

APÊNDICE

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS REGIONAL CATALÃO
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
Av. Lamartine P.Avelar, 1.120. Setor Universitário – Catalão (GO) CEP – 75.704 020
Fone: (64) 3441-5366.
Ramal 204 – Coordenação. E-mail: ppgeduc.ufg@gmail.com
Ramal 206 – Secretaria. E-mail: secretariappgeduc@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Wolney Honório Filho

ENTREVISTA COM CIGANOS DE PIRES DO RIO-GO

IDENTIFICAÇÃO

- Conte-nos um pouco de sua história quem é você, onde nasceu, qual é sua origem, religião?
- Quem é sua família? Quantas pessoas têm?
- Como ganha a vida? Trabalha com o quê?
- Frequentou escola?

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS REGIONAL CATALÃO
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
Av. Lamartine P.Avelar, 1.120. Setor Universitário – Catalão (GO) CEP – 75.704 020
Fone: (64) 3441-5366.
Ramal 204 – Coordenação. E-mail: ppgeduc.ufg@gmail.com
Ramal 206 – Secretaria. E-mail: secretariappgeduc@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Wolney Honório Filho

FORMAÇÃO

- Como aprendeu a fazer o que faz hoje?
- O que aprendeu na vida cigana?
- Como aprendeu a sobreviver?
- Como é o cotidiano da vida de vocês?
- Quais são as características mais marcantes de uma família cigana atualmente?
- Por que não frequentou a escola?

Adilson dos Reis Felipe
Matrícula 20160442

Pires do Rio 23 de março de 2017

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS REGIONAL CATALÃO
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
Av. Lamartine P.Avelar, 1.120. Setor Universitário – Catalão (GO) CEP – 75.704 020
Fone: (64) 3441-5366.
Ramal 204 – Coordenação. E-mail: ppgeduc.ufg@gmail.com
Ramal 206 – Secretaria. E-mail: secretariappgeduc@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Wolney Honório Filho

FAMÍLIA CIGANA 01

Tipo familiar patriarcal, residentes a Rua 01 Q-18 Lote 22 Bairro São Sebastião Pires do Rio-GO, sendo que a mãe não é cigana, mas durante 08 anos no início do casamento com um cigano legítimo conforme relatou a esposa morou em barracas de lona, cozinhava em fogões improvisado tipo trempe, dormia no chão e andava muito a cavalo mesmo durante a gravidez. Nesta residência moram 06 pessoas sendo a mãe não cigana.

Identificação	Sexo Idade	Tipo de moradia	Escolaridade	Importância que dá a educação	Motivo pelo qual não estudou/parou	Profissão
Pai	Mas. 48 anos	Alvenaria alugada	Nunca frequentou uma escola é analfabeto, assina só o nome.	Acredita que é importante, porém nunca estudou ou foi à escola.	Devido as constantes viagens de uma cidade para outra. Cidades	Vendedor cativo
Filho 01	Fem. 21 anos	Alvenaria/ alugada	2º grau completo	Valoriza a educação escolar, porém não tem motivação para continuar.	Não prestou o vestibular	Desempregada
Filha 02	Fem. 18 anos	Alvenaria alugada	1º ano do 2º grau cursando.	Pretende concluir o 2º grau	_____	Desempregada
Filho 03	Masc. 13 anos	Alvenaria alugada	5º ano cursando	Não gosta de estudar	_____	Estudante
Filho 04	Masc. 05 anos	Alvenaria alugada	Jardim II cursando	Não opinou	_____	Estudante

OBS: Conforme produção de dados obtidos através da entrevista exploratória (mãe) todos os membros do grupo familiar são pertencentes à religião católica, porém não praticantes.

Pires do Rio, 11 de novembro de 2016.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS REGIONAL CATALÃO
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
Av. Lamartine P.Avelar, 1.120. Setor Universitário – Catalão (GO) CEP – 75.704 020
Fone: (64) 3441-5366.
Ramal 204 – Coordenação. E-mail: ppgeduc.ufg@gmail.com
Ramal 206 – Secretaria. E-mail: secretariappgeduc@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Wolney Honório Filho

FAMÍLIA CIGANA 02

Tipo familiar patriarcal, residentes a Rua Clarice Meireles Q 10 Lt. 14 Bairro Nadin Saud em Pires do Rio-GO, nesta família o pai é reconhecidamente índio, sendo que a mãe não usa mais as roupas ciganas pois segundo ela desacostumou porém gosta das tradições ciganas e valoriza muito a família. Os filhos se reconhecem como ciganos e não sentem vergonha de suas origens. De acordo com a moradora a origem do povo cigano é do Egito, mas no Brasil seus parentes são todos de origem de Belo Horizonte. Informou que não conhece quase nada de dinheiro. Nesta residência residem 04 pessoas, sendo o marido índio.

Identificação	Sexo Idade	Tipo de moradia	Escolaridade	Importância que dá a educação	Motivo pelo qual não estudou/parou	Profissão
Mãe Eco	Fem. 48 anos	Alvenaria própria	Analfabeta nunca frequentou uma escola é analfabeta	Acha importante, porém nunca quis estudar, pois os pais não importavam.	Mudava muito de cidade	Do lar
Filho 01	Masc. 20 anos	Alvenaria própria	5º ano	Tem vontade de voltar a estudar	Tem problemas na visão	Desempregado
Filha 02	Fem. 18 anos	Alvenaria própria	9º ano	Mãe disse que é inteligente e gostava de estudar	Para casar	Do lar
Filho 03	Masc. 11 anos	Alvenaria própria.	4º ano	Gosta de estudar, mas falta muito as aulas	_____	Estudante

OBS: Conforme produção de dados obtidos através da entrevista exploratória com a mãe todos os membros do grupo familiar são pertencentes à religião católica, porém não praticantes.

Pires do Rio, 11 de novembro de 2016.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS REGIONAL CATALÃO
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
Av. Lamartine P.Avelar, 1.120. Setor Universitário – Catalão (GO) CEP – 75.704 020
Fone: (64) 3441-5366.
Ramal 204 – Coordenação. E-mail: ppgeduc.ufg@gmail.com
Ramal 206 – Secretaria. E-mail: secretariappgeduc@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Wolney Honório Filho

FAMÍLIA CIGANA 03

Tipo familiar patriarcal, residentes a Rua Clarice Meireles Q 12 Lt. 19 Bairro Nadin Saud em Pires do Rio-GO, nesta família o pai é reconhecidamente um jovem cigano o qual não mora em uma casa de alvenaria, porem ainda gosta muito dormir em barracas de lona, de acordo com o jovem ele não tem vergonha de ser cigano ou de suas origens. Afirmou que participou do processo eleitoral e que votou consciente, porém não conhece a candidata eleita. Sua esposa Joice não é cigana. Acredita que a origem de seus antepassados é da Índia, porém seu povo veio de Belo Horizonte conforme ensinamentos de sua mãe. Nesta família residem 02 ciganos.

Identificação	Sexo Idade	Tipo de moradia	Escolaridade	Importância que dá a Educação	Motivo pelo qual não estudou/parou	Profissão
Pai	Masc. 28 anos	Alvenaria/ própria	6º ano Fundamental	Diz que é muito importante estudar e que se arrepende de ter parado.	Casamento	Ajudante de pedreiro e serviços gerais
Filho 01	Masc. 10 meses	Alvenaria/ própria	Nunca foi a creche	-----	Não tem vagas e a mãe não trabalha fora	Do lar

OBS: Conforme produção de dados obtidos através da entrevista exploratória com o pai, todos os membros do grupo familiar são pertencentes à religião católica, porém não praticantes.

Pires do Rio, 11 de novembro de 2016.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS REGIONAL CATALÃO
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
Av. Lamartine P.Avelar, 1.120. Setor Universitário – Catalão (GO) CEP – 75.704 020
Fone: (64) 3441-5366.
Ramal 204 – Coordenação. E-mail: ppgeduc.ufg@gmail.com
Ramal 206 – Secretaria. E-mail: secretariappgeduc@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Wolney Honório Filho

FAMÍLIA CIGANA 04

Tipo familiar patriarcal, residentes a Rua dos Ferroviários S/N. Nadin Saud em Pires do Rio - GO, nesta família o chefe é o avô o qual afirmou que mor em casa de alvenaria, mas tem outra casa de aluguel no mesmo bairro, acredita que a origem histórica de seus antepassados é do Egito, mas sua família é proveniente da Feira de Santana na Bahia. Nesta família residem 05 ciganos.

Identificação	Sexo Idade	Tipo de moradia	Escolaridade	Importância que dá a educação	Motivo pelo qual não estudou/parou	Profissão
Avô Alfa	Masc. 70 anos	Alvenaria própria	Nunca frequentou uma escola é analfabeto	O estudo é muito importante.	Não manifestou	Sempre faz de tudo que precisar.
Esposa	Fem. 50 anos	Alvenaria própria	Nunca frequentou uma escola é analfabeta	Ciganos não estudavam	Nunca precisou estudar.	Do lar
Neto 01	Masc. 47 anos	Alvenaria própria	Nunca frequentou uma escola é analfabeta, só assina o nome.	Não estava presente	Não estava presente	Serviços Gerais
Neto 02	Masc. 17 anos	Alvenaria própria	6º ano cursando	Não estava presente	Não estava presente	Estudante
Sogra	Fem. 66 anos	Alvenaria própria	Nunca frequentou uma escola é analfabeta	Não respondeu	Não Respondeu	Do lar

OBS: Conforme produção de dados obtidos através da entrevista exploratória com Alfa (70 anos) todos os membros do grupo familiar são pertencentes à religião católica, porém não praticantes.

Pires do Rio, 11 de novembro de 2016.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS REGIONAL CATALÃO
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
Av. Lamartine P.Avelar, 1.120. Setor Universitário – Catalão (GO) CEP – 75.704 020
Fone: (64) 3441-5366.
Ramal 204 – Coordenação. E-mail: ppgeduc.ufg@gmail.com
Ramal 206 – Secretaria. E-mail: secretariappgeduc@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Wolney Honório Filho

FAMÍLIA 05

Tipo familiar patriarcal, residentes a Rua Miguel Abraão LT 04 B Bairro Santa Cecília em Pires do Rio-GO, todos os membros do grupo familiar se reconhecem como ciganos. É uma família jovem onde o pai exerce a função de provedor e gosta de se envolver em questões políticas. Como moram de aluguel manifestou grande interesse em saber das Políticas Públicas habitacionais direcionadas a população cigana. Manifestou grande interesse em estar incentivando seus filhos a estudarem. De acordo com o morador sua família sempre foi de Pires do Rio, no entanto desconhece a origem histórica de seus antepassados. Grupo familiar composto por 05 ciganos.

Identificação	Sexo Idade	Tipo de moradia	Escolaridade	Importância que dá a educação	Motivo pelo qual não estudou/parou	Profissão
Pai	Masc. 38 anos	Alvenaria Alugada	Estudou até o sétimo ano.	Estudar é uma das principais coisas da vida.	Parou de estudar para trabalhar	Vendedor e faz catiras
Esposa	Fem. 32 anos	Alvenaria Alugada	4º ano	Quer que os filhos estudem muito.	Casamento	Do lar
Filho 01	Masc. 14 anos	Alvenaria alugada	7º ano Cursando	Não gosta de estudar	-----	Estudante
Filha 02	Fem. 12 anos	Alvenaria Alugada	6º ano	Gosta de estudar, quer ser medica.	-----	Estudante
Filho 03	Masc. 9 anos	Alvenaria Alugada	1º ano	Não gosta de estudar quer ser catireiro.	-----	Estudante

OBS: Conforme produção de dados obtidos através da entrevista exploratória com o pai os filhos são católicos, porém o pai e a mãe não são, mas acreditam em Deus.

Pires do Rio, 11 de novembro de 2016.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS REGIONAL CATALÃO
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
Av. Lamartine P.Avelar, 1.120. Setor Universitário – Catalão (GO) CEP – 75.704 020
Fone: (64) 3441-5366.
Ramal 204 – Coordenação. E-mail: ppgeduc.ufg@gmail.com
Ramal 206 – Secretaria. E-mail: secretariappgeduc@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Wolney Honório Filho

FAMÍLIA CIGANA 06

Tipo familiar patriarcal, residentes a Rua Miguel Abraão nº 110-A Santa Cecília em Pires do Rio-GO, nesta residência habitam apenas 01 casal reconhecidamente ciganos onde eles afirmam que sempre foram de Pires do Rio-GO, mas já moraram em Ipameri GO, quanto a origem histórica de seu povo ambos não souberam responder se são do Egito ou da Índia, porém já ouviram dizer algo a respeito. Nesta família marido e esposa são ciganos (02).

Identificação	Sexo Idade	Tipo de moradia	Escolaridade	Importância que dá a educação	Motivo pelo qual não estudou/parou	Profissão
Pai Bravo	Masc. 57 anos	Alvenaria Alugada	Nunca estudou se diz analfabeto	Diz que é muito bom o estudo, porém nunca precisou.	Não foi necessário estudar	Ajudante de pedreiro e serviços gerais
Esposa	Fem. 55 anos	Alvenaria Alugada	Nunca frequentou uma escola é analfabeta, assina apenas o nome.	Estudar é importante, antigamente não precisava, mas hoje tem que estudar.	Casamento, mulher não precisava estudar.	Do lar

OBS: Conforme produção de dados obtidos através da entrevista exploratória com Bravo, ele e a esposa são católicos não praticantes.

Pires do Rio, 11 de novembro de 2016.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS REGIONAL CATALÃO
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
Av. Lamartine P.Avelar, 1.120. Setor Universitário – Catalão (GO) CEP – 75.704 020
Fone: (64) 3441-5366.
Ramal 204 – Coordenação. E-mail: ppgeduc.ufg@gmail.com
Ramal 206 – Secretaria. E-mail: secretariappgeduc@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Wolney Honório Filho

FAMÍLIA CIGANA 07

Tipo familiar patriarcal, residentes a Rua Miguel Abraão nº 110 Santa Cecília Pires do Rio - GO, nesta família o chefe é um não cigano, porém já habituado com a forma de viver dos ciganos. Moram em casa de alvenaria, no entanto foi à esposa que passou as informações. Ela reconhece que sempre foram de Pires do Rio, mas já moraram em Ipameri-GO, não soube responder qual a origem histórica de seus antepassados. Nesta família residem 04 ciganos.

Identificação	Sexo Idade	Tipo de moradia	Escolaridade	Importância que dá a educação	Motivo pelo qual não estudou/parou	Profissão
Mãe	Fem. 35 anos	Alvenaria Alugada	2ª série do 1º grau	O estudo é muito importante.	Simplesmente parou de estudar motivada por uma prima que ia se casar.	Do lar.
Filho 01	Masc. 20 anos	Alvenaria Alugada	7º ano	Não estava	Não estava	Serviços gerais
Filha 02	Fem. 13 anos	Alvenaria Alugada	7º ano.	Gosta muito de estudar e quer fazer faculdade	-----	Estudante
Filho 03	Masc. 04 anos	Alvenaria Alugada	Não frequenta creche	-----	-----	-----

OBS: Conforme produção de dados obtidos através da entrevista exploratória com a mãe todos os membros do grupo familiar são pertencentes à religião católica, porém não praticantes.

Pires do Rio, 11 de novembro de 2017.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS REGIONAL CATALÃO
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
Av. Lamartine P.Avelar, 1.120. Setor Universitário – Catalão (GO) CEP – 75.704 020
Fone: (64) 3441-5366.
Ramal 204 – Coordenação. E-mail: ppgeduc.ufg@gmail.com
Ramal 206 – Secretaria. E-mail: secretariappgeduc@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Wolney Honório Filho

FAMÍLIA CIGANA 08

Tipo familiar matriarcal, residentes a Rua Miguel Abraão nº 16 São Miguel Pires do Rio-GO, nesta família todos se reconhecem como ciganos e sentem orgulho de suas origens. Todos os membros relataram que ainda existe muito preconceito contra os ciganos e que tem medo da violência. Moram mãe (viúva) e filhos em casa de alvenaria, Ela reconhece que seus antepassados são de origem do Egito, mas no Brasil afirma que seu povo é do Estado de Goiás. Relatou ainda que já morara em barracas de lona e que viveram alguns anos em Ipameri-GO. Nesta família residem 04 ciganos.

Identificação	Sexo Idade	Tipo de moradia	Escolaridade	Importância que dá a educação	Motivo pelo qual não estudou/parou	Profissão
Mãe Charlie	Fem. 55 anos	Alvenaria Alugada	Nunca estudou é analfabeta	O estudo é muito importante.	Mudava com frequência de cidade por isso não estudou.	Do lar.
Filho 01	Masc. 31 anos	Alvenaria Alugada	2º série Primária	Acredita que os estudos e a educação garantem um emprego melhor	Viajavam com muita frequência inclusive para outros Estados.	Vendedor autônomo
Filha 02	Fem. 27 anos	Alvenaria Alugada	7º ano.	A educação e os estudos ajudam a mudar de vida.	Parou devido às viagens e o marido também não deixava.	Desemprega da
Neto	Masc. 8 anos	Alvenaria Alugada	1º ano	-----	-----	

OBS: Conforme produção de dados obtidos através da entrevista exploratória com a mãe todos os membros do grupo familiar são pertencentes à religião católica, porém não praticantes.

Pires do Rio, 11 de novembro de 2016.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS REGIONAL CATALÃO
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
Av. Lamartine P.Avelar, 1.120. Setor Universitário – Catalão (GO) CEP – 75.704 020
Fone: (64) 3441-5366.
Ramal 204 – Coordenação. E-mail: ppgeduc.ufg@gmail.com
Ramal 206 – Secretaria. E-mail: secretariappgeduc@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Wolney Honório Filho

FAMÍLIA 09

Tipo familiar matriarcal, residentes a Rua Clarice Meireles Q 03Lt 21 Bairro Nadin Saud em Pires do Rio-GO, nesta família a matriarca é viúva e os membros da família são reconhecidamente ciganos disse que eles moravam em barracas de lona e que viajavam muito e com frequência não tinham paradeiro certo, não é escolarizada, porém não sabe se é verdade. No Brasil seus parentes são todos de origem de Patrocínio Minas Gerais. Tem casa de alvenaria e de lona no mesmo endereço. Nesta residência moram 04 ciganos.

Identificação	Sexo Idade	Tipo de moradia	Escolaridade	Importância que dá a educação	Motivo pelo qual não estudou/parou	Profissão
Mãe Delta	Fem. 56 anos	Barraca de lona	Analfabeta nunca frequentou uma escola	Faz muita falta não saber ler ou escrever	Mudava muito de cidade não tinham paradeiro certo	Do lar
Filho 02	Masc. 25 anos	Barraca de lona	5º ano primário	Acha importante, mas tem tempo.	Para trabalhar	Vendedor de enxoval
Filha 01	Fem. 32 anos	Barraca de lona	Analfabeta Nunca frequentou uma escola	Acredita que é importante estudar para mudar de vida	Nunca se importou com os estudos, pois ciganos não estudam.	Do lar
Neto	Masc. 03 meses	Barraca de lona	Nunca frequentou uma creche	-----	-----	-----

OBS: Conforme produção de dados obtidos através da entrevista exploratória com a mãe todos os membros do grupo familiar são pertencentes à religião católica, porém não praticantes.

Pires do Rio, 11 de novembro de 2016.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
REGIONAL CATALÃO
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
Av. Lamartine P.Avelar, 1.120. Setor Universitário – Catalão (GO) CEP – 75.704 020
Fone: (64) 3441-5366.
Ramal 204 – Coordenação. E-mail: ppgeduc.ufg@gmail.com
Ramal 206 – Secretaria. E-mail: secretariappgeduc@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Wolney Honório Filho

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE ECO

Pesquisador - Pires do Rio, hoje é 23 de março de 2017, nós vamos começar a fazer nossa entrevista com um dos objetos da nossa pesquisa, a cigana. Qual é o nome da senhora, de onde a senhora veio, qual é a origem da senhora?

Narradora Eco- Eco da Silva, eu nasci, ai meu Deus, aqui pra baixo de Belo Horizonte, em Diamantina, pro lado de Diamantina, fortuna de Minas.

Pesquisador – Diamantina.

Pesquisador – Dona Eco é, conta pra mim um pouco da história de vida da senhora, como era a vida da senhora quando a senhora era criança, quando a senhora morava com os pais da senhora, o que o pai e mãe ensinaram para a senhora durante esse processo que a senhora até hoje utiliza?

Narrador Eco- uai assim antigamente né a gente andava de cavalo.

Pesquisador – Ham.

Narradora Eco - andava de cavalo, as vezes a gente assim naquelas fazendas tinha muito conhecido da gente, a gente morava e trabalhava na fazenda e panhava muito café é por isso que a gente não tem muito estudo, porque o pai vivia a vida inteira trabalhando.

Pesquisador- Mais o pai, mais e a mãe da senhora o que para a senhora durante esse período de vida que a senhora morou com eles?

Narradora Eco – Uai ensinava, dá educação pra gente, pra gente trabalhar, fazer, ajudar a fazer as coisas, entendeu?

Pesquisador – assim, o que a senhora aprendeu com a mãe da senhora, a senhora aprendeu a costura, cozinhar, lavar, bordar, passar.

Narradora Eco – aprendi isso tudo com ela, ela ensinou a gente.

Pesquisador – eles nunca falaram para a senhora que a senhora tinha que frequentar uma escola, estudar.

Narradora Eco – falava, mas a gente trabalhava demais na roça, aí não dava tempo, aí chegava do serviço cansada pra poder ir pra escola.

Pesquisador – certo. É durante esse período que a senhora morou com os pais da senhora, eles contavam para a senhora a origem de vocês, de onde vocês vieram.

Narradora Eco - Uai, nois assim que é cigano nois vei do Egito.

Pesquisador – do Egito? A senhora sempre ouvi falar que é do Egito?

Narradora Eco – é de outros lados, de outras bandas, agora assim, mais o meu avô, essas pessoas mais antiga, contava para a gente da onde a gente veio.

Pesquisador - a senhora pode contar para mim como foi a criação da senhora enquanto criança?

Narradora Eco – uai a gente assim, quando era criança assim, só envolvia em brincar, aquele negócio de cozinhadinha, se vê cozinhando, brincando né.

Pesquisador – mais uma coisa, é a senhora casou com quantos anos?

Narradora Eco – eu casei com mais de vinte cinco anos, hoje já tá com quase vinte e nove anos.

Pesquisador – É então a senhora casou assim, pela tradição da família da senhora casou já bem além da idade.

Narradora Eco – bem além da idade, é.

Pesquisador – a senhora gosta dos costumes, assim, do povo cigano, foi criada dentro dos costumes do povo cigano?

Narradora Eco – gosto, gosto. Nois não veste curto, num gosta assim, de vestir curto de jeito nenhum, ninguém de nois, nem a criação de minhas fias, nem a minha, na minha família, nenhum, é tudo desse jeito que ocê vê aqui.

Pesquisador – mas é por que é proibido ou porque a senhora foi criada nesse sistema?

Narradora Eco – porque nois foi criada nesse sistema aí nois não gosta disso.

Pesquisador – a senhora gosta assim, de usar muitos brincos, roupas mais longas, por que é da cultura de vocês?

Narradora Eco – é porque é da cultura nossa mesmo.

Pesquisador – os pais da senhora também, a mãe, as tias, a vó.

Narradora Eco – a mãe, as tias, as fias, as irmãs é tudo de jeito só.

Pesquisador – todos eles usam?

Pesquisador – a senhora falou pra mim que a senhora veio de Minas né? E a família da senhora, é uma família numerosa?

Narradora Eco – É.

Pesquisador – todos são ciganos?

Narradora Eco – É minha família é tudo cigano.

Pesquisador – A senhora pode contar pra mim como acontecia esse processo de vocês andavam de cidade em cidade, como é que era essa comitiva, se tinha uma pessoa que era responsável.

Narradora Eco – É , tinha, tinha. Tinha meu avô, meu pai, que era chefe, chegava na cidade e conversava com a autoridade, aí a gente ficava no lugar.

Pesquisador – mas então, toda a vez que chega em uma cidade, tinha que conversar com a autoridade?

Narradora Eco – é, conversava aí pá, arrumava um lugar pra nois ficar.

Pesquisador – Ah! Então vocês simplesmente num chega na cidade e fica não, tem que pedir permissão.

Narradora Eco – chega assim não, as veis a gente chega, vai, fica ali num canto, né que nem aqui não, que a gente chega vai, fica ali num canto não. Aí a gente vai na autoridade e conversa, pede uns dias pra fica ali, quando deus os dias a gente pega e vai embora pra frente.

Pesquisador – vai embora? Ah, que interessante! Então vocês não tem um prazo determinado pra poder ficar, vocês poder ficar uma semana, um mês, dois meses?

Narradora Eco - era uns quinze, vinte dias.

Pesquisador – e agora assim, oh, vocês antes tinham é, a cultura, né, de mudar de uma cidade para a outra.

Narradora Eco – tinha, agora não tem mais não.

Pesquisador – por que a senhora acha que isso aconteceu?

Narradora Eco – uai, porque os fios tem que estudar, a gente tem que parar no lugar pro os fios estudar, agora a gente num sai mais não, já tem mais de vinte e cinco anos que nois veve aqui.

Pesquisador – tem mais de vinte e cinco anos?

Pesquisador – assim, como é que se deu esse processo de fixar residência na casa de vocês?

Narradora Eco – Peraí, vem cá Índio (ela chama o esposo)

Pesquisador – assim, vocês vieram de Minas, né?

Esposo de Eco – nois roda o Brasil inteiro

Pesquisador - Mas quando vocês vieram a origem de vocês é de Minas? Aí vocês vieram para Pires do Rio, vocês foram ficando, ficando...

Esposo de Eco – ficamos em Catalão, em Anápolis, Brasília, aí nois compremos uma casa.

Pesquisador – o senhor lembra em que ano foi?

Esposo de Eco – foi em 2006.

Pesquisador- Dona Lucy eh! Quantas pessoas são na família da senhora?

Narradora Eco- E menino na minha família tem muitas pessoas ainda

Pesquisador- Mas e os vivem com a senhora, na casa da senhora?

Narradora Eco- aqueles que vive junto comigo é esse menino aqui, outro que eu tenho pro lado de lá, e o meu esposo e esse outro meu que foi trabaiaá, quatro só

Pesquisador- Quatro pessoas.

Narradora Eco – Ehhh.

Pesquisador – E na família da senhora como é que vocês fazem pra ganhar a vida, assim, pra receber, pra ter dinheiro?

Narradora Eco – Nois é uma turma nois vende as coisas.

Pesquisador – Quais as coisas que vocês vendem? Colchas, tachos....

Narradora Eco – Eh, toalhas, colchas, pano de prato essas coisas assim, nois vevi é disso.

Pesquisador – E o povo compra mesmo?

Narradora Eco – compra tem lugar que o povo tem dinheiro e tá coreno o povo compra as coisas da mão da gente, mais aqui não tá coprano não.

Pesquisador - A senhora acha que essa questão do povo não estar comprando mais eh, pouca causa da crise mesmo?

Narradora Eco – É a crise tá braba.

Pesquisador – O povo tá sem dinheiro né.

Narradora Eco – Tá sem dinheiro.

Pesquisador – E esses produtos vocês compram onde?

Esposo de Eco – Compra em Americana São Paulo.

Pesquisador – Aí vocês tem que viajar até Americana para poder comprar esses produtos?

Narradora Eco – Não já tem o numero do telefone ai liga e põe aqui pra nois ai pega aqui.

Esposo de Eco – Eles mandam pra gente ai pega na rodoviária.

Narradora Eco – Pega na rodoviária.

Pesquisador – ah!!!! Certo. A senhora já frequentou a escola alguma vez na vida da senhora?

Narradora Eco – Nunca, nunca fui na escola.

Pesquisador – Porque que a senhora acha que não frequentou a escola? O pai da senhora falava a mãe da senhora falava.

Narradora Eco – Antigamente num tinha oportunidade não a gente trabalhava muito na roça, vivia trabaiano mexendo com as coisas, num tinha tempo pra isso não. Aí depois eu casei criei os meus fios, agora depois da gente de idade, a gente num..... eu acho que não adianta mais não.

Pesquisador - A questão de ser mulher, a senhora acha que influenciou alguma coisa para não frequentar a escola?

Narradora Eco – Uai a gente trabaio muito cuidado dos fios agora a gente chegou na idade da gente num tem cabeça pra isso mais não.

Esposo de Eco – Isso antigamente as coisas era muito difícil não como tá sendo agora não, a escola era muito longe estrada de terra na fazenda.

Narradora Eco - Era difícil.

Pesquisador – Ehhh, A vida da população cigana independentemente do o local que morra, assim vocês gostam da vida de andar de um local para o outro mas é uma vida difícil né?

Narradora Eco – Era difícil.

Esposo de Eco – É tradição, a tradição do cigano era viajar agora eles parou eles não estão viajando mais entendeu, agora tem os fios que eles tá pondo na escola, porque antigamente as coisas era mais difícil eh agora tá ficando mais fácil.

Pesquisador – Eh, porque que a senhora veio morar em Pires do Rio com a família da senhora com o esposo e os filhos?

Narradora Eco – É porque já tinha parente, família que já morava aqui já ai nois veio pra cá.

Esposo de Eco – Nois morou 10 anos em Coromandel Minas Gerais.

Narradora Eco – Morou 10 anos em Coromandel. Veem cá Índio.

Esposo de Eco – Não tem que ser tu.

Pesquisador – Não pode ser a senhora mesmo porque a do Índio nos vamos fazer em outra oportunidade. Pode ser ela mesma?

Pesquisador - Ehhh!!!! Como aprendeu como a senhora aprendeu a fazer o que a senhora faz hoje na vida da senhora? Porque assim a senhora falou que vive através dade vender colchas esses produtos da senhora, mas na vida da senhora a senhora aprendeu de que forma a senhora aprendeu a cozinhar, aprendeu a lavar, passar, cuidar dos filhos da família.

Narradora Eco – Uai com as pessoas da gente a mãe assim ensinava a gente fazer as coisas e depois que eu casei e criei meus filhos ninguém ensinou eu fazer mais nada. Ai com o pai eu já sabia fazer as minhas coisas.

Pesquisador – Aí a senhora aprendeu desde criança a fazer as coisas.

Narradora Eco – Desde idade de 10 anos aí eu já tomava conta das coisas e fazia de tudo assim a mesma coisa de hoje.

Pesquisador – E de lá para cá o que a senhora aprendeu quando criança a senhora faz hoje?

Narradora Eco – Aí eu faço a mesma coisa.

Pesquisador – A mesma coisa?

Narradora Eco – Aí eu do conta de despachar tudo assim....

Pesquisador – E durante esse tempo a vida cigana da senhora entre ir de uma cidade para outra a senhora pode me contar um pouco dessa historia da senhora como era se a senhora gostava, se era interessante, se a senhora convivia com pessoas que não eram ciganas.

Narradora Eco – Era bão a gente ficava assim.... no poso que a gente ficava localizado assim a gente pegava amizade com as pessoas , era bão não era ruim não.

Pesquisador - A senhora acha que durante essas viagens de vocês é, havia algum tipo de preconceito?

Narradora Eco – Tinha não.

Esposo de Eco – Algum lugá tinha.

Narradora Eco – Algum lugá as vez tinha era assim.

Pesquisador – Mas, todo mundo conversava com vocês?

Narradora Eco – É todo mundo conversava vinha aonde é que a gente tava. Tinha uns que tinham preconceito da gente outros num tinha não.

Pesquisador – E hoje? Como é que é o cotidiano da vida da senhora? O que a senhora acredita que poderia melhorar na vida da senhora sendo uma pessoa cigana.

Narradora Eco – Uai hoje tá bão também, hoje a coisa tá mio pra gente, a gente tem muita amizade com o povo, o povo gosta muito da gente da cidade aqui oh!!! Tem muita amizade aqui na cidade graças a Deus a pessoa gosta da gente oce sai tem gente que até sente falta da gente, quando a gente sai de casa. O cigano hoje tá misturano tem rapaz nosso que casa com pessoa que não é cigano tem outras que casam que não é cigano. E vai misturano.

Pesquisador – Antigamente não tinha essa questão de ficar misturando?

Narradora Eco – Num tinha não, aí ô meu fio é casado com uma menina daqui também, já tem um netinho que já tem 01 ano.

Pesquisador – E ela não é cigana?

Narradora Eco – Não é cigana.

Pesquisador – Mas algum tempo atrás isso ai não era permitido não na época em que a senhora era mais jovem?

Narradora Eco – Era não. Tenho uma fia que é casada com um que não é cigano, outra fia que eu tenho e vai misturano, num tem preconceito igual antigamente não. Antigamente não podia não neim nois cigana conversa com pessoa que não é cigano.

Pesquisador – Então eu no caso igual eu estou aqui na casa de vocês então geralmente num era muito (Risos)

Narradora Eco – Num conversava não antigamente não, agora hoje mudou tudo.

Pesquisador – E a senhora acha que essa mudança esta sendo bom pra vocês?

Narradora Eco – Tá sendo bão graças a Deus.

Pesquisador – A senhora acredita que essa mudança eh!!!! Do jeito de viver ele prejudica a parte da cultura de vocês o que a senhora aprendeu com o pai, com a mãe

Narradora Eco – Prejudica não.

Pesquisador – Não?

Narradora Eco - – Não.

Pesquisador - Mas e os jovens eles gostam de ser ciganos? Eles se reconhecem como ciganos?

Narradora Eco – Reconhecem

Pesquisador – Eles não tem vergonha de serem ciganos?

Narradora Eco – Num tem não.

Pesquisador - É a senhora acha ...Quais são os principais desafios quais são as principais dificuldades que os ciganos eles enfrentam hoje na sociedade moderna? A senhora acha qual é a dificuldade que a senhora tem de viver em sociedade? Assim enquanto uma pessoa que mora em uma residência fixa?

Narradora Eco – Pra mim não tem preconceito nenhum não.

Pesquisador – A senhora acha que a vida cigana não é mais difícil?

Narradora Eco – Num é mais não, é tudo uma coisa só hoje é bão porque a gente tem o lugarzinho da gente que a gente mora é sossegado a gente não tá pra sai todo dia, andá prum canto andá pra outro. Hoje acabou a maioria dos ciganos não viaja mais.

Pesquisador – Então aquela vida que vocês viviam a senhora gostava de viajar?

Narradora Eco - Mas era bão a gente nasceu e criou naquela lida, achava bão.

Pesquisador – Mas era difícil né?

Narradora Eco – Era difícil agora hoje tá mio pra gente.

Pesquisador – E a senhora gosta de viver em casa de telhado?

Narradora Eco – Gosto, agora hoje pra gente sai de casa para morar numa barraca num acostuma mais não.

Pesquisador - Mas se for pra a senhora visitar um parente de Minas que ainda mora em barracas a senhora vai e fica, mas e diferente né?.

Narradora Eco – Vó e fico, mais é diferente, a gente acha diferente.

Pesquisador – Porque a senhora acha que a casa de tijolos e telhas ela é mais segura?

Narradora Eco - É mais a gente acha mió né

Pesquisador – É mais tranquilo.

Narradora Eco – É mais tranquilo.

Pesquisador – Assim a senhora pode falar para mim porque vocês resolveram ficar aqui em Pires do Rio? Porque vocês poderiam escolher qualquer outra cidade, porque Pires do Rio?

Narradora Eco – Porque já tinha família que morava pra cá aí minha família veio ai nois veio.

Pesquisador - Já tinha muitos anos que eles moravam aqui em Pires do Rio também?

Narradora Eco - Tinha, aqueles veinho lá de cima daquela casinha perto do ferro velho do Nilton lá ai eles já tinha morano aqui, já tinha casa lá na frente já tinha duas casas lá que eles tinha aí é parente do meu marido aí nois veio pra cá.

Pesquisador – Vocês vieram porque eles convidaram vocês?

Narradora Eco – Foi aí nois veio pra cá, nois saiu de lá de Coromandel e veio.

Pesquisador – E assim... Quando vocês vieram o bairro que vocês começaram a morar primeiramente foi esse bairro Nadin Saud mesmo ou foi outro bairro?

Narradora Eco – Foi esse aqui mesmo.

Pesquisador - Já foi diretamente no bairro Nadim Saud?

Narradora Eco – Foi aí eu vim comprei um lote lá em cima ocê lembra daquele que eu tinha lá em cima aí aquela lá eu vendi depois passei lá pertinho do veinho morava perto do veio, depois nois compro aqui.

Pesquisador – Então essa maneira, essa forma que vocês vieram para Pires do Rio e fixaram residência foi através de um convite de um parente. Aí vocês compraram um lote, ai depois começaram a construir ou vocês moraram primeiro em barraca de lona?

Narradora Eco – Foi. Primeiro morava na barraca lá tinha uma barraca e depois eu sai de lá e passei prá aqui.

Pesquisador – E até hoje a senhora permanece nessa casa?

Narradora Eco – Até hoje.

Pesquisador - É atualmente o grupo de vocês tem um líder no grupo dos ciganos aqui de Pires do Rio ou não existe esta questão de grupos?

Narradora Eco – Assim veio assim de idade pra ser o líder veio veio mesmo só aquele veinho lá do lado de lá é o mais veinho que tem aqui.

Pesquisador – Aquele perto do Ferro Velho?

Narradora Eco – Ehh. E a velhinha lá também

Pesquisador – Mas assim se tivesse uma festa cigana eh, vocês convidam todos que moram em Pires do Rio, todos os ciganos?

Narradora Eco – Convida tudo.

Pesquisador – E quem convida?

Narradora Eco – Uma vez assim nos que tem um fio meu pra casá aqui e aí tem pessoas prá lá de Ipameri aí eu vo e convido eles eu sou a mãe ele que é o pai.

Pesquisador – Mas ai independentemente de e ser um grupo cigano todos se misturam?

Narradora Eco – Todos se misturam até pessoa assim que não é conhecido assim que é amigo vem também.

Pesquisador - Pode participar também da festa?

Narradora Eco – Pode participar também. Quando a minha fia caso nois fez lá na cidade e aí o povo tudo foi.

Pesquisador – Que interessante. Então quer dizer assim aquela questão de ficar comemorando muitos dias um casamento ainda existe ainda?

Narradora Eco – Existe a minha fia levou 04 dias de festa quase uma semana em antes de uma semana até no dia que casou.

Pesquisador - Todo dia tinha festa?

Narradora Eco – Todo dia tinha uma festa, todo dia.

Pesquisador – E essas festas? Que tipo de musica que toca? É a musica que os jovem ouve ou a musica dos ciganos mesmo?

Narradora Eco – Não é a música dos ciganos.

Pesquisador – Tudo musica dos ciganos?

Narradora Eco – Tudo é música dos ciganos, cada um tem as músicas dos ciganos.

Pesquisador – E as vestimentas as roupas tem que ser roupas ciganas?

Narradora Eco – Tem, tem que ser tudo.

Pesquisador – Então as roupas que eu visto ou que a senhora veste, nas comemorações.....

Narradora Eco - Nossa roupa já é outra não é dessas aqui mais não.

Pesquisador – Aí os convidados não, aí pode ser normal?

Narradora Eco – Pode ser normal. Ali come bebe dança, faz tudo.

Pesquisador – Isso aí não tem dia para poder parar não? Quem decide é a noiva e o noivo ou o chefe do grupo?

Narradora Eco – Tem não. Aí o dia que marcou o casamento que falou hoje é pra casá aí vai e casa aí paro a festa ai que veio da igreja continua a festa de novo.

Pesquisador – Aí os grupos ciganos que existem em Caldas Novas, Ipameri, nestes outros municípios eles também como a senhora já conhecem eles aceitam essa mistura de uma pessoa não cigana com outra cigana?

Narradora Eco – Aceita.

Pesquisador - A senhora acredita que essa mudança aconteceu por quê?

Narradora Eco – Uai porque as veis um rapaz meu que gostou de uma menina que não é cigana se quizé casa tem que pedir pro pai, pedir pra mae se quisé casa, casa.

Pesquisador – E tem que ter um tempo assim de namoro?

Narradora Eco – Assim os rapaz namora as muié não. O rapaiz assim que as veis pediu prá casá com outra mulher que não é cigana ai vai namora, mais pra nois muie que tem uma menina moça aqui se ela quiser casá com um rapaz que não é cigano num namora não.

Pesquisador – Ah é?

Narradora - Num namora de jeito nenhum.

Pesquisador – Mas se o rapaz vier aqui conversar com a senhora se vocês acharem que o rapaz tem jeito de ser uma pessoa bacana, boa ou responsável aí depende da permissão de vocês?

Narradora Eco – Depende da nossa nos fala só vai ficar junto no dia de casar se não for nós num deixa não. Às vezes sai assim pra algum lugar um encontro nois num deixa não.

Pesquisador – Não deixa. E assim a religião de vocês. Vocês tem religião também?

Narradora Eco – Tem, nois é católico nois vais pra igreja nois segue a igreja direto.

Pesquisador – Mas a senhora participa das

Narradora Eco – Das igrejas nois participa direto das igrejas a gente tem fé em Deus, Deus é um só pra gente.

Pesquisador – Então vocês se reconhecem como pessoas católicas.

Narradora Eco – É católico, mas nois frequenta crente também, nois vai direto.

Pesquisador – Aqui em Pires do Rio, a senhora acredita que tem quantas comunidades ciganas ou a senhora acha que é uma só?

Narradora Eco – Aqui tem uns que mora lá, aqui perto do ... mum tem aquele açougue o açougue do André.

Pesquisador – Sim

Narradora Eco - Aqui também tem um mucadão que mora lá.

Pesquisador – Na família da senhora quem é o chefe de família é o marido né?

Narradora Eco – É o marido

Pesquisador – Existem algumas famílias ciganas aqui, a senhora tem conhecimento onde quem é o chefe é a mulher?

Narradora Eco – Não.

Pesquisador – Todos são homens?

Narradora Eco – Todos é e homem, mulher não.

Pesquisador – Mulher não pode ser chefe de família não?

Narradora Eco – Pode não.

Atualmente, como a senhora aprendeu esse processo de cuidar da família eu já fiz essa pergunta para senhora a senhora aprendeu só com a mãe ou com outras pessoas da comunidade?

Narradora Eco – Não é com a mãe da gente que sabia da educação pra gente ensine as coisas pra gente aí a gente casó e continuou e até hoje tá na mesma coisa que ela fazia com a gente.

Pesquisador – Então de lá para cá o que a senhora aprendeu quando tinha 10 anos às mulheres ciganas continuam fazendo basicamente do mesmo jeito?

Narradora Eco – Do mesmo jeito

Pesquisador - E a senhora acha que é interessante manter essa tradição?

Narradora Eco – É bão, é interessante.

Pesquisador – E a filha da senhora que casou? Será que ela mantem a tradição?

Narradora Eco – Mantem a mesma que eu tô fazeno a fia fais.

Pesquisador – Do mesmo jeito? Do mesmo jeito que a mãe da senhora aprendeu com a vo, a senhora aprendeu com a mãe a filha da senhora aprendeu e a tradição continua.

Narradora Eco – A minha fia a tradição continua.

Pesquisador - Quando vocês chegaram aqui na cidade de Pires do Rio a senhora disse que já tinha alguns parentes aqui e que vocês vieram a convite esses parentes já estavam vivendo aqui morando em casas de telhas e tijolo de alvenaria, eles já tinham residência fixa?

Narradora Eco – Não, eles estavam nas barracas, depois da barraca até fazé a casa.

Pesquisador – Mas já era uma intenção de morar mais em barracas do grupo de voces?

Narradora Eco – É, ele armou a barraquinha, ai compro os tijolos comprou as teias fez a casinha depois passo pra dentro e num saiu mais.

Pesquisador – E até hoje continua?

Narradora Eco – E até hoje continua.

Pesquisador – A senhora acredita se por acaso vier mais alguns ciganos para Pires do Rio, parentes de vocês ou não eles vão querer morar em casas de tijolos?

Narradora Eco – Morra em casa de tijolos.

Pesquisador - Porque a tradição esta acabando ou é por causas das questões relacionadas às facilidades de estar morando em casas de telhas e tijolos?

Narradora Eco – Uai agora eles acha mais facilidade morar numa casinha mió , se fo pra sai pra trabaiá cê fecho sua casinha saiu e pronto.

Pesquisador – A senhora acredita que as tradições ciganas eles estão ficando um pouco de lado por qual motivo?

Narradora Eco – Pra esses lado de cá não tem quase famia separou uns pruns lado, outros pro outro. O que tá viveno mais é só nois poquinho o veinho lá de cima o meu menino acolá. Uns cigano que mora lá pra cima.

Perto da famia da gente num tá morano mais junto, fica uns prum canto, outro pro outro.

Pesquisador – Certo.

Pesquisador – Assim quando eu falo em tradição eu falo da dança da vestimenta a questão assim de vocês se reunirem, isto esta ficando lá no passado.

Narradora Eco – Tá.

Pesquisador – A senhora acredita que tem assim um motivo especial para essa questão?

Narradora Eco – Ahhh, tem quando é tempo de festa nois rinui tudo de novo e quando acaba cada um vai pro seu canto.

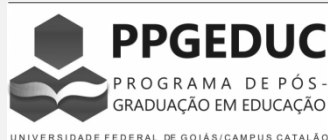
Pesquisador – Ai vocês mantem a tradição só quando reúnem tudo?

Narradora Eco – É quando riuni tudo.

Pesquisador – Aí quando tá separado não tem tanta necessidade de ficar.

Pesquisador – Bom dona Eco, por hoje nossa conversa ela está encerrada em breve eu voltarei, Obrigado a senhora.

Narradora Eco – De nada.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
REGIONAL CATALÃO
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
Av. Lamartine P.Avelar, 1.120. Setor Universitário – Catalão (GO) CEP – 75.704 020
Fone: (64) 3441-5366.
Ramal 204 – Coordenação. E-mail: ppgeduc.ufg@gmail.com
Ramal 206 – Secretaria. E-mail: secretariappgeduc@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Wolney Honório Filho

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE CHARLIE

Pires do Rio, hoje é dia 16 de Abril de 2017, eu estou na casa da Dona Charlie e eu colher algumas informações com ela a respeito da atividade da dissertação que eu estou fazendo do mestrado na UFG de Catalão.

Pesquisador – Dona Charlie, a senhora pode contar pra nós um pouco da história da vida da senhora qual a origem da senhora, o nome da senhora de onde a senhora veio?

Narradora Charlie – uai eu.... meu nome é Charlie e muitos falam que a origem nossa é do Egito, e outros falam que é de índio da Índia pra lá que a gente neim num sabe direito.

Pesquisador – Pode falar o que a senhora achar que for melhor.

Narradora Charlie – Eu sou cigana ehheh o que eu tenha a falar é isso.

Pesquisador – A senhora veio de qual cidade antes da senhora vir para Pires do Rio? De qual cidade a senhora veio?

Narradora Charlie – De Trindade

Pesquisador – E como que era essa vida da senhora o que a mãe da senhora ensinou pra senhora enquanto filha, a mãe, a vó a tia?

Narradora Charlie – Uai me ensinava assim a gente ser de bom coração, mais estuda mesmo a gente nunca estudou nois vivia assim no mundo andano de cavalo de tropa, vivo de barraca então o que me ensinaram foi isso.

Pesquisador – Ehheh Quando a senhora viajava com a comitiva da senhora como é que era essa comitiva que vocês faziam? Tinha uma pessoa que era responsável, um chefe uma pessoa que era responsável por todos?

Narradora Charlie – Lá pra traisão, lá pra traisão existia, mais agora é cada um por si. Ai era muito bom a gente viajava muito andava vivia de mudança de carroça de uma cidade para outra, posava na beira dos coigo era muito bom, muito bom.

Pesquisador – E assim Dona Charlie, como é que era o relacionamento dos ciganos com a população da cidade aonde vocês chegavam? O povo gostava ou a senhora achava que tinha certa desconfiança.

Narradora Charlie – Não, não, eh era muito discriminado o cigano porque chegava em uma cidade muita gente falava que o cigano robava robava criança, cavalo, então nois tinha muito esses problemas com esse pessoal, mas agora graças a Deus inté que deu muita melhorada boa.

Pesquisador – E quando vocês viajavam de uma cidade para outra quantos dias vocês ficavam nessas cidades?

Narradora Charlie – Uai, muito, muito, muito era três dias, era três dias quando as vez que a gente acampava na beira do coigo era de um dia pro outro, ficava numa cidade três dias até para em um lugar que a gente tarva querendo bem fica.

Pesquisador – E qual era a profissão dos pais da senhora o pai a mãe os avós o que eles faziam para manter as famílias de vocês?

Narradora Charlie – Mixia com gambira de cavalo, eles trocava cavalo então eles recebia dinheiro, recebia mantimentos então a gente se mantia com isso.

Pesquisador – E quando vocês chegavam em outras cidades tinha que tirar alguma licença na delegacia, tinha que comunicar alguma autoridade?

Narradora Charlie – Não, não, não, nunca precisou disso, nós chegava as veiz nois pedia o dono da fazenda pra gente embarracá, mas precisa de pedir a licença nunca precisou.

Pesquisador – Certo. E assim nas comitivas de vocês as comitivas eram geralmente muito numerosas? Nessas andanças eram só as famílias de vocês ou tinha outras famílias de ciganos que viajavam juntas?

Narradora Charlie - Não era só a nossa famia mesmo.

Pesquisador – E assim, o pai a mãe da senhora alguma vez matriculou a senhora numa escola ou algum outro irmão da senhora ou algum outro cigano na escola?

Narradora Charlie – Não, antigamente não tinha paradeiro né, é como eu to te isplicano, a gente vivia era só mudano de uma cidade pra outra, então nois nunca estudou, nois nunca foi na escola.

Pesquisador – E a senhora casou assim... mais jovem ou depois de estar mais madura?

Narradora Charlie – Eu casei depois de tá mais madura, eu casei com 21 anos.

Pesquisador – Porque geralmente a tradição cigana a das mulheres e de casar bem jovem, Porque que a senhora não casou mais cedo?

Narradora Charlie – Bem jovem, Ahhh!!!! Porque eu não gostava de casá (Risos). Aí eu num tinha vontade de casá aí eu pequei aparecia pretendente pedia prá mim casá eu não queria casá nova. É isso.

Pesquisador – Mas o casamento ele tinha que ser feito só entre cigano com cigano ou a senhora poderia ser cigana e poderia casar com não cigano tanto faz o homem ou a mulher.

Narradora Charlie – Não, ele... lá prá traisão num podia né, casava só cigano com cigano, agora não, agora casa, agora tá tudo diferente, já casa cigano sem sê cigano a cigana também casa sem sê cigano.

Pesquisador – E a senhora acha que com isso tá acabando a tradição cigana de tá viajando de um lado para o outro de tá misturando e cigano com não cigano. Como a senhora vê essa questão de tá misturando cigano com não cigano?

Narradora Charlie - Uai meu fio eu acho coisa boa sabe? Porque nois tudo é fio de Deus né, nois tudo somo fio de Deus então a gente vai onde da certo, então tá dano certo vamô lá, Lei mudo tudo a tradição já mudou também então tá bom, desse jeito tá bom também.

Pesquisador – E assim, falando em tradição eh, antigamente a gente via assim muito na televisão é nos filmes os ciganos as ciganas tinham toda uma vestimenta muito brilho roupas compridas, a senhora chegou a usar este tipo de vestimenta em algum tempo da vida da senhora?

Narradora Charlie – Não, não nois cigano mais goiano pra cá nois num usa não, mais tem argum cigano goiano que usa também inclusive em Caldas Novas só veste popa cumprido, mais nois mesmo que é mais pra cá nunca usou roupa cumprida.

Pesquisador – Mas se for assim um casamento uma festividade que agregue que junta o povo cigano a senhora acredita que as vestimentas elas tem que serem usadas?

Narradora Charlie – É como eu tô te dizeno tem algum cigano que eles só veste roupa cumprida, maisze igual da minha famia eles não usa roupa cumprida usa é calça é é vestido mesmo eles não usa ropa cumprida mais, nois nunca uso.

Pesquisador – Assim Dona Charlie é a gente sabe que os ciganos eles andavam de um lugar para o outro, as vezes de um país para o outro, de um estado para o outro, no caso da senhora era mais de uma cidade para outra, mas a família da senhora é de qual estado do Brasil?

Narradora Charlie – Uai meu filho meu foi o negocio é o seguinte meu pai foi nascido ali em Catalão e minha mãe de Goiânia e eu fui nascida aqui daqui mesmo de Goiasze.

Pesquisador – Então a senhora, a senhora a família da senhora é uma família cigana de goianos.

Narradora Charlie – Ciganos Goianos.

Pesquisador – Família Goiana

Narradora Charlie – Família Goiana.

Pesquisador – Outra coisa, os ciganos eles sempre tiveram a cultura de andar muito né de uma cidade para outra durante esse tempo a senhora pode contar para mim como era a vida em morar em barracas de lona?

Narradora Charlie – Ah!!!! Meu fio era muito custoso, custoso e bom porque a gente arrumava e andava nas carroças antigas mais lá atração, nois ia andava era de cião de areio de cavalo, depois passo a anda de carroça mais era bom era custoso porque a gente chegava as vez no poso tava de muita chuva, a gente tinha que pegá lenha moiada acende fogo, armá barraca pra podê fazê comida pras criança era muito difícil meu fio , muito difícil.

Pesquisador – E a senhora deve ter aprendido muito né com o pai com a mãe com as pessoas mais idosas que faziam parte do grupo familiar da senhora. O que a senhora pode falar para mim que o pai, a mãe o avô ou avó ensinou que a senhora até hoje a senhora faz e serve de fonte de renda para senhora?

Narradora Charlie – Uai meu fio, trabaiá vende as coisas sempre minha família, minha mãe sempre foi uma vendedora muito boa minha mãe ela vendia trem ela vendia tuaia, pano de prato, então sempre eu ajudava a minha mãe, nois ia pra São Paulo, nois ia pras praias prá trabaiá. Então nois cresceu nisso, então nois mexe com isso.

Pesquisador – Então vocês são realmente comerciantes?

Narradora Charlie – Comerciante.

Pesquisador – E a senhora a senhora hoje, o que a senhora faz para manter a família da senhora, Porque a senhora é a chefe de família né?

Narradora Charlie – É.

Pesquisador – O que a senhora faz para manter a família da senhora hoje?

Narradora Charlie – Uai meu fio é que agora esses dias eu tô parada, mais eu vendo enxoval, eu vendo eh, lençol, de cama, essas coisas, toalha de mesa, então nesses dias agora eu to parada a gente tá meia adoentada, então eu tive que fazê uma cirurgia então o medico me pediu que eu não podia pegar peso, então eu tô parada, mais eu mexo é vendedora.

Pesquisador – E a casa que a senhora mora aqui, ela é uma casa que ela é alugada né, ela não é da senhora. Quando a senhora veio para Pires do Rio? A senhora chegou aqui em que ano?

Narradora Charlie - Uai meu fio, foi em 2016 né Mariza. Foi em 2016 vai fazê dois ano, já tem dois ano que eu to aqui. Eu cheguei prá cá, aluguei uma casinha na saída que vai lá prá Orizona ai depois eu aluguei essa daqui essa daqui também é de aluguel, eu pago R\$ 350,00 reais aqui, e tô aqui.

Pesquisador – Os outros ciganos que moram aqui em Pires do Rio, eles são parentes da senhora?

Narradora Charlie – Sim argun sim, esses dali que mora perto daquele açougue daquela igreja cê sabe onde é né?

Pesquisador – Sei.

Narradora Charlie – Então, aqueles lá é meus parentes e tem um sobrinho meu e ai os outros lá é irmão do meu marido.

Pesquisador – E a senhora pode me falar a quanto tempo eles estão aqui na cidade Pires do Rio? Porque eles devem ser os primeiros que vieram né? A senhora pode informar mais ou menos qual foi o ano que eles chegaram aqui?

Narradora Charlie - O ano mesmo eu não sei não, mais tem uns quatro ano que eles tá aí

Pesquisador – Outra coisa, hoje os ciganos eles quase não moram em casas, barracas de lona aqui mesmo em Pires do Rio, não foi identificado nenhuma família. Porque que a senhora acha que esse processo de mudar de residência de casa de lona para essas casas de alvenaria? .

Narradora Charlie – Ah meu fio porque agora mudou muito, antigamente não tinha ladrão, num tinha perigo da gente dormi debaixo de uma lona, agora já tá muito perigoso, muito violento, então não tem cumo a gente vive debaixo de uma lona.

Pesquisador – E a senhora tem vontade de ter a casa própria da senhora?

Narradora Charlie – Muito, muito é meu sonho ter minha casa é meu sonho. Porque muito tempo que eu ando pelejano já trabaiei demais prá compra pelo menos um lotezinho, eu nunca dei conta, eu nunca consegui um, mais eu num perco minha esperança, Jesus vai me ajuda que eu vô tê a minha casinha em nome de Jesuise.

Pesquisador – Assim, o pessoal cigano eles moram muito ali naquela região entre o Nadin Saud e o Santa Cecília é aquele pessoal que mora naqueles bairros ali eles chegaram aqui há algum tempo atrás uns quinze, tem uns que ate mais de 20 anos, a senhora tem assim, conhecimento de outros ciganos que já vieram para Pires do Rio que já ficaram nesses bairros?

Narradora Charlie – Uai, eu mesmo fui casada aqui em Pires do Rio, morei aqui muito tempo é porque como eu tô te dizem a gente é cigano a gente num para em lugar nenhum a gente veim, a gente vai embora, eu mesmo já morei aqui muito tempo e esses ciganos que ocê tá falano ali no Nadin Saud tem muito tempo que eles mora ai. Uns 15 a 18 ano purai.

Pesquisador – E a senhora tem assim vontade de ficar mais próximo dos parentes da senhora, ficar mais perto, assim numa casa de alvenaria que tem tijolos telhas igual a essa que a senhora mora.

Narradora Charlie – Ah, muito meu fio, demais da conta, é o sonho da gente, é o sonho de qualquer pessoa, ainda mais eu que so viúva que eu perdi meu marido, então é eu mesmo então é meu sonho te uma casinha, num precisa grande uma casinha mesmo pra eu tá apoiano eu mais meus fio, meu netinho, tá bom demais, é o meu sonho.

Pesquisador – A senhora é de uma família numerosa ou é de uma família pequena? Como é que era as famílias ciganas? Geralmente era o pai, a mãe. Quantos filhos mais ou menos?

Narradora Charlie – Uai minha mãe mesmo teve seis fio, a minha mãe, né aí agora como eu te falo meu fio, as coisas vão mudano muito o pessoal num quê tê muito fio demais o muito que tem agora é de dois três, é isso. Uma famia pequena.

Pesquisador – E os irmãos da senhora, eles estão morando aqui pela essa região nossa? Aqui por Pires do Rio, Ipameri, Catalão que é uma região que ainda tem umas comunidades ciganas ou eles estão espalhados?

Narradora Charlie – Eh, um deles meu irmão faleceu e os outros mora lá em Trindade.

Pesquisador – O pessoal fala muito que o cigano trabalha muito com tacho a família da senhora chegou a trabalhar com tachos?

Narradora Charlie - Não, não é assim porque como existe assim a pessoa baiano, mineiro goiano, nois somo cigano goiano, os outros que mexe com tacho é cigano tacheró, é daqueles cigano que veste ropa cumprida que ele faiz tacho pra vende, nois nunca mexeu com tacho.

Pesquisador – Então a família da senhora trabalhava mais com a questão do comércio né, vender enxoval, vender cavalos, eh, fazer gambira, e assim por diante.

Narradora Charlie – Isto, antigamente, mexia com gambira de cavalo né, agora num tá mexeno com isso mais, agora é pra vende, trabaiano vendeno as coisas. Mexeno com enxoval pega um trem pra vende sai fazeno um biquinho, é desse jeito.

Pesquisador Charlie – Hoje o pessoal tá misturando muito né casa cigano com não cigano, como a senhora que nasceu numa família cigana vê essa mistura?

Narradora Charlie – Uai meu fio, antigamente como eu te contei né, antigamente a gente achava muito estanho ne porque a gente num tinha confiança agora não, agora tá normal muito parente meu que não é cigano que é casado com quem num é cigano, prima minha, subrinha minha é casada com sem sê cigano aquela dali mesmo a Vandélia é casada com o Teco, o Teco não é cigano. Tem uma tia minha que era casada com quem num era cigano então hoje tem muita mistura hoje. Hoje tem disso não.

Pesquisador – E a família da senhora? Eles se reconhecem como ciganos ou eles tem vergonha de falar assim que são ciganos

Narradora Charlie – Não, não vergonha eles não tem vergonha de ser cigano e isso meu fio é um trem que a gente já nasceu com isso então a gente é cigano a gente tem orgulho de ser cigano, apesar de muitas conversas muitos falatório que muita gente fala, mais nois tem orgulho de nois se cigano porque nos somo cigano, e nós somo igual a qualquer um porque não tem ninguém melhor que o outo hoje porque é tudo de um jeito só. Então é assim o que mudou é porque nois antigamente a famia da gente até a língua de cigano sabia, e hoje eles não tá sabeno. Então mudo muita coisa nisso.

Pesquisador – E quanto à religião? A senhora é católica a senhora é evangélica, a senhora não frequenta nenhum tipo de religião?

Narradora Charlie – Oia pra te fala a verdade meu fio, eu tenho em cada coisa eu sou um pouquinho, porque eu tenho fé em tudo, sabe como é que é? Eu tenho fé na igreja católica eu tenho fé na igreja de Cristo, de crente, eu tenho fé em tudo eu tenho fé um poquin. Eu num tenho aquela religião minha que tem gente assim que só segue aquela, Eu por exemplo, eu vou na igreja católica depois eu vou numa igreja de crente, eu vo porque eu acho bom de ouvi a palavra de Deus. Então eu vo em qualquer uma delas porque eu tenho fé com todas

Pesquisador – Então a religião da senhora é Deus, a senhora acredita em Deus.

Narradora Charlie – É Deus, Eu acredito em Deuso, acredito Nele, muito, muito, muito.

Pesquisador – Assim igual eu perguntei sobre a mãe da senhora, a senhora falou sobre a mãe da senhora o pai da senhora é do que eles ensinaram para a senhora que a senhora hoje carrega para a vida toda?

Narradora Charlie – Uai meu fio, eles me ensinaram é pra mim se boa pessoa, num se preconceito com ninguém que eu nunca tive em minha vida se uma pessoa meu fio humilde, uma pessoa se chega alguém na porta se tá precisano é pra mim sevi, porque meu pai tem um coração muito bom pra mim ajuda as pessoa. Se eu tivesse conduçoesi pra mim ajuda mais do que eu queria eu ajudava, O que que minha famia me ensino foi isso, pra mim se gente boa enducada e se alguém precisa é pra mim ajuda as pessoas. A gente meu fio, a gente precisa de Deus e o mundo, né, então a gente precisa é isso meu fio, que o que minha mãe me ensinou eu tô seguindo até hoje, de eu se boa de eu ajuda as pessoas que precisa e de tê fé em Deus e num tê preconceito com nada.

Pesquisador – Assim, eh!!!! Ensinar a cozinhar, lavar, passar, essas coisas a senhora aprendeu porque viu a mãe, a avó fazendo ou parava e ensinava faz assim porque assim, dá certo.

Narradora Charlie – Não, não eu nunca preciso de me ensiná é porque a gente quando quê fazê as coisa nunca foi preciso ensiná porque desde pequena porque minha mãe trabaiaava né então eu fazia as coisas pra minha mãe, então nunca precisou de me ensiná, parece que eu já nasci sabeno.

Pesquisador – A senhora falou aí uma hora sobre preconceito né, mas a senhora nunca teve preconceito, a senhora acredita que o povo ainda tem preconceito quanto a questão do cigano? Por exemplo se a senhora falar assim: eu sou cigana. A senhora acha que o povo ainda tem aquela questão de ter certa resistência?

Narradora Charlie – É como eu te digo, é o lugar meu filho que tem costume do cigano fica então não tem, mais o lugá que não tem costume com cigano existe muito preconceito com o cigano ainda.

Pesquisador – Dona Charlie nossa entrevista esta chegando ao fim, eu agradeço à senhora e em outra oportunidade eu venho aqui conversar com a senhora novamente. Tá bom? Obrigado à senhora.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
REGIONAL CATALÃO
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
Av. Lamartine P.Avelar, 1.120. Setor Universitário – Catalão (GO) CEP – 75.704 020
Fone: (64) 3441-5366.
Ramal 204 – Coordenação. E-mail: ppgeduc.ufg@gmail.com
Ramal 206 – Secretaria. E-mail: secretariappgeduc@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Wolney Honório Filho

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE DELTA

Pesquisador - Pires do Rio hoje é dia 18 de abril, eu estou aqui na residência da Dona Delta uma cigana que vai prestar alguns depoimentos para mim. Dona Divina, conta para mim um pouco da historia de vida da senhora. Quem é a senhora? Onde a senhora nasceu? Qual é a origem da senhora e qual é a religião da senhora?

Narradora Delta – A minha religião é católica, eu nasci em Minas Gerais e minha origem é eu fico por aqui mesmo sabe eu nasci em Minas mais a gente vive mais é por aqui.

Pesquisador – A senhora acredita que o povo cigano, o povo da senhora eles vieram de qual país do mundo? O que o pai, a mãe da senhora, o avô ou avó falou da origem de vocês?

Narradora Delta – Eu num conheci avô e neim avó não sabe porque eu fui criada com uma tia, mais eu num conheci vô num conheci vó, mas a nossa origem mesmo é de Minas Gerais de Belo Horizonte.

Pesquisador – Quem é a família da senhora e quantas pessoas moram com a senhora?

Narradora Delta - Na minha casa tem 12 pessoas, eu tenho 04 fio, e tem 08 neto tenho sobrinho e tem a irmã, só também.

Pesquisador – Todos eles são ciganos?

Narradora Delta - Todos, todos é cigano.

Pesquisador – Dona Delta conta para mim como a senhora ganha a vida? A senhora trabalha de que para poder manter a família da senhora?

Narradora Delta – Eu sou revendedora mexo com enxoval cama, mesa.

Pesquisador – Aquele pessoal assim, os ciganos que vendiam tachos esse pessoal também são da origem da senhora?

Pesquisador – A senhora algum dia frequentou a escola?

Narradora Delta – Não, nunca.

Pesquisador – Então a senhora não frequentou a escola porque o pai ou a mãe não matriculou, qual foi o motivo que a senhora nunca frequentou uma escola?

Narradora Delta – Porque os antigos num tinha esse tempo para estudar só mais trabalhava trabalhava nas roças umas coisas assim, num tinha tempo.

Pesquisador – Como é e porque a senhora veio morar aqui na cidade de Pires do Rio? Em que ano a senhora chegou aqui?

Narradora Delta – Eu tem 08 ano que eu moro aqui nessa cidade, nois veio por um acaso, nois morava em Minas Gerais e vendemo lá, porque nois num para mesmo nois anda pra todo lado, ai nois veio pra cá compramo um terreno aqui e tá morano aqui.

Pesquisador – Quem veio com a senhora?

Narradora Delta – Minha família, meus filhos, meus netos, minha irmã, meus sobrinhos a minha família.

Pesquisador – A senhora tem ideia em qual ano foi que a senhora realmente chegou aqui na cidade de Pires do Rio, e porque a senhora escolheu a cidade de Pires do Rio para poder morar?

Narradora Delta – No ano eu não lembro não, tem muito tempo isso, mais é porque nós gostamos meus filhos gostamos da cidade aí eu vim morar aqui queises.

Pesquisador - O grupo cigano ele tem algum chefe? Como vocês vivem em comunidade?

Narradora Delta – Tem nós temos um chefe o chefe é quem domina tudo né os mais antigos, o que aquele flá é aquilo mesmo se foi pra sair tudo da cidade sai se foi pra ir pro lugar vai, o que os mais velhos fala é isso mesmo.

Pesquisador - E aqui na cidade de Pires do Rio quem é o chefe de vocês?

Narradora Delta – É um velho que tem lá em cima.

Pesquisador – Como é ser uma mulher chefe de família igual a senhora é?

Narradora Delta – Uai depende dela né, dela sê uma pessoa honesta, de bem, trabalhadora né, é isso.

Pesquisador – Dona Delta quais são os principais desafios que os ciganos enfrentam para poder viver em sociedade? A senhora acredita que existe preconceito aqui na cidade de Pires do Rio aqui no bairro Nadin Saud onde a senhora e a família da senhora?

Narradora Delta – Não, graças a Deus o pessoal daqui é muito bom com nós aqui num tem esse negócio de preconceito não eu tenho muito amigo na cidade, o povo é muito honesto conosco, tudo gente boa.

Pesquisador – Dona Delta a senhora pode dizer pra mim como a senhora aprendeu a fazer o que a senhora faz hoje?

Narradora Delta– Aprendi com os antigos né com a minha família do jeito que eles iam nos tá seguindo a origem deles.

Pesquisador – O que o pai, a mãe, o vó da senhora ou alguma pessoa mais antiga ensinou para a senhora que a senhora faz até hoje, porque a gente aprende com os mais velhos, o que a senhora aprendeu com os antigos?

Narradora Delta – Aprendeu assim, comprar vende, ler a sorte dos outros

Pesquisador - A senhora lê sorte também ?

Narradora Delta – Eu lê sorte só isso também sabe? vende cocha toalha de mesa lê a sorte dos outros quando tá numa cidade maior, aqui não, mais na cidade maior nós fazemos. .

Pesquisador – Fala pra mim Dona Delta, o que a senhora aprendeu com a vida cigana da senhora?

Narradora Delta – O que eu aprendi? Foi isso mesmo da gente vive assim andando pra cima pra baixo sem sossego, hoje não graças a Deus nós, sossego, paz, apoio, no mesmo lugar, sabe? A gente tem muitos amigos na cidade, só isso.

Pesquisador - E por que que vocês pararam com essas mudanças, essas andanças. Essas caravanas de vocês? A senhora acredita que tem algum motivo quer fazer com que vocês parassem de mudar de cidade em cidade andar em caravana?

Narradora Delta – Não, não teve, é porque nós gostamos disso mesmo sabe? Nós gostamos de andar mais os antigos foram acabando os mais novos não gostam de andar mais cada um tem a sua casa tem seu lugar pra morar. Tem as crianças pra estudar.

Pesquisador – Os netos da senhora, os filhos esses mais jovens eles frequentam a escola?

Narradora Delta – Frequenta, meus netos tá tudo estudando. No Bastião Leite.

Pesquisador – E como é o dia a dia de vocês, a vida da senhora se resume em que? O que a senhora faz durante o dia?

Narradora Delta – Durante o dia quando eu num to revendendo as coisas eu to trabaiano em casa, lavano ropa, lavao vasia, fazeno comida, cuidano dos minino pra coloca os minino na iscola sabe?

Pesquisador – Dona Delta conta para mim um pouco como é eram essas viagens que vocês faziam de um município para o outro, de um estado para o outro. E conta pra mim também como é que era viver nas barracas de lona.

Narradora Delta – Eu nunca cheguei a morar em barraca de lona não, sempre eu morrei em casa toda vida sabe, os mais antigo já moro em barraca de lona, mais eu mesmo num morei não. Meus avó os mais antigo moro, mais nois nunca moro não.

Pesquisador – Mas nessas andanças da senhora mesmo andando com as famílias com os ciganos como é que eram essas viagens? Elas eram alegres eram divertidas? Tinham bastantes festas? Conta para mim como é que eram essas viagens de vocês?

Narradora Delta – Menino nois fazia muitas festas casamento de 08 dia de festa onde juntava a famia intera matava vaca matava era as cisa mais bunita, mais as pessoa vai cabano os mais antigo,, ai nois ta parano com isso.

Pesquisador – Porque vocês resolveram morar em casas de alvenaria, nessas casas de tijolos, de telha essas casas que tem agua e energia?

Narradora Delta – Porque as coisa agora mudo né, antigamente o pessoal era mais, mais num tinha inteligencia, agora hoje não nois que a pessoa trabaia, que te suas coisas.

Pesquisador – Dona Delta, a gente percebe hoje que o povo tá muito misturado né, como que a senhora percebe ou a senhora entende essa mistura de quem é cigano com quem não é cigano? Tipo assim, casar, namorar, viver na mesma casa ter filhos, qual é a ideia ou pensamento da senhora quanto a isso?

Narradora Delta – Ah!!! Isso aí até a gente já acostumo, na minha famia tem muitas que não é cigana casada, inclusive essa aqui mesmo é, lá em cima tem ota que é, tem muita moradeira aqui do Pires do Rio que é casada com minha famia com primo, subrim com a famia, tem muita moradeira misturado. Aí já misturo a famia intera.

Pesquisador – Quando tem alguma festa aqui em Pires do Rio, como são essas festas ciganas de vocês? Como essas festas acontecem?

Narradora Delta – Uai, quando nois faiz um batizado, casamento, nois luga o crube, convida a famia de cigano, convida a famia morado que nois conhece e faiz uma festa animada, 04/05 dia de festa.

Pesquisador – E quem não é cigano ? pode participar?

Narradora Delta – Pode sim, pode tem portaça não.

Pesquisador – Dona Delta a senhora é viúva tem quanto tempo?

Narradora Delta – 18 ano.

Pesquisador – E desse tempo para cá a senhora que é o pé de boi da família da senhora a matriarca a pessoa responsável por tudo?

Narradora Delta – Isso, na minha casa aqui é eu tudo que eu fala é aquilo mesmo nummm.... ninguém passa pru cima não. Aqui mora com neto, é cum fio, tudo é a mesma coisa.

Pesquisador – E todo mundo obedece a senhora?

Narradora Delta – Todos obedece, aqui ninguém desobedece não.

Pesquisador – Agora só mais uma coisa Dona Delta Ehhhh, vocês nas andanças a senhora falou que morava sempre em casa de alvenaria, não era em casa de lona, mas durante essas andanças da senhora morando em uma casa ou em outra, porque que a senhora escolheu o município de Pires do Rio, para fixar residência aqui?

Narradora Delta – É porque a gente já tinha famia aqui, sabe aí a gente gosto do lugá viemo passia e fiquemo tambeim. Eu acho muito bom aqui o lugá de Goiás, nois num era daqui, nois era de Minas, mais nois tinha parente que morava aqui aí nois veio prá cá.

Pesquisador – Quando vocês chegavam em outras cidades, a senhora tem conhecimento se o chefe da caravana da vigem de vocês ele tinha que ir na delegacia ou na prefeitura tirar uma licença para poder pedir arranchamento em determinado local?

Narradora Delta – Tinha, ia na Prefeitura ai eles dava isturização, aí nois ficava. Ficava duas semana aí ia imhora de novo.

Pesquisador – Mesmo a a senhora não morando em barracas de lona tiha que pegar autorização?

Narradora Delta – Tinha, nois pegava. Tinha muitos que viajava né, de casa não mais de barraca tinha de pegá.

Pesquisador – E assim ehh!!, A gente sabe que geralmente as ciganas os ciganos eles não frequentam a escola. Porque que a senhora acredita que nunca foi necessário frequentar uma escola?

Narradora Delta – Porque na época num existia isso né, aí a gente neim passava isso pela cabeça, hoje que mudo a tecnologia, cê vê tá muito diferente, mais antigamente num existia isso. Pra nois morado mesmo tem muita gente analfabeta ainda. Hoje nois os cigano tudo já tá istudano, as criança, os mais de 25, 30 anos prá cá tudo já sabe lê.

Pesquisador – E quanto essas tradições ciganas? Porque o pessoal fala muito em tradições ciganas. A senhora segue alguma tradição cigana com os filhos genros noras da senhora ou os parentes da senhora, eles ainda seguem as tradições ciganas?

Narradora Delta – Não. Eles agora num segue mais não. Antigamente eles seguia mais hoje eles já mudificó tá bem diferente. É cigano só porque fala que é cigano, mais nois num tem mais nada havê cum cigano. Mudô tudo é a ropa é as coisa tudo nois mudô.

Pesquisador – Mas a senhora e os filhos da senhora os parentes se reconhecem como ciganos?

Narradora Delta – Ehhh,

Pesquisador – Não tem vergonha de ser cigano?

Narradora Delta – De jeito niium a gente nasceu cigano, vai morre cigano né.

Pesquisador – E o pessoal respeita vocês como ciganos? A senhora não sente assim que o pessoal fica desconfiado as vezes assim, com medo?

Narradora Delta – Tem muitos que fica com medo, mais depois para e intende né sabe que nois somo gente igual eles mesmos, né que o nosso sangue é o mesmo, nois é tudo a mesma coisa. Num muda nada tem muitos que é ignorante ainda duvida, mais tem muito que conhece e intende.

Pesquisador – Dona Delta se a senhora dar um conselho para esses jovens os filhos da senhora os netos da senhora, qual é o coselho que a senhora daria para eles que a senhora gostaria que eles levassem para a vida inteira.

Narradora Delta – Eu quiria que eles fosse uma pessoa trabaiadó, honesto, que pudesse tê as coisas deles, não depende dos otos, não vivê assim em droga neim em bebida nessas coisas, uma que eles num veve, mais eu num gosto disso. Eu proíbo tudo isso pra minha famia.

Pesquisador – A casa da senhora é uma casa alugada ou ou o terreno da senhora aqui é um terreno que tem uma casa própria? É da senhora mesmo?

Narradora Delta – É nosso mesmo isso aqui num é dos oto não é nosso mesmo.

Pesquisador – Foi comprado ou a senhora teve uma doação?

Narradora Delta – Meu fio que comprô.

Pesquisador – Dona Delta para terminar a nossa entrevista, a senhora tem saudade da época quando a senhora viajava com os parentes da senhora com os demais ciganos?

Narradora Delta – De jeito nenhum porque a gente sofria demias, a época era muito braba sabe? Num tinha estudo pras criança, neim im meidico a gente num ia, agora as cisa mudó, tá tudo diferente.

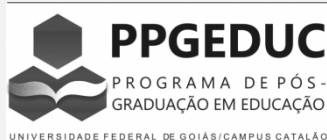
Pesquisador - Então se eu for para a senhora assim, voltar a mudar de novo, andar em comitivas, andar a cavalo, andar de uma cidade para outra ficar uma semana em um lugar, 05 dias em um lugar, 15 dias no outro, a senhora não gostaria mais de voltar essa vida do passado?

Narradora Delta – Não. Queria mais não, de jeito nium, a minha vida agora tá boa graças a Deus.

Pesquisador – Dona Delta eu agradeço a senhora pela colaboração da senhora e em breve eu estarei aqui fazendo uma nova visita para senhora antes da senhora mudar para Minas Gerais de novo nê?

Narradora Delta – Tá. Então tá. Eu que agradeço ocê, obrigada. Falô fio vai com Deus.

Pesquisador – Amém.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
REGIONAL CATALÃO
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
Av. Lamartine P.Avelar, 1.120. Setor Universitário – Catalão (GO) CEP – 75.704 020
Fone: (64) 3441-5366.
Ramal 204 – Coordenação. E-mail: ppgeduc.ufg@gmail.com
Ramal 206 – Secretaria. E-mail: secretariappgeduc@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Wolney Honório Filho

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO SENHOR ALFA

Pesquisador - Pires do Rio, hoje é dia 19 de abril, eu estou aqui na residência do Senhor Alfa Ferreira na Vila Nadin Saud e vou começar com ele a entrevista da dissertação de mestrado. Senhor Alfa conta pra mim um pouco da vida do senhor, o nome do senhor, como foi a infância do senhor, como foi que o senhor chegou aqui em Pires do Rio.

Narrador Alfa - Eu cheguei aqui em Pires do Rio comprei minha casa lá em baixo, fiz morei, então não deu certo e eu vim pra qui, é isso.

Pesquisador - E qual a principal forma que o senhor fez para escolher o Bairro Nadin Saud para ser a residência do senhor, para fixar residência?

Narrador Alfa – Porque era mais barato eu comprei mais barato ali.

Pesquisador – E o que o senhor faz para sobreviver, para poder manter a família do senhor, qual é o trabalho, a profissão do senhor?

Narrador Alfa – O trabalho meu é vende uma tuaia, é vende pano de prato é isso, eu a muiê e a menina. Sofredor tô sofrendo mundo hoje. E a minha casa eu deixei lá num vô mora mais a véia não, moro de aluguel hoje, é isso.

Pesquisador – É, conta pra mim senhor Alfa como eram as viagens que o senhor fazia com a família do senhor, as viagens ciganas.

Narrador Alfa– Fazia, a gente ia pra São Paulo de carro, a gente ia pra São Paulo, Minas Gerais essas coisas, é isso.

Pesquisador – E nessas viagens o senhor andava muito a cavalo, de carroças, vocês moravam em barracas de lona? Como é que era essa parte da história da vida do senhor nessas viagens ciganas com a família?

Narrador Alfa – Nois já sofremô demais viajano, armano barraca nessa região aí de São Paulo Minas Gerais a gente já padeceu demais da conta. Só de carro mexeno com carro velho, é isso.

Pesquisador – E nessas viagens senhor Alfa quem era o chefe? O que o chefe fazia ou não havia ninguém que era chefe?

Narrador Alfa – Era chefe, ia na prefeitura na delegacia pra começa vende as coisa. É isso.

Pesquisador – Mas porque que tinha que pegar licença na delegacia e na prefeitura?

Narrador Alfa – Era pra gente começa vende as coisa da gente. Era isso, era vedê as coisa tirava licença na prefeitura e delegacia e vendia as coisa, é isso.

Pesquisador – O senhor já frequentou a escola, os filhos do senhor os parentes do senhor na época que o senhor era criança alguém frequentou a escola?

Narrador Alfa – Não, não, porque num tinha no tempo que eu andava, agora aqui eles tão frequentano a escola esse, o outro o neto o meu fio que mora lá em riba tá lá, ele estuda ainda a noite, é isso.

Pesquisador – O que o senhor aprendeu com os pais ou avos do senhor que o senhor traz para do senhor até hoje? Uma profissão que o senhor aprendeu e ainda passa pra os filhos do senhor?

Narrador Alfa – Meu avô, eu num cunheci avô só tive os pais, viajano no mundo vendeno as coisa andano no mundo aí oh, vendeno rede, vendeno cocha, tuaia mexendo essas onda toda, sofria dimais viu, a gente sofreu muito. Passo precisão é isso.

Pesquisador – Nessas andanças de vocês senhor Alfa vocês já tiveram alguma dificuldade relacionado assim no local de chegar e o prefeito o delegado não querer que vocês ficassem naquele município?

Narrador Alfa – Justamente, justamente, tinha veis que a gente viajava o dia todo o prefeito num aceitava o delegado num aceitava a gente viajava o dia todo de carro. É isso meu chefe, tinha era mais gente umas 10 ou 12 barracas, é isso.

Pesquisador – E porque o senhor acha que eles faziam isso com a população cigana? O senhor acha que é alguma forma de preconceito? Aquela coisa antiga que o povo fala que o cigano não é de confiança, que o cigano rouba menino dos outros?

Narrador Alfa – Ehh, eles tinha isso mesmo meu fio, falava isso mesmo ladrão, meu chefe era bão dimais mis eles num autorizava, tinha veiz que num uturizava tinha prefeito bom delegado bom, mais tinha veiz que era rum dimais. Era isso.

Pesquisador – E o senhor já ouviu falar qual é a origem do senhor? De qual país a população cigana veio, aqueles mais antigos lá do passado.

Narrador Alfa – Do Egito, de Egito. O mais veio veio de Egito e dexo o novo é gytano.

Pesquisador – Então vocês se consideram ciganos daqueles que eles falam dos gyptes dos gytanos?

Narrador Alfa – Gytano, justamente dos gytano. E isso, agora ninguém fala mais, a gente mora vui, é isso.

Pesquisador – E a religião do senhor? O senhor tem alguma religião? A família do senhor professa alguma religião?

Narrador Alfa – Eu so católico, meu minino é crente frequenta as igreja a gente as veise frequenta as igreja de crente, é isso.

Pesquisador – Eu já havia feito uma pergunta relacionado a escola, mas em algum momento da vida do senhor ou de algum parente do senhor na época que o senhor era criança o pai ou a mãe do senhor fez alguma matricula ou levou vocês em alguma escola?

Narrador Alfa – Não não, nunca levô, nunca levô, nois viajava, compreendeu, um dia tava aqui, amanhã tava acolá, nunca levô, É isso,

Pesquisador – Assim, o senhor podia falar para mim em poucas palavras como é que era a vida cigana do senhor na época de criança quando morava com o pai com a mãe, quando vocês andavam nessas andanças em comitivas.

Narrador Alfa – Era boa demais porque a genti tinha mãe, tinha pai, andava muito tranquilo, hoje é que a gente tá sofreno.

Pesquisador – E o senhor acredita que mesmo com esse tempo moderno com essas mudanças os jovens não professam tanto a cultura cigana, o senhor acha que mesmo assim a vida que o senhor leva hoje com a família do senhor é melhor que a vida do passado?

Narrador Alfa – É melhor que no passado, porque a gente já sofreu muito, passo muita precisão viu e hoje não, lovado a Deus tem um lugarzinho pra genti mora comi e bebe. É isso. Tem saúde.

Pesquisador – Porque que vocês abandonaram a vida cigana aquela questão de ficar mudando de uma residência para outra?

Narrador Alfa – É por causa muito difícil a gente já sofreu muito compreendeu? Cansemo dimais fomo obrigado compra casa pra mora pra discansá.

Pesquisador - O senhor acredita que esse sofrimento que o senhor foi aí é relacionado ao preconceito, a passar algum tipo de necessidade, a não ter algum atendimento medico a não ter assim acha saúde, o que o senhor acha? O que o senhor pode falar pra mim dessas dificuldades que vocês enfrentavam no passado.

Narrador Alfa – No passado? Tinha vez que a gente sofria de médico num atendia como hoje aí mesmo a muiê tá duente eles aqui num atendeu não, fomo lá pra Ipameri, a coisa aqui tá meia difícil. É isso.

Pesquisador - Conta para mim um pouco da historia da vida do senhor, o senhor nasceu em qual estado? Qual é o estado que o senhor nasceu?

Narrador Alfa - eu nasci no estado de Minas, Montes Claros, mais num fui criado lá, nasci lá e rodei o mundo Paraná, São Paulo junto, é isso.

Pesquisador – Então o senhor viajava muito com a família do senhor?

Narrador Alfa - viajava, viajava, viajava dimais.

Pesquisador – E quantas pessoas tem na família do senhor incluindo o senhor, esposa, filhos, netos quantos que moram com o senhor?

Narrador Alfa – Aqui é 06 mais eu, só esses mesmos seis minino, seis pessoa.

Pesquisador – E atualmente senhor Alfa como o senhor ganha a vida o senhor trabalha com que hoje:

Narrador Alfa - A gente trabaia cum uma tuaia, um pano de prato, eu e a menina sai pra vende. É isso.

Pesquisador - E o senhor hoje esta com quantos anos? O senhor já é aposentado?

Narrador Alfa - Só tô com 70 ano, Deus abençoou e eles me aposentou. É isso a gente vive daquilo, vevi desse trem ai.

Pesquisador – Como é e porque o senhor veio morar aqui em Pires do Rio? Porque o senhor escolheu a cidade de Pires do Rio?

Narrador Alfa – A gente gosto de Pires do Rio, Catalão num deu certo, vendi o lote lá, num tive pra contruienao Pires do Rio é um lugá bão comprei ali morano ali.

Pesquisador – E o senhor acredita que morando aqui em Pires d Rio ne, já que o senhor falou tanto daqui tinha outros ciganos antes do senhor aqui na cidade de Pires do Rio?

Narrador Alfa - tinha um senhor ali em baixo sabe? Muitos ano, ele viajo lá pra Bela Vista Mudô, tá lá morano.

Pesquisador – E quem veio com o senhor quando o senhor mudou para Pires do Rio:

Narrador Alfa – Eu, meus neto, me fio, lá embaixo, só nois só. É isso.

Pesquisador – Quando vocês chegaram em Pires do Rio, em que ano foi? O senhor lembra mais ou menos o ano que foi desde quando vocês estão aqui:

Narrador Alfa - Quando? 2006 Cheguei aí e já cheguei de barraca morava lá em riba no campo, então eu comprei aqui e fiz a casa.

Pesquisador – Então antes do senhor comprar um lote aqui o senhor morou em barraca durante muito tempo aqui em Pires do Rio?

Narrador Alfa – Já, já morei muito tempo ali em riba pro Pires do Rio, uns treis ano de barraca, aí depois fui juntano um dinheirinho fui comprano as coisa e fiz a casa. É isso.

Pesquisador – Atualmente quem é o chefe cigano aqui na cidade de Pires do Rio e como vocês vivem em comunidade?

Narrador Alfa – Chefe nois num tem chefe, é uu mais os meu mínimo aqui meus neto e meu fio. Meu chefe num mora aqui não, num tem mais não mora lá no Espirito Santo o chefe.

Pesquisador – Mas geralmente a pessoa mais velha da comunidade cigana geralmente costuma ser o que eles mais respeitam né?

Narrador Alfa– É o que eles mais respeita, justamente, o mais veio respeita. É isso.

Pesquisador – É porque nos outros lugares que eu passei sempre que eu pergunto sobre chefe eles citam o senhor.

Narrador Alfa – Pois é, A gente é mais veio né homi tolerado dois neto dois fio num aborrece ninguém, é isso.

Pesquisador - Senhor Alfa como é viver em uma comunidade aqui no bairro Nadin Saud? O senhor acredita que o pessoal aqui eles tem preconceito com o pessoal cigano ou eles já se acostumaram e não se preocupam mais?

Narrador Alfa - O povo aqui num acostuma cum nois não, sabe num acostuma não. Eles tem num sei o que com os cigano aqui, mais a Valença é que ninguém faiz conta deles moro no que é meu alugado, num aborreço eles, eles num me aborrece é isso que conta gente.

Pesquisador – Mas o senhor acredita então que ainda tem muito preconceito com o pessoal cigano?

Narrador Alfa - Ainda tem. Tem, tem, tem. O povo aqui num é muito bom não compreendeu, mas eles num aborrece ninguém a gente num aborrece também, então...

Pesquisador – Certo. Como é ser um homem chefe de uma família cigana na idade que o senhor está hoje?

Narrador Alfa – Ah!!!, tá mei difícil, nè homi. Tá mei difícil, eu vou dizer uma coisa hoje tá mei difícil. Porque os veios já acabaro tudo, hoje tá uma rapaziada nova compreendeu? Hoje num tem mais gente veia não. É isso, é desse ponto.

Pesquisador – E o senhor acredita que esse pessoal, os jovens eles ainda tentam manter as tradições de vocês?

Narrador Alfa – Certo né, justo, justamente tem, tem.

Pesquisador – Mas eles seguem as tradições ciganas eles casam só com ciganas namoram só com ciganas eles dançam as danças ciganas, vestem as roupas ciganas?

Narrador Alfa – Veste tem muita gente ai qui casada com moradeira daqui mesmo, esse rapaiz mesmo é casado com ota ali uma moradeira e cigana casa com os próprio daí com os morado é de ponto. Hoje num tem isso mais não acabou.

Pesquisador – Então quer dizer que hoje está tudo misturado, pode?

Narrador Alfa – Tá tudo misturado, tudo misturado, hoje tem isso mais não.

Pesquisador – Mas antigamente não tinha esse negócio não né?

Narrador Alfa - De jeito nenhum, num casava cigano cum morado não, hoje tão tudo casada hoje.

Pesquisador - Porque o senhor acha que esta acontecendo essa mudança em esta misturando quem é cigano com quem não é cigano?

Narrador Alfa – Já mudo né, tudo muda né, tudo muda, compreendeu o mundo tá muito mudado.

Pesquisador – Senhor Alfa fala para mim como o senhor aprendeu fazer o que o senhor faz hoje? O senhor falou para mim que trabalha com vender toalhas, vender redes, esses produtos né. Mas o que o pai, a mãe, ou avô, ou uma pessoa mais velha quando o senhor era criança ensinou para o senhor que ate hoje o senhor faz?

Narrador Alfa – Tuaia eh... rede, eh... E proque eles aprendero né, vede aquilo a gente tá no mesmo caminho, vendeno as coisa, porque a coisa tá difícil, viu, cê viu que a coisa t`difícil dimais, né, hoje pra cumê dá trabaio so, é isso.

Pesquisador - Então o senhor aprendeu a sobreviver de acordo com o que o senhor aprendeu com os ciganos mais antigos?

Narrador Alfa - Mais antigos justamente, é isso.

Pesquisador – Como é o cotidiano da vida do senhor enquanto uma pessoa aposentada, enquanto um chefe de família aqui no bairro Nadin Saud?

Narrador Alfa – Aqui no Nadin Saud? A pessoa compreendeu se a gente é aposentada recebe compra as coisinha pra gente comê e vai vivo a vida. É isso. Paga aluguel, e isso.

Pesquisador – O senhor paga aluguel também?

Narrador Alfa – Pago, pago aluguel dessa casa, com nenhum amigo meu, é isso.

Pesquisador – Senhor Alfa chama atenção aqui na cidade de Pires do Rio que basicamente todos os ciganos moram em casas de alvenaria. Porque o senhor optou em morar na cidade de Pires do Rio e porque o senhor optou em morar em casa de alvenaria de tijolos e de telhas?

Narrador Alfa – Porque a gente já sofreu demais né, já sofreu muito debaixo da barraca, então a gente procuro compra uma casa pra mora, pra vive descansado, é isso aí.

Pesquisador – E a cidade de Pires do Rio para o senhor então é uma cidade boa o senhor acredita que ela transmite tranquilidade para o senhor, ela é uma cidade boa?

Narrador Alfa – Trais é um lugar que trai segurança, ninguém aborrece ninguém a policia num aborrece, nada me aborrece aqui é um lugá especial pra vive.

Pesquisador – E se por acaso for ter uma festa cigana um casamento, como seria esse casamento, um dia, dois dias. Como é uma festa cigana hoje?

Narrador Alfa - Festa cigano hoje ali em Caldas Novas vai de 08 a 10 dia lá casamento, dança, faiz tudo na vida. É isso.

Pesquisador – E na cidade de Pires do Rio? Ainda tem muitas comemorações de casamentos, batizados festas ciganas?

Narrador Alfa - Tem não, aqui num tem não aqui num tem nada disso, aqui o povo é fraco, num tem dinheiro, é isso.

Pesquisador – A gente ouvia falar muito que os ciganos trabalhavam muito com a questão de ficar mexendo venda de cavalos fazer tachos. A família do senhor também trabalhou fazer tachos e venda de cavalos de animais?

Narrador Alfa – Não senhor, nunca mexi, lá im... como é que chama lá em Anápolis lá eles faiz lá é cigano tacher, aqueles homi ali é rico demais eles fais tacho. Aqui em Caldas Novas eles mexe com cavalo tambem de carroça eles mora lá, num cunheço eles não.

Pesquisador – Então em Pires do Rio não tem nem um cigano tacheiro mais?

Narrador Alfa – Tem não, tem não. Tá tudo em Anápolis, tudo em Anápolis fazeno tacho.

Pesquisador – E só mais uma coisa eh!!! Os netos do senhor o pessoal mais jovem hoje eles frequentam a escola?

Narrador Alfa – Frequenta, esse o oto meu rapais o outro mais novo que tem aí ele tá na iscola.

Pesquisador – O senhor acha que é importante o pessoal mais jovem frequentar a escola?

Narrador Alfa – Ah!!!, justamente, justamente, que ajuda ele demais e ajuda a genti. Porque a genti num sabe lê ele tá a escola ele faiz qualque coisa pela genti.

Pesquisador – Então o senhor acha que a questão de não saber ler, em ser considerada uma pessoa analfabeta tem dificultado a vida do senhor e a vida daqueles ciganos que não sabem nem ler e nem escrever?

Narrador Alfa – Tem, tem rapais, tem, tem cê vai pega um ônibus num sabe qual é o numero do ônibus, cume qui faiz? Tem que preguntá um e oto. E a pessoa sabe lê né já sabe quem é.

Pesquisador – E a questão assim, relacionada ao preconceito, aquela questão em estar confiando. As pessoas aqui em Pires do Rio confiam no cigano?

Narrador Alfa – Ah!!! Meu povo aqui num confia não. O povo aqui não num confia em cigano não viu. Eu moro aqui há treze ano, eles num confia não. São um povo que num que a lealdade, entendeu, numm gosta de cigano. É isso.

Pesquisador – Então o cigano ainda continua mesmo o cigano moderno continua discriminado pela prefeitura, pela população, pela policia. Ainda tem esse preconceito contra cigano?

Narrador Alfa – Não aqui num tem não a prefeita, a primeira era muito boa a policia era muito bom o coronel Costa era... ele alegre com os ciganos, eles aqui num importa com a gente não viu. Eles aqui são muito bom.

Pesquisador – Se o senhor tivesse que dar um conselho para esses jovens de hoje os netos do senhor, os filhos do senhor, genros ou noras esses mais jovens. Qual é o conselho que o senhor daria para eles que deveriam levar para a vida toda deles?

Narrador Alfa – Eu do um conselho a eles pra vive bem, num aborrece ninguém, eles trata os o to bem, istudá, e cudá na vida dele. É isso.

Pesquisador – Esse é o mais importante então cuidar da vida ser uma pessoa honesta, tranquila.

Narrador Alfa – Tranquila, justamente num vive dento de bar justamente.

Pesquisador – A população cigana de Pires do Rio tem muitos problemas assim, com muitas bebidas, com drogas. O senhor acredita que isso esta acontecendo com os jovens ciganos de Pires do Rio também?

Narrador Alfa – Não, não cigano num vevi com isso não, vevi é o pessoal aí de baxo oh, cigano num mexe com isso não, de jeito nenhum. Sempre a pulicia passa pra pega os malandro aí mais num pega é isso nois num mexe com isso não. Nós vevi tranquilo, nois vevi tranquilo.

Pesquisador – Então quer dizer que os ciganos de Pires do Rio não são todos parentes não né? Estão todos esparramados?

Narrador Alfa – Não, num é tudo parente não. Eu só tenho esse neto tenho um filho é poca pessoa que morra aqui.

Pesquisador – Só mais uma pergunta Se alguém falasse pro senhor assim: seu Jucão vai reunir todos os ciganos e vai fazer aquelas viagens, mudanças, viver em barracas ia andar naquela vida que vocês andavam há muitos anos atrás do tempo que o senhor era criança. O senhor queria de novo?

Narrador Alfa – Não, não. Ave Maria tô cansado, não quero mais isso não a gente tá cansado, tá no fim da vida, então meu amigo é isso, eu quero é sossego.

Pesquisador – (Risos) seu Alfa eu agradeço o senhor pela entrevista despois eu vou transcrever e fazer outra visita pro senhor, o senhor fica com Deus.

Narrador Alfa – Amém vá com Deus também.

Pesquisador – Amém.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
REGIONAL CATALÃO
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
Av. Lamartine P.Avelar, 1.120. Setor Universitário – Catalão (GO) CEP – 75.704 020
Fone: (64) 3441-5366.
Ramal 204 – Coordenação. E-mail: ppgeduc.ufg@gmail.com
Ramal 206 – Secretaria. E-mail: secretariappgeduc@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Wolney Honório Filho

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DO SENHOR BRAVO

Pesquisador - Pires do Rio hoje é dia 21 de abril, eu estou com o Senhor Bravo um cigano que mora aqui no bairro São Miguel ou é Santa Cecília, senhor Bravo eu vou fazer algumas perguntas à respeito da vida cigana dele. Senhor Bravo, apresenta para mim fala qual é o nome do senhor, qual é a idade do senhor, de onde o senhor veio qual é a origem do senhor?

Narrador Bravo – Santa Cecília. Eu aqui, o meu original é aqui, eu sô daqui mesmo, eu sô nascido e criado aqui, certo? Agora aquelas família antiga de Catalão pra lá sabe os veio então esses era de Catalão pra lá, agora eu não, eu sô original daqui mesmo.

Pesquisador – E quantos anos o senhor tem?

Narrador Bravo – Eu sô de 59. (58 anos)

Pesquisador – Senhor Bravo é fala um pouco da vida cigana do senhor. Como o senhor vivia, como foi a infância do senhor com o pai com a mãe com o avô, com aquelas pessoas mais antigas. Como eram as viagens do senhor naquela época quando vocês moravam ainda nas barracas.

Narrador Bravo – As barraca, não naquela época era bão demais nois achava bão porque barracava num canto barracava noto, então achava bão demais aquilo pra nois era bão demais achava bão aquilo. Agora não, tem muito anos que a gente num viaja mais nois fica é parado já morei em Ipameri tive uma casa lá, de lá arrumei, troquei ela nota aqui agora tó morrano aqui num sai pra lado nenhum mais não é só. Minha família é assim foi criada bem dize nessa região, Campo Alegre Catalão esse meio ai nunca viajo pra longe não só assim mesmo é só aqui mesmo nesse lugar aqui mesmo por aqui mesmo nunca saimo pra fora assim não.

Pesquisador – Naquele tempo era mais difícil a vida? Como vocês faziam para alimentar, cuidar dos animais, lavar roupas, como vocês faziam para poder ganhar dinheiro naquela época?

Narrador Bravo – Não meu fio, naquela época nois fazia gambira de cavalo, gambirava cavalo ia fazeno esses trem assim, ganhava dinheiro, então fazia assim, né fazeno gambira um cavalo, gambirava um revolve, o que tivesse na mão nois gambirava. Agora que nois paro quisso agora nois mexe mais é com uma gambirinha de carro agora, veve gambirano carro, troca e vende troca e vende agora.

Pesquisador – Quem era o chefe da família? Vocês tinham uma pessoa que era responsável pela comitiva? Tinha um que era considerado o chefe? Conta para mim como era essa historia de ter um chefe cigano.

Narrador Bravo – O chefe nosso era o veio meu sogro José Soares da Costa era o chefe nosso. Então ele tomava contada nossa patruiá assim, a nossa patruiá porque tem muitos ai

cigano que não é igual nois, num é cigano maloquero prá lá, agora nois não, original tinha o chefe era do jeitinho que ele falava era assim, assim e assim, nois era bem arrumadinho nesse ponto ai nois era coisado, nois era bem rumado né.

Pesquisador – Quando vocês mudavam de uma cidade para outra o chefe tinha que ir na prefeitura tinha que ir na delegacia o que ele fazia para poder deixar vocês unidos para vocês não tem nenhum tipo de problema?

Narrador Bravo – Não, porque nois era assim, quando chegava conversava com o delegado com o prefeito arrumava um lugarzinho pra nois pra nois fica pra num incomoda ninguém. Então arrumava o nosso jeito a gente ficava por ali, num incomodava ninguém, era a coisa mais boa que tinha também sabe, então era assim.

Pesquisador – O que o senhor aprendeu com o pai com o avo com a mãe do senhor que o senhor que o senhor traz pra vida do senhor ate hoje, que o senhor fazendo até hoje na vida cigana do senhor.

Narrador Bravo – Ai eu, o que eu mexo mais é que eles me ensinaro mais é eu gambira, vindia um trem, arrumava o trem, o que eles me ensinaro foi isso dai, pra coisa foi isso.

Pesquisador – Então o senhor ganha a vida do senhor, o senhor ganha dinheiro fazendo gambira fazendo trocas é esse tipode coisa que o senhor faz, é o comercio?

Narrador Bravo – É isso aí compra e vende direto, compra e vende direto, nois compra e vende direto.

Pesquisador – Qual é a origem do senhor? Assim o senhor acredita que vieram de qual país?

Narrador Bravo – Você fala do país do cigano?

Pesquisador – Isso.

Narrador Bravo – Então é o Egito é gytano é Egito ai que é do povo.

Pesquisador – É o Egito.

Pesquisador – E a religião? O senhor tem alguma religião? Qual é a religião do senhor? Qual é a religião da família do senhor?

Narrador Bravo – Nois é catóico, nois somo catoico, trabaia na religião catoico.

Pesquisador – Ismael no seu tempo de criança o senhor frequentou alguma vez a escola? O pai ou a mãe matriculou o senhor em alguma escola?

Narrador Bravo – Não, nunca fui matriculado, nunca fui mexido cum iscola não. Num sei nada só analfabeto nesse ponto. Já tem meus minino que é tudo criado já é tudo arrumadinho tudinho arrumado coisado tem iscola, tem aula tem tudo, então dei aula pra ele tudo pra nunca tê dor de cabeça.

Pesquisador – Porque o senhor acha que o pai ou mãe do senhor nunca matriculou o senhor em uma escola?

Narrador Bravo – Mais cê sabe por que que antigamente nosso povo os mais veio, mais era mais divaga então não mixia quisso, num tinha essa influencia quisso, num sabia nada né, intão era trabaiano em roça gostava mais de trabaiaiva assim....Gostava de trabaia em roça eu já trabaiei de boa fria muitos ano, trabaiei muito tempo de boia fria, trabaiano pra cuida pra ajuda a cuida da famia certo.

Pesquisador – Senhor Bravo porque vocês cigano abandonaram a vida cigana entre ficar mudando de lugar para outro. Porque vocês optaram em abandonar a residência de barracas e optou em morar em casas de tijolos e de telhas?

Narrador Bravo – Sabe por que qui é? A vida quando andava assim achava, logo logo nos inicio nois achava bão agora vai ficano mais veio vai laigano tudo, vai laigano de mão vai quetano, vai ficano veio tem que para de andá, pará de coisa assim.Ficá parado é mió, queto é mió.

Pesquisador – Quando vocês chegaram a Pires do Rio já havia alguns ciganos morando aqui?

Narrador Bravo – Oito cigano? Cê fala otos ciganos?

Pesquisador – Isso, outros ciganos.

Narrador Bravo – Já tinha otos pra baxo prá culá, tem mais cigano pra lá mais esses aí é fora de nois, noiis num conhece eles não é eles pra lá nois pra cá, eles pra lá. Agora nossa famia é outra eu tenho famia so em Ipameri e em Trindade é onde um poco da minha famia mora tudo também mora num sai mais assim não fica queto.

Pesquisador - Porque vocês resolveram morar aqui na cidade de Pires do Rio? O senhor e a família do senhor?

Narrador Bravo – Não porque aqui, é natural minha terra natal é aqui sabe, minha terra natal é essa aqui. Eu tenho um genro meu, a mãe dele morra aqui também então nos vamo muda pra lá nois fica tudo quetin lá vai pra lá e fica queto. Agora queto lá tem uns 06 anos que eu moro aqui certo.

Pesquisador – Como é ser um homem cigano? Como o senhor pode explicar para mim como é ser um chefe de família cigano, porque o senhor não tem trabalho fixo como é que o senhor faz para poder manter a família do senhor tudo unida perto do senhor?

Narrador Bravo – Minha Famia reunida.

Pesquisador – Isso

Narrador Bravo – Aí não, nois fica separado sabe fica separada, é uns prum canto outros pra oto. Esse dessa casa aqui é meu genro nois fica mais assim só eu e os dois genros perto só nois aqui mesmo num reúne com outros aqui não, a famia minha é uns pra lá otos prá cá, nois não, é eles prá lá e nois prá cá então fica fora uns aos otos, agora reunido mesmo é nois aqui a coisa mais mio qui tem é nois treis tá aqui oh mais perto.

Pesquisador – Como o senhor e a família do senhor lidam com o preconceito? Por acaso o senhor acha ou acredita que aqui em Pires do Rio o povo ainda tem preconceito contra o cigano?

Narrador Bravo – Aqui não, aqui o povo tudo acha bão noia aqui cê tá veno essa vizinhança aqui, cê num vê um reclami de nois. Tem um vizinho meu dali oh, diara ele viaja pro Araguaia ele pega a chave da casa dele os trem da casa dele e fala cê toma conta prá mim oia pra mim. Então os trem ai fica é cum nois aqui. Nois num faz babunça, nois num é cachaceiro, nois num faz baderna nois num briga nein nada a coisa mais bão do mundo é aqui nois aqui cuns vizin cê pode sabe pro cê vê.

Pesquisador – Como o senhor aprendeu a fazer o que o senhor faz hoje? O senhor aprendeu muitas coisas na vida né desde o tempo em que o senhor era uma criança. Como o senhor aprendeu isso tudo?

Narrador Bravo – Ocê fala o rejume nosso assim, não, não isso aí foi cum a minha famia mesma cum os veio nosso o veio meu pai os tio nosso o chefe nosso mesmo que era o veio meu sogro então era aí que nois ficava assim, pegamo o rejume deles.

Pesquisador – E como eram as festas? Vocês ainda fazem alguma festa cigana de casamento batizado e quando têm essas festas vocês reúnem toa a família a comunidade cigana dos povos que moram aqui em Pires do Rio?

Narrador Bravo – Só a famia nossa e os vizinho de perto só a famia mesmo conforme o casamento é só a famia mesmo, famia e os vizinho perto num coloca otos estranho, só a famia nossa e os vizinho de perto. Nois arruma nossos negócio só aqui.

Pesquisador – Ismael hoje a gente percebe que a comunidade cigana esta muito misturada, namora cigano com quem não é cigano, casa cigano com quem não é cigano, como era no tempo de o senhor e como o senhor vê isso nos dias atuais?

Narrador Bravo – Noia era assim, antigamente falava o casamento de uma ninina nossa nois falava 12 ano mais assim até panha idade os veio nois criava eles naquele rejumi então nois fazia o casamento mais na época da idade mesmo né, agora hoje em dia fico tudo normal junta igualmente.

Pesquisador – Então quer dizer que o senhor não se importa se uma neta do senhor não casar com alguém que não é cigano e um neto casar com uma moça que não é cigana tanto faz?

Narrador Bravo – Tanto faiz pra mim é uma conta só a mesma coisinha se tora a mesma

coisa do mesmo jeito, antigamente num casava nois assim num misturava, mais agora, meu genro mesmo num é cigano esse ai que passo no carro num é cigano, esse o genro aqui num é cigano, tá veno então agora tá comum.

Pesquisador - Graças a Deus né?

Narrador Bravo – Graças a Deus.

Pesquisador – Se o senhor tivesse que dar um conselho para os netos do senhor, qual é o conselho que o senhor daria a esses jovens para esse pessoal mais novo.

Narrador Bravo – Aí eu ia peleja com eles assim dá conseio bom pra eles fica no bom caminho porque as vezi hoje em dia tá normal é geral tanto faiz a parte do zoto assim dos morado né como nois cigano cada um tem uma parte que não presta tem um que não presta, tem cigano que num presta intão é assim ninguém aqui é bagunceiro é normal.

Pesquisador – Senhor Bravo uma das grandes coisas que a gente vê na sociedade são os jovens que bebem muito, envolvem em brigas eles mechem com produtos ilícitos. Como o senhor vê essa questão do jovem envolver com bebidas e com drogas? Na comunidade cigana aqui de Pires do Rio tem isso ou o jovem é mais obediente aos pais e as mães e não mexem com esse tipo de coisa?

Narrador Bravo – Da nossa famia se torna assim, a famia manda neles, agora tem muitos que mexe com doga num respeita pai, num respeita mãe num respeita nada briga xinga, os pais vai fala fica brigano xingano tudo só sai o jeito queles quê agora na nossa famia aqui é concordado, os pais manda nos fios as mães manda nos fios tudo igual.

Pesquisador – Seu Bravo eu agradeço o senhor pela entrevista, Deus abençoe o senhor e em outa oportunidade eu venho aqui novamente conversar com o senhor conversar com a esposa do senhor. O senhor fica com Deus.

Narrador Bravo – Amém, fica com Deus, vai cum Deus também.

Pesquisador – Amém.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
REGIONAL CATALÃO
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
Av. Lamartine P.Avelar, 1.120. Setor Universitário – Catalão (GO) CEP – 75.704 020
Fone: (64) 3441-5366.
Ramal 204 – Coordenação. E-mail: ppgeduc.ufg@gmail.com
Ramal 206 – Secretaria. E-mail: secretariappgeduc@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Wolney Honório Filho

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE FOXTROTE

Pesquisador – Pires do Rio-GO hoje dia 24 de abril de 2017 eu estou juntamente com o funcionário público municipal Foxtrote e gostaria de colher algumas breves informações do Bairro Nadin Saud aqui nesta cidade. Foxtrote, qual é a função que você exerce na prefeitura Municipal de Pires do Rio?

Foxtrote – Eu sou funcionário público municipal há mais de 20 anos exerço a função de fiscal desde o início quando iniciei minha vida pública.

Pesquisador – Durante esse tempo atuando como fiscal você tem acompanhado várias transformações em nossa cidade. Você tem conhecimento quando e como foi fundado o bairro Nadin Saud?

Foxtrote – Aquele bairro é carregado de muitas implicações e histórias relacionadas ao processo de criação e ocupação habitacional. Ele começou a ser ocupado bem antes há uns 05 anos atrás, mas a Lei de criação é do ano de 2003 tanto que existe um documento de criação, mas muitas famílias já estavam começando a construir suas casas naquela região abaixo dos trilhos da estrada de ferro.

Pesquisador – Você conhece a história que envolve a criação e processo de ocupação daquele bairro?

Foxtrote – Pelo que eu conheço aquelas terras foram doadas de um particular para o Estado que posteriormente doou para a prefeitura para implantar um programa de moradias populares, porem isso não aconteceu e os lotes foram sendo doados a terceiros inclusive para vereadores que doavam para seus eleitores. Interessante lembrar que naquele tempo os lotes não tinham escrituras apenas recibos o que possibilitou um processo de ocupação irregular sendo que muitos foram invadidos e vendidos apenas com os recibos.

Pesquisador – A prefeitura fiscalizou esse processo de ocupação?

Foxtrote – Como era doações não havia um controle total de quem realmente eram os proprietários dos lotes. Os ciganos muitas das vezes como eles já acampavam nas imediações dos trilhos da linha de ferro também aproveitavam e diziam serem donos de alguns lotes. Ora eles vendiam ou trocavam acredito que alguns permaneceram por ali e construíram suas casas.

Pesquisador – Então os ciganos estão fixados naquele bairro desde a época que começou a ser habitado?

Foxtrote – Bom o que eu sempre ouvia dos meus pais e avós é que os ciganos sempre passavam por Pires do Rio, e chegavam aos montes a cavalo e carroças iam montando suas barracas nos bairros mais afastados, pois eles não se misturavam com o povo. Na época que o bairro Nadin começou a ser povoado era tudo muito difícil, longe do centro, sem asfalto, água

encanada ou qualquer tipo de benefício. Poucas famílias ficavam muito tempo por ali devido a essas dificuldades. Era um bairro muito pobre que ficava no meio do mato, era de difícil acesso. Acredito que um dos fatores que contribuiu para que o povo não parasse por lá e vendesse seu direito de posse foi justamente essa questão da dificuldade e também por não ter documentação.

Pesquisador – Então até chegar o que hoje nos percebemos esse bairro foi esquecido pela administração pública.

Wagner – Não tinha como investir muito até que a legalização fosse realmente concluída. Aos poucos as coisas foram tomando rumo e hoje o bairro tem energia elétrica, água encanada, algumas ruas são asfaltadas, muitas famílias tem escritura da propriedade, mas existe muita pobreza e dificuldades naquele bairro os mais pobres são sofridos demais.

Pesquisador – E os ciganos você tem conhecimento se ainda se encontram por lá?

Foxtrote – Os ciganos hoje estão perdendo suas tradições antes era comum ver barracas e acampamentos, mas hoje é diferente. Os ciganos estão presentes nesse bairro desde o início quando ainda era apenas pasto. Eles ficavam por ali perto dos trilhos depois foram ocupando o bairro aqui e ali. Tinha época que eles sumiam e depois retornavam. Mas depois que o bairro começou a ser povoado eles foi ficando e ainda tem alguns por lá. Uma coisa que no meu pensamento contribuiu muito para que esse povo parasse de viajar foi aquela Lei do Lula que acabou com os ciganos.

Pesquisador – Mas essa lei apenas normatizou e estendeu alguns benéficos já existentes para os ciganos que até então não tinham esse direito.

Foxtrote – Pois é criou até o dia do cigano.

Pesquisador – Mas atualmente os ciganos querem que seus filhos estudem e trabalhem tenham uma vida diferente da que eles e seus antepassados tiveram. Você não acha isso interessante?

Foxtrote – Certamente que sim, mas todos querem melhorar de vida ter uma casa trabalho digno, mas no meu entendimento essa lei é falha e está acabando com a cultura dos ciganos. E tem mais poucos conhecem ou respeitam inclusive os ciganos.

Pesquisador – Foxtrote obrigado por ter contribuído com essa pesquisa.

Foxtrote – Por nada!!!! Caso puder ajudar mais é só me procurar.

Pesquisador - Ok. Você consegue a Lei de criação do bairro Nadin Saud, por favor, quero ver o ano exato.

Foxtrote – Depois você procura a Paula do arquivo ele deve saber encontrar.